



"E o Senhor estava com Judá; e ele

expulsar os habitantes da montanha; mas não puderam expulsar os habitantes do vale, porque tinham **carros de ferro.**" Juízes 1:19



Argumentos para a existência de Deus

Argumentos antrópicos	Princípio antrópico · Argumento de direito natural
Argumentos para a crença	na aposta de Pascal · Argumento da fé · Basta bater os joelhos
Argumentos cristológicos	Argumento de milagres bíblicos · Alguém morreria por uma mentira? ·
Cosmológico argumentos	Argumento da experiência estética · Argumento de contingência · argumento · Argumento de ajuste fino · Kalam · Argumento cosmológico de Leibniz · razão suficiente · Motor imóvel · Por que há algo bastante
Argumentos majoritários	Argumento de cientistas religiosos admirados
Argumentos morais	Argumento da justiça · Teoria do comando divino
Argumento ontológico	Argumento de grau · Argumento do desejo · Origem da ideia o
Argumentos dogmáticos	Argumento do sentido divino · Argumento da singularidade
Argumentos teleológicos	Argumento do design · Argumento da banana · 747 Argumento do ferro-velho · Argumento de desastres naturais
Argumentos de depoimento	Argumento de milagres observados · Experiência pessoal · Existência consciente de Deus Argumento da consciência · Apelos emocionais · Eficaz
Argumentos transcendentais	Deus criou os números · Argumento a partir do sentido da vida
Argumentos bíblicos	Inerrância bíblica · Presciência científica bíblica · Bíblico

<https://archive.is/4ddL6>

Princípio antrópico



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Princípio antrópico](#)

O **princípio antrópico** afirma simplesmente que existem várias constantes universais e que estas constantes assumem os seus valores de acordo com a exigência de que a vida baseada no carbono possa evoluir em algum momento durante a história do universo. O universo deve ter idade suficiente para que isso já tenha ocorrido.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 argumentos](#)
 - o [2.1 Visão geral do argumento](#)
 - o [2.2 Princípio antrópico fraco \(WAP\)](#)
 - o [2.3 Princípio antrópico forte \(PAS\)](#)
 - o [2.4 Princípio antrópico participativo \(PAP\)](#)
 - o [2.5 Princípio antrópico final \(FAP\)](#)
 - o [2.6 Silogismo](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Argumento do espantalho](#)
 - o [3.2 Falsa premissa p1: Quadros de referência](#)
 - o [3.3 Falsa premissa p2: Constantes](#)
 - o [3.4 Premissa falsa p3. Probabilidade estatística](#)
 - o [3.5 Afirmando o consequente](#)
- [4 outros contra-argumentos](#)
- [5 notas adicionais](#)
- [6 links](#)
 - o [6.1 Veja também](#)
 - o [6.2 Links externos](#)
 - o [6.3 Referência](#)

Informações básicas

Talvez, em vez de ser um argumento por si só, os apologistas usam o princípio antrópico (ou mais precisamente uma versão dele) para reforçar ainda mais o [argumento do ajuste fino](#). e [argumento do design](#).

[Brandon Carter](#), o cosmólogo britânico que propôs este princípio em 1976, foi mais longe ao afirmar que "o Universo *deve* ter aquelas propriedades que permitem que a vida se desenvolva dentro dele em algum momento de sua história."

Argumento

Visão geral do argumento

Astrônomo e Ministro [Hugh Ross](#) [conta mais de 100](#) constantes, com uma probabilidade de cerca de 1 chance em 10138 em relação ao seu alinhamento como aconteceu em nosso universo. A probabilidade de que cada uma dessas constantes tenha se alinhado de uma forma "favorável à vida", sem a intervenção de uma inteligência externa, é astronômicamente pequena. Com uma probabilidade tão baixa de um universo "amigo da vida", a única explicação razoável para a nossa existência é que Deus "ajustou" estes atributos especificamente para acomodar a vida humana.

Existem várias versões do princípio antrópico. As duas principais variações são: "forte" e "fraco". O princípio antrópico forte (PAS) também pode ser dividido em outras duas variações, "participativa" e "final".

Princípio antrópico fraco (WAP)

O princípio antrópico fraco afirma que num universo grande ou infinito no espaço e/ou no tempo, as condições necessárias para o desenvolvimento da vida inteligente serão satisfeitas apenas em certas regiões limitadas no espaço e no tempo. Os seres inteligentes destas regiões não deveriam, portanto, ficar surpresos se observarem que a sua localização no universo satisfaz as condições necessárias para a sua existência." (Steven Hawking. *Uma Breve História da*

Tempo)

Princípio antrópico forte (SAP)

Esta forma afirma que um universo "deve ter aquelas propriedades que permitem que a vida se desenvolva dentro dele em algum estágio de sua história". (John Barrow e Frank Tipler, O Princípio Cosmológico Antrópico)

Princípio antrópico participativo (PAP)

Esta forma afirma que um universo não pode existir sem observadores (Barrow e Tipler). A implicação é que esses observadores devem ser sencientes.

Princípio antrópico final (FAP)

Esta forma afirma que as inteligências devem evoluir dentro de um universo e que, uma vez evoluídas, não morrer.

O FAP também foi apelidado de "Princípio Antrópico Completamente Ridículo (CRAP)" pelo autor e cético [Martin Gardner](#).

Silogismo

p1. Existe algum tipo de significado especial para a vida humana e/ou para o ser humano
quadro de Referência.

p2. Do quadro de referência humano, parecemos observar uma série de “constantes” que são
necessárias para que a vida humana seja sustentada

a. Zona Cachinhos Dourados

b. Nível de oxigênio

c. Força dos campos gravitacionais

d. Etc.

pág.3. É muito improvável que todas as “constantes” necessárias ocorram por acaso

c1. Portanto, o universo foi feito especificamente desta forma

c2. Portanto Deus

Contra-argumentos

Argumento do espantalho

O uso científico adequado do princípio antrópico na física e na cosmologia é uma declaração de advertência *contra* fazer suposições injustificadas com base no quadro de referência do observador. Refere-se diretamente à tautologia de que o universo deve ser capaz de sustentar vida porque estamos aqui para observar esse fato. Ou, de forma mais ampla, que qualquer coisa que observamos no universo deve necessariamente ser distorcida pelo nosso quadro de referência limitado dentro do próprio sistema que estamos tentando observar.

Uma das regras que definem as leis gerais da natureza é que elas não podem ser dependentes de estrutura. A lei da relatividade de Einstein deve ser verdadeira do outro lado da galáxia,
assim como acontece aqui; caso contrário, não pode ser chamada de verdadeira lei da natureza.

Um exemplo do princípio antrópico em ação seria que somos capazes de observar o desvio para o vermelho em galáxias distantes. Isso significa que todos eles estão se afastando de nós. Um observador crédulo ou egocêntrico poderia, portanto, concluir que estamos no centro do universo. Esta é uma suposição injustificada. Se, no entanto, o universo estivesse se expandindo uniformemente (em vez de simplesmente escapar de um único ponto), então outro observador veria a mesma coisa de qualquer outra posição de observação dentro do universo.

Olhando mais de perto, vemos que este é realmente o caso; o desvio para o vermelho das galáxias aumenta linearmente com a distância que a galáxia está de nós. Parece que todas as galáxias estão se afastando de *nós*, mas na verdade estão todas se afastando umas das *outras*.

O uso teísta do termo *princípio antrópico* é quase diametralmente oposto ao seu uso científico adequado. Em vez de agir como uma declaração de advertência contra a ponderação das nossas conclusões com base no nosso quadro de referência, argumenta que, devido ao nosso quadro de referência observável, deve existir um deus.

Premissa falsa p1: Quadros de referência

Todo o argumento depende do quadro de referência humano ser estatisticamente significativo. Não há, no entanto, nenhuma evidência para apoiar esta premissa. O único significado para a nossa existência pessoal ou quadro de referência é o significado que escolhemos conceder-lhe post hoc.

As chances de conseguir um royal flush (A,K,Q,J,10, todos do mesmo naipe: $\heartsuit, \diamondsuit, \clubsuit, \spadesuit$) no pôquer são de 649.740 para 1. É interessante notar, entretanto, que há são quatro naipes e, portanto, quatro possíveis royal flushes em um baralho de cartas. Isso significa que as chances de obter qualquer mão aleatória específica de cinco cartas ($K\heartsuit J\heartsuit 8\heartsuit 7\heartsuit 3\heartsuit$) são na verdade quatro vezes mais improváveis do que obter um royal flush. Contudo, simplesmente não atribuímos qualquer significância estatística a esta mão nas regras do jogo.

O núcleo fundamental deste argumento é o caso do teísta recebendo uma mão de pôquer aleatória e depois proclamando: "Uau! As chances de eu conseguir essa mão específica de cartas são de 2.598.960 para 1. Deve ter sido uma intervenção divina."

Premissa falsa p2: Constantes

A segunda falsa premissa está relacionada às chamadas *constantes*. É inteiramente possível que existam fatores que tornem as possibilidades de vida no universo estatisticamente improváveis, mas revisando a lista de razões apresentadas em alguns [sites de apologética](#), sua importância na equação de probabilidade é, na melhor das hipóteses, questionável.

Exemplos:

$\heartsuit$ Zona Cachinhos Dourados – Os defensores do argumento afirmam que a Terra tinha que ser exatamente um certa distância do sol para semear vida. Este não é necessariamente o caso. ^[1] Algumas formas de bactérias podem prosperar em condições que variam de mantos de gelo de -5°C a aberturas vulcânicas subaquáticas de 400°C; pressões até 400 bar; concentrações de sal até 10 vezes maiores do que a água do mar normal. A razão pela qual vemos a vida que fazemos é porque ela evoluiu para se adequar ao meio ambiente. Se um planeta estivesse mais longe ou mais perto do Sol, isso não significa que a vida não pudesse existir, apenas que seria diferente da vida que observamos agora. Além disso, é possível que o nosso sistema solar seja um sistema bastante típico. Que quando um sistema estelar se forma, ele o faz sob estritas leis físicas. Uma nuvem de gás de determinado tamanho formará uma estrela de determinado tamanho, com planetas de determinado tamanho, em determinadas distâncias orbitais. Semelhante à forma como a instabilidade de Plateau-Rayleigh causa uma gota de água seguida por várias quedas menores a certas distâncias devido à tensão superficial da água versus atração gravitacional.

$\heartsuit$ Níveis de oxigênio – O nível de oxigênio na atmosfera terrestre flutua. Assim como é mais vida vegetal, os níveis de oxigênio aumentam, o nível de dióxido de carbono aumenta inversamente

abaixo. Quando isso acontece, as plantas têm menos recursos para viver e algumas delas morrem. Quando isso acontece, o nível de oxigênio volta a diminuir e o dióxido de carbono o nível sobe novamente permitindo que as plantas se reproduzam mais e recuperem a vitalidade. Esse é chamado de equilíbrio dinâmico. O sistema se equilibra. Vale ressaltar também que alguns animais necessitam de mais oxigênio e outros de menos. O nível de oxigênio não é uma constante. E o nível atual de oxigênio sendo fixado não é necessário para a existência de vida, apenas vida extremamente frágil que evoluiu no ambiente atual. Além disso, vale ressaltar que no [site](#) [referenciado](#),

o nível de dióxido de carbono é listado como uma 'constante' separada, em vez de um contraponto ao oxigênio em mais uma tentativa de tentar fazer o universo parecer ainda mais complicado do que realmente é.

• Campos Gravitacionais – Mesmo algo aparentemente tão fixo e transcendental como o

a força da gravidade não é necessariamente uma constante definida. Teorias recentes de campo unificado em física e cosmologia propõem que em energias suficientemente altas, as forças nuclear forte, nuclear fraca, eletromagnética e gravitacional convergem todas para se tornarem uma única força unificada. À medida que o universo esfriou após o big bang e as quatro forças se separaram, a massa e a energia entraram em colapso para um estado em que o impulso externo das forças nucleares estava em equilíbrio estável com a atração interna da gravidade. Nós até observe alguns casos em que uma das forças falha, como na anã branca ou estrelas de nêutrons, e a matéria e a energia se comprimem ainda mais sob a força da gravidade até que mais uma vez as forças restantes estejam em equilíbrio. O universo não depende da fixação da força atual da gravidade.

Premissa falsa p3. Probabilidade estatística

Um royal flush é considerado estatisticamente significativo. Tem uma probabilidade de 649.740 para 1, o que, embora seja improvável, significa que se você jogar 649.740 mãos de pôquer, você deverá obter estatisticamente um royal flush em algum momento. Dadas as falhas com as 2 primeiras premissas que:

p1. A única significância estatística para a vida humana ou para o quadro de referência humano é o que aplicamos arbitrariamente a ele post hoc

p2. Que o alinhamento das "constantes" necessárias é muito menos improvável do que os apologistas gostariam de argumentar que são

Embora as condições para vida semelhante à da Terra possam ainda ser improváveis, dado que existem 400 mil milhões de estrelas na nossa galáxia, a Via Láctea, e que existem 100 bilhões de galáxias no universo observável, isso é um número impressionante de 'mãos de pôquer' com as quais o universo tem que brincar. Isso nem sequer leva em conta teorias hipotéticas sobre multiversos ou um universo oscilante do big bang/big crunch. É claro que o uso adequado do princípio antrópico nos diz que embora possa ser estatisticamente improvável, não é estatisticamente impossível, dado que

ter pelo menos um exemplo de vida no universo ocorrendo. Uma outra falácia do princípio antrópico é a suposição de que qualquer uma das constantes físicas do nosso universo pode ser alterada independentemente de todas as outras constantes e leis. Como sabemos que alterar uma constante, assumindo que isso poderia, de fato, ser feito, não mudaria todas as outras propriedades naturais do sistema, minando a suposição básica do princípio antrópico.

Afirmando o consequente

Os argumentos do princípio antrópico cometem a falácia de colocar o consequente à frente do antecedente, ou [de afirmar o consequente](#). Em inglês simples, significa que o rabo está abanando o cachorro. As características da humanidade evoluíram como resultado do nosso ambiente, em vez de o nosso ambiente ser adaptado para nos atender.

[Douglas Adams c.1998](#):

"Imagine uma poça acordando uma manhã e pensando: 'Este é um mundo interessante em que me encontro, um buraco interessante em que me encontro, cabe perfeitamente em mim, não é? Na verdade, ele me cabe incrivelmente bem, deve ter sido feito para me acomodar nele! Esta é uma ideia tão poderosa que à medida que o sol nasce no céu e o ar aquece e à medida que, gradualmente, a poça fica cada vez menor, ela ainda se agarra freneticamente à noção de que tudo vai ficar bem, porque este mundo foi feito para tê-lo nele, foi construído para tê-lo nele; então o momento ele desaparece e o pega de surpresa. Eu acho que isso pode ser algo que nós precisa estar atento."

O SAP e suas variantes assumem que observadores humanos são necessários para a existência do universo. Esta é uma deturpação comum da "interpretação de Copenhague" da mecânica quântica. Foi retirado do experimento mental chamado gato de Schrödinger. Um gato é colocado em uma caixa lacrada na qual o veneno será bombeado quando o núcleo de um determinado átomo decair. De acordo com a interpretação de Copenhague, o átomo existe tanto decaído quanto não decaído (sobreposto) até que uma medição seja feita. Como o átomo deve existir neste estado sobreposto, o gato deve existir no mesmo estado até que a caixa seja aberta. Observe que o gato não deixa de existir, nem o núcleo do átomo. Eles simplesmente existem em um estado não observado. As "formas de onda" que representam as possibilidades da experiência não se reduziram a uma única "escolha". Se aceitarmos a interpretação mais mística da mecânica quântica, o universo ainda existiria sem a inteligência humana. Simplesmente existiria em um estado não observado.

Outros contra-argumentos

- ÿ Como não conhecemos outros universos com constantes diferentes, tentar listar as constantes que podem de alguma forma variar é pouco mais do que especulação. Não há razão para supor que qualquer "constante" possa ser mudado. Além disso, supondo que seja de alguma forma um botão que pode ser transformado por um deus efetivamente faz com que o princípio antrópico assuma sua conclusão.
- ÿ Embora as probabilidades das constantes fundamentais de um universo terem um conjunto *específico* de valores pode ser muito baixo, a probabilidade de terem *algum* valor é de 1,0 (100%). Pode ser que exista vida no nosso universo porque ela se formou, por acaso, com um conjunto de constantes universais que sustentam a vida. Em outras palavras, a humanidade existe por causa de um lance de dados sortudo, por assim dizer.
- 9 É possível que a vida terrestre não seja a única forma de vida possível na nossa universo. Por exemplo, criaturas noutro planeta podem transmitir os seus genes através de um mecanismo diferente da dupla hélice do ADN. Por outras palavras, é possível que as constantes do nosso universo sejam favoráveis a uma ampla variedade de formas de vida e, portanto, é errado presumir que foram "adaptadas" para se adequarem apenas aos humanos.
- ÿ Da mesma forma, é possível que as constantes do universo possam ter variado um pouco, e ainda permitir que a vida no estilo terrestre se forme. Em outras palavras, uma ampla variedade de universos pode ser favorável à vida como a conhecemos. Na verdade, se uma das "constantes" é a quantidade de matéria no universo, por que um deus escolheria um valor que fosse claramente muito maior do que o necessário para ser? criar vida?
- ÿ Os princípios antrópicos fortes, participativos e finais pressupõem que a vida tinha que existir em nosso universo. Esta é uma suposição injustificada. Se o nosso universo não pudesse suportar vida, não conteria vida. Não há razão para supor que o nosso universo foi "pretendido" ou "deveria" ser contém vida.
- ÿ Os princípios subjacentes do universo não são conhecidos. Sem conhecendo esses princípios, aplicando probabilidades às configurações do Universal constantes é falso. Uma análise de probabilidade com um tamanho de amostra de um não tem sentido. Como não sabemos quantas 'configurações' estão possível para cada constante, não podemos atribuir probabilidades válidas para diferentes 'configurações'.
- 9 Pode-se mostrar que as chances de um universo ter uma vida "amiga da vida" constantes universais, por mais baixas que sejam, são mais altas do que chances da existência de um criador sobrenatural. Como Michael Ikeda

e Bill Jefferys apontam em seu artigo "O Princípio Antrópico Não Suporta o Sobrenaturalismo" que um ciclo auto-referencial ocorre quando uma entidade sobrenatural é assumida como criadora. Cada iteração do loop diminui as chances de envolvimento de uma entidade sobrenatural nas configurações da constante universal.

9 Não se sabe se esta é a única iteração de "O Universo". Se outro existem universos ou se este universo oscilou através de uma série de Big Bangs e Big Crunches, as constantes universais podem ter sido redefinidas muitas vezes. Dados universos e/ou Bangs suficientes, nossas configurações "favoráveis à vida" ocorreriam inevitavelmente.

ÿ A maioria dos físicos não aceita a interpretação mais mística da mecânica quântica. Em vez disso, eles vêem o "colapso da forma de onda" e a "superposição" como uma descrição extremamente útil e precisa de processos mal compreendidos.

ÿ Com o SAP, os apologistas postulam um [Deus das lacunas](#). O SAP e suas variantes tomam como fato o que a maioria dos cosmólogos considera especulação. Os cosmólogos estão fazendo suposições altamente fundamentadas sobre como o universo funciona. Ninguém sabe atualmente como o Universo começou ou o que o sustenta. Ninguém sabe SE o universo começou ou se sempre existiu. Esta lacuna no nosso conhecimento pode fornecer um lugar para a existência de um deus, mas a humanidade examinou outros buracos nos quais Deus deveria ter subido. Em cada caso não encontramos nada lá além da natureza. É uma boa aposta que esta lacuna abrigue coisas fascinantes, mas não Deus.

ÿ O mesmo argumento pode ser aplicado a muitas entidades dentro do nosso universo, como bactérias, buracos negros ou espaguete à bolonhesa. Por exemplo: parecemos observar uma série de "constantes" que são necessárias para que os buracos negros se formem e se sustentem. É muito improvável que todas as "constantes" necessárias ocorram por acaso. Portanto, o universo foi feito especificamente desta forma para que os buracos negros pudessem existir.

Notas Adicionais

Apesar do fato óbvio de que o universo realmente não é muito compatível com a vida, já que 99,999% do universo observado é inabitável, Vic Stenger em seu livro *God: The failed hypothesis*, cita um particular comunicação com Martin Wagner na qual ele ressalta que:

"Na verdade, todo o argumento do ajuste fino, em última análise, não faz sentido. Como meu amigo Martin Wagner observa, todos os parâmetros físicos são irrelevantes para um

Deus onipotente. 'ele poderia ter nos criado para viver em um vácuo se ele desejado.'"

Ligações

Veja também

- ÿ [Argumento de ajuste fino](#)
- ÿ [Argumento da compreensibilidade](#)
- ÿ [Zona habitável](#)
- ÿ [Homem de palha](#)
- ÿ [Significância estatística](#)
- ÿ [Afirmando o consequente](#)

links externos

- ÿ [Princípio Antrópico: O Design Está nos Detalhes – Apologista POV](#)
- ÿ [O princípio antrópico e o big bang: natural ou sobrenatural? - Ponto de vista cético](#)
- ÿ [O Princípio Antrópico Não Apoia o Sobrenaturalismo – Ponto de vista cético](#)
- ÿ http://www.infidels.org/library/modern/quentin_smith/hawking.html

Referência

- ÿ [Wikipedia: Princípio antrópico](#) – Artigo da Wikipédia
- ÿ [Wikipedia:Gato de Schrödinger](#) - O experimento mental de Erwin Schrödinger sobre a indeterminação quântica.
- ÿ [Wikipedia:Interpretação de Copenhague](#) – Característica principal do quantum mecânica relativa às partículas descritas pela função de onda.
- ÿ [Wikipedia:Teoria do campo unificado](#) – Teoria sobre o relacionamento entre as 4 principais forças do universo.

Argumento da lei natural



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento da lei natural](#)

O **argumento da lei natural** afirma que, porque existem **leis** naturais consistentes e previsíveis o **universo**, deve haver um **legislador** que coloque essas leis em ação. Presume-se que esse legislador seja **Deus**.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento](#)
 - o [1.1 Silogismo](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Falsa premissa p1: Leis naturais](#)
 - o [2.2 Falsa premissa p2: O legislador](#)
 - o [2.3 Bússola quebrada c1: Qual deus?](#)
- [3 links](#)
 - o [3.1 Veja também](#)
 - o [3.2 Links Externos](#)
 - o [3.3 Referência](#)

Argumento

Silogismo

p1. Existem leis naturais que governam o universo

p2. Todas as leis têm um legislador

c1. Esse legislador é Deus

Contra-argumentos

Premissa falsa p1: Leis naturais

Este argumento baseia-se em [equivocos](#) entre dois significados da palavra "lei".

Leis legislativas, como "Não matar" ou "Não jogar lixo" são *prescritivas*: são estabelecido para demarcar comportamento aceitável e inaceitável. Se uma pessoa quebrar tal lei, ele ou ela cometeu um crime e pode estar sujeito a punição.

As leis naturais, por outro lado, são *descriptivas*: são conceitos humanos que descrever como algum aspecto do universo se comporta. Por exemplo, a lei de Newton de o movimento $F = ma$ descreve como os objetos sólidos se comportam quando influenciados por uma força. Se um

pessoa ou objeto infringe uma lei física, então é a lei que está errada, uma vez que obviamente não descreve adequadamente o que procura descrever. No entanto, existem leis naturais que estão em conflito umas com as outras e ainda são consideradas verdadeiras porque existe um padrão claro e consistente. Por exemplo, entidades regidas pelas leis da [mecânica quântica](#) não seguem as mesmas leis termodinâmicas que governam o macrouniverso.

Bertrand Russell:

"Descobrimos agora que muitas coisas que pensávamos serem Leis Naturais são na verdade convenções humanas. Você sabe que mesmo na mais remota profundidade do espaço estelar ainda há um metro por metro. Isto é, sem dúvida, um fato muito notável, mas dificilmente você chamaria isso de lei da natureza."

Isso está periféricamente relacionado ao [argumento transcendental para deus](#), na medida em que confunde fortemente uma abstração conceitual com a realidade concreta.

Premissa falsa p2: O legislador

As leis em questão são abstrações descritivas do que o universo faz, e não legislações prescritivas sobre o que o universo pode fazer. Como tal, não necessitam de um legislador, mas enquanto um legislador for afirmado, abre-se a questão de onde Deus obteve as suas leis. Isto abre um paradoxo um tanto semelhante ao [dilema do eutífron](#).

Bertrand Russell:

"Por que Deus emitiu apenas essas leis naturais e nenhuma outra? simplesmente por sua própria vontade, e sem qualquer razão, você então descobre que há algo que não está sujeito à lei, e assim seu curso da lei natural é interrompido. Se você disser, como fazem os teólogos mais ortodoxos, que em todas as leis que Deus emite, ele tinha uma razão para dar essas leis em vez de outras - as Razão, é claro, é criar o melhor universo, embora você nunca pensaria nisso ao olhar para ele - se houvesse uma razão para as leis que Deus deu, então O próprio Deus estava sujeito à lei e, portanto, você não obtém nenhuma vantagem em apresentando Deus como intermediário."

Bússola quebrada c1: Qual deus?

Artigo principal: [Qual deus?](#)

O argumento é um [argumento da ignorância](#), [deus das lacunas](#) e um [argumento de bússola quebrada](#). A origem das leis naturais pode ter alguma causa desconhecida que nem sequer é divina!

Mesmo que admitamos as falsas premissas de que existem leis naturais prescritivas e, por extensão, a existência de um deus legislador, isso não significa

segue-se que esse deus é aquele [que o apoloquista tem em mente](#), ou mesmo isso há apenas um deus envolvido. Poderia muito provavelmente ser o [Voador](#) [Monstro de espagete](#), duendes espaciais roxos, [Papai Noel](#), ou rosa invisível unicórnios, como poderia ser [Yahweh](#).

Ligações

Veja também

• [Equivocação](#)

• [Reificação](#)

• [Argumento transcendental](#)

• [Dilema de Eutífron](#)

• [Petição especial](#)

Links externos

• [Deus e Lei Natural](#) – Artigo de Jason Lisle PhD em, Answers In Genesis.

Referência

• [Wikipédia:Lei natural](#) – Artigo da Wikipédia sobre a verdadeira lei natural

• [Wikipédia:Legislação](#) – Artigo da Wikipédia sobre direito legislativo

• [Wikipedia: Argumento do direito natural](#) – Artigo da Wikipédia sobre o Natural-argumento legal para deus

• [Wikipedia:Raciocínio dedutivo](#) - Artigo da Wikipedia sobre dedutivo raciocínio e validade lógica

A aposta de Pascal



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[*A aposta de Pascal*](#)



O argumento foi proposto anteriormente por Blaise Pascal



A concepção do Inferno de um artista cristão medieval.

A **aposta de Pascal** é o [argumento](#) que afirma que você deve [acreditar](#) em [Deus](#) mesmo que haja um forte chance de que ele não seja real, porque a penalidade por não acreditar, ou seja, ir para [o inferno](#), [é tão](#) indesejável que seja mais prudente arriscar com fé.

Uma forma grosseira da aposta de Pascal baseia-se em [evitar o inferno](#), que depende de [um apelo emocional](#).

"E que eles [no céu] viverão uma vida muito feliz, sem doença, dor, tristeza ou morte; Deus ficará satisfeito com eles; e eles viverão lá para sempre. Então, depois disso, como pode uma pessoa sábia correr o risco de perder todos esses prazeres?! [f4](#) "

O [argumento do pragmatismo](#) baseia-se na aposta de Pascal na tentativa de transferir o [fardo da prova](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 Apologéticas](#)
 - o [2.1 Visão geral](#)
 - o [2.2 Silogismo](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Implorando a questão](#)
 - o [3.2 A crença não é baseada em recompensas](#)
 - o [3.3 Custo diferente de zero da crença](#)
 - o [3.4 Pagamento diferente de zero na não-crença](#)
 - o [3.5 Petição Especial](#)
 - o [3.6 Falsa Dicotomia](#)

- o [3.7 Apelo à Emoção. Medo](#)
 - o [3.8 A crença não é uma escolha](#)
 - o [3.9 O céu impede a caridade genuína](#)
- [4 outros contra-argumentos](#)
 - o [4.1 Aposta do Ateu](#)
 - o [4.2 Definições: Crença](#)
 - o [4.3 Implicações morais](#)
 - o [4.4 Esta versão de "justiça" pode ser absurda e impraticável](#)
 - o [4.5 A aposta de Pascal mina o testemunho cristão](#)
- [5 links](#)
 - o [5.1 Veja também](#)
 - o [5.2 Links externos](#)
 - o [5.3 Referência](#)

Informações básicas

Com base na [probabilidade simples](#) teoria, o argumento foi apresentado formalmente pela primeira vez por [Blaise Pascal](#), a Filósofo e matemático do século XVII. O conceito de aposta deriva de

os *Pensamentos*, uma coleção do pensamento de Pascal transformada em uma obra literária. Esta linha de argumentação forma uma resposta a outra prova de Deus conhecida como Pensamento Cartesiano. Pascal acreditava que

O argumento de Descartes criou uma falsa noção de certeza absoluta, que contradiz o

conceito de fé ou crença. Pascal critica a dúvida cartesiana, ao não implementar nenhuma

certeza na existência de Deus. Pelo contrário, é preciso acreditar em Deus a partir de um ponto de fé, sem

garantia. É por isso que o termo 'aposta' foi cunhado.

Este é um dos argumentos mais comuns apresentados a favor de Deus que os ateus comumente

encontro na forma da pergunta: "E se você estiver errado?"

Apologética

Visão geral

Deus pode ou não existir. É uma aposta se você acredita nele ou não. Como acontece com qualquer apostar, devemos considerar as [probabilidades](#).

Pascal descreveu o resultado desta aposta da seguinte forma: Se Deus não existe, então você também não existe. ganhar nem perder nada com crença ou descrença. Em ambos os casos, você simplesmente morre e ponto final.

Porém, se você escolher acreditar em Deus, e estiver certo, então a recompensa é infinita: eterna

felicidade no céu. Por outro lado, se você escolher não acreditar em Deus e estiver errado,

então sua recompensa será o infinito negativo: sofrimento eterno no inferno.

Para resumir:

Tabela de Pagamentos	Acredite em Deus	Não acredite em Deus
Deus não existe	0	0
Deus existe	+∞ (céu)	-∞ (inferno)

Como a chance de Deus existir é desconhecida, mas o esquema de recompensa/punição está infinitamente em favor de acreditar em Deus, você deve acreditar caso ele exista. Essa é a aposta segura, por Pascal.

Silogismo

- p1. Crentes e não crentes concordam que a recompensa é boa e a punição é ruim.
- p2. se Deus é real, então você recebe punição infinita pela descrença ou recompensa infinita pela crença
 - a. se você acredita, então você irá para o céu por toda a eternidade.
 - b. se você não acredita, então você irá para o inferno por toda a eternidade.
- pág.3. se Deus não é real, então você realmente não perde nem ganha nada de qualquer maneira.
 - a. se você acredita falsamente que Deus existe, então você realmente não perdeu nada.
 - b. se você não acredita e acontece que Deus não existe, então você realmente não ganha qualquer coisa.
- c1. Portanto, mesmo que haja fortes evidências contra Deus, ainda é melhor acreditar.
 - a. a recompensa por acreditar que Deus existe é infinitamente melhor do que o benefício por não acreditando se não existe deus.
 - b. o castigo por não acreditar se Deus existe é infinitamente pior do que a perda causada acreditando falsamente que existe um Deus.

Contra-argumentos

Implorando a pergunta

A aposta de Pascal comete a falácia de uma petição de princípio, ao assumir nas suas premissas, certas características sobre o próprio deus que o argumento pretende provar.

Em vez do deus cristão típico, e se levantarmos a hipótese da possibilidade de [um deus que recompensa os incrédulos de pensamento cético](#) e pune os crentes crédulos? Tal deus seria consistente com a resposta alternativa dos teólogos: "Não podemos entender os caminhos de Deus", então é concebível que tal deus queira recompensar os ateus. deus não precisaria ser malévolos, apenas inativo (por exemplo, Eru Ilúvatar de JRR

Legendário de Tolkien ou Ao do Panteão dos Reinos Esquecidos). Isso também reflete o deísmo no que diz respeito à criação, e querendo recompensar aqueles que tomam uma atitude racional, lógica, abordagem razoável e/ou cética às suas crenças.

A nova tabela incluindo um [Maltheist Deus](#) pode ser assim:

Tabela de Pagamentos	Acredite em Deus	Não acredite em Deus
Deus não existe	0	0
Deus religioso legalista existe	+ÿ (céu)	ÿÿ (inferno)
Deus anticonvencional existe	ÿÿ (inferno)	+ÿ (céu)

A mera possibilidade de tal deus torna os resultados esperados para cada coluna indefinido, mas mais importante, igual.

Se você puder aceitar a aposta de Pascal como uma razão realista para acreditar, isso o levará a um ponto onde você não tem escolha a não ser acreditar em quase tudo pelos mesmos motivos.

Na falta de evidências específicas sobre a natureza da verdadeira fé religiosa, há uma infinidade vários requisitos possíveis para ir para o céu e evitar o inferno. Talvez apenas aqueles quem coleciona selos vai para o céu. Talvez você tenha que [doar US\\$ 10 por](#) semana para Iron Chariots para a vida. Por que reclamar de alguns míseros dólares se isso irá salvá-lo do fogo eterno do inferno?

A crença não é baseada em recompensas

O argumento baseia-se, até certo ponto, na crença ser genuína, e não simplesmente fingido. Principalmente no caso do deus cristão, que recompensa não com base nas obras, mas na graça (ou assim dizem). As pessoas geralmente não formam suas crenças com base nas recompensas, mas sim na probabilidade percebida da verdade de suas crenças. O que acontece com a aposta de Pascal, é que as pessoas mudarão as suas probabilidades percebidas, conscientemente ou não, para que possam pensar que colherão os benefícios de fazê-lo.

Custo diferente de zero da crença

Artigo principal: [A religião é prejudicial](#)



[Cético](#) tira ilustrando alguns problemas com a aposta de Pascal.

Uma falha da Aposta de Pascal é que ela faz a falsa suposição de que a crença custa nada, e a falta de crença não traz nenhum benefício. Este não é o caso.

Por um lado, se você passar a vida acreditando em uma mentira, isso já é uma coisa ruim.

Além disso, ser um crente é mais do que apenas dizer: "Tudo bem, eu acredito agora", e seguir em frente com sua vida. Crentes sérios passam muito tempo em igreja, e contribuir com muito dinheiro também. Há uma razão pela qual algumas cidades têm edifícios de aparência muito rica para igrejas, e por que grandes e elaborados catedrais são possíveis: são financiadas por pessoas que doam um décimo de sua renda durante toda a vida ao dízimo. Embora alguns indivíduos possam apoiar a restauração e manutenção de edifícios arquitetonicamente e/ou historicamente significativos, muitos outros certamente considerará a despesa um grande desperdício se o objeto de adoração não for real.

Isto para não falar da perseguição de outros grupos que foram instigados em nome de Deus através dos tempos. Além disso, nos EUA, as igrejas geralmente fazem não precisa pagar impostos, incluindo imposto sobre a propriedade. O imposto sobre a propriedade é o que sustenta, *entre alia* escolas, proteção contra incêndio e polícia local; então todas as terras que as igrejas possuem não fornece nenhum financiamento para essas atividades que seria fornecido se o mesmo a terra era propriedade da maioria das entidades não religiosas.

Quando "Deus fez isso" se torna uma resposta aceitável, há pouco incentivo para continue explorando a questão. Mais prejudicial ainda, o "sucesso" desta teoria encoraja alguém a aplicá-lo a outras áreas da compreensão humana. Praticado neste Dessa forma, o teísmo pode desencorajar ativamente o conhecimento humano, obrigando as pessoas a seguir um código de conduta arbitrário, em vez de um código baseado na lógica e na razão.

E a propósito, a crença religiosa pode custar-lhe carne de porco, lagosta, cheeseburgers, café, cola, intimidade física e uma infinidade de outros prazeres.

Pagamento diferente de zero na não-crença

A Aposta também invoca a afirmação de que a descrença não será recompensada de forma alguma. caminho. Para religiões específicas, como algumas seitas cristãs, é desaprovado usar álcool ou drogas, ou praticar sexo fora do casamento. Agora, um incrédulo que que participa desses eventos pode ser visto como sendo recompensado por sua descrença.

Petição especial

Artigo principal: [Qual deus?](#)

Outra falha é que a Aposta de Pascal pressupõe que a dicotomia de crença versus descrença em relação a um deus específico é o único relevante considerar. Em particular, invoca **um pedido especial** para aplicar o argumento apenas para o deus de uma religião específica.

A crença em um deus muitas vezes exclui a crença em outro. A aposta pode ser invocada por qualquer religião que pretenda recompensar a crença e/ou punir a descrença. Um não é deixado com uma escolha apenas entre crença e descrença, mas uma escolha entre centenas de deuses diferentes. Ao usar o argumento, pede-se que ele seja aplicado apenas ao seu deus particular, não a todos os outros. Este é um pedido especial.

A conclusão de que a crença é a aposta segura também invoca argumentos especiais em que se baseia na afirmação de que a crença será recompensada. A aposta poderia ser usado, igualmente validamente, por uma religião com um deus não convencional que pune conclusões de fé e recompensas extraídas de evidências **(a aposta do ateu)**.

Falsa Dicotomia

A principal falha em todo este argumento é assumir que o ateísmo e O Cristianismo (ou qualquer religião que você escolher) são os únicos dois opções.

Na realidade, existe o Hinduísmo, o Islamismo, o Cristianismo, o Budismo, etc. pessoa que faz a pergunta: "O que você tem a perder?" é, de fato, errado na sua avaliação de que a religião que escolheram é a verdadeira religião? Você tem muito a perder se você for cristão e acontece que o hinduísmo é o verdade. Como determinamos em qual religião acreditar?

Apelo à Emoção, ao Medo

A aposta de Pascal não fornece ou descreve qualquer evidência concreta de que o inferno ou Deus existir, ou que os não-crentes irão para lá. Em vez disso, baseia-se numa falácia de relevância conhecida como *apelo à emoção*, também conhecido como *argumentum ad passiones*. O a emoção específica visada aqui é o medo. Este argumento tenta assustar o destinatário a acreditar na conclusão em vez de fornecer uma lógica sólida ou evidência que demonstra que a conclusão é verdadeira. Assim o argumento é uma tática de intimidação falaciosa e, portanto, não é um argumento sólido.

A crença não é uma escolha

[Crença e descrença não são uma escolha](#). Você não pode se obrigar a acreditar na Terra é plano. Da mesma forma, você não pode simplesmente decidir acreditar em Deus.

No entanto, há alguma discordância sobre a validade desta refutação. Você poderia [renunciar à sua honestidade intelectual](#) e [fazer](#) escolhas que levam à crença tornando-se mais provável.

O céu impede a caridade genuína

Artigo principal: [O céu impede a caridade genuína](#)

Se existe um Deus onipotente e perfeitamente justo e um Deus eterno recompensa, não há razão para agir moralmente, exceto para garantir a própria bem-estar na vida após a morte, ou seja, amar seu irmão só pode ser uma atitude racional significa para os próprios fins, não para o bem-estar do irmão.

Outros contra-argumentos

A aposta do ateu

A [aposta do ateu](#) é uma [variante](#) da aposta de Pascal que divide os deuses que recompensam a fé e os deuses que recompensam as obras, achando que é melhor não acreditar e fazer boas obras, para obter o máximo benefício. Se alguém levar em conta que recompensar e punir com base na [fé](#) em uma divindade [sem evidências razoáveis para acreditar](#) que um deus é mau, então gastar seu tempo bajulando tal divindade é uma perda de tempo. Se um descarta a possibilidade de um deus que manda pessoas boas para o inferno por causa de más razões, ficamos com uma tabela de pagamentos completamente diferente.

Resumo:

9 Se [alguém não acredita em Deus](#).

Tabela de Pagamentos	Boa vida	Vida Maligna
Deus Benevolente Existe	+ (céu)	- (inferno)
Não existe Deus	+finito	-finito

9 Se [alguém acredita em Deus](#).

Tabela de Pagamentos	Boa vida	Vida Maligna

Deus Benevolente Existe + $\ddot{y}$ (céu) $\ddot{y}\ddot{y}$ (inferno)		
Não existe Deus	+finito	-finito

Independentemente da crença sobre um deus benevolente, os resultados ainda favorecem uma boa vida. A aposta de Pascal baseia-se nos julgamentos de um deus maligno que manda pessoas boas para o inferno por não acreditarem nele. Além disso, porque há um número infinito de tais deuses possíveis, as chances de conseguir a resposta certa é 1 em $\ddot{y}$. Mesmo que existisse um deus que recompensa a fé, acreditar em um deus incorreto que recompensa a fé pode irritar tal deus mais do que não acreditar em nenhum deus com boas razões

Definições: Crença

Mesmo que se assuma que a aposta se aplica ao deus cristão, seria ele realmente aceita o tipo de fé que isso promove? A aposta não faz nada para promova a fé verdadeira e profunda; promove apenas uma fé falsa. A pessoa simplesmente finge estar convencido porque tem medo do punição por não acreditar. A aposta é simplesmente uma tentativa de forçar a pessoa em quem acreditar (ver argumentum ad baculum). (Ou, talvez mais com precisão, tenta forçar a pessoa a *agir como se ela acredita* – isto é, serve como um instrumento de controle social)

Uma analogia com isso seria uma criança que professa crença no Papai Noel Noel por medo de que ele ou ela não receba presentes, sabendo muito bem que os presentes deixados debaixo da árvore são na verdade dele ou seus pais. Além disso, podemos realmente escolher aquilo em que acreditamos? Se o A recompensa por acreditar na existência de unicórnios foi uma tonelada de ouro, você acreditaria? Ou você simplesmente fingiria acreditar?

Implicações morais

Existem profundas implicações morais na aposta de Pascal se o argumento for levado à sua conclusão lógica. Promove a ideia de que as crenças são mais importante do que ações - ou, mais precisamente, que a apostasia é o único pecado imperdoável.

O princípio central da expiação substitutiva no Cristianismo significa que você pode passar a vida assassinando, estuprando, matando, travando genocídio, etc., e contanto que você aceite Jesus Cristo como senhor e salvador diante de você morrer, você tem direito a uma eternidade de prazer no céu.

Por outro lado, um incrédulo que leva uma vida boa e honesta ajudar os outros é condenado a passar uma eternidade sendo torturado no inferno apesar de suas boas ações.

Isso é ilustrado no [*Gun Slinger \(trato Chick\)*](#).

Esta versão de “justiça” pode ser absurda e impraticável

Segundo a Aposta, Deus pune as pessoas que não acreditam. Muitos pessoas que afirmam a aposta de Pascal também argumentam que qualquer ato, exceto apostasia e/ou ateísmo podem ser perdoados. Assim, estupradores, molestadores de crianças, assassinos e terroristas podem ser perdoados, mas os ateus não.

Vamos então adotar este padrão de justiça no nosso sistema jurídico. O que seria como? Todos os molestadores de crianças, ladrões armados, estupradores, assassinos em série, assassinos, terroristas, vigaristas, et al. todos seriam libertados da prisão, ou não iriam para lá se acreditassem sinceramente. Em vez de, todos os ateus e pessoas que acreditam em deuses diferentes seriam presos e condenados à prisão perpétua mesmo que não tenham cometido nenhum crime (assassinato, estupro, roubo, furto, entre outros). Faria sentido deixar estupradores e assassinos correm soltos enquanto as pessoas estão presas só por não acreditando? Claro que não. Isto é impraticável e absurdo. E se isso modelo de justiça não atende aos nossos padrões, não atende a nenhum suposto padrão mais elevado. Portanto, Deus tem padrões muito baixos de justiça ou ele não pune as pessoas com base em suas crenças ou falta disso.

A aposta de Pascal mina o testemunho cristão

A popularidade da Aposta de Pascal, seja como um texto filosófico completo argumento ou simplesmente o medo do inferno, dá uma excelente razão para desacreditar no testemunho dos cristãos em apoio à sua religião. Assim como A aposta de Pascal aponta uma arma para a cabeça do cético para extrair crença, a mesma arma é apontada para as cabeças dos crentes. Isto altera fundamentalmente sua confiabilidade. Da mesma forma, se uma arma (literal) for apontada para um refém, nós tenho um enorme motivo para duvidar da exatidão quando o refém diz algo que os terroristas gostariam que fosse dito. Isto não é devido a ter um desconfiança geral do refém, mas simplesmente devido ao reconhecimento da incentivos.

Consequentemente, temos todos os motivos para duvidar da afirmação dos cristãos de que eles têm um relacionamento com Deus, pois têm todas as motivações no mundo para fabricar tal testemunho. Temos todos os motivos para não acreditar um estudioso cristão que afirma ter examinado a evidência histórica e descobriu que a Bíblia era verdadeira. Temos todos os motivos para não acreditar em um Cristão afirmando que Deus respondeu às suas orações. Temos todos razão para descrever de um cristão que afirma que houve noite e dia contraste em sua vida antes de serem salvos. Em cada um desses casos, Pascal A aposta dá-lhes um incentivo extremamente forte para fazerem tudo o que quiserem. podem enganar-se e acreditar prudentemente. Em cada um desses casos, certamente não podemos assumir automaticamente que o testemunho é falso. (Esta seria a [falácia genética.](#)) Mas o que podemos fazer é automaticamente concluí-lo como muito pouco confiável.

Notavelmente, este contra-argumento não depende da validade do argumento de Pascal Aposta, mas apenas na medida em que os cristãos acreditam que isso seja válido. E assim a sua conclusão vem com uma exceção. A aposta de Pascal faz invalidar o testemunho de alguém que não acredita no céu e inferno ou que consideram a aposta completa e totalmente sem mérito. Portanto, se um cristão deseja partilhar o seu próprio testemunho sem sendo automaticamente descontados, eles devem começar refutando a afirmação de Pascal Aposta.

Ligações

Veja também

• [Implorando a questão](#)

• [Petição especial](#)

• [Crença](#)

• [Apostasia](#)

links externos

• [A aposta idiota de Pascal por Jim Huber](#)

• [Aposta reversa de Pascal em strongatheism.net](#)

• [Por que não é uma "aposta mais segura" acreditar em Deus, ou, por que Pascal A aposta é uma merda, de Greta Christina](#)

• [O incrível ateu, a aposta de Pascal é lixo, 11 de março de 2015](#)

Referência

• [Wikipedia:Aposta de Pascal](#) – Artigo da Wikipedia sobre a aposta de Pascal

• [Wikipédia:Blaise Pascal](#) – Artigo da Wikipédia sobre Blaise Pascal

• [Wikipedia:Apelo à emoção](#) - Artigo da Wikipedia sobre a falácia de

Apelo à Emoção

Argumento da fé

Um **argumento baseado na fé** afirma que podemos saber da existência de Deus através da fé. Mesmo se isto fossem verdadeiros, este argumento sofre de uma limitação óbvia: para aceitar o argumento, é necessário já deve ter aceitado.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 declaração formal](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Premissa falsa p1a](#)

- o [2.2 A fé não é necessária em nenhuma outra situação](#)
- o [2.3 Qual Deus?](#)
- o [2.4 Outras formas de conhecer a Deus deveriam ser possíveis](#)
- o [2.5 A fé não é confiável](#)
- o [2.6 O ateu não tem acesso direto à fé em Deus](#)
- o [2.7 Natureza autojustificativa/circular do argumento](#)

Declaração formal

p1. A fé é um método único de conhecimento.

a) Nada pode ser conhecido com certeza ou provado do zero.

b) Em vez disso, devemos confiar em certas suposições que assumimos com base na fé.

c) Através da fé pode-se conhecer estas verdades que de outra forma não podem ser verificadas.

p2. A existência de Deus não pode ser determinada exceto através da fé.

pág.3. Eu tenho fé em Deus.

c1. Deus existe.

Contra-argumentos

Premissa falsa p1a

A premissa de que nada pode ser provado com certeza ou do zero pode ser demonstrado tão falso quando você considera 'Penso, logo existo', matemática e os três absolutos. Você pode provar a si mesmo que sua mente existe de alguma forma possível, e que $2 + 2 = 4$ com certeza absoluta. Uma resposta simples, mas suficiente, a esta premissa é "tão o que?". A ciência não funciona com certeza absoluta na maioria dos assuntos, mas ainda está comprovadamente a melhor maneira de descobrir o mundo. Por exemplo, a evolução não está comprovada absolutamente, por mais próximo que esteja.

A fé não é necessária em nenhuma outra situação

A maioria dos ateus céticos provavelmente rejeitará a ideia de que a fé é uma forma de conhecer qualquer coisa. As coisas que os ateus supostamente assumem, como a confiabilidade do sentidos, na verdade geralmente *não* são assumidas pela fé da mesma forma que as idéias religiosas. Para primeiro, somos constantemente bombardeados com novas evidências sobre a confiabilidade do sentidos, à medida que cada um confirma os outros, e à medida que novas experiências se mostram consistentes com os antigos. O mundo poderia ser parecido com uma Matrix ou um sonho, mas a navalha de Occam recomenda a explicação simples, que é que o mundo é o que parece ser e não um ilusão elaborada criada por meios desconhecidos. Além disso, é uma necessidade prática viver a vida com base nas melhores informações que se tem, mesmo que não sejam absolutamente certas.

Dito isto, mesmo esta aceitação não é absoluta. A maioria das pessoas está disposta a aceitar a possibilidade de que ilusões, alucinações ou sonhos possam enganar seus sentidos, pelo menos do ponto de vista tempo ao tempo. Isto contrasta fortemente com a crença religiosa. Os teístas muitas vezes sentem uma forte lealdade para com suas crenças que eles não estão dispostos a enfrentar a possibilidade de que eles podem estar errados. O que essas pessoas chamam de "fé" certamente *não* é uma forma de saber em que todos confiam.

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual deus?](#)

Este argumento para a existência de Deus não especifica nada sobre Ele, exceto dizer "Ele é o Deus em quem tenho fé." Como muitas pessoas têm ideias diferentes sobre o que Deus é, eles podem "provar" a si mesmos a existência do [Senhor](#), [Alá](#), [Vishnu](#), ou [qualquer](#) outra divindade com este argumento. Na verdade, isso é verdade de praticamente todos os argumentos para a existência de Deus que não sejam explicitamente baseados em uma escritura específica.

Outras maneiras de conhecer a Deus deveriam ser possíveis

Um Deus onipotente, ou mesmo alguém com poder grande o suficiente para fazê-lo digno de ser chamado de Deus, deveria ser capaz de se manifestar no mundo físico, fazer milagres, falar diretamente aos seres humanos e muitas outras coisas. Se Ele fez isso, a fé seria desnecessário, e isso pareceria ser uma atitude muito mais honesta e maneira direta para ele interagir com a humanidade. Como essas coisas não parecem que está acontecendo com as pessoas hoje em dia, o fato de que temos que confiar na fé para acreditar nele parece ser uma razão para *não* acreditar que ele realmente existe.

A fé não é confiável

Isto deveria ser óbvio para qualquer um que pare por um breve momento para pensar sobre o assunto, mas às vezes deve ser declarado em voz alta. Membros do culto e até mesmo pessoas convencionalmente religiosas muitas vezes têm fortes convicções que as levam a cometer assassinato ou suicídio, mesmo quando suas crenças são comprovadamente falsas. Diferente religiões se contradizem, mas muitas vezes são baseadas em graus semelhantes de fé. Claramente, ter fé em algo, por mais forte que seja, não o torna verdadeiro, ou até mesmo dar credibilidade ao conceito. Se você disser que a fé é a única maneira de determinar se deus existe, como afirmado na p2, então você está sem combustível e é necessário mais.

O ateu não tem acesso direto à fé em Deus

Por definição, nenhum ateu tem fé em Deus, e normalmente não é possível fazer você mesmo acredita em qualquer coisa por qualquer motivo arbitrário (embora isso muitas vezes seja o que os teístas parecem exigir quando exigem que um ateu tenha fé em Deus). Como resultado, nenhum ateu tem qualquer forma de avaliar este argumento, exceto por

observando que outras pessoas têm fé (nesse caso ela notará que a fé não é um fonte confiável de conhecimento).

Na verdade, este é um argumento contraproducente para usar com qualquer tipo de ateu. Desde que insiste que a fé é a melhor ou mesmo a única forma de conhecer a Deus, isso implica que qualquer pessoa que não podem ter fé deveriam desistir imediatamente de descobrir qualquer coisa sobre Ele. Também encoraja os teístas a desistirem de justificar as suas próprias crenças com evidências ou raciocínios sólidos e objetivos que eles poderiam usar para fortalecer sua própria fé ou para convencer os outros.

Natureza autojustificativa/circular do argumento

Este argumento não é totalmente convincente para quem ainda não acredita no conclusão. No entanto, fornece uma maneira para os crentes reafirmarem sua fé através do raciocínio circular (minha fé em Deus é justificada pela minha fé em Deus). Esse torna o argumento efetivamente uma tática defensiva, que não tem poder para convencer, mas que se torna inatacável por pura teimosia. Ou seja, um ateu confrontado com alguém que sinceramente defende esse argumento pode desistir, simplesmente porque o teísta em questão parece totalmente inacessível por meio racional discussão.

Basta bater os joelhos



Para obter mais informações, consulte a [Bíblia anotada do céptico artigo: Deus pode ser encontrado?](#)



"As pessoas acham que a oração ajuda e têm respostas."

O argumento **que vale a pena bater de joelhos** é que alguém pode conhecer a Deus adorando-o. Isto é, se uma pessoa vive de acordo com os ensinamentos de uma religião específica, então os benefícios de fazê-lo se manifestarão e a pessoa pode saber que a religião é, portanto, verdadeira. A expressão "basta bater de joelhos" refere-se a ajoelhado e orando a Deus.

"As pessoas acham que a oração ajuda e obtiveram respostas. Esta semana você poderá descobrir se alguém ouve e se importa. [1]"

Baseado em [Morôni 10:4](#):

"Você pode saber que [o Mormonismo é verdade](#) [ao] orar com um coração sincero e com real intenção. [2]"

O argumento também é usado pelos [Scientologists](#):

"a pessoa descobre por si mesma que os princípios de Scientology são verdadeiros ao aplicar os seus princípios e observar ou experimentar os resultados. [3]"

Em essência, este argumento é um apelo ao [empirismo](#). O [teísta está perguntando](#) ao não-crente se envolver em um experimento. Experimente X. Se X resultar em um resultado agradável, isso significa que é um princípio verdadeiro pelo qual viver e, portanto, esta religião é boa para se seguir.

Um argumento relacionado é baseado em [Deus respondendo às orações intercessórias](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [Falácia do argumento](#)
 - o 1.1 [Estudos científicos da oração](#)
 - o 1.2 [A oração como caminho para a verdade](#)

- [2 referências](#)
- [3 links externos](#)

Falácia do argumento

A falácia que acompanha este argumento não está na teoria real do argumento, mas na prática. Quando o experimento é realizado, o padrão procedimento para experimentos científicos não é seguido. Em um experimento científico, o A hipótese do experimento deve ser [falsificável](#). [Ou seja, deve](#) haver um nulo hipótese.

Com este experimento específico, a hipótese de teste deveria ser “Esta religião é verdadeira” e a hipótese nula deveria ser “Esta religião é falsa”. Quando o experimento é realizado, se o resultado desejado não for obtido, um teísta pode muitas vezes contra-atacar com uma razão pela qual o experimento deu errado. Por exemplo, o experimentador não tinha fé suficiente ou não executou a ação com um padrão suficiente para que ela fosse válido. No entanto, a conclusão no caso de uma experiência fracassada deveria ser que o hipótese nula pode realmente ser a verdade.

De modo mais geral, a falácia cometida aqui é que a conclusão foi alcançado antes do início do experimento. Nas religiões que promovem a oração para um divindade ou divindades, costuma-se dizer que toda oração é respondida, mas que às vezes a resposta é "não" ou "ainda não", e que às vezes a resposta é que não há responder. A falácia é que qualquer resultado possível é interpretado como um resultado positivo para provar a hipótese de teste. Não há nenhum resultado concebível que implique a hipótese nula – que a religião não é verdadeira.

Estudos científicos da oração

Este argumento afirma que alguém pode conhecer a Deus pela oração. Eles separadamente afirmam que as orações de petição são respondidas ([Mateus 7:7-8](#)). No entanto, análise de muitos estudos médicos não encontraram "nenhum efeito cientificamente discernível" entre resultados de oração e saúde. [\[4\]](#) Se as orações não forem respondidas, mas os crentes pensarem que são, eles podem estar enganados sobre serem capazes de conhecer a Deus através da oração também.

A oração como caminho para a verdade

Não há evidências de que a oração leve a qualquer [presciência especial](#) ou [profetizar](#) que mais tarde foi verificado como verdadeiro. Além disso, muitos religiões afirmam que a oração pode autenticar suas reivindicações, por isso também é uma [violação argumento da bússola](#).

Há muitas evidências de que a oração resulta em [auto-engano](#), [em que uma pessoa](#) se convencem de que uma determinada religião é verdadeira.

"O autoengano tem essencialmente dois componentes. Primeiro, a pessoa forma uma crença em violação de seus padrões usuais de [evidência e julgamento](#) - o que os filósofos chamar [epistêmico](#) normas. Segundo, um desejo com conteúdo relacionado ao conteúdo da crença causa o desvio do processo saudável de formação de crenças. Porque difamação, medo, e o desejo trazem a credibilidade religiosa - embora essa credibilidade esteja em desacordo com o costume padrões de julgamento – o processo pelo qual as crenças religiosas surgem é um processo de [auto-estima](#). [_____](#) [decepção](#). [5] "

"Tudo o que sabemos sobre a [psicologia da religião](#) mostra que a religiosidade é uma [auto-_____](#) [decepção](#), fundada na satisfação das necessidades emocionais e espirituais dos indivíduos dentro das comunidades de fé [6] "

Referências

1. [ÿ Experimente orar](#), livreto de conselhos, publicado por There Is Hope [1] _____
2. [ÿ Comentário de Courtney sobre Como posso saber se o Mormonismo é _____](#)
[verdadeiro?](#)
3. [ÿ \[2\] _____](#)
4. [ÿ K. Masters, G. Spielmans, J. Goodson](#) "Existem efeitos demonstráveis da oração intercessória à distância? Um meta-revisão analítica." *Annals of Behavioral Medicine* 2006 agosto;32(1):21-6. [3] _____
5. [ÿ \[4\] _____](#)
6. [ÿ \[5\] _____](#)

links externos

[ÿ Eficácia da oração](#), Wikipédia

Argumento de milagres bíblicos



Jesus e o milagre da alimentação das multidões

O **argumento dos milagres bíblicos** afirma (mais ou menos) que porque um livro sagrado afirma que pessoas testemunharam [milagres](#), as pessoas realmente testemunharam milagres. Isto é frequentemente associado a um santo figura como [Jesus](#) ou [Gautama Buda](#) e é [interpretado](#) como evidência de seu caráter divino. Isto é uma forma de [argumento a partir do testemunho milagroso](#).

[David Hume](#) criticou a crença em milagres com base no testemunho em seu ensaio [Of Miracles](#) porque é longe é mais provável que o testemunho de apoio esteja incorreto.

"Os milagres de Jesus e dos escritores da Bíblia são o selo de aprovação de Deus sobre os seus ensino. Este testemunho testifica que existe um Deus que possui poder sobrenatural. E visto que os escritores da Bíblia fizeram milagres, devem ter sido guiados pelo poder de Deus. Da mesma forma, o fato de Jesus ter feito milagres confirma a veracidade de Suas afirmações de que Ele era o Filho de Deus.[1]" —

"Além disso: algumas partes das Escrituras contendo um relato de milagres plenamente suficiente para provar a verdade do Cristianismo, são citados como genuínos, desde a época em que são dito ser escrito, até o presente: e nenhuma outra parte deles, material no presente questão, são omitidas para serem citadas de forma a fornecer qualquer tipo de prova de não serem genuínos. [2]" —

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 exemplos](#)
 - o [1.1 A Bíblia](#)
 - o [1.2 Alcorão](#)
 - o [1.3 Budismo](#)
- [2 contra-argumentos](#)

- o [2.1 Presumindo que a Bíblia é precisa](#)
- o [2.2 Argumento redundante](#)
- o [2.3 Aceitar testemunhos não confiáveis por viés de confirmação](#)
- o [2.4 Milagres não provam que Deus existe](#)
- [3 referências](#)
- [4 Veja também](#)
- [5 links externos](#)

Exemplos

A Bíblia

[Jesus](#) diz-se que realizou muitos milagres, incluindo andar sobre as águas, levantar-se de os mortos (os outros e ele mesmo) e curando os enfermos pelo toque.

Alcorão

Existem relativamente poucas reivindicações de [Muhammad](#) realizando milagres.

ÿ Diz-se que o principal exemplo é a [inerrância bíblica do Alcorão](#). O Alcorão é também disse conter [presciência científica](#), [profetizar](#) e [numérico significativo propriedades](#). [3]

ÿ Algumas interpretações sugerem que Maomé dividiu a lua em duas. ([Sura 54:1-2](#)) [4]

budismo

[Gautama Buda](#) é registrado como realizando muitos milagres.

Contra-argumentos

Assumindo que a Bíblia é precisa

Artigo principal: [Argumento das escrituras](#)

Este argumento pressupõe que a Bíblia é verdadeira, o que é questionável, uma vez que está cheia de declarações falsas, contradições e escritas muito depois dos acontecimentos por pessoas não oculares testemunhas.

Argumento redundante

1. Se a Bíblia for considerada verdadeira, a Bíblia confirma que Deus existe (por exemplo, [Gênesis 1:1](#)) e o argumento não é obrigatório.
2. Se a Bíblia não for considerada verdadeira, o argumento é baseado numa premissa não suportada.

Aceitar testemunhos não confiáveis devido ao viés de confirmação

Artigo principal: [teste externo](#)

Não há nenhuma outra evidência dos milagres além do livro sagrado que um homem andando sobre as águas, ou alimentando 5.000 pessoas com cinco pães e dois peixes, ou transformando água em vinho. Resta-nos apenas o atestado testemunhal destes eventos.

Imagine pegar vários membros de tribos da Nova Guiné e submetê-los para um show de mágica. Depois, seria possível coletar o máximo testemunhos desejados para o "fato" de que, por exemplo, o mágico era decapitado por uma guilhotina, mas foi reintegrado e completamente ileso vários minutos depois. Esses testemunhos são **contemporâneos** (na verdade, como tão contemporâneo quanto possível) e mutuamente corroborativos. Além disso, estes testemunhas poderiam ser interrogadas em qualquer grau. Qual seria a nossa reação? Será que tomaríamos estes testemunhos como prova e concluiríamos, com base apenas em eles, que o mágico *realmente* teve sua cabeça cortada e sobreviveu? Ou seria nossa incredulidade com a probabilidade do evento anular os testemunhos e levar consideremos outras alternativas (os homens da tribo foram enganados, eles não são lembrando corretamente, eles estão mentindo, etc.).

Adicionar séculos de possíveis embelezamentos e distorções tornaria o testemunhos mais ou menos credíveis?

A razão pela qual rejeitamos o seu testemunho é que temos experiência anterior que essas coisas geralmente não ocorrem. Baseamos nossas crenças dependendo do peso da evidência, considerando que tais coisas podem ocorrer fora do nosso experiência e a possibilidade de que as testemunhas "milagrosas" estivessem enganadas.

Este padrão de evidência de milagres foi sugerido por [John Locke](#) e em [David Hume](#) ensaio [Dos Milagres](#).

A principal razão pela qual tal testemunho milagroso é aceito é que a confiança dos crentes incredulidade são substituídas por sua [suposição a priori que seu deus](#), ou Jesus, é [todo-poderoso](#); os testemunhos não valem nada sem ele. Isto mudará o discussão nesse sentido.

Milagres não provam que Deus existe

"Agora, um ponto que John Lennox destacou, apelando para a ressurreição [de Jesus], foi dizer que se a ressurreição é verdadeira, existe um Deus. Isso não acontece de jeito nenhum. Tudo o que segue em a maioria é que existe algum ser sobrenatural capaz de realizar uma ressurreição física de um ser humano. Por que isso deveria ser onipotente? Por que isso deveria ser onisciente? Por que isso deveria ser perfeitamente bom? Poderia ser um ser que está fazendo isso para enganar muitos de nós acreditamos em uma religião falsa.[5]"

Referências

1. [ÿ Caminho do Evangelho, Testemunho #5: Milagres \[1\]](#)

2. [ÿ Joseph Butler, A Analogia da Religião, Natural e Revelado, 1736](#)

3. [ÿ Milagres do Alcorão](#)

4. [ÿ Islã e Milagres](#)

5. [ÿ \[2\]](#) ____

Veja também

[ÿ Argumento do testemunho milagroso](#)

[ÿ Argumento de milagres observados](#)

[ÿ Argumento de eventos afortunados](#)

links externos

[ÿ Milagres de Jesus](#)

[ÿ Milagres de Gautama Buda](#)

[ÿ Examine os milagres de Jesus, Deus é imaginário](#)

Alguém morreria por algo que sabia ser mentira?

(Redirecionado de [Alguém morreria por uma mentira?](#))

Um [argumento](#) moderno frequentemente usado pela [verdade](#) da [ressurreição](#) de [jesus](#) é o do [martírio](#). O afirmação é que todos os [apóstolos](#) teria tido [conhecimento](#) em primeira mão sobre se Jesus ou não na verdade retornou dos mortos e confirmou que era o [Filho de Deus](#). Como eles morreram em vez de admitir que o relato era falso, isso sugere que, em vez de apenas [acreditar](#) que era verdade como outros mártires de outras religiões, eles sabiam que isso era verdade.

Contra-apologética

ÿ A [premissa](#) que as pessoas nunca "morreriam por uma mentira" é comprovadamente falso. Pessoas em toda história, de fato, morreram por crenças que se revelaram falsas, enganosas, mal compreendidas, e até [mutuamente exclusivos](#). Por exemplo, muitos milhares de alemães morreram durante a Guerra Mundial II com base na crença de que eles eram a "raça superior" e tinham justificativa para conquistar outras nações por "espaço vital". Também durante a Segunda Guerra Mundial, muitos civis japoneses cometeram suicídio em vez de serem capturados pelos americanos por causa da falsa crença de que seriam maltratado. Em 1993, 76 pessoas morreram no complexo Branch Davidian em Waco Texas porque eles acreditavam que seu líder, David Koresh, era um profeta de Deus.

Exemplos como os [ataques de 11 de setembro](#) indicam que as pessoas estão dispostas a morrer por suas crenças, e este argumento implicaria que o Islão é tão verdadeiro como o Cristianismo.

ÿ Os Apóstolos podem muito bem ter tido conhecimento em primeira mão, mas isso não dá qualquer credibilidade ao alegação porque não temos conhecimento em primeira mão sobre eles ou de suas reivindicações. Qualquer número de as pessoas podem ter conhecimento em primeira mão do Homem-Aranha conforme declarado em seus quadrinhos, mas ainda não acredite na autenticidade do Homem-Aranha.

⁹ [Implícito](#) neste argumento está a ideia de que os [milagres de Jesus](#) portanto, realmente aconteceu, o que não é suportado pela [premissa](#) que seus apóstolos não teriam morrido por uma mentira.

Esta [conclusão](#) ignora várias outras possibilidades:

1. Os apóstolos acreditavam firmemente que as histórias eram verdadeiras, mas estavam enganados:

ÿ Aqueles que foram mortos nunca [testemunharam](#) os eventos acontecem

eles mesmos, mas foram informados por outros apóstolos, em quem confiavam.

ÿ Eles se convenceram de que as histórias eram verdadeiras, a ponto de realmente acreditarem

eles eram, embora o que testemunharam os contradissesse diretamente.

ÿ Eles se lembraram dos detalhes dos eventos de forma diferente daquela que testemunharam,

porque os detalhes falsos eram constantemente reforçados por todos que mantinham empresa com.

ÿ Eles foram enganados. Eles realmente viram os acontecimentos, mas o que viram foi um [truque](#).

2. Os apóstolos não acreditaram em todas as histórias, mas morreram por outro motivo:

ÿ Eles acreditaram na verdade literal de [João 3:16](#) , e pensei que eles não iriam morrer.

ÿ Consideraram a causa justa, embora conhecessem algumas das histórias

foram embelezados ou exagerados.

ÿ Eles estavam protegendo a vida de outras pessoas.

ÿ Teriam escolhido a morte em vez de serem expostos como mentirosos desavergonhados.

ÿ Eles foram mortos porque eram figuras públicas da causa, não devido a

as histórias específicas que eles mantiveram ou negaram.

ÿ Foram mortos sem terem tido oportunidade de retratar as suas histórias.

ÿ Eles mantiveram a sua história para manter alguma dignidade na sua morte, pois iam

ser morto de qualquer maneira.

ÿ Eles pretendiam tornar-se mártires.

3. Os apóstolos admitiram que as histórias não eram verdadeiras, mas a admissão nunca foi feita

público.

4. Eles morreram protegendo a verdade, mas as histórias desses eventos foram posteriormente embelezadas.

Os "milagres" sobre os quais lemos agora não são aquilo que eles realmente viram e pelos quais morreram.

5. As histórias das mortes dos apóstolos foram posteriormente embelezadas para apresentá-las

como mártires.

6. Os apóstolos, assim como Jesus, morreram por outra coisa, talvez eles esperassem que isso acontecesse

ajudar a libertar Israel dos romanos.

7. Os apóstolos nunca foram mortos.

8. A existência dos apóstolos também foi uma invenção.

ÿ Supondo que a Bíblia seja verdadeira, Jesus não morreu, ele foi encontrado vivo alguns dias após sua crucificação.*

ÿ Isto é contrário ao relato da Bíblia.

De acordo com a Bíblia, Jesus morreu e ressuscitou, criando assim uma diferença entre

ressuscitação e ressurreição. Os evangelhos dizem que Jesus morreu na cruz como resultado da crucificação,

se isso não prova sua morte, ficar em uma tumba selada por três dias prova. Além disso, de acordo com

relatos evangélicos e outros relatos, na ressurreição de Jesus é dito que ele tinha feridas, mas

não estava parecendo doente (como seria o resultado da crucificação e de estar em uma tumba por três

dias). Assim, Jesus teve que morrer e ressuscitar, não apenas ressuscitar.

Mesmo assim, os Evangelhos foram todos escritos pelo menos uma geração depois dos eventos declarados, supostamente ocorridos

lugar, então não podemos ter certeza de que o relato do Evangelho é preciso.

Achtemeier, Paul J. "Apresentando o Novo Testamento." Grand Rapids, MI: Wm. B.Eardmans

Editora. 2001.

Mentiroso, Lunático ou Senhor



Para mais informações, consulte a [Wikipédia](#) artigo:

[Trilema de Lewis](#)



A discussão em um banner do lado de fora de uma igreja.



Há pouco acordo sobre a aparência de Jesus.

O argumento *do mentiroso, lunático ou senhor* tenta apresentar um caso através do processo de eliminação de todas as outras opções, que Jesus Cristo deve ter sido deus. Foi proposto por [CS Lewis](#) e popularizado no [Mero Cristianismo](#).

Até mesmo vários teólogos apontaram que o argumento *do mentiroso, do lunático ou do senhor* não é sólido.

Apologistas como [William Lane Craig](#) citam este argumento como um bom exemplo de um mau argumento a favor da Cristandade. [1] Este argumento também foi referido como "trilema" por [Josh McDowell](#). O _____

argumento foi originalmente usado para mostrar que Jesus não era simplesmente um sábio professor de moral, em vez de demonstrar sua divindade. No entanto, CS Lewis continua a usá-lo como um argumento a favor de Deus. Apesar de isso, o argumento é amplamente utilizado e amplamente amado pelo público cristão em geral, assim como muitos dos outros argumentos igualmente falhos de Lewis, como o [argumento do desejo](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento](#)
 - o [Versão 1.1 CS Lewis](#)
 - o [1.2 Silogismo](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Falsa premissa p1: suposições infundadas](#)
 - o [2.2 Falsa premissa p2: Falso dilema](#)
 - o [2.3 Falsa premissa p3: Evidência não suportada](#)
- [3 outros contra-argumentos](#)
- [4 notas adicionais](#)
 - o [4.1 Trilema/Dilema](#)
 - o [4.2 Estatura de Jesus](#)
 - o [4.3 Navalha de Occam](#)
- [5 outras religiões](#)
- [6 links](#)
 - o [6.1 Veja também](#)
 - o [6.2 Links externos](#)
 - o [6.3 Referências](#)

Argumento

Versão CS Lewis

[CS Lewis no mero cristianismo c.1952:](#)

"Estou tentando aqui evitar que alguém diga a coisa realmente tola que as pessoas costumam dizer sobre Ele: "Estou pronto para aceitar Jesus como um grande mestre moral, mas não aceito Sua afirmar ser Deus." Essa é a única coisa que não devemos dizer. Um homem que disse o tipo de coisas que Jesus disse não seriam um grande professor de moral. Ele seria um lunático - em um nível com o homem que diz que é um ovo escalfado - ou então ele seria o Diabo do Inferno.

Você deve fazer sua escolha. Ou este homem era e é o Filho de Deus: ou então um

louco ou algo pior. Você pode calá-lo como um tolo, você pode cuspir nele e

mate-O como um demônio; ou você pode cair a Seus pés e chamá-Lo de Senhor e Deus. Mas não vamos

venha com qualquer absurdo paternalista sobre Ele ser um grande professor humano. Ele não tem deixado isso aberto para nós. Ele não pretendia."

Silogismo

p1. Jesus fez certas afirmações

p2. Essas afirmações são de uma natureza que tem certas implicações sobre seu caráter.

a. Lunático: Jesus não era Deus, mas ele erroneamente acreditou que era

b. Mentiroso: Jesus não era Deus, e ele sabia disso, mas disse mesmo assim

c. Senhor: Jesus estava dizendo a verdade e é Deus

pág.3. Através do processo de eliminação podemos excluir as possibilidades de lunáticos e mentirosos

a. Evidência existencial

b. Evidência textual

c. Evidência histórica

c1. Portanto Jesus era/é o Senhor e Deus em forma humana.

Contra-argumentos

Premissa falsa p1: suposições infundadas

O primeiro problema com o argumento é que ele pressupõe a eficácia da Bíblia. Ele assume que a representação de Jesus na Bíblia é historicamente precisa e uma representação precisa de seu caráter, incluindo (mas não limitado a) as palavras e reivindicações atribuídas a ele.

Não há nenhuma evidência contemporânea em primeira mão de que as palavras atribuídas a Jesus sejam suas próprio, pois o relato mais antigo foi escrito depois de 60 DC. Também se pode argumentar que devido ao discrepâncias entre relatos, nenhuma citação da Bíblia pode ser considerada como as verdadeiras palavras de Jesus. Contudo, o fato de uma pessoa chamada Jesus ter sido crucificada por blasfêmia é considerada por alguns estudiosos do Novo Testamento como uma das afirmações mais certas da antiga história (Bart Ehrman). Como esta é a maior afirmação que uma evidência verificável pode concluir, A Navalha de Occam afirma que deveria ser assumido que Jesus não mantinha nenhum relacionamento divino ou poder, a menos que evidências adicionais possam ser fornecidas.

Falsa premissa p2: Falso dilema

Com base nos fundamentos instáveis da primeira premissa, o argumento cria um falso dilema para sugerem que Jesus aparecendo nos evangelhos está dizendo a verdade ou não. Isto de É claro que negligencia a possibilidade óbvia de que ele seja uma lenda e, nesse caso, suas afirmações (ou aquelas afirmações atribuídas a ele) não são verdadeiras ou falsas, mas parcial ou totalmente fictícias.

Quase tudo o que é "conhecido" sobre a vida de Jesus, ou sobre suas reivindicações de divindade, vem da Bíblia, que os cristãos consideram inerrantes, mas ateus não. Jesus pode não existiu, ou ele pode não ter dito todas as coisas que lhe foram atribuídas, ao na medida em que seus ensinamentos eram bons, ele pode ter copiado ideias de outras pessoas.

A premissa também ignora possibilidades híbridas. Por exemplo, que Jesus pode de fato ter sido um lunático que disse coisas verdadeiras (muito parecido com uma pessoa louca que pensa que é Napoleão ainda poderá lhe dizer o dia correto da semana ou o dia predominante condições climáticas) ou que ele poderia ter sido o Senhor e um mentiroso (improvável, mas inconveniente para o ponto pretendido por Lewis). No fundo, o dilema comete a [falácia genética](#), de assumir que uma ideia proveniente de uma fonte má está inevitavelmente contaminada.

Finalmente, a premissa também ignora a possibilidade muito real de que Jesus existiu e disse algumas das coisas atribuídas a ele, mas podem ter sido mal interpretadas. Muitos crentes se referirão a si mesmos como "Filhos de Deus" (ou frases semelhantes), mas presumivelmente não quero dizer isso literalmente. De maneira semelhante, se Jesus se referisse a si mesmo como o "Filho do Deus", ele pode ter pretendido que fosse uma metáfora que foi mal interpretada pelos audiências. (Na verdade, "Filho de Deus" significava um homem justo, o Messias ou um profeta. Aliás, os cristãos às vezes se descrevem coletivamente como filhos de Deus embora acreditem que são seres humanos comuns. Isto não significava de forma alguma filho "físico" de Deus, uma crença muito pagã que os judeus consideravam muito blasfema.) Além disso, o termo 'Senhor' é um termo de nobreza e respeito que foi posteriormente confundido para ser sinônimo de 'Deus'. Quando os discípulos chamam Jesus de "Senhor", eles não estão necessariamente confirmando a crença de que ele é Deus.

Premissa falsa p3: Evidência não suportada

Mesmo aceitando as duas primeiras premissas falsas, as chamadas evidências para a exclusão de possibilidades lunáticas e mentirosas são, na melhor das hipóteses, questionáveis.

Muitos apologistas, incluindo alguns psicólogos qualificados, tentam mostrar que Jesus não poderia ter sido um lunático. Existem dois problemas principais com isso.

Primeiro, é uma completa falta de evidências. A ideia de realizar um verdadeiro trabalho psicológico diagnóstico de alguém que foi dado como morto há 2.000 anos, com base apenas em alguns contos pouco descritivos, do próprio livro que pretende revelar a verdade de sua divindade, é nada menos que risível.

Em segundo lugar, apresentam um pedido especial. Apesar do fato de que Jesus não é retratado como um maníaco raivoso e incontrolavelmente delirante, não significa que ele era necessariamente são. Qualquer um dos psicólogos que tentasse afirmar que Jesus não era louco iria não tenha medo de cometer hoje uma pessoa que fez afirmações semelhantes. De fato se Jesus fizesse suas reivindicações hoje, ele se encaixaria perfeitamente nos asilos cheios de outras pessoas que pensam que são Deus, Jesus, Napoleão etc.

Jesus também poderia ter sido um mentiroso. Lewis desconsidera isso porque afirma que Jesus foi um *grande professor humano*. No entanto, muitos dos conselhos de Jesus foram [maus conselhos](#). E independentemente do conteúdo de sua aula, ser um ótimo professor não exclui por decreto logicamente a possibilidade

que ele poderia mentir. Jesus também tinha um grande motivo para mentir. Apesar do problema Brian encontrado ele mesmo, presumivelmente há muitos benefícios egoístas em ser erroneamente considerada uma divindade humana.

Além disso, algumas formas do argumento do *mentiroso*, do *lunático* ou do *senhor* cometem ainda mais a falácia de petição de princípio, ao aceitar a opção dos “milagres bíblicos como evidência do Senhor”, o que, claro, pressupõe a priori a conclusão da divindade de Jesus de que o próprio argumento tenta provar.

Outros contra-argumentos

ÿ Lewis faz o espantinho presunção de que os lunáticos falam falsamente, deliram sem momentos de clareza, nunca diga nada que valha a pena prestar atenção, etc. pode sofrer de uma crença ou fixação delirante e funcionar adequadamente ou mesmo superlativamente na sociedade.

Notas Adicionais

Trilema/Dilema

A razão para o uso do *dilema* na falsa premissa p2. em vez do *trilema titular*, é devido ao fato de que apesar de existirem três opções, duas delas têm efetivamente o mesmo resultado no que diz respeito ao argumento. As múltiplas opções são realmente nada mais do que uma pista falsa, já que o resultado do argumento é que as afirmações de Jesus são verdadeiras ou não verdadeiras.

Além disso, a lógica formal lida exclusivamente com dicotomias, não com tricotomias. O geral o argumento tenta provar que ele é o senhor. Então, para realmente expressar todas as três opções, logisticamente, precisaria ser apresentado como duas dicotomias separadas, mas hierárquicas.

(senhor:(mentiroso:lunático))

A principal dicotomia: Ele é o senhor ou não-senhor.

A subdicotomia se ele não é senhor: ou ele é mentiroso ou lunático.

Estatura de Jesus

Jesus é talvez a figura mais famosa, amada e reverenciada do mundo ocidental hoje. Neste contexto, qualquer sugestão de que ele estava mesmo um pouco iludido, desonesta ou deturpada parece uma acusação muito mais grave do que se fosse feita sobre um dos mais obscuros pretendentes ao messias que vivia na Roma antiga. O o trilema não é um argumento circular, mas ocorre num contexto circular; o O peso *emocional* do argumento é quase inteiramente devido ao significativo pré-existente influência do Cristianismo na cultura, mas a validade do Cristianismo é exatamente o que está sendo argumentou.

Um exemplo disso pode ser encontrado [neste Tectônica ensaio](#) apologético discutindo o trilema. O ensaio examina o contra-argumento de que as pessoas podem acreditar falsamente consideram-se Deus encarnado sem serem completamente "insanos" em outras áreas.

O autor cita um estudo de caso de três pacientes com complexo de messias e cita para demonstrar o quão abertamente delirantes eles são. Um dos pacientes, Clyde, diz: *"Ora, há dinheiro vindo do céu e do velho país e do*

o mar do céu. Os vagões, trens e barcos... 7.700 carros por milha e

que vai do alto Stock Lake... O próprio Deus marcou oito de nossas trilhas.

esta citação sugere insanidade? Bem, há uma mistura semi-incoerente do físico

e transcendente (dinheiro vindo do céu, Deus marcando pessoalmente alguns

trilhas) e algumas imagens detalhadas e quase alucinógenas.

Mas e essa citação de Jesus? *"O sol escurecerá, a lua escurecerá*

não der luz, as estrelas cairão do céu e os poderes nos céus serão

abalado. E então, finalmente, o sinal de que o Filho do Homem está vindo aparecerá no

céus, e haverá profundo luto entre todos os povos da terra. E

verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande

glória. E ele enviará os seus anjos com o poderoso toque de uma trombeta, e eles

reunirá seus escolhidos de todo o mundo - os confins da terra

e o céu." Fora de uma cultura cristã, isso soa como a fantasia elaborada de um

esquizofrênico, culpado não apenas das mesmas coisas da citação de Clyde, mas de algumas

erros astronômicos e geológicos também. Dentro de uma cultura cristã, passagens como

esse é [um motivo válido para se preparar](#) para o [fim dos tempos eles descrevem](#), ou um

[metáfora](#) muito [poética](#) - dependendo da maneira como se deseja apresentar

Jesus como um homem são e respeitável.

Navalha de Occam

A parte "Senhor" do argumento "Mentiroso, Lunático ou Senhor" é uma condensação

expressão de uma afirmação muito extraordinária: que na Palestina romana nasceu um

peessoa literalmente idêntica ao ser onipotente que criou o cosmos, e que

esta pessoa demonstrou seus superpoderes ilimitados através de milagres como

ressuscitar os mortos, andar sobre as águas e assim por diante. Dado o extremo desta afirmação,

parece estranho considerar questões sobre o estado mental dessa pessoa.

Suponha que Alice diga a Bob que ela pode voar magicamente. Bob conta a Claire sobre isso e acrescenta

que ele está inclinado a acreditar em Alice. Claire está tentando determinar se Alice está ou não

afirmação é verdadeira. A primeira pergunta de Claire para Bob deveria ser "Bem, Alice alguma vez mentiu ou

pareceu uma loucura para você? Ou será que as coisas que Alice diz tendem a ser verdade?" Isso seria

uma linha de investigação absurda, quase irrelevante para o assunto. Mesmo que Bob e um

milhares de outras testemunhas atestam que Alice nunca esteve errada sobre nada

no passado, Claire não tinha uma razão decente para pensar que Alice pudesse voar; o que ela precisa é de evidências diretas ou indiretas de que Alice realmente está voando.

No entanto, "Alice pode voar" é uma afirmação muito menor do que "Jesus foi e é Deus". É uma coisa é confiar no julgamento de pessoas aparentemente confiáveis, e outra é conceder seu julgamento com peso probatório infinito.

Outras religiões

Aliás, pode-se postular que os líderes/fundadores de outras religiões são - seja qual for a sua religião afirma -, mentirosos ou lunáticos de forma semelhante e os diferentes as religiões do mundo não podem ser todas simultaneamente verdadeiras. Isso o torna [quebrado argumento da bússola](#).

Basicamente, existem três cenários possíveis:

1. *Muhammad (S) estava dizendo a verdade e espalhando a mensagem de Deus.*
2. *Ele estava mentindo para ganhar poder.*
3. *Ele era louco e acreditava no que estava fazendo.* [2] —

Além disso, muitas afirmações religiosas são de natureza extraordinária se tomadas literalmente, mas disso não se segue que todos os crentes sejam mentirosos ou lunáticos. No entanto alguns [curandeiros](#) são secretamente desonestos, muitos deles pensam que têm acesso a poderes milagrosos e são visitados por milhares que acreditam ser curado. Na maior parte dos casos, nem os "curadores" nem os "curados" são clinicamente insano. Em vez disso, eles são culpados de [viés de confirmação](#) e [compartimentalização](#), e as histórias experimentam exageros de maneira semelhante às [lendas urbanas](#). Esses existem todas as possibilidades em relação à cura pela fé e outros milagres do próprio Jesus; místicos e os xamãs desde a antiguidade até hoje usaram técnicas clássicas de magia enquanto ainda acreditando ter habilidades sobrenaturais.

Ligações

Veja também

• [Argumento do desejo](#)

• [Visão geral do cristianismo primitivo](#)

• [Falso dilema](#)

• [Implorando a questão](#)

links externos

• [O Trilema – Senhor, Mentiroso ou Lunático?](#) por Jim Perry em [infidels.org](#)

• [Mentiroso, Maluco ou Senhor; Ou como os ateus fazem CS Lewis chorar](#) por Greta Cristina

Referências

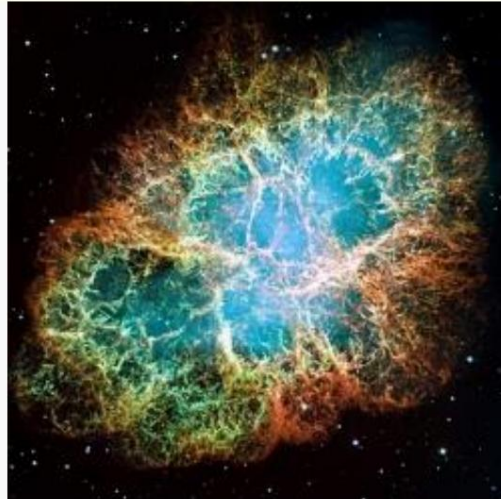
1. [y](#) William Lane Craig, Fé Razoável: Verdade Cristã e Apologética, Crossway Books (1994) páginas 38–39.
2. [y](#) [\[1\]](#)

Argumento da experiência estética



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento da beleza](#)



Linda nebulosa e estrelas



Girassóis de Van Gogh (F.454)

Citando todo o **argumento da experiência estética**, também conhecido como **argumento da sublimidade**, literalmente: ^[1]

Há a música de Johann Sebastian Bach.

Portanto deve haver um Deus.

Ou você vê este ou não.

O argumento pode ser variado com diferentes obras de arte ou maravilhas naturais: "Olhe as estrelas!
portanto, Deus."

*"Pessoalmente, estou convencido de que existe outra inspiração que me convence de que existe uma
Deus; Arte. Linda arte. [2]" —*

Os apologistas argumentam que o [Alcorão](#) é o livro mais eloquente já escrito, que é em si
Um [milagre](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

• 1

[contra-argumento](#)

• 2

[referências](#)

• 3

[Veja também](#)

• 4

[links externos](#)

Contra-argumentos

Isto é um [non sequitur](#), isto é, a conclusão não decorre da premissa. Estética
experiências não implicam automaticamente a existência de outras entidades como Deus.

As experiências estéticas são fenômenos mentais e não requerem intervenção divina para ocorrerem.

Existem muitas maneiras de alcançar experiências espirituais profundas, embora estas
experiências são relativamente raras. Eles ocorrem em muitas religiões diferentes, então o argumento [não
apoia nenhum deus em particular](#).

*"as experiências estéticas ainda são, mais do que provavelmente, excitações internas do cérebro, como sabemos
veja pelo fato de que a ingestão de drogas recreativas pode provocar efeitos ainda mais intensos
experiências de transcendência. E os gatilhos específicos para a estética natural
experiências são facilmente explicáveis a partir das pressões evolutivas que moldaram o
sistemas perceptivos dos seres humanos. [3]" —*

Acreditar que o mundo realmente contém beleza que existe separadamente da perspectiva de
um observador comete a [falácia da projeção](#). [3] —

A interpretação logicamente mais válida do argumento poderia ser que Bach é Deus.

Exatamente o mesmo argumento pode ser usado para argumentar contra a existência de Deus e
experiência estética:

*"[Deus] era contrário ao gosto dos meus ouvidos e olhos; pior do que isso eu
não gostaria de dizer contra ele."*

- [Friedrich Nietzsche](#)

Referências

1. [\[1\]](#)

2. [\[2\]](#)

3. [3.0 3.1](#) Rebecca Newberger Goldstein, [36 argumentos para a existência de Deus: uma obra de ficção](#), 2011

Veja também

• [Argumento do sentido divino](#)

• [Argumento do design](#)

links externos

• [Variações abertas de Goldberg](#) (download gratuito de música) composta por Bach e suposta prova de Deus.

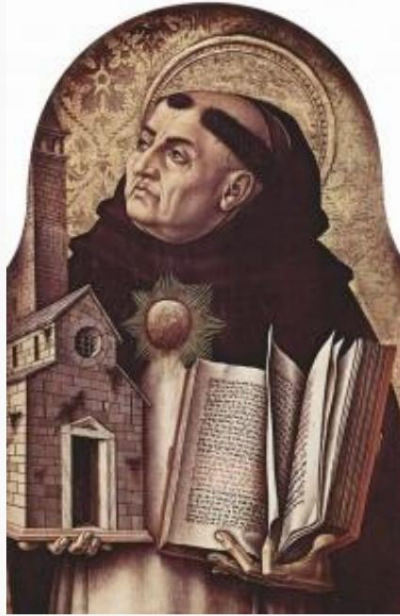
• [Argumento do Sublime](#), em doxa.ws

Argumento da contingência



Para mais informações, consulte a [Wikipédia](#) artigo:

[Argumento da contingência](#)



Tomás de Aquino propôs este argumento em sua *Summa Theologica*

O **argumento da contingência** é um [argumento cosmológico](#) proposta por [Tomás de Aquino](#) No dele livro [Suma Teológica](#). Por ser o seu terceiro argumento, também é conhecido como **a terceira via de Tomás de Aquino**. Argumenta que alguns objetos têm a propriedade de que devem existir, porque se tudo estiver contingente (pode existir ou não) e transitório, teria havido um estado em que nada existia, o que é supostamente absurdo.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Contingência e transitoriedade não implicam a inexistência passada de tudo](#)
 - o [2.2 Suposição de que uma regressão infinita não pode acontecer](#)
 - o [2.3 Processos naturais não estão descartados](#)
 - o [2.4 Nenhum Deus específico é apoiado pelo argumento](#)
 - o [2.5 Prova por lógica](#)
 - o [2.6 Objetos podem surgir espontaneamente](#)
- [3 referências](#)

• 4 [Veja também](#)

Argumento formal

1. Objetos naturais tendem a ter sido gerados e têm tendência/possibilidade de serem corrompido. [\[1\]](#)
2. De (1) Esses objetos podem existir ou não, ou seja, são contingentes.
3. Se um objeto pode ser inexistente e tende a ser corrompido, cada objeto às vezes não existir.
4. De (3), os objetos contingentes nem sempre podem existir, ou seja, são transitórios.
5. Se tudo é contingente e tende a ser corrompido ou gerado, então em algum momento ponto, nada existia.
6. Objetos contingentes requerem algo que existe para trazê-los à existência.
7. Se nada existisse no passado, nada contingente existiria agora.
8. Existem coisas contingentes.
9. Portanto, nem tudo é contingente.
10. Alguns objetos não são contingentes. Estes são objetos necessários.

Tendo estabelecido que deve haver objetos necessários, o argumento passa a considerar as causas de objetos necessários.

1. Os objetos necessários são causados por outro objeto necessário, ou não.
2. Não há regressão infinita de objetos necessários causando outros objetos necessários.
3. Portanto, a cadeia de causas termina num objeto necessário que é ele mesmo sua própria necessidade, ou seja, Deus.

Este argumento é formulado numa tentativa de expressar a [ideia de Tomás de Aquino](#) ponto, originalmente escrito em latim, em linguagem moderna. Ele usa "possibilidade" num sentido arcaico: [\[1\]](#)

"A 'possibilidade' em questão não é uma possibilidade lógica abstrata, mas sim algo 'inerente', uma tendência 'a ser corrompido' enraizada 'na natureza daquelas coisas... cujas a matéria está sujeita à contrariedade de formas' (QDP 5.3). Em outras palavras, dado que o assunto do qual as coisas da nossa experiência são compostas é sempre inerentemente capaz de assumindo formas diferentes daquelas que atualmente instanciamos, essas coisas têm uma espécie de instabilidade metafísica inerente que garante que, em algum momento, ponto deixar de existir."

Em certo sentido, o argumento baseia-se na tendência dos objetos de não existirem.

Contra-argumentos

Contingência e transitoriedade não implicam a inexistência passada de tudo

[Tomás de Aquino](#) aponta que objetos individuais passam a existir e desaparecem, dizendo implicitamente que eles tendem a não existir. Em outras palavras, um objeto individual "tende não existir". No entanto, a tendência dos objetos à inexistência não se generaliza para todos os objetos que tendem a não existir *ao mesmo tempo*. Seu argumento seria válido se a existência e a não-existência a existência de objetos era aleatória e o universo tinha material finito. Olhando para trás no tempo, tudo seria inexistente por acaso e esse estado de "tudo inexistente" não poderia chutar começar a história. Mas isto não é verdade em geral porque a existência e a inexistência não são aleatórias.

Objetos são construções mentais, o material de um objeto é mais fundamental. Enquanto uma casa pode ter sido criado, foi construído a partir de árvores pré-existentes. Se a casa pegar fogo, é destruído, mas cria cinzas. Em cada caso, os materiais, ou para ser mais específico, os átomos e a energia que constituía cada objeto continua a existir em outra forma. Objetos são melhores entendido como estando em fluxo ou transição para outros objetos. [Tomás de Aquino](#) argumenta que os objetos são "destruído", mas isso dificilmente é relevante quando os materiais persistem. O universo tende a ter leis de conservação, como a conservação da massa e da energia. Isto parece muito mais princípio universal do que o de [Tomás de Aquino](#) reivindicação de contingência e transitoriedade.

Com base na nossa experiência, os materiais do universo continuaram a existir, em diversas formas. Nós podemos, portanto, supor que os materiais sempre existiram, talvez em diferentes formas ou em formas desconhecidas.

Suposição de que uma regressão infinita não pode acontecer

Artigo principal: [A regressão infinita não ocorre](#)

O argumento assume [regressão infinita não pode ocorrer](#), mas isso é difícil de estabelecer se for verdadeiro.

Os processos naturais não estão descartados

Os processos naturais não estão descartados. O universo ou algum processo físico pode ter a propriedade de existir necessariamente.

Nenhum Deus específico é apoiado pelo argumento

Artigo Principal: [A primeira causa implica que Deus existe](#)

[Nenhum Deus específico](#) é apoiado pelo argumento e os atributos de Deus não podem ser inferido. A conclusão dificilmente é relevante para a religião. O argumento não governa fora o politeísmo ou panteísmo.

Prova por lógica

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

As provas lógicas puras não podem dizer nada sobre questões de fato.

Os objetos podem surgir espontaneamente

Artigo principal: [Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#)

O argumento afirma que "objetos contingentes requerem algo que existe para trazê-lo à existência." No entanto, esta é sem dúvida uma falsa afirmação e uma [generalização precipitada](#). É possível que alguns eventos, particular na escala quântica, não têm causas (ou pelo menos temos não entendemos completamente a causa neste momento). Isso também é conhecido como o [problema de Glendower](#).

Referências

1. [1.0 1.1](#) Edward Feser, *Aquino: um guia para iniciantes*, Oneworld

Publicações 2009 [\[1\]](#) [_____](#)

Veja também

ÿ [Por que existe algo em vez de nada?](#)

Argumento cosmológico



Para mais informações, consulte [a Wikipédia artigo:](#)

[Argumento cosmológico](#)

O **argumento cosmológico** é um argumento a favor de Deus baseado no princípio de que tudo tem um causa. O argumento também é conhecido como **argumento da primeira causa**, **causa não causada** argumento, argumento **da existência** e **argumento causal**. Um dos mais influentes declarações do argumento foram de [Tomás de Aquino](#):

"Nada é causado por si mesmo. Todo efeito tem uma causa anterior. Isso leva a uma [regressão](#). Esse tem que ser encerrado por uma causa primeira, que chamamos [de Deus](#)".

Existem algumas variantes populares do argumento cosmológico, incluindo:

• [Kalam](#), que argumenta que as coisas que não passam a existir não requerem uma causa, e

• [Por que existe algo em vez de nada?](#), que discute a cadeia de eventos ou estado de o universo requer uma explicação extra.

• [Argumento cosmológico de Leibniz](#), usa uma cadeia de explicações em vez de uma cadeia de causas.

Depende da premissa de que "tudo o que existe requer uma explicação"; esse conceito é conhecido como [princípio da razão suficiente](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Regressão infinita](#)
 - o [2.2 Por que assumir que a causa primeira é divina?](#)
 - o [2.3 Súplica especial a respeito de Deus existir fora do tempo](#)
 - o [2.4 Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#)
 - o [2.5 Explicação pouco parcimoniosa](#)
 - o [2.6 Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato](#)
- [3 Veja também](#)

Argumento Formal

O argumento é assim:

1. Tudo o que existe deve ter uma causa.
2. Se você seguir a cadeia de eventos de trás para frente no tempo, [ela não poderá voltar infinitamente](#), então, eventualmente, você chega à primeira causa.

3. Esta causa deve, em si, ser incausada.
4. Mas nada pode existir sem causa, exceto Deus.
5. Portanto, Deus existe.

Contra-argumentos

Muitas das críticas ao [motor imóvel argumento se aplica](#) aqui.

Regressão infinita

Artigo principal: [A regressão infinita não ocorre](#)

A resposta mais concisa a este argumento é: "[Quem criou Deus?](#)", que por sua vez aumenta a pergunta "Quem criou o criador de Deus?", e assim por diante, ad infinitum. Isto conhecido como regressão infinita ou "[São tartarugas até o fundo](#)".

Não é necessariamente impossível que exista uma cadeia infinita de causas e efeitos.

Entre os cientistas, é amplamente aceito que o nosso universo começou com o Big Bang. mas nós não sabemos o que ocorreu na primeira fração de segundo após o Big Bang, nem podemos comentar em tudo o que veio antes dele, já que ainda não foram concebidos experimentos que pudessem testar quaisquer hipóteses sobre esses primeiros momentos. (Para uma discussão mais aprofundada sobre este tópico, consulte a [grande explosão](#) artigo.)

Alguns alegaram que, com um passado infinito, nunca poderíamos chegar ao agora. Inverta o infinito: uma infinidade de segundos não se estende para o futuro, eternamente? A partir de um futuro infinito, você pode ir um segundo antes disso, e um segundo antes disso, ad infinitum, e chegar agora?

Resposta possível: [A segunda lei da termodinâmica implica que o universo tem idade finita](#)

Por que assumir que a primeira causa é divina?

Artigo principal: [Qual deus?](#)

Processos naturais e múltiplos criadores não estão descartados.

Mesmo se admitirmos que existe uma causa primeira, não faz sentido assumir que seja qualquer tipo de deus, muito menos [Yahweh](#). A idéia de um deus inteligente e criador do universo "apenas existente" é **muito** mais difícil de explicar do que o próprio universo "apenas existente". [Inteligência é](#) uma das coisas mais complexas que conhecemos no universo. Assumir a existência de um ser tão inteligente que pode projetar um universo inteiro, bem como microgerenciar a vida pessoal de bilhões de pessoas na terra através da oração, exigiria uma enorme quantidade de explicações.

Súplica especial a respeito de Deus existir fora do tempo

Há uma contradição entre a primeira afirmação e a segunda afirmação. Se

"tudo que existe tem uma causa" então não pode existir nada que não exista

tem uma causa, o que significa que não há causa primeira. Ou algumas coisas podem existir sem causas, ou nada pode. Não pode ser dos dois lados. Deus é considerado isento de regressão infinita por meio de [petição especial](#).

Mudar "Tudo o que existe tem uma causa" para "Tudo o que *começa* a existir tem uma causa" produz uma variante conhecida como argumento [cosmológico](#) Kalam.

Cristãos tentam evitar [o regresso de Deus](#) dizendo: "Deus não precisa de uma causa porque Ele está fora do tempo." Esta é uma não-resposta simplista. Se tudo o que é necessário para obter em torno do argumento da primeira causa é uma entidade que existe fora do tempo, então todos nós O que precisamos fazer é postular uma única partícula que existe fora do tempo e desencadeou o Big Bang. Não precisa ter quaisquer poderes adicionais. Além disso, esta partícula pode até existe, dependendo de como você define "fora do tempo". Os fótons (partículas de luz) fazem não experimentam o tempo, pois se movem à velocidade da luz. Portanto, de acordo com segundo este argumento, a luz pode surgir sem causa.

Os teístas objetarão que esta partícula deveria ter uma causa. Mas eles já refutou este argumento ao admitir que existe uma causa não causada no primeiro lugar. Se Deus pode existir sem causa, por que não uma partícula? Por que não o universo? Isto pode ser que o universo seja o ser necessariamente existente e seja impossível que ele seja em qualquer outro estado.

Nem todos os eventos têm necessariamente causas

Artigo principal: [Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#)

O argumento afirma que "tudo o que existe tem uma causa". No entanto, isso é sem dúvida uma afirmação falsa e uma [generalização precipitada](#). É possível que alguns eventos, particularmente na escala quântica, não têm causas (ou pelo menos não entendemos completamente a causa neste momento).

Algumas versões do argumento cosmológico baseiam-se em cadeias de explicações a partir de fenômenos observados. No entanto, tal explicação pode não existir e os fenômenos podem ser um "fato bruto". Isso é conhecido como [Glendower problema](#).

Explicação pouco parcimoniosa

Artigo principal: [gambito Ultimate 747](#)

A hipótese de Deus não é apenas desnecessária, mas também não é [parcimoniosa](#). Em para explicar algo aparentemente planejado e que não pode criar a si mesmo, um ser é conjurado à existência, o que exigiria até mesmo explicação mais improvável.

Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

No geral, este argumento é um exemplo de [prova pela lógica, onde](#) filósofos tentam "demonstrar" Deus com um silogismo lógico sozinho, desprovido de qualquer evidência confirmatória. Isto é indiscutivelmente inadequado para estabelecer questões de fato.

Veja também

• [Motor imóvel](#)

• [Argumento da contingência](#)

Argumento de ajuste fino



Para obter mais informações, consulte [o arquivo TalkOrigins](#) artigo:

[O Princípio Antrópico](#)



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Universo afinado](#)



Com constantes físicas diferentes, o universo pareceria bem diferente.

Na [cosmologia](#), o **ajuste fino** refere-se ao equilíbrio preciso das [constantes cosmológicas](#) que permite o [universo observável](#) existir como existe. Se as constantes fossem ligeiramente diferentes, o universo seria significativamente diferente. Existem muitas dessas constantes físicas, incluindo: a velocidade da luz, a taxa de expansão do universo, a força da gravidade, a força nuclear forte e a força eletromagnética. O **argumento do ajuste fino** afirma que esses valores que ocorrem em tal estado preciso por mero acaso é altamente improvável, e que deve ter havido um criador para definir sintonizar esses valores para que nosso universo exista como existe e para que a vida exista na Terra.

O argumento do ajuste fino é bastante novo. Só se tornou popular desde meados da década de 1990 com observações recentes sobre o universo observável e constantes cosmológicas. Cosmólogos teorizaram que mesmo pequenas variações nos valores dessas constantes teriam resultado em um universo radicalmente diferente ou totalmente inadequado para sustentar a vida como a conhecemos.

"O cosmos está ajustado para permitir a vida humana. Se alguma das várias constantes fundamentais fossem apenas ligeiramente diferentes, a vida seria impossível. (Essa afirmação também é conhecida como princípio antrópico fraco.)[1]" —

"Acreditar que os fatos e números aqui detalhados não são mais do que felizes

coincidência, sem dúvida constitui um exercício de fé maior do que o do

Cristão que afirma o design teísta do universo. [2] "

"Na verdade, o universo foi especificamente ajustado para permitir a vida na Terra - um planeta com pontuações

de condições improváveis e interdependentes de suporte à vida que o tornam um pequeno oásis em um

universo vasto e hostil.[3] "

Essencialmente, este argumento é apenas uma variação do [argumento do design](#) mas usa cosmologia em vez de problemas biológicos. Assim como os mistérios biológicos foram resolvidos pelos cientistas, o mesmo pode acontecer com os mistérios da cosmologia. O ajuste fino depende muito no [argumento da ignorância](#) falácia, [deus das lacunas](#) e [transferindo o fardo de prova](#). Além disso, este argumento é essencialmente o mesmo que o [princípio teísta antrópico](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [Parâmetros específicos ajustados](#)
- 2 [O argumento](#)
 - o 2.1 [A hipótese teísta é mais provável](#)
 - o 2.2 [Argumento de coincidências cósmicas](#)
 - o 2.3 [Ajustado para descoberta](#)
- 3 [Contra-apologética](#)
 - o 3.1 [Falsa dicotomia, argumento da ignorância](#)
 - o 3.2 [Não é evidência de Deus](#)
 - 3.2.1 [Contra-argumento do pelotão de fuzilamento](#)
 - o 3.3 [Uso inválido de probabilidade](#)
 - 3.3.1 [Assumindo que os parâmetros são contingentes](#)
 - 3.3.2 [Os parâmetros não são necessariamente independentes](#)
 - 3.3.3 [Argumento ou analogia da maioria](#)
 - 3.3.4 [Os processos naturais não são aleatórios](#)
 - o 3.4 [Os apologistas não ficariam satisfeitos com uma explicação científica](#)
 - o 3.5 [O multiverso?](#)
 - 3.5.1 [Argumentos contra o Multiverso](#)
 - 3.5.2 [O Multiverso deve ter tido um começo](#)
 - 3.5.3 [Regressão infinita](#)
 - 3.5.4 [Não pode haver um número infinito real de universos](#)
 - 3.5.5 [Qualquer coisa pode ser explicada pelo multiverso](#)
 - o 3.6 [Preparado para a vida ou algo mais?](#)

- [3.6.1 Exemplo ilustrativo](#)
- o [3.7 Assume que a vida “como a conhecemos” é o único tipo de vida](#)
 - [3.7.1 Nenhuma evidência de outros tipos de vida](#)
 - [3.7.2 Não existiriam átomos](#)
- o [3.8 Regressão infinita](#)
- o [3.9 Explicação ruim](#)
- o [3.10 O ajuste fino foi necessário para a existência do designer?](#)
- o [3.11 Implorando a questão](#)
- o [3.12 Argumento de design ruim](#)
 - [3.12.1 O universo é maior que o necessário](#)
 - [3.12.2 O universo é amplamente hostil à vida](#)
 - [3.12.3 Deus criou detalhes que são desnecessários para a vida](#)
- o [3.13 Deus Onipotente poderia criar vida em qualquer lugar](#)
 - [3.13.1 Falta de evidências de onipotência](#)
 - [3.13.2 Irrelevância do ajuste fino de acordo com TAG](#)
- o [3.14 Alguns parâmetros não precisam de ajuste fino](#)
- o [3.15 Conclusão fraca](#)
- [4 referências](#)
- [5 Veja também](#)
- [6 links externos](#)

Parâmetros específicos ajustados

Existem muitas constantes físicas que, se variadas, resultariam em uma variação muito diferente. universo. Esses incluem:

• Pontos fortes das forças fundamentais.

• “Outro valor bem ajustado é a força nuclear forte que mantém os átomos -

e, portanto, importam – juntos.” [2] A força nuclear forte é a força

que une prótons e nêutrons no núcleo de um átomo.

Os cientistas calcularam que variações na força forte tão pequenas quanto

±1% teria afetado drasticamente a degradação de ocorrências naturais

elementos do universo, proibindo a formação de estrelas, buracos negros,

e outros fenômenos naturais.

• Gravidade [3] —

• “A taxa na qual o universo se expande deve ser ajustada com precisão para uma parte

10^{-55} .” [2] A taxa de expansão da matéria após o Big Bang tinha que ocorrer em

precisamente a taxa certa para permitir que nosso universo se forme como se formou. se ele tivesse ampliado

mais rápido, a matéria teria se dissipado muito rapidamente para as estrelas e os sistemas solares formar. Se tivesse ocorrido mais lentamente, o universo teria entrado em colapso logo após o Big Bang, resultando no que é conhecido como [Big Crunch](#). [3] —

• Protuberância da densidade do universo, como visto no fundo cósmico radiação.[2]—

• Proporção de prótons e elétrons. [2] —

• A distância Terra-Sol. [4] —

• A inclinação do eixo da Terra (a vida provavelmente poderia sobreviver com menos inclinação) [4][3]

• A composição da atmosfera terrestre. [4][3] —

• Transparência atmosférica (que nem sequer é um constrangimento real à vida) [3] —

• A Lua estabilizando a rotação da Terra. [3] —

• Velocidade da luz [3]

• Júpiter protegendo a Terra de muitas colisões de asteróides [3] —

• Espessura da crosta terrestre [3] —

• Duração do Dia da Terra (que nem sequer é uma restrição real à vida) [3] —

• Raios (que nem sequer são uma restrição real à vida) [3] —

• Terremotos (que nem sequer são uma restrição real à vida) [3] —

O argumento

Aqui está [o Drange](#) formulação: [5] —

1. A combinação de constantes físicas que observamos em nosso universo é a única alguém capaz de "origem, desenvolvimento e continuação da vida como a conhecemos".
2. Outras combinações de constantes físicas são concebíveis e igualmente prováveis.
3. Portanto, é necessária alguma explicação por que a nossa combinação real de constantes existem em vez de uma diferente.
4. A ocorrência de vida é "uma característica muito especial" do nosso universo. Isto exige explicação.
5. A melhor explicação para a vida no nosso universo é que ela é "um produto de [inteligência](#) [projeto](#)".
6. Portanto, há evidências muito boas da existência de um projetista inteligente.

Os teístas citam este notável equilíbrio de constantes cosmológicas como evidência de um criador, sendo um conjunto de circunstâncias muito improvável para ter ocorrido naturalmente. Alguns apologistas estabelecem uma escolha entre tipos de explicações ou causas e depois descartam as alternativas para encontrar o real.

"Qual é a melhor explicação para este fenômeno surpreendente? Existem três opções reais. O ajuste fino do universo se deve à necessidade física, ao acaso ou ao design. Qual dessas opções é a mais plausível?"

-William Lane Craig[6]

O ajuste fino está rapidamente se tornando o argumento de escolha do [criacionismo](#) [proponentes](#) como [Lee Strobel](#). Strobel apresenta este conceito como evidência empírica incontestável de Deus em seu livro [The Case for a Creator](#).

A hipótese teísta é mais provável

Uma versão do argumento do ajuste fino é baseada em probabilidades:

"nossa existência como seres corporificados e inteligentes é extremamente improvável sob a hipótese ateísta do universo único (já que nossa existência requer ajuste fino), mas não improvável sob o teísmo. [7]"

Este argumento falha porque pretende avaliar a probabilidade de o nosso universo ter as propriedades que possui por processos naturais ou pelo acaso. Esta informação é atualmente desconhecida pelos humanos.

Argumento de coincidências cósmicas

Uma variante do argumento pergunta por que vários factos astronómicos parecem ser adaptados para melhorar a nossa apreciação do universo, como o tamanho aparente da lua que torna possíveis os eclipses totais. Juntamente com as falhas habituais no argumento, também sofre da [falácia da projeção](#). [8]

"O eclipse de hoje fornece outro exemplo do chamado "ajuste fino". [9]"

"Por que subscrever as incríveis probabilidades de que a inclinação e a posição do nosso planeta em relação ao Sol sejam mera coincidência?" [10]"

Indiscutivelmente, isto está mais intimamente relacionado [com o argumento do design](#) do que bem ajuste de constantes físicas. Alguns exemplos também se baseiam no [argumento de experiência estética](#).

Ajustado para descoberta



Para obter mais informações, consulte [o arquivo TalkOrigins](#) artigo:

[Ajustado para descoberta](#)

"as condições mais adequadas para a vida também proporcionaram o melhor cenário geral para a realização de descobertas científicas.[2]"

Esta é uma afirmação bastante absurda, especialmente para cientistas profissionais. O universo é difícil de explorar e investigar. Muitos fenómenos estão distantes, são minúsculos, ocorrem em longas escalas de tempo, apenas evidentes em circunstâncias raras, invisíveis ou difíceis de detectar. De qualquer forma, por que

Deus iria querer que descobríssemos isso quando ele poderia simplesmente nos dizer diretamente?

Contra-apologética

A maioria ou todos os contra-argumentos [para o argumento do design](#), [o argumento da lei natural](#), e [o princípio antrópico](#) também são contra-argumentos ao ajuste fino.

Falsa dicotomia, argumento da ignorância

O argumento do ajuste fino é baseado na dicotomia de:

• Os parâmetros do universo são uma "feliz coincidência"

• ou Deus selecionou os parâmetros para cumprir algum propósito.

Esta é uma [falsa dicotomia](#). Um garfo melhor seria:

• Os parâmetros do universo são uma "feliz coincidência",

• ou Deus selecionou os parâmetros para cumprir algum propósito,

• ou o universo não poderia ser diferente do que é,

• ou algum processo natural desconhecido fez com que o universo fosse como é.

O problema é que é quase impossível descartar as duas últimas opções, tornando o argumento um [argumento da ignorância](#) e [deus das lacunas](#). Os [apologistas muitas vezes confundem](#) processos naturais com processos aleatórios, o que os leva a igualá-los. O argumento é essencialmente o mesmo que dizer "a iluminação ocorre e **Thor** é a melhor explicação" numa época anterior à compreensão [da](#) eletricidade.

"Nunca haverá um Isaac Newton por uma folha de grama."

- [Emanuel Kant](#)

[Sean Carroll](#) apontou que havia um gênio que fez o mesmo com a grama e com a biologia em geral: [Charles](#)

[Darwin](#). [\[11\]](#) [Não é absurdo esperar](#) que exista um gênio semelhante que possa um dia resolver o mistério cosmológico.

Não é evidência de Deus

Em grande parte, o próprio argumento depende da estreita gama de propriedades que o universo deve desenvolver para permitir a vida. Mas, este intervalo estreito é precisamente o intervalo necessário para que a vida neste universo ocorresse naturalmente se Deus não existisse.

"Os seres inteligentes destas regiões não deveriam, portanto, ficar surpresos se observarem que a sua localização no universo satisfaz as condições necessárias para a sua existência. É um pouco como uma pessoa rica que vive num bairro rico e não vê qualquer pobreza."

-[Stephen Hawking](#)

"Da mesma forma, o "ajuste fino" das constantes físicas do universo: isso seria uma grande prova - se não fosse exatamente a mesma coisa que veríamos se um deus não existisse."

-[Ricardo Transportador](#) [\[12\]](#)

"Imagine uma poça acordando uma manhã e pensando: 'Este é um interessante mundo em que me encontro, um buraco interessante em que me encontro, cabe perfeitamente em mim, não é? Na verdade, ele me cabe incrivelmente bem, deve ter sido feito para me acomodar nele! Esta é uma ideia tão poderosa que, à medida que o sol nasce no céu e o ar aquece e à medida que, gradualmente, a poça fica cada vez menor, ainda está agarrando-se freneticamente à noção de que tudo vai ficar bem, porque este mundo foi feito para tê-lo nele, foi construído para tê-lo nele; então o momento ele desaparece e o pega de surpresa. Eu acho que isso pode ser algo que nós precisa estar atento."

-[Douglas Adams](#)

Contra-argumento do pelotão de fuzilamento

Os apologistas comparam esta resposta a sobreviver à execução de um pelotão de fuzilamento porque todos os atiradores "erraram". Eles ressaltam que é mais provável que nunca tenham tido a intenção de matar, em vez de terem uma pontaria ruim. Da mesma forma, poderíamos perguntar qual é a explicação mais provável para o universo.

"Claro que todos os tiros foram errados, caso contrário eu não estaria aqui para perceber que estou ainda vivo!"^[13]

Isto remonta a fazer afirmações probabilísticas sobre o universo, que o apologista ainda não estabeleceu de forma confiável (uma vez que está atualmente além do conhecimento humano).

Outro problema é que a explicação que os atiradores erraram propositalmente é uma explicação *testável*, enquanto a explicação de "Deus fez isso" não o é. Isso se aplica tanto a Deus salvando você de um pelotão de fuzilamento quanto à seleção das propriedades do universo. ^[14]

Uso inválido de probabilidade

"Premissa 2. A existência do ajuste fino é muito improvável sob a hipótese ateísta do universo único."^[7]

"O astrofísico [e apologista do criacionismo] Hugh Ross calculou o probabilidade de que estas e outras constantes - 122 no total - existiriam hoje para qualquer planeta no universo por acaso (ou seja, sem desígnio divino). Supondo que existam 1.022 planetas no universo (um número muito grande: 1 com 22 zeros depois dele), sua resposta é chocante: uma chance em 10.138 – é uma chance em um com 138 zeros depois!"^[3]

O argumento assume que existe uma certa faixa de valores que cada constante física poderia assumir. Quanto maiores forem esses intervalos, mais improvável será que um determinado conjunto de constantes assuma os valores que observamos. No entanto, simplesmente imaginar uma certa gama de valores numéricos possíveis que cada constante poderia assumir e calcular a probabilidade de que esse valor fosse alcançado por mero acaso é falacioso por duas razões. Atualmente, não temos acesso a dados que nos digam a) qual intervalo as constantes poderiam assumir na realidade

eb) quantas tentativas ocorreram em que as constantes assumiram determinados valores ([falácia do atirador de elite do Texas](#)). Se numa loteria um número fosse sorteado de um pote de cinco números, então ganhar na loteria se tornaria comparativamente provável. Da mesma forma, mesmo que uma tentativa com um resultado extremamente improvável - por exemplo, ganhar uma lotaria nacional real - fosse repetida um número suficiente de vezes, o resultado provavelmente ocorreria em geral.

Para evitar um [argumento de ignorância](#), um apologista deve descartar *todos* os outros hipóteses, incluindo hipóteses ainda desconhecidas, para apresentar um argumento por eliminação. É quase impossível descartar todas as hipóteses não descobertas em um campo até agora distante da experiência humana. Contudo, sem fazer isso, o apologista inevitavelmente argumenta [com base na ignorância](#), e comete [deus do](#) [lacunas](#).

Assumindo que os parâmetros são contingentes

"O grupo particular de valores que existe para as constantes físicas fundamentais de nosso universo (chame-o de "GPC") é apenas um entre um grande número de diferentes grupos de valores, todos fisicamente possíveis (ou seja, não descartados por leis mais básicas).[5]"

O argumento pressupõe que existe uma certa gama de valores possíveis que constantes podem levar. Não sabemos se isso é verdade, não temos ideia de quais valores as constantes podem assumir ou se podem assumir outros valores.

"Não há razão ou evidência que sugira que o ajuste fino seja necessário."

-[William Lane Craig\[6\]](#)

O apologista está novamente [transferindo o ônus da prova](#). São eles que precisam demonstrar que "as propriedades do universo são contingentes, não necessárias" para que seu argumento funcione. Dizer "não temos provas em contrário" é um [argumento baseado na ignorância](#).

"De acordo com a hipótese ateuista do universo único, existe apenas um universo, e é, em última análise, um facto inexplicável e "bruto" que o universo existe e está afinado. [7]"

Esse não é o caso e é um [espantoso argumento](#). Os célicos dizem que as propriedades do universo *podem* ser **atos brutos** ou possivelmente explicável em algum momento no futuro, mas o [ônus da prova](#) está no [apologista](#) para mostrar que este não é o caso. Até agora, eles apenas ofereceram vários [argumentos baseados na ignorância](#).

Os parâmetros não são necessariamente independentes

Para que o argumento da probabilidade seja válido, as constantes fundamentais sob consideração deve ser independente. Ou seja, não se pode afirmar que a constante gravitacional e a velocidade de expansão do universo foram sintonizadas individualmente, uma vez que estão claramente relacionadas. A força eletromagnética é mediada por fótons sem massa que viajam à velocidade da luz, portanto, a força desta força está provavelmente relacionada à velocidade da luz. Relacionamentos semelhantes ainda podem surgir entre outras constantes. Ignorar isso resulta em um [deus das lacunas](#).

Argumento da maioria ou analogia

"Ao olhar para os dados, muitas pessoas acham muito óbvio que o ajuste fino é altamente improvável sob a hipótese ateísta do universo único. [7]" —

Não é sensato recorrer [à maioria ao discutir](#) um assunto que está muito longe removido da experiência das pessoas. A intuição humana pode ser bastante enganosa neste caso.

"Assim, a partir desta analogia, parece óbvio que seria altamente improvável para que o ajuste fino ocorra sob a hipótese ateísta do universo único - isto é, para que o dardo atinja o tabuleiro por acaso.[7]" —

Uma [analogia](#) pode ser válido ou inválido. Só podemos saber a sua validade com alguns outros dados ou experiência. Por esta razão, as analogias não são apropriadas quando podem ser verificadas de forma independente. Este não é o caso aqui.

Os processos naturais não são aleatórios

Os apologistas muitas vezes confundem processos naturais com processos aleatórios, o que os leva a igualá-los. Os processos naturais ocorrem por *necessidade*. Se as propriedades do universo fossem determinadas por processos naturais, seria inapropriado aplicar probabilidade porque o acaso não entra nisso.

Os apologistas não ficariam satisfeitos com uma explicação científica

Os apologistas objetam dizendo que qualquer lei que explique os parâmetros ou o relacionamento entre eles também exigiria uma explicação, levando a [uma regressão infinita](#).

"o problema de postular tal lei é que ela simplesmente move a improbabilidade do ajuste fino um nível acima, para o da própria lei física postulada[7]" —

"isso resulta essencialmente em um problema de ajuste fino, mesmo para Teorias de Tudo.[15]" —

Se o argumento do ajuste fino for resolvido por descobertas científicas, os apologistas [ainda não ficaria satisfeito](#). Eles [movem as traves ao argumento da lei natural](#). Esta não é uma forma razoável de argumentar e o argumento do ajuste fino provavelmente deveria ser abandonado pelo argumento da lei natural, uma vez que os apologistas não ficarão satisfeitos com uma explicação científica de qualquer maneira. Se as leis naturais fossem

explicado de alguma forma, os apologistas provavelmente passariam a perguntar por que existe algo em vez de nada? Isto ilustra novamente que o ajuste fino argumento é irrelevante.

O multiverso?

Alguns cientistas teorizam que, dada a natureza infinita do tempo e do espaço, um número infinito de outros universos inobserváveis poderiam existir paralelos ao nosso, cada um com infinitas variações de constantes. Isso é conhecido como **teoria do multiverso**. Dadas infinitas possibilidades, o a formação de um universo como o nosso não é tão inconcebível. Não há evidência de o multiverso até agora, mas os cientistas estão procurando ver se existe alguma interação entre o nosso universo e outros universos; isso pode acontecer na escala cósmica. É importante lembrar que a existência do multiverso não precisa ser provada para minar o argumento do ajuste fino, mas apenas que é uma *possibilidade*.

"Observe que a existência do multiverso não precisa ser provada para invalidar a precisão argumento de ajuste para um criador. Só precisa ser uma alternativa possível.

No entanto, os teólogos se opuseram veementemente ao multiverso. [16] "

Uma maneira de olhar para o multiverso é imaginar alguém afirmando ser vidente e ganhando na loteria três vezes consecutivas. Isso parece ser uma boa evidência.

No entanto, se eles comprassem todas as combinações possíveis de números para cada uma dessas loterias, esse feito não exigiria nenhuma habilidade psíquica.

Argumentos contra o Multiverso

A ideia do multiverso é especulativa:

"Em primeiro lugar, e mais significativamente, não há evidências disso ![3] "

Um argumento por analogia é que os humanos acreditaram que a Terra era o único planeta, depois acreditaram que este sistema solar era o único, depois acreditaram que esta galáxia era a única. Cada vez que eles estavam errados. Seguindo linhas semelhantes, é perfeitamente concebível que existam muitos universos. Contudo, o ônus da prova está no apologista, uma vez que afirmam que "este é o único universo", o que é uma premissa implícita do seu argumento.

Apologistas como William Lane Craig argumentam que para o multiverso funcionar como uma explicação, mais precisa ser conhecido.

"Se a MWH [muitas hipóteses mundiais] for considerada uma hipótese plausível, então algum mecanismo plausível para gerar os muitos mundos precisa ser explicado. [17] "

Este não é o caso. É claro que ele está correto ao dizer que o MWH é muito especulativo, mas é plausível sem uma compreensão completa dos seus detalhes. Isto

pode ser que um dia possamos viajar para outros universos, mas ainda não temos compreensão de sua origem. Também está [a transferir o ônus da prova](#) porque isso está no apologista para provar que este universo é o único, que é necessários para que seu argumento funcione.

Os apologistas são geralmente críticos das teorias do multiverso, mas suas críticas não entende a questão: eles também têm que descartar *todas* as outras explicações plausíveis, incluindo aqueles que ainda não foram considerados pelos cientistas. Como a origem do universo está além da nossa experiência cotidiana, quase qualquer cenário é plausível. Descartá-los ainda não é praticamente possível, mas até está feito, o ajuste fino é um [argumento baseado na ignorância](#).

O Multiverso deve ter tido um começo

Os apologistas apontam que o multiverso deve ter tido um universo. Na verdade, isso deixa de ser um argumento de ajuste fino para se tornar um [argumento cosmológico](#), [que é o caso de mover as traves](#).

"O teorema de Borde-Guth-Vilenkin exige que o próprio multiverso não pode ser estendido ao passado infinito [17]"

Isso pressupõe que o multiverso experimenta o tempo de maneira normal e que está "se expandindo". A suposição inferior foi demonstrada para o multiverso, o que não é surpreendente porque nunca foi observado diretamente. Os apologistas fingem que a teoria da "inflação eterna" é a única teoria do multiverso e apresentam uma [falsa dicotomia](#) entre a inflação eterna e Deus. Muito pouco se sabe sobre o [multiverso para descartá-lo](#) como uma possibilidade, mas *continua sendo* uma possibilidade.

Regressão infinita

Os apologistas argumentam que o multiverso, como explicação, sofre uma [regressão infinita](#).

"E o próprio gerador do universo exigiria uma enorme quantidade de ajustes finos!"

-William Lane Craig[6]

"mesmo que outros universos pudessem existir, eles precisariam de um ajuste fino para começar como fez o nosso universo (lembre-se da extrema precisão do Big Bang que descrevemos no último capítulo). Portanto, postular múltiplos universos não elimina a necessidade de um Designer – ela multiplica a necessidade de um Designer!"[3]"

É possível que o gerador do universo seja definido por leis naturais e não tem "parâmetros livres", portanto nenhum ajuste é

necessário (e o apologista pode mudar para o argumento [da lei natural](#)).

[Além disso](#), esta objeção é plausível, mas a mesma crítica pode ser dirigida à explicação de "Deus".

Steve Shives faz uma [analogia com flocos](#) de neve. Se uma pessoa afirma que um determinado floco de neve teve um designer, podemos apontar que esse floco de neve específico não é especial porque existem muitos flocos de neve igualmente especiais. A pessoa não pode argumentar razoavelmente que todos os outros flocos de neve requerem um projetista porque o imóvel que indicou o design já foi explicado. [18]

Se existir, não se pode dizer que o gerador do universo esteja bem sintonizado porque produz um número excessivo de universos aparentemente sem razão. Um Deus pode ser espera-se que seja mais parcimonioso e direcionado em suas ações. Tal situação prestar-se-ia a um [argumento de um design pobre](#).

Não pode haver um número infinito real de universos

"[...] como discutimos no último capítulo, um número infinito de coisas finitas - sejam elas estamos falando de dias, livros, bangs ou universos – é uma impossibilidade real. Não pode haver um número ilimitado de universos limitados.[3]"

Em primeiro lugar, como eles podem saber disso? Esta é apenas uma afirmação sem suporte.

Em segundo lugar, os autores estão aplicando o seu princípio baseado em evidências *dentro do* universo a uma situação *fora* do nosso universo. Isso está longe de ser confiável. [18]

Além disso, pode haver um número finito, mas ilimitado, de outros universos (isto é, um universo [potencialmente infinito](#)), o que contornaria esta objeção. [18]

Qualquer coisa pode ser explicada pelo multiverso

"a Teoria dos Universos Múltiplos é tão ampla que qualquer evento pode ser explicado por isto. Por exemplo, se perguntarmos: "Porque é que os aviões atingiram o World Trade Center e o Pentágono?" não precisamos culpar os terroristas muçulmanos: a teoria nos permite dizer que estamos no universo onde esses aviões - embora parecessem ter voado deliberadamente contra os edifícios - na verdade atingiram os edifícios por acidente[3]"

Esta é uma falsa [analogia](#) porque as causas do nosso universo e as causas das ocorrências cotidianas têm diferentes quantidades de evidências disponíveis. A "causa" do universo é altamente especulativa, uma vez que há poucas evidências e podemos, portanto, considerar a hipótese do multiverso. As ocorrências diárias são repetíveis e necessitamos de [explicações mais preditivas e falsificáveis](#).

Este argumento também pode ser aplicado à explicação “Deus fez isso”: há literalmente nada que não possa explicar[18] —

Bem sintonizado para a vida ou algo mais?

Outra falha deste argumento é que ele assume que o nosso universo está perfeitamente ajustado para o único propósito de sustentar a vida. Este não é necessariamente o caso. Dado as leis do nosso universo, os cientistas teorizam que o nosso universo é composto de menos mais de 2% de matéria bariônica, ou seja, matéria constituída por prótons, nêutrons ou outros partículas iguais ou maiores que a de um próton. A matéria escura é de longe a mais forma comum de matéria em nosso universo. Nosso universo, na verdade, é muito mais mais adequado para a criação de buracos negros do que para sustentar a vida. [19] A vida em nosso planeta constitui apenas uma porção insignificante do nosso universo. Alguns apologistas argumentam que o universo deve estar bem ajustado para a vida *na Terra*, o que é basicamente [uma petição de princípio](#). [na medida em que](#) assume que a Terra é o único cenário possível para a existência de vida:

“Mesmo uma ligeira variação na velocidade da luz alteraria as outras constantes e excluiria a possibilidade de vida na Terra.” [3] —

A vida é apenas uma das coisas possíveis que podem surgir no universo e, por si só, não é mais nem menos importante do que qualquer uma dessas outras coisas. Acontece que, como seres vivos, tendemos a valorizar mais a vida do que outros aspectos do universo. Este é outro exemplo de preconceito dos humanos em relação ao [antropocentrismo](#) e o [viés de confirmação](#). [Os seres humanos evoluíram para se adaptarem ao seu ambiente](#), em vez de o nosso ambiente ter sido adaptado para nos servir - uma bandeira aponta para norte porque o vento sopra para norte; o vento não sopra para norte para *permitir que* a bandeira aponte para o norte.

Num universo hipotético com diferentes constantes físicas, pode haver uma fenômeno natural emergente que é muito mais complexo do que o surgimento da vida, a evolução da vida e a ecologia da vida. Este fenômeno, que chamaremos de “fenômeno x”, seria impossível em nosso universo porque nossas constantes físicas podem não permitir que o fenômeno x ocorra. Não há nenhuma razão objetiva pela qual a possibilidade de vida exija mais um afinador do que o fenômeno x. Também não há razão objectiva para que qualquer fenômeno natural, independentemente da sua complexidade, deva exigir mais um afinador do que outro. Hipoteticamente, se fosse demonstrado que algum tipo de vida é possível na maioria dos universos possíveis, mas o fenômeno dos relâmpagos só é possível neste, então um apologista poderia afirmar que, porque ocupamos o único universo possível com relâmpagos, este universo deve ter foi afinado.

Exemplo ilustrativo

Uma [redução ao absurdo](#) pode ser construído para demonstrar a fraqueza do argumento.

Se a vida é improvável, então a existência do espaguete é ainda mais improvável.

1. A combinação de constantes físicas que observamos em nosso universo é a única alguém capaz de sustentar o espaguete como o conhecemos.
2. Outras combinações de constantes físicas são concebíveis.
3. Portanto, é necessária alguma explicação por que a nossa combinação real de constantes existem em vez de uma diferente.
4. A melhor explicação para o fato apresentado é que nosso universo, com a combinação particular de constantes físicas que possui, foi criado do nada por um ser único que é onipotente, onisciente e interessado em espaguete, e que ele "ajustou" essas constantes de uma forma que levaria à evolução de tais alimentos.
5. Mas tal ser descrito em (4) é o que se entende por "[Espaguete Voador](#)".

6. Portanto [de (4) e (5)], há boas evidências de que o "Monstro do Espaguete Voador" existe.

Assume que a vida "como a conhecemos" é o único tipo de vida

"[nosso universo tem] o único grupo de valores para as constantes físicas fundamentais de um mundo (ou região do espaço-tempo) que permitiria a origem, o desenvolvimento e a continuação da vida como a conhecemos dentro desse mundo. [5]"

"É certamente verdade que se você mudar os parâmetros da natureza, as condições locais ao nosso redor mudariam muito. Eu garanto isso rapidamente. condições sob as quais a vida pode existir. Qual é a definição de vida, por exemplo? Se for apenas processamento de informação, pensamento ou algo parecido, há uma enorme panóplia de possibilidades."

-Sean [Carroll\[11\]](#)

O argumento do ajuste fino pressupõe que a vida como a conhecemos é a única forma possível. Se as constantes do universo fossem diferentes, isso não exclui a possibilidade de que a vida inteligente ainda pudesse surgir, embora numa forma atualmente inimaginável para nós. Perguntar como um determinado resultado poderia ter acontecido quando outros resultados teriam sido igualmente significativos comete a [falácia do atirador de elite do Texas](#). O apologista precisa mostrar que nenhuma outra forma de vida é possível, o que não é prático de fazer.

A premissa "nosso universo contém a única vida possível" é compatível com a conclusão "os humanos existem". No entanto, tentar usar a conclusão para apoiar a premissa é [afirmar o consequente](#) falácia.

Nenhuma evidência de outros tipos de vida

"Isso pressupõe que existem diferentes tipos de vida, algo para o qual não há absolutamente nenhuma evidência. "

Isto tenta [transferir o ônus da prova](#) sem uma justificativa válida. O ônus da prova de que "esta é a única forma de vida possível" recai sobre o apologista.

Nenhum átomo existiria

"Se [a força nuclear forte] fosse ligeiramente maior ou menor, nenhum átomo poderia existir além do hidrogênio. [7] "

Como o apologista sabe que a vida requer átomos?

Novamente, [argumento da ignorância](#). Pode haver uma maneira muito mais direta de a vida surgir em físicas muito diferentes e é a vida do nosso universo que é uma exceção. Os apologistas devem ter cuidado para não afirmar que a vida no nosso universo é típica da vida em geral, ou cometerão a [falácia dos holofotes](#).

Regressão infinita

Se houvesse um criador que "ajustasse" o universo para a nossa existência, que "ajustasse" o universo para que esse criador exista? Este argumento de um criador sofre uma regressão [infinita](#) . Se alguém contestar que o criador sempre existiu (como é comum), também poderíamos contestar que o universo sempre existiu de alguma forma. Qualquer uma das duas é uma suposição não comprovada.

Se Deus projetou o universo para sustentar a vida, isso significa que o próprio Deus tem características que levam para a criação da vida. O mesmo argumento aplica-se, portanto, ao nível superior – segue-se que Deus foi criado para criar vida. E este Deus-criador foi projetado para criar vida, e assim por diante. Se ele não existisse e sempre existisse, poderíamos igualmente dizer que o universo sempre existiu.

Explicação ruim

Artigo principal: [gambito Ultimate 747](#)

Deus supostamente é uma [explicação](#) para ajuste fino. No entanto, [Deus é um mistério](#) maior do que aquele que procuramos explicar. Uma explicação razoável dependeria de entidades *conhecidas* , em vez de usar um mistério para explicar outro.

Mesmo se aceitarmos as possíveis explicações do apologista, [Deus](#), [fato bruto](#) e o acaso têm valor explicativo igual (que é cerca de zero). Neste caso, podemos usar [a navalha de Occam](#) e descartar a hipótese de Deus.

Nos casos em que as explicações são pobres, não preditivas ou não verificáveis, é perfeitamente legítimo dizer "não sabemos porquê nem como!" Teístas, e humanos em geral, muitas vezes tenho uma aversão extrema à afirmação "[não sei](#)".

"Você poderia ao menos me culpar, se eu tivesse respondido a princípio que não sabia, e tinha consciência de que esse assunto estava muito além do alcance de minhas faculdades? poderia gritar cético e injurioso, tanto quanto você quisesse: mas tendo encontrado, em tantos outros assuntos muito mais familiares, as imperfeições e até mesmo contradições da razão humana, eu nunca deveria esperar qualquer sucesso de suas débeis conjecturas, em um assunto tão sublime e tão distante da esfera da nossa observação.[21] "

Acreditar que todo o universo existe para nosso benefício é consistente com o nosso **antropocentrismo**, mas não foi justificado por evidências. Crenças anteriores, como a de que a Terra está no centro do sistema solar, revelaram-se igualmente incorreta.

"A explicação teísta para o ajuste fino cosmológico [diz] eu sei por que é assim. É porque eu estaria aqui, ou nós estaríamos aqui. Mas não há nada em nossa experiência do universo que justifique a tipo de história lisonjeira que gostamos de contar sobre nós mesmos."

-Sean **Carroll**[11]

O ajuste fino era necessário para que o designer existisse?

O projetista dessas propriedades provavelmente existiria em um estado em que os parâmetros de ajuste fino não se aplicassem. Portanto, quaisquer propriedades consideradas necessárias à vida não podem ser necessárias à existência em primeiro lugar, pois o designer pode existir sem elas e está alegadamente "vivo". O argumento é auto-refutante.

"Por que Deus emitiu apenas essas leis naturais e nenhuma outra? Se você disser que ele fez isso simplesmente por sua própria vontade e sem qualquer razão, você descobrirá que há algo que não está sujeito à lei, e assim você treinará da lei natural é interrompida. Se você disser, como fazem os teólogos mais ortodoxos, que em todas as leis que Deus emite ele tinha uma razão para dar essas leis em vez de outras - a razão, é claro, sendo criar o melhor universo, embora você nunca pensaria nisso ao olhar para isso - se houvesse uma razão para as leis que Deus deu, então o próprio Deus estava sujeito à lei e, portanto, você não obtém nenhuma vantagem ao apresentar Deus como um intermediário."

— **Bertrand Russel**

Implorando a pergunta

Para que o argumento do ajuste fino faça algum sentido, é preciso começar com a suposição de que a humanidade *não* é um acidente, ou seja, que tem um

propósito (como resultar em vida), o que [levanta a questão](#) de um agente inteligente que lhe dá um propósito. Outra maneira pela qual os apologistas imploram a questão é afirmar que os parâmetros foram "selecionados" ou "cuidadosamente discados" como premissa para seu argumento: parâmetros selecionados implicam um seletor, ou seja, Deus.

"Os cientistas chegaram à chocante constatação de que cada um desses números foi cuidadosamente discado para um valor surpreendentemente preciso - um valor que se enquadra em uma faixa extremamente estreita e que permite a vida."

-William Lane Craig[6]

O que os cientistas realmente descobriram é que se as propriedades do universo fossem ligeiramente diferentes, isso resultaria numa situação extremamente resultado diferente. Quando os cientistas falam de "constantes ajustadas", eles (geralmente) não querem dizer isso literalmente.

Argumento de design ruim

Artigo principal: [Argumento de design ruim](#)

Alguns filósofos notaram que o argumento do ajuste fino não é um argumento muito bom para a existência de Deus, mas sim um argumento muito bom para a não existência de Deus.

Somente sob a suposição do ateísmo é que realmente precisamos desses valores exatos. Pois somente esses valores permitem que a formação da vida ocorra sem Deus e sem qualquer influências.

O argumento do ajuste fino é, na verdade, um grande argumento a favor do [ateísmo](#), que os [teístas estão](#) erroneamente reivindicando como evidência de Deus.

"O universo parece exatamente como deveria ser se Deus não existisse. Quão incrível é essa exatidão? Portanto, Deus existe." - Se o universo parecesse não poder existir apenas por acaso, os teístas afirmariam e afirmam que Deus existe nesse caso também. O universo ou não pode acontecer naturalmente e, portanto, Deus fez isso, ou o universo pode acontecer naturalmente e que feito incrível é isso e, portanto, Deus fez isso. Isto resulta em

um [Paradoxo de Brian](#).

O universo é maior que o necessário

"[Um] universo que nos produziu por acaso teria que ser enormemente vasto em tamanho e enormemente antigo, de modo a ter todo o espaço para misturar incontáveis produtos químicos inúmeras vezes em incontáveis lugares, de modo a ter qualquer chance de acidentalmente levantar algo como complexo como a vida. E esse é exatamente o universo que vemos: um universo enormemente vasto em tamanho e idade."

-Ricardo [Transportador](#) [12]

Se Deus existisse, em vez de precisar de 70 sextilhões de estrelas e 13,75 bilhões anos, só haveria necessidade de um planeta, em vez de haver mais planetas do que grãos de areia em todas as praias da Terra. A única razão pela qual este universo precisa ser tão vasto e tão antigo é se a vida ocorre aleatoriamente, sem qualquer projeto inteligente. Se a vida ocorre apenas por acaso, então qualquer vida que exista deveria existir em um universo incrivelmente vasto apenas para permitir que os produtos químicos necessários para dar início à vida tenham chances suficientes de acontecer para criar algo como complexo como a vida.

"Mesmo que Deus criasse um universo consistindo de apenas um organismo, o resto desse universo existiria para tornar esse organismo possível.[22]"

O resto do universo claramente não é necessário. Deus poderia simplesmente ter criado o sistema solar.

O universo é em grande parte hostil à vida

Pode ser útil perceber que a grande maioria do universo é inabitável por qualquer forma de vida, ainda que humana. Se existem tantas regiões do espaço, e na verdade do nosso próprio planeta, que são inabitáveis pela vida, então por que deveríamos chamar o universo de "ajustado"?

"Um universo sem Deus também produziria vida raramente e com moderação, e é isso também que vemos: de longe, a maior parte do universo é letal para a vida (sendo um vácuo mortal cheio de radiação) e, de longe, a maior parte da matéria no universo é letal à vida (constituindo estrelas e buracos negros nos quais nenhuma vida pode viver)."

-Ricardo [Transportador](#) [12]

A massa total da Terra é $5,9736 \times 10^{24}$ kg enquanto a biomassa total estimada na Terra é de cerca de 7×10^{13} kg. Isso significa que a porcentagem de vida na Terra é $1,17182269 \times 10^{-9}$. Aquilo é 0,00000000117%. A Terra, e muito menos o universo, dificilmente está afinada para a vida. O homem criou e testou [23] meios muito mais afinados para a vida simples, na forma de soluções especializadas de ágar que suportam proporções vida/meio muito superiores a 0,00000000117%. Além disso, a Terra anteriormente não era capaz de sustentar vida e um dia será incapaz de sustentar vida. Se fosse projetado para sustentar a vida, poderíamos esperar que sempre tivesse sido um suporte à vida. [18]

Deus criou detalhes desnecessários para a vida



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

Méson

Existem mais partículas elementares do que o necessário para a vida. Por exemplo, os mésons são extremamente raros no sistema solar e aparentemente não desempenham nenhum papel na vida.

Há também uma abundância excessiva de espécies de vermes e insetos, o que seria desnecessário se a vida humana fosse o objetivo do ajuste fino.

Deus Onipotente poderia criar vida em qualquer lugar

Se um [onipotente](#) Deus existe, a vida deve ser capaz de surgir sob qualquer conjunto de circunstâncias qualquer que seja, com infinitas possibilidades *mesmo sem ajuste fino*. Em outras palavras, a premissa “a vida requer ajustes finos” é falsa. No entanto, o argumento ainda pode funcionar sem isso premissa.

"Na verdade, todo o argumento do ajuste fino, em última análise, não faz sentido. Como meu amigo Martin Wagner observa, todos os parâmetros físicos são irrelevantes para um Deus onipotente. 'Ele poderia ter nos criado para viver em um vácuo se quisesse.' [24] "

Se as constantes necessariamente tivessem que ser o que são, isso implica que há algum conjunto de regras governantes que até Deus deve seguir, que substituem seu poder. Se Deus *teve* que ajustar o universo para esse conjunto específico de constantes porque não fazer isso não teria permitido que ele trouxesse vida à existência (e como eles afirmam em seu argumento, um conjunto diferente e não há vida), então Deus *não* é de fato onipotente. Isto é incompatível com a maioria das crenças teístas, particularmente com a [religião monoteísta abraâmica](#). [uns](#). Se houvesse regras estabelecidas que Deus tivesse que trabalhar usando ajuste fino, isso implica uma divindade superior a Deus.

Falta de evidências de onipotência

Um [onipotente](#) Deus poderia criar vida que não estivesse em conformidade com os processos físicos normais e não há nenhuma razão específica para pensar que ele se limitaria deliberadamente. O argumento a favor da intervenção sobrenatural seria muito mais plausível se os humanos se encontrassem flutuando no vácuo do espaço, num planeta tóxico sem oxigênio, ou em algum outro lugar onde a nossa sobrevivência contínua fosse um completo mistério para os cientistas. Tal como está, só encontramos vida em áreas onde os factos da biologia nos dizem que ela pode existir. Isto é exactamente o que esperaríamos se fôssemos produtos de processos naturais, e não produtos da onnipotência.

Irrelevância do ajuste fino de acordo com TAG

Para reafirmar o argumento, na forma do [argumento transcendental para a inexistência](#) de Deus:

Seja X "a combinação de constantes físicas que é necessariamente capaz de sustentar a vida" e Y seja "a combinação de constantes físicas que é necessariamente **incapaz** de sustentar a vida".

1. X é necessário, no todo ou em parte. Y é necessário, no todo ou em parte.
2. Se o teísmo for verdadeiro, então a criação divina obteve o universo.
3. Se a criação divina for verdadeira, então tudo no universo depende do ato de Deus criação, e nada no universo é necessário (Deus poderia ter criado *qualquer* universo).
4. Se o teísmo for verdadeiro, então nenhum X ou Y pode ser necessário ou ter uma parte necessária (de 2 e 3).
5. O teísmo é falso (de 1 e 4).

Se um teísta negasse a premissa 1, negaria o argumento do ajuste fino, uma vez que o primeiro

A premissa deste argumento é igual à primeira premissa do argumento do ajuste fino.

Em uma forma semelhante de argumento:

1. Se o teísmo for verdadeiro, então a causação divina obteve o universo.
2. Se a causalidade divina prevalecer, então todos os fatos do universo dependerão da vontade de Deus. ato de criação.
3. Se o teísmo for verdadeiro, então a vida pode surgir sob qualquer condição física possível. (a partir de 1 e 2)
4. Se o teísmo for verdadeiro, então o ajuste fino é inválido. (de 3)

Talvez a transição da premissa 2 para a 3 exija justificações adicionais. Denote as constantes físicas por {X; S; Z} e a obtenção da vida por L e negação por $\sim$.

Um fato do universo é que $\{X \rightarrow L; Y \rightarrow \sim L; Z \rightarrow \sim L\}$. Ou seja, X pode resultar em vida, e Y e Z não pode resultar em vida.

Visto que o fato depende do ato de criação de Deus, então não é necessário e, portanto, pode ser alterado.

Se puder ser alterado, então o seguinte pode ser verdadeiro $\{X \rightarrow L; S \rightarrow L; Z \rightarrow L\}$, tal que Deus poderia fazer qualquer coisa resultar em vida, ou a vida consistir em qualquer ambiente. Basicamente, X, Y e Z são irrelevantes para Deus se a causalidade divina prevalecer.

Alguns parâmetros não precisam de ajuste fino

"A partir desta discussão, vemos que a Terra está exatamente à distância adequada do Sol para manter a temperatura superficial adequada à vida e aos muitos processos geológicos importantes! Para o evolucionista a distância entre a Terra e o Sol é um acidente estranho, mas para o criacionista é um testemunho maravilhoso do planejamento de Deus. [4]"

Algumas das constantes usadas pelos apologistas não requerem ajuste exato. No que diz respeito à [zona Cachinhos Dourados](#), a distância que a Terra pode ter do Sol é de aproximadamente 37%, até Marte (sim, nosso sistema solar tem dois planetas na zona Cachinhos Dourados).

A questão é que a chamada precisão que encontramos não é tão precisa na realidade (este é um dos casos mais extremos, a maioria dos outros pode ser alterada, mas a diferença não é tanta).

Se todos os planetas estivessem dentro da zona Cachinhos Dourados, os apologistas poderiam ter algo a trabalhar com!

Conclusão fraca

O argumento do ajuste fino conclui que existe um projetista inteligente, mas isso não acontece. não implica necessariamente que seja Deus ou mesmo sobrenatural. Também diz relativamente pouco sobre os atributos do designer inteligente. O argumento do ajuste fino, portanto, tem uma conclusão fraca.

Não é necessário que o criador seja todo amoroso - ele poderia estar nos fazendo com o noção de nos torturar, pelo que sabemos. Não é necessário que o criador seja eterno- ele poderia ter fracassado na criação ou poderia ter morrido de algum causa. E também é desnecessário que o criador seja [onisciente](#) e/ou [onipotente-lá](#) são argumentos lógicos contra a proposição de [atributos tão contraditórios](#), e o [ser não](#) precisa ser todo-poderoso/sabedor - ele poderia ser muito, muito poderoso e saber muito, mas não tudo.

Usar a conclusão "o designer inteligente existe" para apoiar a premissa "um designer inteligente é onipotente, todo amoroso, etc." é [afirmar o consequente](#). _____

O argumento não apoia [nenhuma religião ou teologia específica](#). De acordo com o ajuste fino, [o deísmo](#) e [politeísmo](#) são tão prováveis quanto [o teísmo](#). _____

Referências

1. [y](#) Ross, Hugh, 1994. Evidências astronômicas de um Deus pessoal e transcendente. In: A Hipótese da Criação, JP Moreland, ed., Downers Grove, IL: InterVarsity Imprensa, pp. [2,0](#) [2,1](#) [2,2](#) [2,3](#) [2,4](#) [2,5](#)
2. [y](#) [3,0](#) [3,01](#) [3,02](#) [3,03](#) [3,04](#) [3,05](#) [3,06](#) [3,07](#) [3,08](#) [3,09](#) [3,10](#) [3,11](#) [3,12](#) [3,13](#) [3,14](#) [3,15](#) [3,16](#) [3,17](#) [3,18](#) Eu não [3,19](#) [3,20](#) [3,21](#) [3,22](#) [3,23](#) [3,24](#) [3,25](#) [3,26](#) [3,27](#) [3,28](#) [3,29](#) [3,30](#) [3,31](#) [3,32](#) [3,33](#) [3,34](#) [3,35](#) [3,36](#) [3,37](#) [3,38](#) [3,39](#) [3,40](#) [3,41](#) [3,42](#) [3,43](#) [3,44](#) [3,45](#) [3,46](#) [3,47](#) [3,48](#) [3,49](#) [3,50](#) [3,51](#) [3,52](#) [3,53](#) [3,54](#) [3,55](#) [3,56](#) [3,57](#) [3,58](#) [3,59](#) [3,60](#) [3,61](#) [3,62](#) [3,63](#) [3,64](#) [3,65](#) [3,66](#) [3,67](#) [3,68](#) [3,69](#) [3,70](#) [3,71](#) [3,72](#) [3,73](#) [3,74](#) [3,75](#) [3,76](#) [3,77](#) [3,78](#) [3,79](#) [3,80](#) [3,81](#) [3,82](#) [3,83](#) [3,84](#) [3,85](#) [3,86](#) [3,87](#) [3,88](#) [3,89](#) [3,90](#) [3,91](#) [3,92](#) [3,93](#) [3,94](#) [3,95](#) [3,96](#) [3,97](#) [3,98](#) [3,99](#) [4,00](#) [4,01](#) [4,02](#) [4,03](#) [4,04](#) [4,05](#) [4,06](#) [4,07](#) [4,08](#) [4,09](#) [4,10](#) [4,11](#) [4,12](#) [4,13](#) [4,14](#) [4,15](#) [4,16](#) [4,17](#) [4,18](#) [4,19](#) [4,20](#) [4,21](#) [4,22](#) [4,23](#) [4,24](#) [4,25](#) [4,26](#) [4,27](#) [4,28](#) [4,29](#) [4,30](#) [4,31](#) [4,32](#) [4,33](#) [4,34](#) [4,35](#) [4,36](#) [4,37](#) [4,38](#) [4,39](#) [4,40](#) [4,41](#) [4,42](#) [4,43](#) [4,44](#) [4,45](#) [4,46](#) [4,47](#) [4,48](#) [4,49](#) [4,50](#) [4,51](#) [4,52](#) [4,53](#) [4,54](#) [4,55](#) [4,56](#) [4,57](#) [4,58](#) [4,59](#) [4,60](#) [4,61](#) [4,62](#) [4,63](#) [4,64](#) [4,65](#) [4,66](#) [4,67](#) [4,68](#) [4,69](#) [4,70](#) [4,71](#) [4,72](#) [4,73](#) [4,74](#) [4,75](#) [4,76](#) [4,77](#) [4,78](#) [4,79](#) [4,80](#) [4,81](#) [4,82](#) [4,83](#) [4,84](#) [4,85](#) [4,86](#) [4,87](#) [4,88](#) [4,89](#) [4,90](#) [4,91](#) [4,92](#) [4,93](#) [4,94](#) [4,95](#) [4,96](#) [4,97](#) [4,98](#) [4,99](#) [5,00](#) [5,01](#) [5,02](#) [5,03](#) [5,04](#) [5,05](#) [5,06](#) [5,07](#) [5,08](#) [5,09](#) [5,10](#) [5,11](#) [5,12](#) [5,13](#) [5,14](#) [5,15](#) [5,16](#) [5,17](#) [5,18](#) [5,19](#) [5,20](#) [5,21](#) [5,22](#) [5,23](#) [5,24](#) [5,25](#) [5,26](#) [5,27](#) [5,28](#) [5,29](#) [5,30](#) [5,31](#) [5,32](#) [5,33](#) [5,34](#) [5,35](#) [5,36](#) [5,37](#) [5,38](#) [5,39](#) [5,40](#) [5,41](#) [5,42](#) [5,43](#) [5,44](#) [5,45](#) [5,46](#) [5,47](#) [5,48](#) [5,49](#) [5,50](#) [5,51](#) [5,52](#) [5,53](#) [5,54](#) [5,55](#) [5,56](#) [5,57](#) [5,58](#) [5,59](#) [5,60](#) [5,61](#) [5,62](#) [5,63](#) [5,64](#) [5,65](#) [5,66](#) [5,67](#) [5,68](#) [5,69](#) [5,70](#) [5,71](#) [5,72](#) [5,73](#) [5,74](#) [5,75](#) [5,76](#) [5,77](#) [5,78](#) [5,79](#) [5,80](#) [5,81](#) [5,82](#) [5,83](#) [5,84](#) [5,85](#) [5,86](#) [5,87](#) [5,88](#) [5,89](#) [5,90](#) [5,91](#) [5,92](#) [5,93](#) [5,94](#) [5,95](#) [5,96](#) [5,97](#) [5,98](#) [5,99](#) [6,00](#) [6,01](#) [6,02](#) [6,03](#) [6,04](#) [6,05](#) [6,06](#) [6,07](#) [6,08](#) [6,09](#) [6,10](#) [6,11](#) [6,12](#) [6,13](#) [6,14](#) [6,15](#) [6,16](#) [6,17](#) [6,18](#) [6,19](#) [6,20](#) [6,21](#) [6,22](#) [6,23](#) [6,24](#) [6,25](#) [6,26](#) [6,27](#) [6,28](#) [6,29](#) [6,30](#) [6,31](#) [6,32](#) [6,33](#) [6,34](#) [6,35](#) [6,36](#) [6,37](#) [6,38](#) [6,39](#) [6,40](#) [6,41](#) [6,42](#) [6,43](#) [6,44](#) [6,45](#) [6,46](#) [6,47](#) [6,48](#) [6,49](#) [6,50](#) [6,51](#) [6,52](#) [6,53](#) [6,54](#) [6,55](#) [6,56](#) [6,57](#) [6,58](#) [6,59](#) [6,60](#) [6,61](#) [6,62](#) [6,63](#) [6,64](#) [6,65](#) [6,66](#) [6,67](#) [6,68](#) [6,69](#) [6,70](#) [6,71](#) [6,72](#) [6,73](#) [6,74](#) [6,75](#) [6,76](#) [6,77](#) [6,78](#) [6,79](#) [6,80](#) [6,81](#) [6,82](#) [6,83](#) [6,84](#) [6,85](#) [6,86](#) [6,87](#) [6,88](#) [6,89](#) [6,90](#) [6,91](#) [6,92](#) [6,93](#) [6,94](#) [6,95](#) [6,96](#) [6,97](#) [6,98](#) [6,99](#) [7,00](#) [7,01](#) [7,02](#) [7,03](#) [7,04](#) [7,05](#) [7,06](#) [7,07](#) [7,08](#) [7,09](#) [7,10](#) [7,11](#) [7,12](#) [7,13](#) [7,14](#) [7,15](#) [7,16](#) [7,17](#) [7,18](#) [7,19](#) [7,20](#) [7,21](#) [7,22](#) [7,23](#) [7,24](#) [7,25](#) [7,26](#) [7,27](#) [7,28](#) [7,29](#) [7,30](#) [7,31](#) [7,32](#) [7,33](#) [7,34](#) [7,35](#) [7,36](#) [7,37](#) [7,38](#) [7,39](#) [7,40](#) [7,41](#) [7,42](#) [7,43](#) [7,44](#) [7,45](#) [7,46](#) [7,47](#) [7,48](#) [7,49](#) [7,50](#) [7,51](#) [7,52](#) [7,53](#) [7,54](#) [7,55](#) [7,56](#) [7,57](#) [7,58](#) [7,59](#) [7,60](#) [7,61](#) [7,62](#) [7,63](#) [7,64](#) [7,65](#) [7,66](#) [7,67](#) [7,68](#) [7,69](#) [7,70](#) [7,71](#) [7,72](#) [7,73](#) [7,74](#) [7,75](#) [7,76](#) [7,77](#) [7,78](#) [7,79](#) [7,80](#) [7,81](#) [7,82](#) [7,83](#) [7,84](#) [7,85](#) [7,86](#) [7,87](#) [7,88](#) [7,89](#) [7,90](#) [7,91](#) [7,92](#) [7,93](#) [7,94](#) [7,95](#) [7,96](#) [7,97](#) [7,98](#) [7,99](#) [8,00](#) [8,01](#) [8,02](#) [8,03](#) [8,04](#) [8,05](#) [8,06](#) [8,07](#) [8,08](#) [8,09](#) [8,10](#) [8,11](#) [8,12](#) [8,13](#) [8,14](#) [8,15](#) [8,16](#) [8,17](#) [8,18](#) [8,19](#) [8,20](#) [8,21](#) [8,22](#) [8,23](#) [8,24](#) [8,25](#) [8,26](#) [8,27](#) [8,28](#) [8,29](#) [8,30](#) [8,31](#) [8,32](#) [8,33](#) [8,34](#) [8,35](#) [8,36](#) [8,37](#) [8,38](#) [8,39](#) [8,40](#) [8,41](#) [8,42](#) [8,43](#) [8,44](#) [8,45](#) [8,46](#) [8,47](#) [8,48](#) [8,49](#) [8,50](#) [8,51](#) [8,52](#) [8,53](#) [8,54](#) [8,55](#) [8,56](#) [8,57](#) [8,58](#) [8,59](#) [8,60](#) [8,61](#) [8,62](#) [8,63](#) [8,64](#) [8,65](#) [8,66](#) [8,67](#) [8,68](#) [8,69](#) [8,70](#) [8,71](#) [8,72](#) [8,73](#) [8,74](#) [8,75](#) [8,76](#) [8,77](#) [8,78](#) [8,79](#) [8,80](#) [8,81](#) [8,82](#) [8,83](#) [8,84](#) [8,85](#) [8,86](#) [8,87](#) [8,88](#) [8,89](#) [8,90](#) [8,91](#) [8,92](#) [8,93](#) [8,94](#) [8,95](#) [8,96](#) [8,97](#) [8,98](#) [8,99](#) [9,00](#) [9,01](#) [9,02](#) [9,03](#) [9,04](#) [9,05](#) [9,06](#) [9,07](#) [9,08](#) [9,09](#) [9,10](#) [9,11](#) [9,12](#) [9,13](#) [9,14](#) [9,15](#) [9,16](#) [9,17](#) [9,18](#) [9,19](#) [9,20](#) [9,21](#) [9,22](#) [9,23](#) [9,24](#) [9,25](#) [9,26](#) [9,27](#) [9,28](#) [9,29](#) [9,30](#) [9,31](#) [9,32](#) [9,33](#) [9,34](#) [9,35](#) [9,36](#) [9,37](#) [9,38](#) [9,39](#) [9,40](#) [9,41](#) [9,42](#) [9,43](#) [9,44](#) [9,45](#) [9,46](#) [9,47](#) [9,48](#) [9,49](#) [9,50](#) [9,51](#) [9,52](#) [9,53](#) [9,54](#) [9,55](#) [9,56](#) [9,57](#) [9,58](#) [9,59](#) [9,60](#) [9,61](#) [9,62](#) [9,63](#) [9,64](#) [9,65](#) [9,66](#) [9,67](#) [9,68](#) [9,69](#) [9,70](#) [9,71](#) [9,72](#) [9,73](#) [9,74](#) [9,75](#) [9,76](#) [9,77](#) [9,78](#) [9,79](#) [9,80](#) [9,81](#) [9,82](#) [9,83](#) [9,84](#) [9,85](#) [9,86](#) [9,87](#) [9,88](#) [9,89](#) [9,90](#) [9,91](#) [9,92](#) [9,93](#) [9,94](#) [9,95](#) [9,96](#) [9,97](#) [9,98](#) [9,99](#) [10,00](#) [10,01](#) [10,02](#) [10,03](#) [10,04](#) [10,05](#) [10,06](#) [10,07](#) [10,08](#) [10,09](#) [10,10](#) [10,11](#) [10,12](#) [10,13](#) [10,14](#) [10,15](#) [10,16](#) [10,17](#) [10,18](#) [10,19](#) [10,20](#) [10,21](#) [10,22](#) [10,23](#) [10,24](#) [10,25](#) [10,26](#) [10,27](#) [10,28](#) [10,29](#) [10,30](#) [10,31](#) [10,32](#) [10,33](#) [10,34](#) [10,35](#) [10,36](#) [10,37](#) [10,38](#) [10,39](#) [10,40](#) [10,41](#) [10,42](#) [10,43](#) [10,44](#) [10,45](#) [10,46](#) [10,47](#) [10,48](#) [10,49](#) [10,50](#) [10,51](#) [10,52](#) [10,53](#) [10,54](#) [10,55](#) [10,56](#) [10,57](#) [10,58](#) [10,59](#) [10,60](#) [10,61](#) [10,62](#) [10,63](#) [10,64](#) [10,65](#) [10,66](#) [10,67](#) [10,68](#) [10,69](#) [10,70](#) [10,71](#) [10,72](#) [10,73](#) [10,74](#) [10,75](#) [10,76](#) [10,77](#) [10,78](#) [10,79](#) [10,80](#) [10,81](#) [10,82](#) [10,83](#) [10,84](#) [10,85](#) [10,86](#) [10,87](#) [10,88](#) [10,89](#) [10,90](#) [10,91](#) [10,92](#) [10,93](#) [10,94](#) [10,95](#) [10,96](#) [10,97](#) [10,98](#) [10,99](#) [11,00](#) [11,01](#) [11,02](#) [11,03](#) [11,04](#) [11,05](#) [11,06](#) [11,07](#) [11,08](#) [11,09](#) [11,10](#) [11,11](#) [11,12](#) [11,13](#) [11,14](#) [11,15](#) [11,16](#) [11,17](#) [11,18](#) [11,19](#) [11,20](#) [11,21](#) [11,22](#) [11,23](#) [11,24](#) [11,25](#) [11,26](#) [11,27](#) [11,28](#) [11,29](#) [11,30](#) [11,31](#) [11,32](#) [11,33](#) [11,34](#) [11,35](#) [11,36](#) [11,37](#) [11,38](#) [11,39](#) [11,40](#) [11,41](#) [11,42](#) [11,43](#) [11,44](#) [11,45](#) [11,46](#) [11,47](#) [11,48](#) [11,49](#) [11,50](#) [11,51](#) [11,52](#) [11,53](#) [11,54](#) [11,55](#) [11,56](#) [11,57](#) [11,58](#) [11,59](#) [11,60](#) [11,61](#) [11,62](#) [11,63](#) [11,64](#) [11,65](#) [11,66](#) [11,67](#) [11,68](#) [11,69](#) [11,70](#) [11,71](#) [11,72](#) [11,73](#) [11,74](#) [11,75](#) [11,76](#) [11,77](#) [11,78](#) [11,79](#) [11,80](#) [11,81](#) [11,82](#) [11,83](#) [11,84](#) [11,85](#) [11,86](#) [11,87](#) [11,88](#) [11,89](#) [11,90](#) [11,91](#) [11,92](#) [11,93](#) [11,94](#) [11,95](#) [11,96](#) [11,97](#) [11,98](#) [11,99](#) [12,00](#) [12,01](#) [12,02](#) [12,03](#) [12,04](#) [12,05](#) [12,06](#) [12,07](#) [12,08](#) [12,09](#) [12,10](#) [12,11](#) [12,12](#) [12,13](#) [12,14](#) [12,15](#) [12,16](#) [12,17](#) [12,18](#) [12,19](#) [12,20](#) [12,21](#) [12,22](#) [12,23](#) [12,24](#) [12,25](#) [12,26](#) [12,27](#) [12,28](#) [12,29](#) [12,30](#) [12,31](#) [12,32](#) [12,33](#) [12,34](#) [12,35](#) [12,36](#) [12,37](#) [12,38](#) [12,39](#) [12,40](#) [12,41](#) [12,42](#) [12,43](#) [12,44](#) [12,45](#) [12,46](#) [12,47](#) [12,48](#) [12,49](#) [12,50](#) [12,51](#) [12,52](#) [12,53](#) [12,54](#) [12,55](#) [12,56](#) [12,57](#) [12,58](#) [12,59](#) [12,60](#) [12,61](#) [12,62](#) [12,63](#) [12,64](#) [12,65](#) [12,66](#) [12,67](#) [12,68](#) [12,69](#) [12,70](#) [12,71](#) [12,72](#) [12,73](#) [12,74](#) [12,75](#) [12,76](#) [12,77](#) [12,78](#) [12,79](#) [12,80](#) [12,81](#) [12,82](#) [12,83](#) [12,84](#) [12,85](#) [12,86](#) [12,87](#) [12,88](#) [12,89](#) [12,90](#) [12,91](#) [12,92](#) [12,93](#) [12,94](#) [12,95](#) [12,96](#) [12,97](#) [12,98](#) [12,99](#) [13,00](#) [13,01](#) [13,02](#) [13,03](#) [13,04](#) [13,05](#) [13,06](#) [13,07](#) [13,08](#) [1](#)

6. ^{6,0 6,1 6,2 6,3} [3]

7. ^{7,0 7,1 7,2 7,3 7,4 7,5 7,6} [4]

8. ⁷ Rebecca Newberger Goldstein, [36 argumentos para a existência de Deus: uma obra de ficção](#), 2011

9. ⁸ [5]

10. ⁹ [6]

11. ^{11,0 11,1 11,2} [7]

12. ^{12,0 12,1 12,2} [8]

13. ¹³ John Leslie, *Universes* (Londres e Nova York: Routledge, 1989), 13-14. Citado em: Polkinghorne, "O debate sobre ciência e religião: uma introdução."

14. ¹⁴ [9]

15. ¹⁵ [10]

16. ¹⁶ [11]

17. ^{17,0 17,1} [12]

18. ^{18,0 18,1 18,2 18,3 18,4} Steve Shives, [13]

19. ¹⁹ [14]

20. ²⁰ [15]

21. ²¹ [16]

22. ²² [17]

23. ²³ [18]

24. ²⁴ Victor J. Stenger, *Deus: a hipótese fracassada*

Veja também

²⁵ [Princípio antrópico](#)

²⁶ [Argumento do design](#)

²⁷ [Zona habitável](#)

²⁸ [O Princípio](#) (2014), um documentário de apoio [ao geocentrismo](#) e [criacionismo](#).

²⁹ [links externos](#)

³⁰ [Cosmologia 101](#) no site Wilkinson Microwave Anisotropy Probe da NASA - Este é um excelente recurso para a compreensão da teoria cosmológica.

³¹ [Decepção Afinada: Diga olá ao novo criacionismo furtivo](#) por [Sahotra Sarkar](#) (na revista *The American Prospect*)

³² [Espantado com os fatos necessários: os argumentos teleológicos de Swinburne](#) por [François Tremblay](#)

³³ [Os muitos problemas do argumento do ajuste fino](#) por [François Tremblay](#)

• [Vídeos refutando as cinco provas de Deus](#) de William Lane Craig da *Rua Ed, o Maníaco Pregador*

• [Princípio Teísta Antrópico Refutado / Uma Pesquisa de Argumentos Contra o Teísta Princípio Antrópico](#) por Victor Gijssbers para a revista *Positive Atheism*

• [Por que "O Universo está perfeitamente ajustado para a vida" é um argumento terrível para Deus](#) por Greta Cristina

• [O Universo está bem ajustado para a vida?](#) [19]

• William Lane Craig 2 - Craig Harder (Refutando as Provas de Deus do WLC, Parte II) [20]

• Refutação do princípio antrópico teísta, ver [21]

• [Os muitos problemas do argumento do ajuste fino](#), François Tremblay

• [Refutando o ajuste fino](#)

• M Colyvan, [Problemas com o argumento do ajuste fino](#), Síntese, julho de 2005, Volume 145, Edição 3, pp 325-338

• DarkMatter2525, [Comédia Ateísta: Universo Afinado](#), 4 de maio de 2011

Kalam

O argumento **kalam** é uma forma alterada do [argumento cosmológico](#). Pretende-se contornar a [regressão infinita](#) problema contido no argumento cosmológico tradicional, alterando as [instalações](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [Apologética](#)
- 2 [Contra-apologéticas](#)
 - o 2.1 [Contra-argumento](#)
 - o 2.2 [Contra-exemplo](#)
 - o 2.3 [Circularidade](#)
 - o 2.4 [Equívoco](#)
 - o 2.5 [Petição especial](#)
 - o 2.6 [Por que apenas uma causa?](#)
 - o 2.7 [Falácia de Composição](#)
 - o 2.8 [Falsa Dicotomia](#)
 - o 2.9 [E daí](#)
- 3 [links externos](#)

Apologética

[William Lane Craig](#) A versão do argumento cosmológico kalam é a seguinte:

1. Tudo o que começa a existir tem uma causa.
2. O [universo](#) [começou](#) a existir.
3. Portanto, o universo deve ter uma causa.

A distinção entre este e o argumento cosmológico tradicional é que ele distingue efeitos em geral daqueles que têm um começo. Esta qualificação deixa aberta uma possibilidade interessante que algumas coisas no universo podem existir que nunca começaram a existir. Mas Craig não é tão desleixado, então antes de avançarmos para esta observação, precisamos abordar a segunda premissa do argumento kalam e seu apoio.

A segunda premissa do argumento kalam – “O universo começou a existir” – é uma afirmação que parece mais de uma [pressuposição](#) do que de um fato, mas observe como isso é sustentado:

1. Um [infinito](#) real [não pode](#) existir.
2. Uma série de eventos sem começo é um infinito real.

3. Portanto, o universo não pode ter existido infinitamente no passado, pois isso seria uma série de eventos sem começo.

O termo importante aqui é, obviamente, "infinito real". [Wikipédia](#) tem [o seguinte a](#) dizer sobre infinitos reais:

"O infinito real é a noção de que todos os números (naturais, reais, etc.) podem ser enumerados em qualquer sentido suficientemente definido para que formem um conjunto juntos. Portanto, na filosofia da matemática, a abstração do infinito real é a aceitação de entidades infinitas, como o conjunto de todos [os números naturais](#) ou uma [sequência arbitrária de números racionais](#). como dados objetos."

Além disso:

"O significado matemático do termo real no infinito real é sinônimo com definido, completo, estendido ou existencial, mas não deve ser confundido com fisicamente existir. A questão de saber se os números naturais ou reais formam conjuntos definidos é, portanto, independente da questão de saber se coisas infinitas existem fisicamente na natureza".

Contra-apologética

No geral, este argumento é um exemplo de [prova pela lógica](#), onde [os](#) filósofos tentam "demonstrar" Deus apenas com um silogismo lógico, desprovido de qualquer evidência confirmadora. Mesmo que as premissas fossem provadas verdadeiras (o que não foi feito), ainda haveria a seguintes problemas: -

1. Quaisquer entidades/entidades pré-existentes que causaram o universo não precisam ser pessoal com mente e vontade.
2. Qualquer causa do universo não precisa ser o deus da [Bíblia](#). Nenhuma razão é _____ dado porque [a mitologia bíblica deve](#) ser levado mais a sério do que outros bronzes mitologia da idade.

Contra-argumento

Seja S1 = um estado de coisas em que o Universo não existia, e S2 = um estado de coisas em qual o Universo existiu.

O teísta está tentando afirmar que o Universo começou a existir, isto é, havia um estado em onde havia Deus, "e então" havia um estado em que havia o Universo. Em

em outras palavras, eles querem dizer S1 "e depois" S2. Para fazer isso, eles devem mostrar que S1 e S2 são distintos. As possibilidades são:

1. O Universo nunca começou a existir
2. O Universo nunca existiu
3. S1 e S2 seguem um ao outro no tempo
4. Algum agente em S1 é a causa atemporal de S2

Se pudermos eliminar todos os quatro exemplos, então não há como distinguir entre os dois estados. Se for esse o caso, então não há "começo" – nenhum estado em que o Universo começou a existir, minando assim a conclusão.

Se tentarmos provar por contradição que o Universo nunca começou a existir, a contradição fica evidente. Ao assumir que o Universo começou a existir, exclui (1). O universo existe, então isso exclui (2). (3) é refutada pelo fato de que o tempo é uma propriedade do Universo e, portanto, não pode ser aplicado fora do Universo. (4) não pode ser verdade porque Craig define "causação atemporal" da seguinte forma:

Tomando emprestada uma ilustração de Kant, uma bola pesada apoiada numa almofada é o causa de uma depressão na almofada, mesmo que a bola tenha estado apoiada no almofada da eternidade passada.

No entanto, isso não pode ser usado para distinguir entre S1 e S2 porque requer causa e efeito sejam simultâneos. S1 e S2 não podem ser simultâneos, pois o Universo existiria no mesmo instante em que não existe - uma contradição. Ao assumir que o Universo começou a existir, descartamos todas as explicações sobre como ele poderia ter começado a existir. Assim, não podemos distinguir neste momento entre S1 e S2 - minando a sua conclusão.

Contra-exemplo

Não há nada nas leis da física que exija que a lei de causa e efeito seja mais do que generalizações para interagir com o mundo acima do nível quântico.

Dentro da mecânica quântica parece haver exemplos reais contrários à primeira premissa do argumento. "Tudo o que começa a existir tem uma causa." Por exemplo, quando O carbono-14 decai em carbono-12, o decaimento radioativo é perfeitamente aleatório e sem causa evento e, portanto, embora o Carbono-12 tenha começado a existir, ele não foi causado. Da mesma maneira, quando matéria e antimatéria (formações partícula-antipartícula), como elétron-pósitron criação, pode-se dizer que eles começaram a existir, mas não foram causados a existir. Embora o decaimento radioativo da formação de partículas-antipartículas possa ser previsto e sirva um função, como estabilizar o átomo e igualar as energias de dois fótons interações, não há razão para que tal coisa aconteça naqueles espaços específicos e coordenadas de tempo. As probabilidades subjacentes podem ser calculadas e são extremamente preciso, mas estranho ao sentido clássico de causa e efeito.

Além disso, considerações quânticas semelhantes poderiam ter analogias diretas com o Big Bang que também pode ser sem causa. Resolvendo outras questões como a causalidade atemporal visto acima como o fenômeno quântico nos força a considerar instâncias simultâneas de X e $\sim X$, por exemplo, onde X é "[o gato de Schrodinger está morto](#)". Ignorando esta especulação

cosmologia, o contra-exemplo é suficiente para refutar a premissa (as coisas podem começar a existir sem ser causado) e assim demonstra que o argumento não é sólido.

Circularidade

No artigo [Cosmological Kalamity](#) de Dan Barker , ele escreve

A curiosa cláusula "tudo o que começa a existir" implica que a realidade pode ser divididos em dois conjuntos: itens que começam a existir (BE) e aqueles que não existem (NBE). Para que este argumento cosmológico funcione, NBE (se tal conjunto for significativo) não pode estar vazio[2], mas mais importante, deve acomodar mais de um item para evitar ser simplesmente um sinônimo de Deus. Se Deus é o único objeto permitido em NBE, então BE é apenas uma máscara para o Criador, e a premissa "tudo que começa a existir tem uma causa" é equivalente a "tudo, exceto Deus, tem uma causa". Tal como acontece com as falhas anteriores, isto coloca Deus na definição da premissa do argumento que supostamente prova a existência de Deus, e estamos de volta para [implorar a pergunta.](#)

Em outras palavras, o conjunto de itens que não começam a existir deve ser pluralizado - caso contrário, é apenas mais uma palavra para Deus.

Equívoco

Kalam também [equivoca](#) na primeira premissa quando se refere a tudo o que "começa a existir". Presumivelmente, esta premissa se refere a tudo ao nosso redor neste planeta - tudo na sua casa, tudo nas ruas, tudo que vemos no cosmos.

No entanto, todas essas coisas não "começaram a existir" no mesmo sentido que os teístas afirmam.

o universo "começou a existir" (criação ex nihilo). De acordo com as leis de

termodinâmica, a matéria não pode ser criada nem destruída, e tudo o que somos

familiarizado é uma reconfiguração real da matéria preexistente do que existe há

bilhões de anos. Os átomos que compõem as pessoas, os lugares e os planetas não "entram em

existência" no mesmo sentido que Kalam está afirmando que o universo veio à existência (matéria

aparecendo de um estado anterior de não-ser/não-existência). Em vez disso, eles sempre

existia de alguma forma, e os objetos que vemos ao nosso redor são apenas as últimas

rearranjos desses átomos. Então, ao falar do universo exigindo uma "causa" para ser

existência, Kalam não está se referindo a ele como você faria com um automóvel, que está sendo

"causado" por um grupo de trabalhadores reorganizando a matéria física na forma de um carro, ou

montanhas sendo "causadas" pelo deslocamento das placas tectônicas (também feitas de átomos que

existem desde o big bang), mas de algo sendo causado pela criação ex

nihilo, que não é de forma alguma o tipo de criação com a qual estamos familiarizados em todos os outros

circunstância. Kalam, portanto, está usando um jogo de palavras e a falácia do equívoco em a frase “começa a existir” para tentar traçar um paralelo entre coisas totalmente diferentes.

Em resumo: os proponentes do Kalam acreditam que Deus fez o universo existir ex nihilo. Mas tudo ao nosso redor apenas “começa a existir” num sentido trivial, como rearranjos de coisas preexistentes e não criadas. Como o universo é literalmente o único exemplo de algo verdadeiramente “começando a existir” a partir de um estado anterior de nada, isso significa que há um conjunto de amostra de um nesta categoria, não deixando nenhum suporte indutivo para a premissa de que “tudo o que começa a existir (ex nihilo) tem uma causa”.

Uma vez que o argumento é reformulado para levar em conta as premissas ocultas, parece que esse:

1. Todo rearranjo da matéria pré-existente tem uma causa. (apoiado por todos observação, sempre.)
2. O universo começou a existir a partir da inexistência absoluta, NÃO de um rearranjo de matéria pré-existente.
3. Portanto o universo tem uma causa.

Em outras palavras:

1. Todo X tem uma causa.
2. O universo Y.
3. Portanto o universo tem uma causa.

Como você pode ver, uma vez esclarecido o equívoco, o argumento é inválido.

Além disso, embora o termo “universo” seja comumente entendido como significando “a soma de tudo o que existe”, Kalam representa uma tentativa de estabelecer a existência de algo *fora* do universo. Isto só é concebível no caso de um sistema não padronizado definição (que presumivelmente envolve algum tipo de distinção entre um corpo físico universo e algum outro reino externo a ele). Neste caso, a primeira premissa torna-se ainda mais tênue; como se pode afirmar que *tudo* o que começa a existir tem uma causa quando se acredita na existência de um reino fora do nosso universo com propriedades diferente de tudo que podemos descobrir através da mera observação? Uma versão de bom senso causalidade não é aplicável aqui...o que significa que agora temos um problema para definir "causa" neste contexto!

ÿ atualização*

Existe outro tipo de equívoco na frase “começa a existir”. A premissa 1 refere-se a coisas que começam a existir dentro do tempo. Em outras palavras, houve um tempo em que uma coisa não existe, seguido por um tempo em que existiu. Este não é o caso do universo, uma vez que

o tempo faz parte do universo. O universo tem uma idade finita (13,8 bilhões de anos), e porque

o tempo só passou a existir depois do início da inflação, literalmente NÃO HÁ TEMPO

em que o universo não existia. Ele existiu em todos os momentos. Reformulando o

argumento para incluir com precisão essas informações, obtemos algo assim:

Seja X = "uma coisa que começou a existir há um tempo finito, após um ponto em que não existia"

Seja Y = "uma coisa que existe há um tempo finito, *mas que existe em todos os momentos*"

1. Tudo o que é X tem uma causa para sua existência.
2. O Universo é Y.
3. Portanto o universo tem uma causa para a sua existência.

Mais uma vez, o equívoco está em jogo. As premissas 1 e 2 comparam maçãs e laranjas.

O universo existiu em todos os momentos e não começou a existir no mesmo

maneira como todos os objetos em P1 começaram a existir, então o argumento é inválido.

Petição especial

O argumento kalam parece ter sido formulado especificamente para abordar a refutação de

o argumento cosmológico, pois fez a qualificação de que apenas as coisas que começam têm

causas. O argumentador kalam irá simplesmente afirmar que Deus não começou, e portanto não há regressão

ocorre e nenhum Criador de Deus é necessário.

No entanto, esta é uma forma de petição especial por parte do teísta. Como Ricardo Dawkins dito, o argumento cosmológico faz "a suposição totalmente injustificada

que o próprio Deus é imune à regressão." Quer qualifiquemos a primeira premissa para

excluir coisas não-iniciais (como faz o argumento kalam) ou não (como faz o argumento cosmológico

faz), a questão essencial é por que é mais logicamente defensável afirmar que para a regra

que tudo deve ter uma causa, uma exceção é feita para Deus, mas não para o natural

universo como um todo? Por que Deus não começa? Parece ser uma escolha totalmente arbitrária.

Se Deus não teve um começo não é um problema para Craig e outros defensores desta

argumento, por que isso é um problema para o universo natural? Para responder a isso, devemos olhar para um

problema adicional. Este problema diz respeito à definição de deus usada em ambos os argumentos. A

teólogo poderia responder a este contra-argumento e insistir que a decisão não é arbitrária,

e que Deus deve ter esses atributos que o argumento kalam parece

implica. Ele pode dizer que o argumento é uma tentativa de mostrar a necessidade de haver um Deus

que tem os atributos que não podemos encontrar no universo. Ele pode dizer isso porque nós

sabemos que tudo no universo precisa de uma causa e que a ideia de tempo infinito é

bobagem, deve haver esse ser com esses atributos únicos. Ou seja, deve haver

este ser que não começa, não tem criador e, portanto, é capaz de criar o universo. Mas

esta é apenas uma afirmação careca. A falta de imaginação humana quando se trata de resolver

mistérios nas fronteiras do conhecimento atual não é uma boa razão para invocar um entidade hipotética com poderes misteriosos que lhe permitem ser imune a paradoxos.

A hipótese de Deus não é apenas desnecessária, mas também não é [parcimoniosa](#). Para explicar algo aparentemente projetado e que não pode criar por si mesmo, um ser é conjurado em existência que exigiria uma explicação ainda mais improvável.

O argumento kalam tenta contornar o problema da regressão infinita, mas dá certo no problema da petição especial, por isso não está em melhor situação.

Por que apenas uma causa?

Na construção de uma casa podem estar envolvidas vinte pessoas. Pode haver um grande quantidade e grande variedade de materiais. Deve haver um local apropriado e um conjunto diversificado de condições que permitiram que todo o processo ocorresse. Ainda assim, o primeiro A premissa nos faria acreditar que tudo isso compreende apenas uma "causa". Isso falha mesmo no nível intuitivo mais básico, e mesmo quando envolve um objeto com o qual estamos intimamente familiar. Discutir algo tão estranho às nossas intuições como o início de o tempo pareceria agravar ainda mais o problema.

Contudo, mesmo se admitirmos que cada "coisa" no universo tem exatamente uma causa, e que postular uma causa não causada é suficiente para explicar a origem de todas as coisas, ainda assim não se seguiria que só poderia haver uma causa não causada. Poderia haver vários tais influências trabalhando em conjunto, como os [politéístas](#) nos faria acreditar. Poderia ser milhões de causas não causadas que começaram separadamente, mas cujas criações desde então misturados para formar o universo que temos agora. Em suma, não está claro por que alguém deveria sugerir "uma causa" em vez de um número desconhecido delas - a menos, é claro, que o objetivo de alguém é apoiar uma ideologia que reivindica um criador singular por outras razões.

Falácia de composição

Na primeira premissa, Craig declara que "tudo que começa requer uma causa", e vai para colocar o universo no mesmo nível lógico de seu conteúdo.

Em um artigo intitulado [Cosmological Kalamity, Dan Barker](#) escreve:

A primeira premissa refere-se a toda "coisa", e a segunda premissa trata do "universo como se fosse um membro do conjunto de "coisas". Mas como um conjunto não deveria ser considerado um membro de si mesmo, o argumento cosmológico está comparando maçãs e laranjas.

Veja [o paradoxo de Russell](#) para questões que surgem ao permitir que um conjunto seja membro de si mesmo.

Veja também a [Falácia da composição](#) para problemas com propriedades de todas as partes sendo verdadeiras para todo o. Descrever a maneira como os objetos físicos dentro do universo se comportam depende de indução e leis físicas, nenhuma das quais se aplica na ausência de um espaço-tempo

universo. Tudo o que conhecemos é um objeto dentro de um conjunto (o universo). É um falácia da composição para afirmar que as propriedades das coisas com as quais estamos familiarizados (objetos dentro do conjunto) também são propriedades do conjunto como um todo (o universo). Exemplo: "Cada parte de um avião tem a propriedade de ser incapaz de voar. Portanto o avião tem a propriedade de ser incapaz de voar." A conclusão não se segue porque a única maneira de determinar se o avião tem a propriedade de poder voar ou não seria obter fora do plano (conjunto) e então fazer observações. Infelizmente estamos presos dentro do universo, então quaisquer conclusões que possamos tirar sobre componentes individuais do universo (dentro do conjunto) não se aplicam necessariamente ao conjunto como um todo.

Falsa Dicotomia

O argumento cosmológico não prova que a causa foi uma causa sobrenatural, em vez de natural. É plausível que exista mais natureza (e processos naturais) além do nosso capacidade atual de perceber.

E daí

Veja também: [Qual deus?](#)

Embora alguma outra variação do argumento Kalām ou argumento cosmológico pode ser internamente consistente mesmo que todos os termos fornecidos sejam acordados por todos partes envolvidas, o argumento na verdade não faz nenhum esforço para demonstrar qualquer coisa de natureza tangível em relação à manifestação de um Deus. Um exemplo análogo ao o argumento Kalām seria uma prova geométrica em algum tipo de polígono. Até embora toda a tabela de provas seja totalmente consistente internamente, ela não demonstrar que o polígono real existe na natureza. Um esforço exaustivo para provar todos os ângulos de um triângulo sempre somarão 180 graus, não diz nada sobre se os triângulos existem ou não.

Mesmo que você aceite Kalām, ele não distingue entre um multiverso atemporal, um divindade atemporal ou qualquer outro processo atemporal que possa dar origem a um universo.

links externos

• [Wikipedia: Argumento cosmológico de Kalam](#)

• http://www.strongatheism.net/library/atheology/incoherency_of_divine_creation/

• <http://www.strongatheism.net/library/atheology/>

• http://www.strongatheism.net/library/counter_apologetics/

• [O Jornalista Herege: Sobre o Argumento Cosmológico Kalam](#)

• [Por que as pessoas riem dos criacionistas? \(parte 37\) William Lane Craig:](#)

[Vídeo de Thunderf00t na versão de Lane Craig do Kalam Cosmological](#)

[Argumento](#)

[http://fatfist.hubpages.com/hub/Leibniz-Kalam-Cosmological-Argument-REFUTED-](http://fatfist.hubpages.com/hub/Leibniz-Kalam-Cosmological-Argument-REFUTED-William-Lane-Craig)

[William-Lane-](#)

[Craig http://www.youtube.com/playlist?list=PLCCF97F3B92DF3CB8](http://www.youtube.com/playlist?list=PLCCF97F3B92DF3CB8) (TeóricoBu

A objeção de Ilshit/Scott Clifton ao Argumento Cosmológico Kalam, e suas respostas falaciosas de William Lane Craig)

Causa não causada

Este artigo relacionado a argumentos é um [esboço](#). Você pode ajudar [expandindo-o](#).

Conforme formulado por [Tomás de Aquino](#), o argumento **da causa não causada** é declarado da seguinte forma:

"Nada é causado por si mesmo. Todo efeito tem uma causa anterior. Isso leva a uma regressão. Isso tem ser encerrado por uma causa primeira, que chamamos [de Deus](#)".

Conteúdo

[\(esconder\)](#)

- [1 Contra-apologética](#)
 - o [1.1 Autocontradição](#)
 - o [1.2 Por que chamá-lo de Deus?](#)
 - o [1.3 Argumento da incredulidade](#)
 - o [1.4 Outros contra-argumentos](#)

Contra-apologética

Muitas das respostas ao [motor imóvel](#) [argumento também](#) se aplica a este:

Autocontradição

Pode-se argumentar que a conclusão "Deus é a causa primeira" contradiz a premissa "tudo tem uma causa", e que o argumento da primeira causa é, portanto, autocontraditório.

Pode, no entanto, ser reafirmado como uma [reductio ad absurdum](#), tornar a contradição desejável recurso:

1. Premissa: todo evento tem uma causa.
2. Premissa: não pode haver [infinito](#) [regredir](#).
3. Premissa: existe algum evento e0.
4. De (1) e (3), segue-se que e0 tem uma causa e1, que por sua vez tem uma causa e2, e assim por diante, em uma regressão infinita.
5. De (2) sabemos que não pode haver regressão infinita, o que contradiz (4).
6. Portanto, pelo menos uma das premissas deve ser falsa.

Se rejeitarmos a premissa 1, de que todo evento tem uma causa, então deve haver pelo menos uma causa não causada. causa, que pode ser chamada de "Deus".

Por que chamá-lo de Deus?

Veja também: [Qual deus?](#)

Mesmo que aceitemos o argumento da causa primeira, a conclusão ainda é problemática: a palavra "Deus" carrega muita bagagem cultural indesejável, denotando um ser inteligente. Se a causa última do nosso universo acaba sendo, digamos, uma flutuação aleatória do vácuo, então isso seria "Deus" pela definição de Tomás de Aquino, mas chamar esse fenômeno de "Deus" seria errôneo. Também pode ser notado que se por algum motivo tivesse que haver uma causa primeira, não sabemos o que era ou o suficiente para lhe dar outros atributos além de ser o primeiro causa, o que tornaria chamá-lo e presumir que é Deus um argumento de incredulidade ou o "[Deus das lacunas](#)" ideia.

Argumento da incredulidade

Dizer isso porque atualmente observamos relações de causa e efeito ocorrendo em espaço-tempo, o próprio universo deve ter tido uma causa primeira está assumindo algo que não alguém sabe. Antes do big bang, não se podia dizer que o tempo e a causalidade existissem, pelo menos em a maneira como a percebemos e, assim, fazer suposições sobre o comportamento da matéria antes do tempo é pura especulação. Simplesmente porque não se pode conceber algo acontecendo sem uma causa, não significa que podemos assumir que tudo precisa de uma causa. A lógica falha assim que tentamos preceder o tempo de Planck, após o qual nada pode ser dito com precisão sobre a relação de causa e efeito. É muito o é o mesmo que dizer que ordem e design devem significar que houve um designer, só porque, como Pelo que você pode dizer, esse é o caso das coisas que os humanos projetam. Você está dizendo que você não consegue imaginar um processo natural que explicaria o que você está tentando explicar e então você assume que a natureza deve obedecer à sua compreensão estreita de ordem e design. A compreensão estreita de causa e efeito com base em seu conceito atual de tempo não significa que antes o tempo era como é hoje as suas visões estreitas ainda se aplicam.

Outros contra-argumentos

1. [Quem criou Deus?](#)
2. Pares de partículas virtuais são criados (e aniquilados) o tempo todo, no vácuo, literalmente do nada, sem causa anterior. Isto contradiz a premissa de Tomás de Aquino. (Se este é um contra-argumento válido é discutível. O efeito Casimir é mal entendido; é não determinístico, mas estatisticamente previsível. Se isto é um contra-argumento válido, então você poderia igualmente dizer que o fato de seu cara ou coroa virar cara em vez de coroa também é um contra-argumento válido.)
3. Mesmo que haja uma regressão infinita de causas, e daí? A mente humana é desconfortável com o conceito de infinito, mas a realidade não tem obrigação de fazer nós confortáveis.

4. Se eles afirmam que com um passado infinito, nunca poderíamos chegar ao agora, inverter o infinito:

Será que uma infinidade de segundos não se estende para o futuro, eternamente? Iniciando de um futuro infinito, você pode ir um segundo antes disso, e um segundo antes disso, ad infinitum, e chegar agora?

5. É mais simples assumir que a matéria e a energia são infinitas (pois nenhuma delas pode ser criados ou destruídos), do que assumir que um deus que os criou é infinito.

(Veja [a navalha de Occam](#))

6. Este argumento também utiliza a falácia da composição. Uma vez que um (ou todos, ou qualquer número) de partes precisa de uma causa dentro do universo, e então aplicar isso ao universo como um todo é simplesmente uma falácia.

Motor imóvel

Conforme formulado por [Tomás de Aquino](#), o argumento **do motor imóvel** é declarado da seguinte forma:

"Nada se move sem um motor anterior. Isto nos leva a uma regressão, da qual a única a fuga é [Deus](#). Algo teve que dar o primeiro passo, e esse algo chamamos de Deus."

Este argumento é um dos *Quinque viae*, "*Cinco Caminhos*" ou "*Cinco Provas*".

Contra-apologética

Muitas das respostas à "[causa não causada](#)" argumento também se aplica a este:

1. Se *nada* se move sem um motor anterior, então Deus também precisa de um motor anterior.

Caso contrário, Deus não é nada, o que contradiz a conclusão. Assim, ou a premissa é falso, caso em que o argumento é [falso](#), ou a conclusão [não se segue](#), em caso em que o argumento é [inválido](#). [Na verdade](#), como afirmado, o argumento é claramente [auto-contraditório](#).

2. [Quem criou Deus?](#)

3. [Qual deus?](#) A palavra "Deus" carrega uma grande bagagem cultural indesejável, denotando uma ser inteligente. Se a causa última do nosso universo for, digamos, uma [quantum aleatório flutuação](#), então isso seria "Deus" pela definição de Tomás de Aquino, mas para chamar esse fenômeno de "Deus" seria muito enganoso.

4. Dois corpos em repouso começarão a mover-se um em direção ao outro devido à gravidade. Eles podem ser o primeiro motor um do outro. Portanto, o requisito do motor anterior é desnecessário.

5. Pares de [partículas virtuais são criados](#) (e aniquilados) o tempo todo, literalmente nada. Essas partículas afetam o movimento umas das outras, refutando assim a afirmação de Tomás de Aquino. premissa. [Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#).

6. De forma mais exótica, se o tempo fosse [circular](#) (ou seja, se o tempo for repetido de vez em quando, de modo que o ano 1 também fosse o ano dez trilhões e um), então cada moção poderia ter um causa sem regressão infinita. No entanto, este não parece ser o caso.
7. Mesmo que haja uma [regressão infinita](#) de causas, e daí? A mente humana é desconfortável com o conceito de [infinito](#), mas a realidade não tem obrigação de nos fazer confortável.

Veja também

ÿ [Princípio da razão suficiente](#)

Por que existe algo em vez de nada?



O filósofo Richard Swinburne defendeu uma versão deste argumento

"Por que existe algo em vez de nada?" é um argumento para Deus que busca uma "explicação" da existência geral do universo. De acordo com o [princípio da razão suficiente](#), cada objeto no universo tem uma causa ou explicação que justifica por que cada particular é como é. Isso leva a uma cadeia de causalidade ou explicações associadas. O argumento é baseado em argumentar toda a *cadeia* de causas requer uma causa separada. Uma vez que uma causa original ou explicação última é necessário, conclui-se que Deus existe.

Isso evita a necessidade de resolver o problema da [regressão infinita](#). Essa forma de argumento está relacionada [argumento cosmológico](#) e [kalām](#) na [medida](#) em que traçam o universo ou fenômenos particulares até primeiras causas. David Parfit escreveu: [\[1\]](#)

"Nenhuma questão é mais sublime do que por que existe um Universo: por que existe algo bastante do que nada."

A resposta a esta questão depende do que constitui uma "explicação".

"Admita que a maior fraqueza do ateísmo é a sua incapacidade de explicar onde a existência veio.[2]" —

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento de Hume](#)
- [2 Argumento cosmológico indutivo de Swinburne](#)
- [3 Argumento do mundo como um todo interativo](#)
- [4 contra-argumentos](#)
 - o [4.1 O universo não precisa de uma explicação deste tipo](#)
 - o [4.2 Conclusão fraca](#)
 - o [4.3 Deus é complexo](#)
 - o [4.4 Qual Deus?](#)
 - o [4.5 O universo pode ser necessariamente existente](#)
 - o [4.6 Complexidade e probabilidade não se aplicam a conceitos divinos](#)
 - o [4.7 Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato](#)
 - o [4.8 Criação e petição de princípio](#)
- [5 Algo existente prova que Deus é pessoal](#)
- [6 referências](#)
- [7 Veja também](#)
- [8 links externos](#)

O argumento de Hume



Retrato de David Hume

[David Hume](#) sugeriu uma variante do [argumento cosmológico](#) em seu livro [Diálogos](#)

[Em relação à religião natural:](#)

1. Nada pode causar a si mesmo
2. De (1), [tudo o que existe tem uma causa.](#)
3. A cadeia de causas anteriores é infinita ou finita
4. Cada causa explica apenas o seu efeito imediato
5. De (2), toda a cadeia de causas, seja infinita ou finita, requer uma explicação para a existência, em vez de qualquer alternativa ou nada. "O que era foi, então, que determinou a existência de Algo em vez de Nada, e concedeu estar em uma possibilidade particular, excluindo o resto?"
6. Não existem outras causas externas, o acaso é uma palavra sem [filosófica] significado.
7. De (5) e (6): "Devemos, portanto, recorrer a [um](#) [Ser, que](#) carrega em si a RAZÃO de sua existência e que não pode ser supostamente não existia, sem uma contradição expressa"

Isso permite a possibilidade de [regressão infinita mas](#) afirma que toda a cadeia de causas requer uma causa.

O argumento cosmológico indutivo de Swinburne

[Richard Swinburne](#) atualizou o argumento cosmológico em seu livro [The Existence of Deus](#) rejeitando algumas das premissas originais e argumentando que o universo como um todo requer uma explicação. Suas conclusões são modestas, pois ele afirma ter apenas produzido evidência de que Deus existe (o que ele chama de argumento C-indutivo) em vez de um argumento independente para Deus. [\[3\]](#) O argumento assemelha-se a uma inversão do [conceito final](#) [Gambito 747](#) exceto que assume [simplicidade divina:](#)

1. Uma explicação científica do universo só produz teorias ou "fatos brutos" mas nenhuma "explicação".
2. O universo é complexo.
3. [Deus é simples ou](#) menos complexo que o universo.
4. É mais provável que Deus ocorra espontaneamente do que o universo.
5. Portanto, se exigirmos a ocorrência espontânea de uma entidade, a ocorrência de Deus é preferido.
6. É possível que Deus seja a explicação do universo.

"O teísmo não torna [certos fenômenos] muito prováveis; mas nada mais torna sua ocorrência é a menos provável e eles clamam por explicação. A priori, o teísmo é

talvez muito improvável, mas é muito mais provável do que qualquer suposição rival. Daí o nosso fenômenos são evidências substanciais da verdade do teísmo".

Segundo Swinburne, existem duas formas de explicação: explicação inanimada e explicação pessoal (ou intencional). Swinburne afirma que as explicações são seja baseado em objetos inanimados ou agentes intencionais. [4] Para Swinburne, um explicação atingiu a finalidade quando se baseou nas intenções de um consciente agente. Um agente intencional implica certas expectativas sobre o universo: que ele manifesta ordem, é compreensível e favorece a existência de seres que podem compreendê-lo. A lei natural não pode ser explicada em termos de lei natural.

Argumento do mundo como um todo interativo

Artigo principal: [Argumento do mundo como um todo interativo](#)

O argumento afirma que nem as partes do universo nem o todo universo é autossuficiente ou autoexplicativo. Uma explicação é necessária e a explicação é o projetista de uma "causa eficiente unificadora".

Contra-argumentos

O universo não precisa de uma explicação desse tipo

Artigo Principal: [Explicação](#)

Não há base para a distinção entre inanimados ou intencionais. explicações. Todos os casos de intencionalidade podem ser explicados em termos de leis físicas naturais/inanimadas. Portanto, o argumento de Swinburne é caso especial de um [argumento teleológico](#). Uma explicação deveria realmente relacionar os fenômenos com a experiência cotidiana ou direta. A menos que Swinburne tem experiência direta rotineira de fenômenos divinos, ele tem não forneceu uma explicação. Se alguém tiver experiência direta rotineira de fenômenos divinos, eles não precisam desse argumento.

David Hume escreveu que cada estado do universo é explicado por um progressão do estado anterior e nenhuma outra explicação é obrigatório:

"Em...uma cadeia...ou sucessão de objetos, cada parte é causada pela parte que precedeu e causa aquilo que o sucedeu. Onde está então a dificuldade? Mas o todo, você digamos, quer uma causa. Eu respondo que a união de várias partes num todo é como a união de vários países distintos em um reino, ou de vários membros distintos em um corpo, é realizado meramente por um ato arbitrário da mente e não tem influência sobre a natureza do coisas. Mostrei-lhe as causas específicas de cada indivíduo numa coleção de vinte partículas de matéria, eu acharia isso muito irracional, se você depois me perguntasse

qual foi a causa de todos os vinte. Isto é suficientemente explicado ao explicar o causa das peças."

Isso também foi repetido por [Paul Edwards: \[5\]](#) —

"A exigência de encontrar a causa da série como um todo repousa na errônea suposição de que a série é algo além dos membros dos quais ela é composto."

Swinburne aceita que a existência do universo pode ser um "fato bruto". No entanto, Swinburne rejeita este contra-ataque argumento, dizendo que um conjunto finito de eventos requer uma causa fora deste conjunto de eventos (assumindo que o tempo é não [circular](#)). Ele afirma que se o universo tiver idade infinita:

"o que será inexplicável é a inexistência de um tempo antes do qual não havia universo"

Embora não ocorrências de fenômenos hipotéticos normalmente não exigem uma explicação.

Não é razoável continuar a pedir explicações sobre fenômenos e explicação de explicações, e assim até o infinito. Devemos parar em algum lugar. Nós não precisamos aceitar a afirmação de Swinburne de que o terminal da explicação é um agente inteligente. Assumindo uma explicação requer um "agente consciente" está [implorando a questão.](#)

Conclusão fraca

Artigo Principal: [A primeira causa implica que Deus existe](#)

O argumento de Swinburne pretende apenas ser evidência de uma causa e não de uma completa argumento para Deus. Mackie afirma que mesmo depois a evidência de Swinburne é considerada, "o hipótese da criação divina é muito improvável."^[6] O argumento de Swinburne garante modelos teístas, como a concepção tradicional de Deus, é *menos* provável que seja uma explicação.

Deus é complexo

Artigo principal: [gambito Ultimate 747](#)

O argumento afirma [a simplicidade divina mas](#)

isto é impossível

desde [inteligência](#) implica [complexidade](#)

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

O argumento não implica qualquer determinada religião ou Deus. Também faz não descarta o politeísmo ou o panteísmo.

Swinburne argumenta que outro Deus hipóteses têm ainda menor probabilidades de ocorrência.

O universo pode ser necessariamente existente

O universo pode necessariamente ter a propriedade da existência. Pode ser que não poderia existir em nenhum outro estado. A criação pode ter sido [não-contingente](#)

Complexidade e probabilidade não se aplicam a conceitos divinos

É possivelmente inválido aplicar conceitos como complexidade ou probabilidade de ocorrência a Deus. Eles precisam ser estabelecido pela experiência direta com fenômenos divinos para estabelecer sua validade.

Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

No geral, este argumento é um exemplo de uma [prova pela lógica](#), onde os filósofos tentam "demonstrar" Deus com uma lógica silogismo sozinho, desprovido de qualquer

confirmando evidências. Isso é
sem dúvida inapropriado para
estabelecendo questões de fato.

**Criação e
implorando a pergunta**

Dizer que o universo é um
"criação" está [implorando](#)
[pergunta](#) porque uma premissa
implica automaticamente a
conclusão.

**Algo existente
prova que
Deus é pessoal**

*"O fato da criação também nos permite saber que o Criador não é apenas uma pessoa poderosa e impessoal.
força, mas é um Ser pensante que fez uma escolha consciente entre criar e não
criando. [7]"*

Isso pressupõe coisas sobre
Deus que o apologista tenha
ainda não estabelecida, tal
como: Deus teve uma escolha
sobre a criação do
universo? É impossível
para um "impessoal"/deísta
mente para fazer escolhas?

Referências

- 1. [\[1\]](#)
- 2. [\[2\]](#) —
- 3. [\[3\]](#) —
- 4. [\[4\]](#) —
- 5. [\[5\]](#) Paulo Eduardo,
O
Cosmológico
Argumento, 1959
- 6. [\[6\]](#) Mackie, JL,
1982, O

Milagre de
Teísmo, Oxford:
Imprensa Clarendon.

7. [7](#) [5](#) [1](#)
Veja também

[Argumento de contingência](#)
[Leibniz cosmológico argumento](#)
links externos

[Explicação sobre](#)
Wikipédia

Argumento de cientistas religiosos admirados

O **argumento dos admirados cientistas religiosos** existe em diversas formas:

- ["Isaque Newton, Galileu, Louis Pasteur e outros grandes cientistas eram religiosos. Portanto, é possível ser ao mesmo tempo um crente e um cientista."](#)
- ["Isaac Newton, Galileu, Louis Pasteur e outros grandes cientistas eram religiosos, portanto não há conflito entre religião e ciência."](#)
- ["Francisco Collins, Kenneth Miller e outros cientistas conceituados acreditam em Deus. Você está falando você é mais esperto do que eles?"](#)
- ["Isaac Newton, Johannes Kepler, Galileu e outros eram criacionistas. Portanto, o criacionismo é científico."](#)

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

• 1 [Contra-apologética](#)

o 1.1 [Religião e ciência](#)

o 1.2 [Argumento de números](#)

o 1.3 [Argumento de autoridade](#)

o 1.4 [Cientistas mortos e evolução](#)

o 1.5 [Os cientistas são menos propensos a acreditar em Deus](#)

o [1.6 A História da Ciência](#)

• 2 [links externos](#)

Contra-apologética

Religião e ciência

Apenas a primeira forma do argumento é válida. A existência de cientistas que acreditam em Deus não provar que é possível acreditar em Deus e ainda assim ser um bom cientista praticante.

A diferença entre a primeira e a segunda formas do argumento é sutil, mas importante: um cientista pode, por exemplo, acreditar que Deus intervém no mundo realizando [milagres](#). No entanto, [ela é](#) esperava deixar de lado sua crença em milagres enquanto trabalhava como cientista: não há objetivo evidência da existência de milagres. São, portanto, na melhor das hipóteses, uma hipótese altamente especulativa.

Argumento de números

A segunda forma do argumento é simplesmente [ad populum](#), um apelo à popularidade. Já que a maioria das pessoas em geral acreditam em um deus, e como todos os cientistas são pessoas, faz sentido que um grande número de os cientistas acreditam em um deus, independentemente de isso derivar ou não de sua compreensão da ciência. No entanto, esta tendência para a crença não torna verdadeira a afirmação de qualquer deus.

Argumento de autoridade

A terceira forma é uma combinação do [argumento de autoridade](#) e do [argumento por intimidação](#). "X é verdadeiro porque Y diz isso" é uma falácia. A verdade de uma afirmação sobre o mundo não depende sobre quem acredita nisso, mas *por que* eles acreditam nisso. E pessoas inteligentes ainda podem acreditar em coisas que não são verdadeiras. Newton, por exemplo, acreditava na [astrologia](#) e [numerologia](#) e foi [até alquimista](#).

O fato de uma pessoa ser especialista em uma área não garante especialização em áreas não relacionadas. O fato que um homem seja um mecânico de automóveis brilhante não significa que ele também seja um especialista em beisebol ou culinária. Da mesma forma, o conhecimento de física de Newton ou Einstein não lhes dá uma visão especial [inteologia](#).

Cientistas mortos e evolução

[Criacionistas](#) gostam de circular listas de cientistas que acreditam na criação divina. No entanto, invariavelmente, a maioria dos cientistas da lista morreu antes de [Charles Darwin](#) apresentou suas ideias. Isso é injusto implicar que esses cientistas notáveis rejeitariam a teoria da [evolução](#), quando [eles nunca](#) tiveram um oportunidade de conhecê-lo.

Organizações como o [Institute for Creation Research](#), [Respostas em Gênesis](#), e a [descoberta O Instituto](#) também defende esse argumento ao elogiar os títulos acadêmicos dos membros de sua equipe.

No entanto, estes cientistas raramente fazem investigação criacionista na sua área de especialização.

Embora não se possa provar isto, é provável que indivíduos inteligentes que professam acreditar em Deus apenas fingem fazê-lo porque acreditam nas consequências benéficas da crença, mas não na

dogmas irracionais que apoiam crenças religiosas. Eles podem pensar que a crença em Deus e na religião representa a melhor maneira atualmente de preservar a civilização e transmitir normas morais, éticas e culturais ao próxima geração. Isto parece ser consistente com as posições de Bill e Hillary Clinton e Barack Obama, que parecem demasiado inteligentes para aceitar argumentos irracionais, mas que, no entanto, apoiam a religião. Isto também é consistente com a maior aceitação dos ateus por indivíduos mais inteligentes como exemplificado pela recente declaração pró-atéista feita pela Rainha Elizabeth sobre o valor e valor dos cidadãos britânicos não crentes.

Os cientistas são menos propensos a acreditar em Deus

Embora a maioria das pessoas acredite em Deus, numerosas pesquisas mostraram que os cientistas tendem a ser muito *menos* propensos a acreditar em Deus do que o público em geral.

Uma pesquisa de 1996 na *Nature* indicou que 60,7% dos cientistas selecionados aleatoriamente expressam descrença ou dúvida sobre a existência de Deus. Ainda mais impressionante, porém, foi uma pesquisa de 1998 que focado em membros da [Academia Nacional de Ciências](#). Esta pesquisa descobriu que apenas 7% dos esses membros do mais alto nível de realização científica acreditavam em um Deus pessoal, enquanto 72,2% estavam dispostos a afirmar que pessoalmente não acreditavam em tal Deus.

O resultado final parece ser que quanto mais treinada uma pessoa for em ciências, menor será a probabilidade de ela é acreditar em Deus.

Em contraponto às listas de criacionistas que duvidam da evolução, o [Centro Nacional de Ciência Educação](#) produziu sua própria lista, conhecida como "[Projeto Steve](#)".

A História da Ciência

Grande parte do peso do argumento desaparece quando se compreende a história da ciência. [Ricardo Operadora](#) e outros argumentaram que a religião e o naturalismo sempre estiveram em conflito e que a ciência simplesmente venceu neste momento. Cientistas famosos do passado eram teístas, mas eram teístas porque essa era uma conclusão razoável que se poderia tirar das evidências disponíveis. O romano o cientista Galeno, por exemplo, argumentou contra a ideia de evolução (diferente do sentido darwiniano) por referindo-se aos designs incríveis dos humanos com referências a válvulas, bombas e cordas. E essa de um ponto de vista natural, esta era uma conclusão aceitável que se poderia tirar das evidências. O deus de Galeno não era todo-poderoso ou perfeito porque os ossos eram quebráveis e as compensações tinham que ser feitas. feito, e suas crenças foram proporcionais à maior parte das evidências. Ao longo da história as evidências era tal que pessoas razoáveis poderiam ser teístas com base nas evidências. Finalmente, depois de Darwin, o O ponto final de uma epistemologia funcional era o ateísmo, e não um deísmo racional. Como tantos os cientistas históricos poderiam muito bem ter sido ateus se tivessem as evidências que temos hoje. Isso é bastante revelador que a grande maioria dos principais cientistas antes de Darwin eram teístas e a grande maioria depois de Darwin eram ateus.

As listas de cientistas, portanto, poderiam simplesmente ser endêmicas da conclusão mais razoável a se tirar a partir das evidências que tivemos em algum momento específico.

links externos

[Cientistas importantes ainda rejeitam Deus](#)

Argumento da justiça

O argumento da justiça baseia-se na alegada necessidade de consequências para as ações humanas e conclui que uma [vida após a morte](#) deve existir. O argumento é um [apelo à emoção e desejoso](#) [pensamento](#) porque explora o desejo humano de justiça e segurança. O argumento está relacionado o [argumento moral](#) porque ambos dependem da existência de [moralidade absoluta](#).

O conceito é semelhante ao ~~Karma~~ [que](#) supõe que nossas ações influenciam nosso futuro através de processos. No Mito de Er, [Platão](#) ~~argumentou~~ que as ações humanas têm consequências inevitáveis, o imortalidade da alma e justiça na vida após a morte.

No Cristianismo e no Islão, a vida após a morte de uma pessoa é geralmente considerada como o [paraíso ou inferno](#). Recompensa infinita e punição infinita não são adequadas para uma vida que contém uma mistura de bem e mal, portanto, pode existir um estado finito de punição, como o [Purgatório](#).

"Mas o que será dos homens então?" Perguntei-lhe: "Sem Deus e sem vida imortal? Todas as coisas são permitido então, eles podem fazer o que quiserem?" "

- Os Irmãos Karamazov , de Dostoiévski

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [declaração formal](#)
- 2 [Críticas](#)
 - 2.1 [O argumento de Bertrand Russell contra a existência de justiça](#)
 - 2.2 [O céu impede a caridade genuína](#)
- 3 [Veja também](#)
- 4 [links externos](#)

Declaração formal

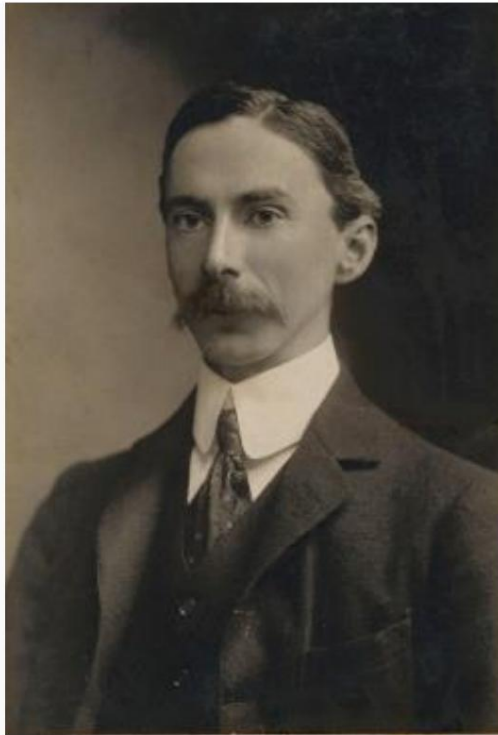
1. As pessoas praticam ações boas e más.
2. As pessoas não são necessariamente responsabilizadas ou recompensadas nesta vida.
3. As pessoas são responsabilizadas ou recompensadas pelas suas ações.
4. Portanto existe uma vida após a morte em que as pessoas são recompensadas ou punidas dependendo Suas ações.

Presumivelmente, o padrão de justiça utilizado aqui é a moralidade humana. Se o argumento for baseado em moralidade divina, o argumento é [uma petição de princípio](#) assumindo que uma determinada religião é verdadeira.

Crítica

1. [Moralidade absoluta não](#) existe, mas é uma construção humana que usamos para subjetivar descrever ações.
2. A premissa de que deve haver consequências para as ações humanas não é apoiada por qualquer evidência e é um caso de [ilusão](#).
3. A vida após a morte também pode conter injustiças.
4. O argumento depende da punição de ações erradas. De acordo com alguns Cristãos, [salvação depende](#) da [fé não funciona - esta doutrina é incompatível](#) com o [_____](#) argumento da justiça. A possibilidade de nascer de novo, alcançar a salvação ou perdoado por Deus aparentemente permite que uma pessoa escape das consequências de suas ações (a menos [que o Purgatório](#) existe).
5. O conceito de [céu](#) e [inferno](#), [que](#) são [recompensa](#) supostamente infinita e [infinita punição](#), [não são](#) adequados para ações humanas finitas e, portanto, não são justos. [_____](#) Portanto, o argumento da justiça *refuta* o céu e o inferno.
6. A alternativa da [reencarnação baseado nas](#) ações de uma pessoa é ignorado.

O argumento de Bertrand Russell contra a existência de justiça



Bertrand Russel em 1907

Em seu ensaio [Por que não sou cristão](#), [Bertrand Russel diz que só podemos](#) saber se a justiça existe com base nas evidências disponíveis aqui na Terra. Todas as evidências disponíveis indicam que não existe justiça perfeita.

Depois, há outra forma muito curiosa de argumento moral, que é esta: dizem que a existência de [Deus é necessária](#) para trazer justiça ao mundo. Na parte de neste universo que sabemos que existe uma grande injustiça, e muitas vezes os bons sofrem, e muitas vezes os ímpios prosperam, e dificilmente se sabe qual deles é o mais incômodo; mas se você vai ter justiça no universo como um todo você tem que supor um futuro vida para restabelecer o equilíbrio da vida aqui na terra. Então eles dizem que deve haver um Deus, e deve haver Céu e Inferno para que a longo prazo possa haver justiça.

Esse é um argumento muito curioso. Se você olhasse para o assunto de um ponto de vista científico vista, você diria: "Final, eu só conheço este mundo. Não sei sobre o resto universo, mas até onde se pode argumentar sobre probabilidades, dir-se-ia que provavelmente este mundo é um exemplo justo, e se há injustiça aqui, é provável que haja há injustiça em outros lugares também." Suponhamos que você tenha aberto uma caixa de laranjas, e você achou que toda a camada superior das laranjas estava ruim, você não argumentaria: "A camada inferior devem ser bons, de modo a restabelecer o equilíbrio." Você diria: "Provavelmente o tudo é uma remessa ruim"; e isso é realmente o que uma pessoa científica argumentaria sobre o universo. Ele diria: "Aqui encontramos neste mundo muita injustiça, e, até onde isso acontece, essa é uma razão para supor que a justiça não governa no mundo; e, portanto, até onde vai, proporciona um argumento moral contra a divindade e não em favor de um." É claro que sei que o tipo de argumentos intelectuais que tenho tenho conversado com você não são o que realmente move as pessoas. O que realmente move as pessoas acreditar em Deus não é nenhum argumento intelectual. A maioria das pessoas acredita em Deus porque foram ensinados desde a infância a fazê-lo, e essa é a principal razão.

Então penso que a próxima razão mais poderosa é o desejo de segurança, uma espécie de sentimento que há um irmão mais velho que cuidará de você. Isso desempenha um papel muito profundo influenciando o desejo das pessoas de acreditar em Deus.

O céu impede a caridade genuína

Artigo principal: [O céu impede a caridade genuína](#)

Se existe um Deus onipotente e perfeitamente justo e uma recompensa eterna, não há razão para agir moralmente, exceto para garantir o próprio bem-estar na vida após a morte, ou seja, amar seu irmão só pode ser um meio racional para os próprios fins, não para o bem-estar de alguém irmão.

Veja também

• [Argumento moral](#)

• [Argumento do sentido da vida](#)

Links externos

ÿ [Argumentos do Ateísmo](#) artigo.

ÿ [Hipótese do mundo justo](#), viés cognitivo que apóia esse argumento

Teoria do comando divino

A **teoria do comando divino** sugere que qualquer declaração sobre [ética](#) na [verdade](#) é uma declaração sobre as atitudes e desejos de [Deus](#). Isto é, [afirma](#) que os mandamentos de Deus e [moralidade](#) são idênticos. Sugerir que a moralidade pode existir sem Deus é, portanto, uma contradição.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 crítica](#)

- o [1.1 Implorando a questão](#)

- o [1.2 Uso não padronizado das palavras "bom" ou "moral"](#)

- o [1.3 A teoria do comando divino não é um sistema objetivo de moral](#)

- o [1.4 "Deus é bom" torna-se uma tautologia sem sentido](#)

- o [1.5 A teoria do comando divino é impraticável](#)

Crítica

Implorando a pergunta

Artigo principal: [implorando a pergunta](#)

A teoria do comando divino não pode provar que Deus é a fonte da moralidade porque é precisamente isso que ela pressupõe. Ou seja, a teoria do comando divino pressupõe que tudo o que Deus ordena deve ser moral (na verdade, na maioria dos casos ela define a moralidade dessa forma).

No entanto, não está claro se sou moralmente obrigado a fazer algo só porque Deus ordena. Posso querer obedecer a Deus para escapar do castigo, mas isso é uma questão de meu próprio interesse egoísta e não de uma obrigação moral objetiva. Da mesma forma, não está claro por que devo presumir que não existe outra fonte possível de moralidade.

A menos que a teoria do comando divino possa primeiro demonstrar que é a visão mais apropriada da ética, não se pode presumir que seja correto provar qualquer outra coisa.

Uso não padronizado das palavras "bom" ou "moral"

A maioria das pessoas tem uma noção intuitiva do que significa uma ação ser boa ou ter uma obrigação moral, e este conjunto de atitudes morais normalmente é anterior ou independente de quaisquer crenças religiosas. Definir um novo significado para "moralidade" como significando o que Deus quer, e então agir como se isso fosse o mesmo que a concepção cotidiana de moralidade, é cometer um [equívoco](#) falácia. A moralidade é um sistema [_____](#)

para determinar quais ações são certas ou erradas, ou um desejo de obedecer à vontade de Deus. Não pode significar as duas coisas ao mesmo tempo, a menos que se demonstre primeiro que ambos significados são equivalentes.

A teoria do comando divino não é um sistema objetivo de moral

Veja [também: Dilema de Eutífron](#)

A teoria do comando divino implica que tudo o que Deus ordena deve ser o curso de ação moralmente correto. Portanto, se/quando Deus endossa o genocídio, o infanticídio, o sacrifício de animais, a escravidão ou o estupro, essas coisas são boas, ao passo que se/quando ele proíbe comer certos alimentos ou trabalhar em certos dias ou ter certos tipos de sexo perverso, essas coisas imediatamente se tornam ruins. Isto faz da teoria do comando divino uma teoria subjetiva da moral, que é arbitrária e pode mudar conforme o capricho de Deus.

Uma forma de contrariar este argumento é dizer “Deus não faria isso”, mas isto não ajuda em nada. Por um lado, em muitas tradições religiosas ele faz essas coisas.

Por outro lado, se Deus é a fonte da moralidade, ele pode fazer o que quiser e ainda assim seria tão “bom” quanto qualquer outra coisa.

[Tomás de Aquino](#) acreditava que os mandamentos de Deus vinham de sua própria (imutável?) essência e, portanto, não eram pronunciamentos arbitrários. Isto é irrelevante para o problema. Ou existe um único código de moral objetivo e necessário que governa tudo, caso em que os mandamentos de Deus apenas refletem (ou deixam de refletir) esse padrão, ou então não existe tal código e, portanto, os mandamentos de Deus não podem refletir uma moralidade objetiva. De qualquer forma, não adianta dizer que as ações são boas apenas porque Deus as aprova.

“Deus é bom” torna-se uma tautologia sem sentido

Os teístas descrevem Deus como bom e amoroso, o que é problemático principalmente devido ao [problema do mal](#). Mas deixando isso de lado, se a bondade é definida como divina, então “Deus é bom” é uma afirmação vazia, reduzida a “Deus só age de acordo com a maneira como Deus age”. No entanto, os teístas quase nunca *tratam* “Deus é bom” como uma tautologia. Por exemplo, os cristãos dizem que Deus-como-Jesus estava sendo bom e amoroso ao sacrificar-se para salvar a humanidade do salário do pecado. No entanto, sob a teoria do comando divino, Deus teria sido exatamente tão bom se ele nunca se sacrificasse, ou se decidisse enviar todos (cristãos ou não) para sofrer eternamente no Inferno, ou se ele colocasse todos no céu, ou se ele transformasse todos os membros em troncos de árvores. Não se pode apontar nada que Deus faça como um “exemplo” ou “evidência de” que Deus é bom, porque não existe nenhuma ação hipotética que Deus

poderia tomar isso, se ele fizesse isso, *não* seria uma ação que Deus tomaria e, portanto, não ser “bom” – na verdade, maximamente bom – pelos padrões do comando divino.

Diz-se às pessoas que tenham fé em Deus e demonstrem isso, por exemplo, **orando**. No entanto, se Deus aparecesse pessoalmente a um peticionário leal (alguém pedindo a Deus para ajudar uma criança doente, por exemplo) e lhe dissesse que agora ele está cansado de orar e que vai punir a criança por despeito, então *isso* seria a ação maximamente boa que Deus teria tomado. Assim, extrapolando para o presente, não há razão para confiar que Deus fará aquilo que nós, humanos, poderíamos fazer.

considera bom, uma vez que suas ações não podem ser vinculadas por um sistema moral fora ele mesmo. Mesmo que ele prometa agir de determinada maneira, quebrar a promessa mais tarde seria (já que o fez) a coisa certa a fazer.

A teoria do comando divino cancela a maior parte [da teodicéia](#). Por exemplo, um comum a teodiceia é a defesa do livre arbítrio – o mal deve ser permitido porque, caso contrário, os humanos seriam robôs, o que seria mau. Além de outras questões relacionadas a esse argumento, ele não se enquadra na mesma caixa que a teoria do comando divino. Afinal, se Deus nos tornasse todos robôs, ele permaneceria 100% bom.

A teoria do comando divino é impraticável

Veja [também: Qual deus?](#)

Quer a teoria do comando divino seja verdadeira ou não (e parece não haver razão para pensar que o seja), muitas vezes não é um método eficaz para resolver dilemas morais. Por um lado, não está claro qual tradição religiosa é a correta. Por outro lado, os textos religiosos tendem a conter muitas regras conflitantes, arbitrárias ou excessivamente específicas. Estas regras raramente permitem um método claro de generalização destas ideias para todas as situações possíveis, por isso um crente é forçado a fazer praticamente a mesma coisa que um ateu faz, que é elaborar princípios e ideias morais por si mesmo. Muitas vezes, o facto de o crente ser obrigado a respeitar certas declarações como verdade absoluta torna este processo ainda mais difícil, porque essas declarações podem não fazer sentido, ou podem fazer sentido na maioria das situações, mas ser absurdas noutras. A teoria do comando divino, portanto, falha em fornecer orientação moral pela mesma razão que as religiões muitas vezes falham em fornecer orientação moral.

Argumento de grau

O **argumento do grau** baseia-se na comparação de objetos que supostamente exigem extrema exemplos como base para comparação.

Conforme formulado por [Tomás de Aquino](#), o argumento, também conhecido como **quarta via de Tomás de Aquino**, é afirmado como segue:

"Percebemos que as coisas no mundo são diferentes. Existem graus de, digamos, bondade ou perfeição. Mas nós julgue esses graus apenas por comparação com um máximo. Os humanos podem ser bons e maus, então a bondade máxima não pode repousar em nós. Portanto, deve haver algum outro máximo para definir o padrão de perfeição, e chamamos esse máximo de Deus".

- [Richard Dawkins, A Desilusão de Deus](#), 2006, pp. 78-79, extraído em [Por que Deus não existe](#), Os tempos, 31 de outubro de 2006

"se esses graus de perfeição pertencem ao ser e o ser é causado em criaturas, então deve existir um "melhor", uma fonte e um padrão real de todas as perfeições que reconhecemos nos pertencem como seres. Isto absolutamente perfeito ser - o "Ser de todos os seres", "a Perfeição de todas as perfeições" - é Deus."

- Noções Estranhas, Argumento de Graus de Perfeição [\[1\]](#)

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 Contra-apologética](#)
- [2 O argumento da bondade](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 "Mais" e "menos" não são baseados em comparação com limites extremos](#)
 - o [3.2 Não existem exemplos concretos de perfeição](#)
 - o [3.3 Argumento da ignorância](#)
 - o [3.4 Qual Deus?](#)
- [4 Veja também](#)

Contra-apologética

Dawkins responde:

"Isso é um argumento? Você também pode dizer que as pessoas variam em cheiro, mas nós só podemos fazer a comparação com referência a um máximo perfeito de mau cheiro concebível. Portanto, deve existir um sistema preeminentemente inigualável fedorento, e nós o chamamos de Deus. Ou substitua qualquer dimensão de comparação que você gosto, e derivar uma conclusão igualmente tola.

- Richard Dawkins, *Deus, um delírio*, 2006, p. 79

O argumento da bondade

O argumento da bondade é um caso especial do argumento do grau. Em

sua [*Suma Teológica*](#), Tomás de Aquino escreve:

“A quarta via é tirada da gradação que se encontra nas coisas. seres existem alguns mais e alguns menos bons, verdadeiros, nobres e os como. Mas “mais” e “menos” são predicados de coisas diferentes, de acordo com pois eles se assemelham, em suas diferentes maneiras, a algo que é o máximo, pois se diz que uma coisa é mais quente na medida em que está mais próxima assemelha-se ao que há de mais quente; para que haja algo que seja mais verdadeiro, algo melhor, algo mais nobre e, conseqüentemente, algo que é o ser supremo; pois as coisas que são maiores na verdade são maior em ser, como está escrito em Metaph. ii. Agora o máximo em qualquer gênero é a causa de tudo nesse gênero; como fogo, que é o máximo calor, é a causa de todas as coisas quentes. Portanto também deve haver algo que é para todos os seres a causa de seu ser, bondade e qualquer outra perfeição; e isso chamamos de Deus.”

- Tomás de Aquino, [*Suma Teológica*](#), questão 1, artigo 3, objeção 2

Contra-argumentos

“Mais” e “menos” não se baseiam na comparação com limites extremos

Os conceitos de “mais” e “menos” não se baseiam na comparação de coisas com Casos extremos. Ao dizer “como o fogo, que é o calor máximo”, Tomás de Aquino rejeita seu próprio argumento: reações de fusão, que alimentam as estrelas (incluindo o sol) são muito mais quentes que o fogo. Tomás de Aquino, é claro, não sabia disso, e portanto, não poderia ter baseado a sua ideia de calor no “calor máximo”. Aquecer é definido em termos de energia e movimento dos átomos. Mesmo que haja nenhum limite superior conhecido para o calor, isso não torna o calor um conceito sem sentido.

Não há garantia de que um máximo seja sequer logicamente possível, como no casos de comprimento ou magnitude. Podemos dizer qual dos dois objetos é mais longo ou maior, não em comparação com o comprimento máximo (que seria infinito), mas na maneira matemática de ver qual tem comprimento restante quando aquele é tirado do outro. Quando comparamos, não estamos vendo o que está mais próximo um extremo, mas antes que excede o outro: tomamos um como padrão, e veja se o outro está acima ou abaixo desse padrão.

Da mesma forma, podemos saber o que é “bondade” e “perfeição” (no sentido de Tomás de Aquino). quero dizer comparando pessoas e ações umas com as outras subjetivamente, e não algum padrão superlativo de bondade e perfeição.

Não existem exemplos concretos de perfeição

Um padrão abstrato de perfeição pode ser útil sem ter existência. Por exemplo, podemos definir matematicamente um círculo perfeito e usar isso como o padrão para redondeza. Contudo, é impossível traçar uma imagem perfeita círculo e, portanto, um círculo perfeito não pode existir. Da mesma forma, o fato de podermos imaginar um ser perfeitamente bom não implica de forma alguma que esse ser realmente existe.

Argumento da ignorância

Além disso, a parte “e a isto chamamos Deus” poderia muito bem dizer: “e a isto chamamos Deus”. ligue para Bob.” O argumento é criar uma definição de uma coisa "maximamente boa", e depois dar-lhe um nome que Tomás de Aquino goste. No entanto, um "máximo ser bom" *não* é o que a maioria das pessoas chama de "Deus", então a conclusão não é prova de um deus, é apenas uma escolha tendenciosa de um nome dado a uma definição particular de uma coisa para a qual nenhuma evidência é dada de que ela exista. É basicamente um tentativa de definir a existência de Deus por meio de um [argumento de ignorância e prova pela lógica.](#)

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Além disso, não há razão para que o argumento não possa ser aplicado ao *mal* em vez de (arbitrariamente) bom: "há mal no mundo, e o fato de que podemos perceber diferentes padrões de mal significa que deve haver algum valor máximo expoente do mal, e chamamos este mal supremo de Deus."

Finalmente, mesmo que ignoremos todas as outras falhas do argumento, isso não significa diga-nos *qual* deus é o verdadeiro. (Embora, se a definição no argumento é estritamente seguido, ele nos permite descartar quaisquer deuses que não são maximamente bons, como aqueles que abafariam quase todos no planeta.)

Veja também

ÿ [Argumento ontológico](#)

ÿ [Argumento a partir da origem da ideia de Deus que reivindica o](#)
conceito de Deus só pode ser causado por Deus.

Argumento do desejo



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento do desejo](#)

O Argumento do Desejo é um argumento a favor da existência de Deus, ou melhor, de algum objeto desejado.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 argumentos](#)
 - o [Versão 2.1 CS Lewis](#)
 - o [Versão 2.2 da Wikipédia](#)
 - o [2.3 Versão simplificada](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Falsa premissa: Reificação](#)
 - o [3.2 Premissa falsa: afirmação infundada](#)
 - o [3.3 Não sequência](#)
- [4 links](#)
 - o [4.1 Veja também](#)
 - o [4.2 Referência](#)

Informações básicas

O argumento é criticado tanto por teses quanto por ateus. O filósofo e apologista cristão

Tomás de Aquino, embora usando o argumento, pensou que por si só era insuficiente

argumento para a existência de Deus. Da mesma forma, Sigmund Freud considerava Deus nada mais

do que uma ilusão psicológica para satisfazer desejos humanos inatos, em vez de uma entidade real que existe.

Argumento

Versão CS Lewis

O argumento foi promovido por [CS Lewis](#) e supostamente desempenhando um papel em sua conversão para Cristandade.

O Peso da Glória:

"A fome física de um homem não prova que o homem conseguirá pão; ele pode morrer de fome em uma jangada no Atlântico. Mas certamente a fome de um homem prova que ele vem

de uma raça que repara o seu corpo comendo e habita um mundo onde substâncias comestíveis existir."

"Da mesma forma, embora eu não acredite (eu gostaria de acreditar) que meu desejo pelo Paraíso prova que vou gostar, acho que é uma boa indicação de que tal coisa existe e que alguns homens farão. Um homem pode amar uma mulher e não conquistá-la; mas seria muito estranho se o fenômeno chamado "apaixonar-se" ocorresse em um mundo sem sexo."

Versão da Wikipédia

p1. Os humanos têm desejos inatos.

a. Por "inato" queremos dizer aqueles desejos que são universais.

b. O desejo por comida, o desejo de companheirismo, o desejo de desfrutar a beleza são inatos desejos nesse sentido

c. O desejo de ter uma casa grande ou um doutorado não.

P2. Todos os desejos humanos inatos têm objetos que existem.

a. Sentimos fome; existe algo como comer. Sentimos desejo sexual; existe tal coisa como sexo.

b. Seria improvável que existisse uma raça de indivíduos que relatasse sentir fome ainda, mas não possuía comida, boca nem estômago.

c. Para cada desejo inato na experiência humana (exceto um), podemos identificar o objeto.

pág.3. Há um desejo de "não sabemos o quê" cujo objeto não pode ser identificado.

a. Nunca estamos verdadeiramente satisfeitos. Pois mesmo enquanto satisfazemos a nossa fome, a nossa necessidade de companheirismo, amor, beleza, realização, etc.

b. A segunda premissa visa articular e apelar ao conceito de "saudade" como expresso pelo termo alemão Sehnsucht.

c3. Se o objeto deste desejo não existe neste mundo, deve existir em outro.

Versão simplificada

p1. Os humanos têm desejos inatos.

p2. Todos os desejos humanos inatos têm objetos que existem.

pág.3. Existe um desejo humano inato por Deus.

C1. Portanto, Deus existe.

Contra-argumentos

Falsa premissa: Reificação

O primeiro problema com o argumento está na segunda premissa (simplificado versão). Em si, esta premissa é uma falácia da reificação. Tendo vontade de voar, não significa que você pode realmente bater os braços e decolar. Obviamente voando não é um desejo inato nos humanos, mas demonstra a falácia.

Talvez o melhor exemplo disso seja a sobrevivência. Tanto o teísta quanto o ateu concordaria que a sobrevivência é um desejo inato. Mas não há nenhuma evidência, ou qualquer razão, para acreditar que porque você não quer morrer, deve haver seja alguém lá fora que não pode morrer e viverá para sempre. Colocado assim, parece bobo, porque é.

Inatos ou não, os desejos não provam a existência do objeto desse desejo.

Premissa falsa: afirmação infundada

O segundo problema com o argumento está na terceira premissa (simplificado versão). Não há desejo inato por Deus. A existência de certos tipos de [antiteístas](#) (ou seja, [Christopher Hitchens](#)) mais ou menos prova esse ponto. Isto não pode ser o caso de que "todas as pessoas desejam Deus" se for o caso que "alguma pessoa não deseja Deus" ou "alguma pessoa deseja para que não haja um Deus."

Se for possível viver com bastante conforto e ficar completamente contente sem uma crença ou desejo por um deus, então a premissa é falsa.

Os teístas podem simplesmente contestar a verdade da proposição, mas os argumentos da analogia são suficientes para funcionar como um contraponto à reivindicação universal.

Sem sequência

Na versão Wikipédia ou CS Lewis, também surge um problema de validade lógica.

Saltando de "o que não sabemos" e "um objeto que não pode ser identificado"

afirmar que "Deus existe" é um non-sequitur. Isso não segue logicamente.

A única maneira de isso fazer sentido é se você apenas renomear o que não conheça 'deus', de maneira semelhante a chamar uma variável desconhecida na álgebra de 'x'. No entanto, simplesmente igualar Deus à variável desconhecida 'x' não é a solução inteligente e própria. consciente, onisciente, onisciente, criador totalmente amoroso, o que os teístas querem dizer quando dizer que Deus existe.

Ligações

Veja também

• [Falácia da reificação](#)

• [Sem sequência](#)

Referência

• [Sobre o Ateísmo, Argumento do Desejo](#)

ÿ [Wikipedia:Argumento do desejo](#) – Artigo da Wikipédia

Argumento da origem da ideia de Deus



Para mais informações, consulte a [Wikipédia](#) artigo:

[Argumento de marca registrada](#)



Retrato de René Descartes

O **argumento da origem da ideia de Deus**, também conhecido como **argumento de marca registrada** ou argumento **cosmológico-ontológico (COA)**, baseia-se na descoberta da origem dos conceitos mentais e é uma variante do [argumento de grau](#) e do [argumento ontológico](#).

O argumento foi proposto por [Descartes](#) e [afirmou que](#) os conceitos mentais se originam internamente, da mente, ou externamente:

"Entre essas ideias, algumas me parecem inatas, outras acidentais e alguns produzidos por mim. Pois eu entendo o que é uma coisa, o que é a verdade, o que é o pensamento, e parece que deriquei isso exclusivamente da minha própria natureza [\[1\]](#) "

Ele desconsidera as fontes internas e as sensações dos nossos sentidos, mas ainda considera o conceito de Deus tinha uma origem externa:

"Tudo o que me resta perguntar é como recebi essa ideia de Deus. Pois não extraia-o dos sentidos; nunca me ocorreu inesperadamente, como geralmente acontece

é o caso das ideias de coisas sensíveis quando essas coisas se apresentam [...]

"os órgãos externos" ^[1]

A conclusão é que esta origem externa é na verdade Deus.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Os conceitos podem ser inatos ou inventados](#)
 - o [2.2 Coisas com atributos perfeitos não existem](#)
 - o [2.3 Argumento da ignorância](#)
 - o [2.4 Teólogos dizem que Deus é incognoscível](#)
 - o [2.5 Prova por lógica](#)
 - o [2.6 Qual Deus?](#)
- [3 variante: conhecimento do infinito](#)
- [4 referências](#)
- [5 Veja também](#)

Argumento formal

O argumento é executado da seguinte forma: ^[2]

1. Existem conceitos mentais em nossas mentes, incluindo o conceito de "Deus"
2. Alguns são produzidos internamente e outros originados externamente
3. O conceito de "Deus" não se originou internamente na mente
4. Portanto o conceito tem uma causa externa
5. O conceito "Deus" só pode ter surgido de algo que se assemelhe
o conceito "Deus"
6. Nada existe com qualidades semelhantes a Deus, exceto Deus
7. Portanto o conceito "Deus" originou-se de Deus
8. Deus existe

Contra-argumentos

Os conceitos podem ser inatos ou inventados

Artigo principal: [Os humanos estão predispostos a acreditar em deuses](#)

Disposição para acreditar que certos conceitos são inatos. Interpretamos nossos sentidos experiência um tanto imperfeita com base em nossos preconceitos cognitivos e o resultado é a crença em um conceito específico. Podemos ver exemplos de

experiência geralmente positiva com qualidades mais ou menos negativas, ou experiência humana design com mais ou menos falhas. É fácil extrapolar esses casos para acreditar em um design ou experiência perfeita e sem falhas. Não precisamos de um exemplo de perfeição para imaginá-lo, mas isso não demonstra que a perfeição é possível.

Um contra-argumento: [2] —

"Mas isso é realmente suficiente? Como podemos eliminar a limitação ou a imperfeição a menos que primeiro o reconheçamos como tal? E como podemos reconhecê-lo como tal, a menos que já tenhamos alguma noção de perfeição infinita? Reconhecer as coisas como imperfeitas ou finitas envolve a posse de um padrão de pensamento que torna o reconhecimento possível."

Perceber imperfeições é provavelmente uma habilidade inata dos humanos, necessária para resolver problemas práticos. Se tentarmos uma tarefa e falharmos devido à nossa abordagem ou às nossas ferramentas, as imperfeições são demasiado óbvio.

Existem muitos exemplos de objetos comparados com base em conceitos imaginários, como suas propriedades mágicas. Isso não significa que o conceito de "mágica" seja coerente ou que tenha sido baseado em exemplos reais do conceito. O conceito pode ser uma ficção inventada por humanos.

Coisas com atributos perfeitos não existem

Artigo principal: [Argumento a partir dos atributos de Deus](#)

Não existem outros exemplos de objetos que possuam atributos concretos e perfeitos. Temos o conceito de círculo perfeito, mas nenhum círculo perfeito tem existência concreta. Portanto, o argumento implica a inexistência de Deus.

Argumento da ignorância

Embora as crenças religiosas ocorram em muitas culturas, os humanos podem ter uma disposição inata para acreditar em Deus. Esta hipótese naturalista é arbitrariamente ignorada pelo argumento.

Que processo ocorre pelo qual nos tornamos conscientes de Deus e formamos um conceito de "Deus"? Sem que estes sejam conhecidos, este é um [argumento de ignorância](#).

Teólogos dizem que Deus é incognoscível

Muitos teólogos afirmaram que Deus é incognoscível.

[3] Portanto, nosso conceito de Deus é indefinido ou equivocado. Se Deus tivesse tentado estabelecer o conceito em nossas mentes, ele falhou.

Prova por lógica

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

Este argumento é uma tentativa de definir a existência de Deus, exigindo explicações para coisas que podem ser explicadas por processos naturais ou que não requerem qualquer explicação.

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

O argumento não apoia nenhum Deus ou teologia em particular.

Variante: conhecimento do infinito

No mundo físico, só experimentamos fenômenos. No entanto, os humanos têm conhecimento do infinito. [René Descartes](#) argumentou que o conhecimento do infinito deve ter se originado em uma entidade infinita. [4] —

Referências

- ^{1,0-1,1} René Descartes, *Discurso sobre o Método* 1. ^{2,0 2,1} ^[1] e *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (Quarta Edição), trad. Donald A. Cress
2. ^{2,0 2,1} ^[1]
3. ^{2,0 2,1} ^[1] Brian Morley, *Conceitos Ocidentais de Deus* [2] —
4. ^{2,0 2,1} ^[1]

Veja também

• [Argumento conceitualista](#)

• [Argumento transcendental](#)

• [Argumento de graduação](#) reivindica um conceito (por exemplo "perfeição") exige que um exemplo de perfeição realmente exista para que a comparação seja feita.

Argumento do sentido divino

O **argumento do sentido divino**, ou *sensus divinitatis* (SD), sustenta que a crença em [Deus](#) pode ser considerado adequadamente básico, não exigindo justificativa externa, como evidência física. O A consequência é que nenhuma evidência física seria necessária para demonstrar a religião, se a religião for verdadeiro. Por si só, o *sensus divinitatis* não é um argumento a favor da existência de Deus. Às vezes é usado argumentar que [os ateus sabem que existe um Deus](#).

O argumento remonta à igreja primitiva, mas foi amplamente desenvolvido por [João Calvino](#). [1] Isto é uma tentativa de justificar [a epistemologia reformada](#). Tem visto resistência de ambos [os crentes](#) e [não-crentes](#), embora por razões diferentes. O argumento elimina qualquer necessidade de [apologética tradicional](#) que tentam oferecer [racionalidade](#) [defesas](#) da [fé](#) e crença em Deus. Isso também elimina visões tradicionais de fé, encorajando uma [visão relativista](#) posição semelhante a "Deus é real para mim, e isso é tudo que importa." Além disso, [os teístas](#) e [não-teístas](#) apontam que mesmo que o argumento eram [sólidos](#), não pode justificar [qualquer Deus ou conceito particular de Deus](#) além do que o indivíduo afirma experimentar.

"Existem certas fontes de crença, nós as tomamos como "básicas" e elas não requerem justificativa evidencial adicional, como percepção sensorial, memória, intuição, etc.

ser, se o cristianismo é verdadeiro, há outra faculdade, que [Tomás de Aquino](#) chamado sensus divinitatis.

Essa faculdade, como a memória, como a intuição, como a percepção sensorial, transmite crenças sobre Deus.

Se o Cristianismo for verdadeiro, esta faculdade é confiável e não necessitamos de mais provas.

Portanto, não exigimos provas físicas, se o Cristianismo for verdadeiro. [2] "

O argumento é muito semelhante à afirmação de que [a religião é outra forma de conhecimento](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento básico](#)
 - o [1.1 Premissa do fundacionalismo](#)
 - o [1.2 Aceitação do sentido divino](#)
 - o [1.3 Sensus divinitatis é real](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Implorando a questão](#)
 - o [2.2 Conclusão fraca baseada em premissas não fundamentadas](#)
 - o [2.3 O sentido divino é considerado básico](#)
 - o [2.4 Nenhuma religião ou teologia específica é apoiada](#)
 - o [2.5 Existem muitas religiões diferentes](#)
 - o [2.6 Assumindo as características de Deus](#)
 - o [2.7 Uma predisposição para acreditar em Deus não prova nada](#)

- o [2.8 Contradito pelas escrituras](#)
 - o [2.9 Invertendo o argumento](#)
- [3 Contabilidade para diferentes religiões](#)
 - o [3.1 Contra-argumentos](#)
- [4 referências](#)
- [5 Veja também](#)

Argumento básico

Uma formulação do argumento básico do sentido divino (usando o Cristianismo como exemplo):

1. Os humanos possuem faculdades que fornecem ao indivíduo conhecimentos básicos
ou [fundamental](#) crenças que não requerem justificação adicional.
2. Se o Cristianismo for verdadeiro, é muito provável que os humanos sejam dotados de uma capacidade cognitiva
faculdade além da memória, percepção, etc., que podemos chamar de *sensus divinitatis*.
3. Se os humanos têm um *sensus divinitatis*, então a crença cristã pode ser fundamental.
4. Se o Cristianismo for verdadeiro, (muito provavelmente) a crença Cristã pode ser justificada, sem
evidência independente.

O termo *sensus divinitatis* pode ser uma tentativa de ofuscação, fazendo com que o conceito pareça distante
mais significativo do que é. Certamente parece importante, mas, na realidade, não é nada mais do que
um "detector de deus". Sem pretender ser excessivamente polêmico, o argumento também poderia ser reformulado

como:

"Se Deus existe, então ele implantou um detector de Deus em cada um de nós."

[Alvin Plantinga](#) afirma que todo mundo tem um *sensus divinitatis*, mas que o [pecado](#) interfere
sentido. [\[3\]](#) Ele usa uma concepção de *sensus divinitatis* ligeiramente diferente da de João com esse
Calvino. Segundo Plantinga, é:

*"disposição multifacetada para aceitar a crença em Deus (ou proposições que imediata e
obviamente implica a existência de Deus) em uma variedade de circunstâncias"*

Premissa do fundacionalismo

Artigo Principal: [Fundacionalismo](#)

A [premissa subjacente](#) [pois o](#) argumento repousa nos conceitos
do [fundacionalismo](#), que afirma que as crenças podem ser divididas em duas categorias:

1. crenças fundamentais (também chamadas de básicas ou propriamente básicas), que são
aceitos [axiomaticamente](#) e não requerem justificativa externa;
2. todas as outras crenças, derivadas de crenças fundamentais.

O fundacionalismo não é universalmente aceito, e questões epistemológicas concorrentes existem filosofias que incluem objeções à premissa de crenças.

Aceitação do sentido divino

Aqueles que aceitam esta epistemologia reformada afirmam que os ensinamentos cristãos necessariamente apoiam a existência do DS e que esta afirmação só pode ser desafiado em bases exegéticas. Eles sustentam que uma série de passagens em a [Bíblia](#) implicar ou afirmar a noção de que Deus deu a todos um mecanismo por conhecer e compreender sua natureza.

Esta afirmação não é aceita, no mesmo grau, por todos os cristãos e passagens adicionais da Bíblia junto com depoimentos de crentes afirmam claramente que Deus pode, e interage, com o mundo físico em maneiras empiricamente observáveis, entre as quais a doutrina cristã que Deus veio à terra em forma física para entregar o mais importante mensagem na cristandade. Este tipo de interação física não seria necessário se existisse um SD adequadamente básico.

[William Lane Craig](#), que usa alguns dos mesmos argumentos geralmente usados Plantinga tem hesitado em endossar a ideia de um "sentido" inato, e prefere a ideia de que existe, em vez disso, uma "experiência" controlada externamente que o crente tem no encontro com Deus. Um problema óbvio aqui é que é não é possível resolver objectivamente esta questão, especialmente quando os cristãos que em teoria, acreditam em coisas semelhantes, descobrem que não conseguem concordar sobre a natureza do experiência que eles supostamente compartilham. Se o "sentido" for realmente apenas um tipo de experiência pessoal, então estamos realmente falando de [um tipo diferente de argumento](#), que tem seus próprios problemas.

Sensus divinitatis é real

[João Calvino](#) argumentou que o *sensus divinitatis* é real: [\[4\]](#) —

"Que existe nas mentes humanas e, na verdade, por instinto natural, algum senso de Divindade, consideramos estar fora de discussão, já que o próprio Deus, para impedir que qualquer homem fingindo ignorância, dotou todos os homens de alguma idéia de sua Divindade, a memória dos quais ele constantemente renova e ocasionalmente amplia, tudo para um homem estar ciente que existe um Deus, e que ele é o seu Criador, podem ser condenados pelos seus próprios consciência quando não o adoram nem consagram suas vidas ao seu serviço".

"Todos os homens de bom julgamento sustentarão, portanto, que um senso de Deidade é indelevelmente gravado no coração humano. [\[1\]](#) " —

Isto ainda segue a forma básica do argumento: (1) Deus existe, (2)

Deus "dotou todos os homens com alguma idéia de sua Divindade", (3) nós
saber que Deus existe.

Contra-argumentos

Implorando a pergunta

Artigo principal: [implorando a pergunta](#)

Se usada para argumentar a favor da existência de Deus, a conclusão de que Deus existe também é
contido em uma premissa do argumento, tornando-o [circular](#):

1. Se o Cristianismo for verdadeiro, existe o sentido divino.
2. Se existe sentido divino, o Cristianismo é verdadeiro.

AC Grayling criticou a versão de Plantinga, dizendo que ela tinha o mesmo erro de [ser uma petição de princípio](#):

"É que se baseia na falácia da lógica informal conhecida como [petitio principii](#).

*Plantinga deseja afirmar que podemos saber que existe uma divindade porque a divindade nos
forneceu uma modalidade cognitiva, que Plantinga chama de "um sensus divinitatis", ou sentido
do divino, pela qual detectamos a sua existência. Então, sabemos que existe um deus porque esse deus
organiza as coisas para que saibamos que existe um deus. A circularidade é perfeita e perfeitamente
falaciosa. [5] "*

Indiscutivelmente, Plantinga nem sequer tenta mostrar que o *sensus divinitatis* prova Deus.[5]

Conclusão fraca baseada em premissas não fundamentadas

A existência de vários condicionais no argumento torna-o ineficaz - "se

O Cristianismo é verdadeiro", "muito provável", "se os humanos tiverem um sensus divinitatis".

não há evidência de que o *sensus divinitatis* exista. O argumento de João Calvino de que
"todos acreditam em Deus" é uma [generalização precipitada](#) e um [argumento majoritário](#).

Mesmo que fosse válido e sólido, o máximo que poderia provar é a **possibilidade**

de que o estado de coisas que apresenta fosse verdadeiro – e essa possibilidade não seria exclusiva de
nenhuma religião em particular. A remoção das condicionais remove este argumento do reino do
hipotético e coloca o crente de volta na posição de ter que defender a verdade das afirmações que faz - e
esse é o verdadeiro propósito deste argumento: é uma tentativa de evitar o fardo [da prova](#).

O sentido divino é considerado básico

Uma premissa do argumento afirma que o SD pode ser considerado propriamente básico.

Em vez de funcionar como um argumento que apoia a epistemologia reformada, apenas assume que a posição é verdadeira e segue em frente.

Para os fundacionalistas, a justificação para considerar qualquer crença propriamente básica é, por um lado, evitar uma [regressão infinita](#). A crença B é justificada por B', que é justificada por B'', etc. Para evitar a regressão, simplesmente aceita-se que algumas crenças não requerem justificação. Aqueles que concordaram com este princípio também entenderam que declarar dogmaticamente as crenças como básicas não é solução, já que qualquer pessoa poderia declarar qualquer crença básica e evitar a necessidade de justificá-la - em outras palavras, algo não pode ser adequadamente básico só porque afirmamos que é assim. Uma grande objeção, tanto de cristãos quanto de não-cristãos, é que esse argumento tenta fazer exatamente isso.

Para os fundacionalistas modernos, as crenças propriamente básicas não são afirmadas dogmaticamente, elas têm uma justificação inerente que as coloca na posição de não necessitarem de qualquer justificação *adicional*. As características definidoras que tornam uma crença propriamente básica são a consistência e a fiabilidade – ao ponto de questionar a justificação dessas crenças ser absurdo e contraproducente. Embora os dados sensoriais fossem considerados propriamente básicos entre os fundacionistas clássicos, os fundacionalistas modernos rejeitam esta noção – porque os nossos sentidos podem não ser fiáveis e não estão acima de qualquer dúvida. Os dados sensoriais podem ser vistos como “quase” básicos ou justificados pela noção básica de que a informação que o nosso cérebro processa é *geralmente* fiável, mas sujeito a corroboração.

Nenhuma religião ou teologia específica é apoiada

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Ainda outra objeção a este argumento é que ele não cria um argumento que necessariamente apoie apenas o Cristianismo. Consideremos o argumento novamente, com outra religião ou crença substituindo o Cristianismo juntamente com a sua reivindicação de algo semelhante ao *sensus divinitatis*. A conclusão funcionará para qualquer reivindicação que inclui um método de auto-confirmação.

Se a base para afirmar a existência do SD for uma interpretação específica do Escritura cristã, então interpretações alternativas tornam a afirmação suspeita e a primeira premissa deveria ser:

*"Se esta interpretação particular das escrituras cristãs estiver correta, então os humanos ter um *sensus divinitatis*"*

Os apologistas alegariam que é por isso que a premissa diz “muito provável” em vez de “necessário”, mas não há uma maneira clara de determinar qual interpretação pode ser considerada “muito provavelmente” correta, se houver.

pode. Na verdade, a primeira premissa é uma opinião pessoal que, depois de removendo [as condicionais](#) deve ler:

"Minha interpretação das escrituras cristãs apoia a existência de um sensus divinitatis"

Existem muitas religiões diferentes

Isto levanta questões sobre a fiabilidade das afirmações atribuídas a um *sensus divinitatis*. Se operarmos sob a suposição de que SD existe:

• Como explicamos a falta de tais reivindicações por parte dos não-religioso?

• Como explicamos as contradições [entre conhecimento](#) e reivindicações de conhecimento divinamente revelado?

• Como explicamos as muitas incoerências e/ou afirmações contraditórias sobre deus/Deus/deuses feitas por membros de várias religiões - incluindo membros que professam ser da mesma religião?

Existem mais de 1000 denominações dentro do Cristianismo e tem havido muitas outras religiões e seitas que afirmam adoram o mesmo Deus, confiam em muitas das mesmas escrituras e reivindicam equivalentes aproximados de SD. Mesmo para o observador mais casual, esta situação deveria pôr em causa a fiabilidade das afirmações relativas ao DS.

"Há mais ídolos do que realidades no mundo: isto é meu "mau-olhado" sobre este mundo; esse também é o meu "mal orelha.""

- [Friedrich Nietzsche](#)

Além disso, as crenças criadas por um *sensus divinitatis* não podem ser distinguido de crenças que são o resultado de ilusão ou doença mental.

Assumindo as características de Deus

O argumento pressupõe que Deus gostaria que as pessoas soubessem que ele existia, mas isso não foi devidamente estabelecido.

Além disso, presume-se simplesmente que o sentido divino é confiável e que Deus não é um trapaceiro. Dado que os humanos muitas vezes estão [errados em suas crenças](#), não esperaríamos que o *sensus divinitatis* fosse qualquer

diferente. Como distinguir o *sensus divinitatis* causado por [Deus](#) ou por [Satanás](#)?

Uma predisposição para acreditar em Deus não prova nada

Os humanos têm **preconceitos cognitivos**, o que às vezes leva a perceber coisas que não existem e a acreditar em coisas que não refletem a realidade. Uma predisposição para acreditar em Deus pode nada mais ser do que nossos cérebros limitados lutando para compreender um universo sem Deus. A nossa tendência para acreditar que algo é verdadeiro **não o torna verdadeiro**; na verdade, pesquisas sobre preconceitos cognitivos mostram que nossas crenças muitas vezes não são confiáveis! Há evidências de que a tendência humana de acreditar em agentes divinos é uma **adaptação evolutiva**.

Contradito pelas escrituras

Até a Bíblia contradiz a visão mais simples, de que todos conhecem Deus no fundo. [Salmos 14:1](#) diz: "O tolo disse em seu coração: Deus não existe". Parece difícil argumentar que alguém possa dizer "em seu coração" que Deus não existe, sem acreditar que Deus não existe. Portanto, a Bíblia reconhece que existem pelo menos alguns ateus (e eles são "tolos" pela definição bíblica).

Invertendo o argumento

Artigo principal: ***Se Deus quisesse ser conhecido, ele forneceria evidências confiáveis***

O argumento funciona nos dois sentidos:

1. Se o Cristianismo fosse verdadeiro, todos ter *sensus divinitatis*
2. Muitas ou todas as pessoas não têm *sensus divinitatis*
3. Portanto o Cristianismo é falso

Contabilização de diferentes religiões

Em resposta às críticas de que existem muitas religiões, os apologistas às vezes afirmam que os humanos foram originalmente criados com um *sensus divinitatis* perfeito, mas depois que o homem **pecou** comendo da **árvore do conhecimento**, parte de sua punição foi a separação de Deus o que tornou esse sentido divino não confiável.

*“Como qualquer processo cognitivo, no entanto,
o sensus divinitatis pode funcionar mal; como resultado
do pecado, realmente houve dano”*

-Alvin Plantinga[3]

Eles afirmam que este SD quebrado será reparado, para os
"verdadeiros" crentes, por Deus. Alguns dos que usariam este
argumento reescreveriam o
premissa relevante para ler:

*“Se os humanos tiverem um SD funcionando corretamente, então a crença cristã pode ser
fundacional”*

Contra-argumentos

Este *ad hoc* explicação mina completamente o
argumento. Cria uma *desconexão lógica* entre
duas premissas.

Uma premissa refere-se simplesmente a "**SD**", enquanto
a outra premissa adiciona o qualificador "**funcionando
corretamente**". Isto invalida o argumento e
a conclusão não pode ser alcançada sem
também mudando a próxima premissa para incluir o
qualificador. Se modificarmos ambas as premissas para
reconectar o argumento, a *validade* é restaurado,
mas o dilema (*como explicar as inconsistências?*)
retorna e o argumento revisado tem novos problemas:

⁹ Se o Cristianismo for verdadeiro, é muito provavelmente
que os humanos são dotados

um **SD funcionando corretamente**

⁹ Se os humanos tiverem um **SD funcionando corretamente**,
então a crença cristã pode ser fundamental

⁹ Se o Cristianismo for verdadeiro, muito provavelmente
A crença cristã pode ser justificada sem
evidência independente

O novo problema é que adicionamos mais uma
condicional para o argumento -

funcionando corretamente - o que, sem adicional
informação, torna o argumento ainda mais ineficaz.

Modificando essas premissas

demonstra as falhas fundamentais
inerente a fazer reivindicações de
revelação divina :

ÿ Como você distingue SD de
psicose, ilusão ou ilusão?

ÿ Como você sabe se o seu
SD está funcionando corretamente?

ÿ Como você sabe que seu SD não é
sendo [intencionalmente manipulado por](#)
[Satanás?](#)

ÿ Não seria um verdadeiro mal e quase deus-
como preferir que você acredite que está
entendendo Deus quando na verdade
o está entendendo?

A natureza pouco fiável e muitas vezes contraditória das
afirmações atribuídas ao DS garante claramente que
este não deve ser considerado propriamente básico.
Isto só é agravado por explicações ad hoc
para explicar a natureza pouco fiável destas afirmações,
que parecem ser tentativas desesperadas de evitar a
conclusão óbvia -
não há *sensus divinitatis*.

Perguntas para os crentes: A Bíblia é

supostamente a palavra inspirada de Deus,
claramente a obra de homens cujo sensus
divinitatis deveria estar funcionando perfeitamente.

É essencialmente assim que os crentes
justificam a confiabilidade da Bíblia.

Se isso for verdade, então os relatos bíblicos de
Deus realizando, sancionando ou
encorajando assassinato, [estupro](#), genocídio e
sacrifício humano são verdadeiros e refletem a vontade de Deus
caráter moral. O seu atual sensus divinitatis
lhe dá uma imagem mental semelhante de
Deus? Se não, por que o seu
correto?

Referências

1. ÿ ^{1,0 1,1} Prayson Daniel, [Sensus Divinitatis](#), 5 de novembro de 2013
2. ÿ Parafraseado da Experiência [Ateísta](#), #455, das 41h23 às 54h30.
3. ÿ ^{3,0 3,1} Plantinga, Garantido Crença Cristã, pág. 214. [\[1\]](#)
4. ÿ João Calvino, [Institutas do Religião cristã](#), 1536
5. ÿ ^{5,0 5,1} [\[2\]](#)

Veja também

ÿ [Os ateus sabem que existe um Deus](#)

ÿ [Apologética pressuposicional](#)

Argumento da singularidade

Muitas religiões monoteístas afirmam que são exclusivamente corretas e que todas as outras religiões são falsas. Existem milhares de religiões no mundo e muitas mais extintas, o que implica que todas as religiões são invenções humanas. Para que uma religião reivindique a verdade exclusiva, os apologistas tentam estabelecer que a sua religião é [exclusivamente verdadeira](#) e [distinta das outras](#) religiões "falsas".

"Você já considerou o fato de que o Cristianismo é a única religião cujo líder supostamente ressuscitou dos mortos? [\[1\]](#) " —

"Olhe pelas principais religiões do mundo e você encontrará aquele Buda, Maomé, Confúcio e Moisés identificaram-se todos como professores ou profetas. Nenhum deles jamais afirmou ser igual a Deus. Surpreendentemente, Jesus o fez. É isso que diferencia Jesus de todos os outros.[\[2\]](#) " —

Uma extensão deste argumento é afirmar que as características únicas de uma religião são prova da existência de Deus. Todas as outras religiões são consideradas como tendo características de invenção humana. O argumento é frequentemente declarado da seguinte forma: [\[3\]](#) —

"Deus é perfeito. Homens e mulheres são imperfeitos. Como resultado, a humanidade só pode criar religiões imperfeitas. Isso significa que todas as religiões criadas pelo homem são imperfeitas e têm características comuns. Isto torna única a única religião criada por Deus, porque tem características que só Deus poderia lhe dar."

Em outros casos, o argumento é deixado como subtexto:

"Um estudioso que ponderou sobre este versículo [\[Sura 4:1\]](#) afirma: 'Acredita-se que não há texto, antigo ou novo, que trate da humanidade da mulher de todos

aspectos com tão incrível brevidade, eloquência, profundidade e originalidade como este decreto divino.' [4] "—

Os detalhes específicos que são únicos geralmente são declarações doutrinárias e testemunhos de milagres. O argumento está relacionado ao [argumento dedutivo do design](#) porque as características de uma religião são usadas para inferir um Deus e todas as outras fontes possíveis são descartado.

Conteúdo	
	[esconder]
• 1	argumento formal
• 2	exemplos
o 2.1	Teologia
• 3	contra-argumentos
o 3.1	A singularidade não implica automaticamente a verdade
o 3.2	Muitas religiões reivindicam singularidade
o 3.3	Singularidade exagerada
• 4	Singularidade dos livros sagrados
• 5	referências
• 6	links externos

Argumento Formal

1. Uma religião R faz certas afirmações únicas.
2. Um Deus perfeito criaria uma religião que tornasse estas reivindicações.
3. Nenhuma outra religião faz estas afirmações.
4. Não há outra maneira de uma religião fazer essas afirmações exceto se fosse dirigido por Deus.
5. Portanto, a religião R é verdadeira e todas as outras religiões são falsas.

Exemplos

Teologia

Em relação à [Trindade](#):

"Se você procura algo superpessoal, algo mais que uma pessoa, então não é uma questão de escolher entre a ideia cristã e as outras ideias. O A ideia cristã é a única no mercado."

-CS [Lewis, Mero Cristianismo](#)

Contra-argumentos

A singularidade não implica automaticamente a verdade

O argumento pressupõe que nenhuma outra religião poderia ser como aquela projetada por Deus. Esta é uma afirmação sem suporte e estabelecê-la dependeria do conhecimento prévio de Deus, o que faria com que o argumento fosse [uma petição de princípio](#). É possível que Deus tenha criado uma religião de caráter muito semelhante às religiões pré-existentes.

Além disso, a exclusividade pode surgir de outros processos. Por si só, a singularidade não implica verdade ou perfeição.

Muitas religiões reivindicam singularidade

[Muitas religiões](#) reivindicam diferentes conjuntos de características únicas e não há nenhuma vantagem clara em quaisquer reivindicações específicas de singularidade.

Exclusividade exagerada

Algumas religiões afirmam ser únicas por motivos específicos, tais como como [Jesus](#) sendo [ressuscitado](#). No entanto, esta afirmação não é realmente exclusivo do cristianismo. Os deuses [Dionísio](#), [Odin](#), e [vários](#) outros também teriam retornado dos mortos. [\[5\] Nascimentos virgens , mitos de inundação, afirmando ser filho de Deus, realizando milagres, profetas](#) aparecendo em [visões](#) e ascendendo ao [céu](#) também são comuns a muitas religiões.

Muitas características supostamente únicas de uma religião são frequentemente adaptadas de religiões anteriores. Os temas e a mitologia do Cristianismo foram baseados nos mitos judaicos, egípcios e verdes. [\[6\]](#) A teologia cristã se origina em grande parte de [Aristóteles](#) e outros [filósofos gregos](#), via [Santo Agostinho](#). [\[7\]](#) As religiões [abraâmicas](#) foram influenciadas pelo [Zoroastrismo](#): [\[8\]](#)

"Zoroastro foi, portanto, o primeiro a ensinar as doutrinas de um julgamento individual, Céu e Inferno, a futura ressurreição do corpo, o Juízo Final geral e a vida eterna para a alma e o corpo reunidos. Essas doutrinas se tornariam artigos de fé familiares para grande parte da humanidade, através de empréstimos pelo Judaísmo, Cristianismo e Islamismo; no entanto, é no próprio Zoroastrismo que eles têm a sua mais completa coerência lógica [...]"

O Islã foi baseado nas religiões abraâmicas anteriores, bem como paganismo árabe. Oração cinco vezes ao dia em direção a Meca, peregrinação, o ritual ṭawāṣṣ de circunvolução, lunar símbolos e adoração na Kaaba são todos pagãos pré-islâmicos práticas. [9][10]—

Singularidade dos livros sagrados

Algumas religiões reivindicam o seu livro sagrado, como o [Alcorão](#), é único, o que supostamente é uma evidência de sua divindade.

“Os muçulmanos têm algo que oferece a prova mais clara de todas – o Alcorão Sagrado.

Não há outro livro igual em nenhum lugar do mundo. [11] ” —

"E se você estiver em dúvida sobre o que temos revelado de tempos em tempos ao Nosso servo, então produza uma Sura como esta"

- [Surata 2:23](#)

Contudo, o Alcorão não é particularmente especial em nenhum sentido literário, científico, político ou poético. [12] Além disso, a singularidade não implica necessariamente divindade.

Referências

1. ṡ [1]__
2. ṡ [2]__
3. ṡ [Missão para a América](#), como sabemos
O cristianismo é o único caminho verdadeiro?,
recuperado em 3 de abril de 2014 [3]
4. ṡ [4]__
5. ṡ [5]__
6. ṡ [6]__
7. ṡ [Wikipedia](#), "Aristóteles, Influência sobre os teólogos cristãos ocidentais" [7] __
8. ṡ [Mary Boyce](#), Zoroastristas, página 29
9. ṡ [Vin Chauhan](#), As Raízes Pagãs da Adoração Islâmica [8]__
10. ṡ [WikiIslam](#), Origens Pagãs do Islã [9] __
11. ṡ [10]__
12. ṡ [11]__

Links externos

• [A Singularidade do Cristianismo](#)

• [Características únicas do Islã](#)

• [A Singularidade do Judaísmo](#)

Argumento do design

O **argumento do desígnio**, também conhecido como **argumento teleológico**, é um argumento a favor da existência de um [designer divino](#) com base em instâncias de ordem ou propósito na natureza. O argumento tem sido usado desde a Grécia antiga e continua sendo um argumento popular. O [inteligente movimento de design](#) é com base neste argumento. A conclusão apenas afirma que existe um designer, mas [não apoia qualquer determinada religião](#).

Argumentos [para](#) e [contra](#) a validade do argumento foi avançada por muitos filósofos e apologistas. [David Hume](#) foi altamente crítico do argumento em seu livro seminal [Diálogos Sobre a Religião Natural](#). [William Paley](#) introduziu a [analogia do Relojoeiro](#) que é popular redação do argumento.

Um argumento típico do design é o seguinte: [\[1\]](#) —

"Alguns sistemas naturais, especialmente sistemas vivos, contêm soluções engenhosas para resolver problemas técnicos. Os inventores humanos devem resolver os mesmos problemas físicos para alcançar resultados semelhantes [...] Características biológicas engenhosas foram [...] projetadas por nossos Criador sábio, benevolente e poderoso. A natureza nunca foi observada inventando esses tipos de estruturas complexas, cada uma bem adequada à sua tarefa, e não há sequer um explicação evolutiva teórica e realista, passo a passo, de como eles poderiam ter desenvolvido. Assim, da mesma forma que inferimos um pintor de uma pintura, ou um engenheiro de um motor, inferimos um Criador de uma criação."

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 Críticas](#)
 - o [2.1 Propriedades características de um objeto projetado](#)
 - o [2.2 Descartando processos naturais](#)
 - o [2.3 A dissimilaridade leva a uma analogia fraca](#)
 - o [2.4 Fontes de pedido](#)
 - o [2.5 O que causou o designer?](#)
 - o [2.6 Implicações absurdas do argumento do design](#)
 - o [2.7 Design como explicação](#)

- [3 argumentos relacionados](#)
- [4 referências](#)

Argumento Formal

Existem três variantes formais do argumento do design. [2] Eles são usados individualmente ou juntos em declarações informais do argumento.

Versão dedutiva:

ÿ a1) Objetos projetados por humanos são encomendados* .

ÿ a2) A ordem* em qualquer objeto tem origem em uma fonte externa.

ÿ a3) Não há outra fonte externa de pedido* além de um designer,

ÿ a4) Um objeto X (por exemplo, um olho ou o universo inteiro) é ordenado* .

ÿ c1) X foi projetado.

ÿ c2) Portanto existe um designer do objeto X.

*
ou tenham propósito, complexidade, beleza ou qualquer outra propriedade característica do design.

Versão analógica (indutiva):

ÿ a5) Objetos projetados por humanos são encomendados* .

ÿ a6) Um certo objeto X (por exemplo, um olho ou o universo inteiro) também é ordenado* .

ÿ a7) Por analogia, os objetos humanos são semelhantes ao objeto X e as causas devem ser as mesmas.

ÿ c3) X foi projetado

ÿ c4) Portanto existe um designer do objeto X.

Há uma terceira forma de argumento que não exclui outras explicações para a ordem, mas seleciona o design porque é supostamente a explicação mais provável.[2]

Crítica

Propriedades características de um objeto projetado

O argumento do design depende de uma propriedade característica que é indicativa do design. O propriedade característica é usada para afirmar a semelhança do design humano com um projeto ordenado sistema ou para descartar processos naturais formando um sistema ordenado.

Terminologia vaga

O argumento do design afirma que os objetos projetados pelo homem e os objetos naturais compartilham uma propriedade que é característica do design. Embora esta propriedade característica seja geralmente chamada "ordem", "propósito" ou "complexidade", o que estes se referem especificamente é vago. Para por exemplo, [Paley](#) não especifica explicitamente o que ele quer dizer com "as marcas do design" em um assistir.

Analogia com um único universo

Só temos conhecimento do nosso universo. Para inferir adequadamente as propriedades do universo projetado em geral, precisamos ter experiência de múltiplos universos. Se não o fizermos, qualquer propriedades do nosso universo podem ter se originado de uma fonte diferente do design. Já que nos falta conhecimento de múltiplos universos, não podemos inferir a semelhança entre o design humano e o projeto do universo. Isso é conhecido como [falácia do holofote](#).

Utilidade e propósito são uma construção humana

As ideias de utilidade originam-se em nossas mentes e são independentes da origem do objeto. Água é útil para beber e limpar, mas existe há mais tempo do que toda a vida e provavelmente continuará existir depois que os humanos forem extintos. Tanto os objetos projetados quanto os não projetados podem ser úteis em uma circunstância particular.

O propósito também é invenção humana e devemos distinguir o uso de algo para um propósito com o *design* para um propósito. Podemos dizer que o propósito de um relógio é contar as horas. No entanto, eles podem ser utilizados como peso de papel, pêndulo, acessório de moda, etc., caso em que a finalidade de um relógio é mudado por nossas mentes. Objetos naturais também são usados para uma finalidade, como uma caverna como abrigo, mas não se segue que a caverna tenha sido formada para esse propósito.

Muitas versões do argumento do design assumem que o propósito de um objeto específico é para o benefício dos seres humanos, como o [argumento do ajuste fino](#). Sem provas de que uma objeto foi projetado com isso em mente, a afirmação é arbitrária e antropocêntrica.

Existe algum objeto que não foi projetado?

Os criacionistas geralmente afirmam que tudo no universo foi projetado. É, portanto impossível estabelecer uma distinção entre objetos projetados e não projetados, porque não existem objetos não projetados para experimentarmos! Portanto o criacionismo é incompatível com o argumento do design.

Na analogia do Relojoeiro, Paley afirma que uma pedra pode ter sempre existido, mas um relógio foi definitivamente criado. A propriedade característica do design implicitamente sugerida é que o relógio não é ocorre naturalmente e é, portanto, projetado. No entanto, ele também argumenta que o universo, incluindo a rocha, foi projetada. Isso destrói o que "ocorre naturalmente" versus "ocorre não naturalmente" distinção que ele primeiro estabeleceu.

Beleza

A beleza é uma invenção humana subjetiva e não indica de forma confiável a origem de nada.

O que constitui belo varia de pessoa para pessoa, o que impede um acordo geral sobre qualquer evidência específica para apoiar o argumento.

Patternicidade

Artigo principal: [Apofenia](#)

Os seres humanos tendem a ver padrões aparentemente significativos, mesmo quando não são realmente presente. [3] Esse viés faz com que supostos padrões, como "ordem" ou "propósito" em universo, muito questionáveis, a menos que possam ser rigorosamente definidos e avaliados.

Complexidade especificada

Existem várias definições de [complexidade especificada](#). Com base no geral conceito, [William Dembski](#) adaptou a ideia em um sistema matemático vagamente relacionado a teoria da informação. Neste contexto, complexidade implica a baixa probabilidade de um objeto ser ocorrem por amostragem aleatória de possibilidades. [4] Especificado geralmente significa "um valor significativo e subjetivo [5] resultado". A complexidade especificada tem sido amplamente criticada por seu uso inconsistente de terminologia, jargão único, irrelevância e validade questionável [6] [7]. O conceito assume amostragem aleatória de configurações possíveis, mas isso é de relevância questionável processos naturais que tendem a variar progressivamente. A complexidade especificada é uma medida subjetiva, que é passível da [falácia do atirador de elite do Texas](#) e antropocentrismo.

Complexidade irreduzível

[Michael Behe](#) introduziu o conceito de [complexidade irreduzível](#). Ele o define como o propriedade de ser "composto de diversas partes bem combinadas e interagindo que contribuem para a função básica, em que a remoção de qualquer uma das peças faz com que o sistema efetivamente cessar de funcionar". [8] Alguns projetos humanos não atendem a esse critério, como sistemas redundantes. O critério de "cessar funcionamento" pressupõe que há um propósito para o sistema, que é um conceito subjetivo sujeito ao antropocentrismo.

O design geralmente possui a característica alegada?

O argumento do design afirma que a inteligência (como a mente humana) pode fornecer um exemplo de como o princípio do design realmente ocorre. Contudo, um projeto a inteligência em um mundo alienígena pode funcionar de maneira bem diferente. Se usarmos arbitrariamente recursos humanos design como modelo para o design em geral, isto é, assumindo o antropomorfismo sem qualquer evidência. Isso é conhecido como [falácia do holofote](#). Um planeta alienígena pode ter design manifestado sem o alegado desenho característico visto na Terra.

Experiência direta de um designer

Sabemos que um relógio tem um designer experiente. Conhecimento direto do relojoeiro e o processo de fabricação de relógios é uma indicação certa da origem da ordem num relógio. Contudo, não temos experiência direta do processo de design que planejou o universo. Tentar inferir um designer cósmico sem ter como investigar o processo de design cósmico não é confiável.

Descartando processos naturais

A afirmação de que qualquer objeto específico não pode ocorrer naturalmente é difícil de estabelecer com alguma certeza, a menos que tenhamos experiência direta de seu projeto e fabricação. Isto é necessário para a versão dedutiva do argumento do desígnio.

O sistema não poderia ter ocorrido por acaso

O acaso às vezes é descontado como o [argumento do 747 Junkyard](#). No entanto, considerar que um sistema poderia ter surgido por acaso ou por projeto é um [falso dilema](#). Outros processos podem ter sido responsáveis. Chance ou [acidentes](#) raramente, ou nunca, são usados como a explicação completa de um sistema ordenado. Igualar a evolução ao acaso é um [espantoso](#) argumento, uma vez que negligencia o componente de seleção natural da teoria.

O universo é obviamente projetado

Isso considera o design como um pressuposto. Isto não pode ser usado no argumento do design sem [ser uma petição de princípio](#) (isto é, assumindo a conclusão nas suposições de um argumento).

Processos naturais não poderiam ter feito isso

A menos que sejam apresentadas provas de que uma explicação naturalista é insuficiente, este é um [argumento baseado na ignorância](#). É difícil imaginar que evidências poderiam estabelecer a conclusão de que "os processos naturais não poderiam ter feito isso". Se um sistema que ocorre naturalmente fosse ordenado e não houvesse explicação possível a partir de processos naturais, isso seria muito curioso. Se não houver explicação para os fenômenos neste momento, pode simplesmente ser que não somos suficientemente inteligentes para os descobrir e futuras descobertas poderão mudar a situação. Por causa disso, a ciência assume que todos os fenômenos são explicáveis em termos de processos naturais (ou seja, [materialismo](#)). Afirmar que um fenômeno está além da explicação por processos naturais *não* é científico por definição. Argumentos que se baseiam na inexplicabilidade dos fenômenos são [argumentos baseados na ignorância](#). A conclusão está numa base muito incerta, que muda com novas observações e a cada nova descoberta científica ([Deus das lacunas](#)).

Ordem

Muitas versões do argumento do design usam seres vivos como exemplos que não têm explicação. No entanto, a teoria da [seleção natural de Charles Darwin](#) mostrou que a complexidade da vida poderia evoluir ao longo de longos períodos de tempo. Tal como no caso da origem das espécies, é provável que muitas observações futuras sejam inexplicáveis num tempo anterior, apenas para serem explicadas mais tarde.

Propósito

Só podemos afirmar que um objeto foi projetado para um propósito se tivermos experiência no processo de design e no designer. Dizer que o universo cumpre um propósito pressupõe que esse propósito específico possa ser conhecido. Isto é difícil de estabelecer evitando o antropocentrismo grosseiro

ou a suposição de Deus, que é o que o argumento pretende estabelecer. Como podemos dizer se o universo cumpre um propósito desconhecido?

O universo parece operar de acordo com leis físicas. Essas leis são formuladas como equações que apresentam vários valores constantes que não têm explicação aparente. Estas constantes incluem a força da gravidade, a densidade do universo, etc. Se estas fossem ligeiramente diferentes, o universo pareceria ser muito diferente do seu estado atual e provavelmente não conteria vida (este é o [argumento do ajuste fino](#)). Dizer que este universo tem um propósito, como sustentar a vida, sem qualquer evidência é cometer a falácia [do atirador de elite do Texas](#). A partir disso, afirmar que existe um designer é um [argumento baseado na ignorância](#). Alguns valores matemáticos comumente usados foram citados como evidência de projeto, como o proporção áurea, mas estes estão sujeitos às mesmas objeções.

É possível que as constantes físicas não variem independentemente e haja alguma processo que determina o que são, embora não sejamos inteligentes o suficiente para descobri-lo.

Beleza

As pessoas discordam sobre o que constitui beleza. Sem ter um padrão objetivo, é difícil estabelecer quais exemplos apoiam o argumento do design. O universo contém uma mistura de beleza e feiura, o que torna a conclusão ambígua.

Complexidade irreduzível

A complexidade irreduzível é problemática como medida de design porque alguns elementos naturais estruturas apresentam complexidade irreduzível (como um arco marítimo ou eólico). A Terra possui um núcleo sólido, que se “removido” quebraria o campo magnético terrestre que tem a “função” de nos proteger. A lua estabiliza a rotação da Terra e, se removida, quebraria o eixo de rotação da Terra que tem a “função” de regular as estações. O sistema solar contém o sol, mas se este fosse removido, quebraria a “função” do sistema solar de dando à Terra um ambiente estável. Com base nesses exemplos, complexidade irreduzível ocorre naturalmente e é um indicador de design inválido.

A ideia de um “sistema” sendo “quebrado” está aberta à interpretação e tende a introduzir o antropocentrismo. A complexidade irreduzível ignora a possibilidade de um sistema ser feito inútil para o seu propósito original, mas torna-o mais adequado para um propósito alternativo. O é falso assumir que um sistema biológico tem um propósito fixo ao longo de sua evolução.

Certas estruturas, como o flagelo das células, são supostamente irreduzíveis complexo. [9] Esses exemplos são explicáveis pela [evolução](#) porque atua por adição, remoção, modificação e reaproveitamento. Afirmar que a complexidade irreduzível nunca pode surgir dos processos naturais é assumir que todos os processos naturais são aditivos, o que é falso.

Complexidade especificada

[William Dembski](#) afirma que muitos objetos biológicos têm **complexidade especificada** e não ocorrem naturalmente devido à sua improbabilidade. A improbabilidade da complexidade reivindicada por Dembski ignora a possibilidade de acumulação gradual de complexidade e considera apenas sistemas formados aleatoriamente. [Carlos Darwin](#) observou que as mudanças biológicas podem aumentar gradativamente ao longo de muitas gerações e invalida a complexidade especificada como um indicador de design.

Múltiplas fontes de pedido

O argumento dedutivo afirma que os processos naturais *ou* o design são a origem da ordem.

No entanto, este é um **falso dilema**: é possível que processos inteligentes e naturais estivessem envolvidos. Se a inteligência estivesse envolvida, ela poderia ter desempenhado um papel pequeno ou insignificante.

Talvez o “designer” tivesse muito pouca escolha no design do universo, limitado por limitações desconhecidas. Nesse caso, as escolhas de design não seriam contingentes, mas sim forçado a tomar os parâmetros observados.

A dissimilaridade leva a uma analogia fraca

A versão analógica do argumento do design depende da semelhança entre os objetos que estão sendo comparados. Uma forte analogia entre dois objetos que compartilham muitas propriedades pode resultar em uma conclusão relativamente confiável. No entanto, analogias entre objetos que são drasticamente diferentes resultam apenas em suposições ou conjecturas com muito pouca certeza. Estas objeções não se aplicam à versão dedutiva.

Diferença de escala

O design humano opera em objetos relativamente pequenos em um tempo relativamente curto, usando materiais e habilidades limitados. O argumento do design é frequentemente aplicado a *toda* a vida ou a *todo o universo*, ambos vastos, antigos e de escopo incompreensível. Tal criador exigiria vastos recursos, conhecimento e habilidade, tornando-o bastante diferente de um ser humano.

A analogia do design compara todo o processo do design humano aos estados atuais e conhecidos do universo. No entanto, não sabemos o suficiente sobre o universo primitivo para comparar o processo de design cósmico com o design humano.

Criação de *ex nihilo* nada

Os humanos projetam com base nos recursos disponíveis enquanto estão situados dentro do universo. Criar o universo a partir do nada *ex nihilo* enquanto estiver situado fora do universo e usando materiais desconhecidos (como [os criacionistas](#) assert) provavelmente exigiria um designer muito diferente e um processo de design muito diferente.

Fontes de pedido

O argumento dedutivo do design afirma que a ordem (ou qualquer outra suposta propriedade característica do design) veio de um conjunto finito de fontes possíveis. As fontes

são então eliminados até que apenas o design permaneça como explicação. No entanto, é difícil listar de forma abrangente todas as fontes possíveis, levando a um [falso dilema](#), onde a origem real do pedido é ignorada.

Chance por amostragem aleatória

Muitas versões do argumento do design, como o [design inteligente](#), são [falsos dilemas](#) entre design e acaso. Neste contexto, acaso significa sistemas. Cada sistema aleatório tentado é independente de tentativas anteriores (um processo conhecido como amostragem aleatória). No entanto, não se conhece nenhum processo natural que funcione desta forma. O universo muda progressivamente com cada estado é uma progressão do anterior estado. Para comparar os processos naturais ao puro acaso, como no [argumento do ferro-velho 747](#), é um [espantinho](#).

Processos naturais

O argumento do design pressupõe que os sistemas não podem auto-organizar-se. Isto é indiscutivelmente falso, dados os exemplos de [evolução](#), crescimento de cristais, formação planetária, ideias na mente humana (por exemplo, em um design), padrões de convecção térmica e em muitos outros exemplos que ocorrem naturalmente [10]. Como mencionado anteriormente, o [argumento do 747 Junkyard](#) é um [canudo homem](#) objeção porque não considera realisticamente como os processos naturais operam.

Multiverso

Pode haver outros universos além do nosso. A coleção de universos é chamada de multiverso. Um designer não é necessário como explicação se todos os universos possíveis existirem. Isso explicaria o suposto “ajuste fino” do nosso universo: existimos em um universo que sustenta a vida ([princípio antrópico](#)) mas existem outros universos sem vida.

A detecção indireta de ondas gravitacionais primordiais é uma evidência de que o multiverso existe. [11] É possível que as leis da física nos outros universos sejam diferentes das do nosso próprio universo. Também é possível que a ordem no universo tenha sido importada do multiverso por interações interuniversais.

Reprodução, semelhante à vida

Uma coisa viva é um sistema que muitas vezes cria outro sistema ordenado por reprodução. Este processo é mais comumente visto do que exemplos de design. Como a ordem pode originar-se da reprodução, o universo também poderia ser fruto de um universo semelhante. Uma teoria de um universo em reprodução foi proposto por Lee Smolin e chamado de [cosmológico natural seleção](#) ou universos fecundos. Especula que cada universo produz outros descendentes universos com leis físicas semelhantes, mas não idênticas.

Além disso, vemos a inteligência surgir da reprodução, mas nunca vemos a reprodução surgir da inteligência humana. Portanto, é menos provável que a inteligência do que a reprodução seja a última fonte de ordem.

Construção baseada no instinto e não no cérebro

Muitos animais constroem instintivamente sistemas como uma aranha tecendo uma teia. Portanto, a ordem também pode originar-se do instinto e não apenas do pensamento racional. Além disso, a teia é criada usando órgãos dedicados (fieiras), de modo que um sistema ordenado pode originar-se de um órgão outro o cérebro.

Inteligência

Um designer inteligente é uma explicação popular para a ordem na natureza porque é atraente para vaidade humana, padronização, **detecção de agente** excessivamente sensível e a nossa tendência para antropomorfismo.

Propriedade inata de auto-ordenação

Freqüentemente se afirma que Deus é um sistema auto-organizado. Se é possível que Deus seja eu organizador (ou necessariamente existente), também é possível que o universo também tenha essa propriedade e, portanto, não exija uma causa externa de ordem. A existência e as propriedades do universo podem ter sido determinadas por algumas restrições físicas desconhecidas, implicando que o "design" do universo era não contingente.

Ordem eterna

O universo pode ter existido antes do big bang de alguma forma e a ordem pode sempre ter existido. Considerando a entropia e a segunda lei da termodinâmica, teria de haver um mecanismo (ainda desconhecido) para reiniciar ou reabastecer isso de tempos em tempos.

Chance, dado o tempo infinito

O [argumento do ferro-velho 747](#) afirma que levaria muito tempo para que um sistema complexo se formasse por acaso. Nosso universo pode ter existido por um tempo infinito em muitas formas diferentes e ser anterior ao aparente início do [big bang](#). Um sistema em constante mudança, limitado a estados finitos, muito provavelmente resultaria em um sistema ordenado, talvez com a ordem limitada a uma área local, sem qualquer intervenção externa. Vários modelos de cosmologia são compatíveis com esta conjectura, incluindo um [universo oscilatório](#). No entanto, esta teoria tornou-se mais problemática com a descoberta da aceleração universo, o que não implica limite para a idade máxima do nosso universo.

Chance, se a ordem surgir e se autopropagar para o infinito

Dado um universo que é antigo (ou seja, muito mais antigo do que o big bang sugere, mas não necessariamente infinitamente antiga), é possível que a ordem local surja espontaneamente. Esta ordem local

pode autopropagar-se e manter-se em seu ambiente por um tempo infinito no futuro.

Isto não requer intervenção externa. Isto é semelhante à ideia de vida ordenada decorrente de materiais não vivos ([abiogênese](#)), que continua a se autopropagar.

Ordem oscilatória e caos

O universo pode ter a propriedade inata de oscilar entre a ordem e o caos. Pode eventualmente estabelecer-se num destes estados ou num estado intermédio. Isto pode explicar a mistura atualmente observada de ordem e caos. A entropia pode aumentar por um tempo (descrito pelo modelo atual de [termodinâmica](#)) e depois diminuir (por um processo desconhecido), que manteria uma mistura de ordem e desordem.

Princípios desconhecidos

É possível que o tempo tenha surgido no momento do [big bang](#). Por essa razão, pode não ter sentido pedir uma explicação causal para a ordem no universo porque não tem sentido perguntar quando surgiu "antes do big bang". No entanto, pode haver uma causa não causal explicação.

Investigamos de forma imperfeita parte do universo na última parte de sua vida (após a primeira fração de segundo após o [big bang](#)). Foram descobertos alguns processos que só funcionavam em épocas anteriores, como a inflação cósmica. Que outros processos podem operar no universo primitivo que são desconhecidos para nós? Ainda há grande incerteza sobre a física da época da grande unificação, que terminou aproximadamente 10⁻³⁶ segundos após a grande explosão. Até que possamos simular este ambiente ou observar estes fenômenos, não podemos descartar a possibilidade de que a ordem tenha sido formada por processos naturais no universo primitivo.

O que causou o designer?

Com base na necessidade de uma causa de ordem, o argumento do design conclui que existe um designer. Este designer exige uma explicação tanto quanto o pedido original.

Podemos pensar que esta questão está além da nossa compreensão ou é irrelevante, uma vez que já estabelecemos a existência do designer. No entanto, podemos então considerar que a causa da ordem no universo está além da nossa compreensão ou não requer uma resposta.

É um caso de [petição especial](#) pedir uma causa em um caso (ordem no universo) e não no outro (o designer).

O projetista do universo pode ser o produto do projeto de um agente superior, e assim por diante, até o infinito. Isto é chamado de [regressão infinita](#) e é geralmente considerado tão absurdo que [exclui](#) totalmente o argumento. Esta possibilidade é difícil de descartar por meio de argumentos; o argumento de uma [causa não causada](#) é semelhante neste aspecto. Uma abordagem é afirmar que o designer não requer uma causa ou designer (esta tática também é usada no argumento [Kalam](#)). Uma vez que esta propriedade "não causada" e necessariamente existente é arbitrariamente

concedido ao designer e o universo é arbitrariamente assumido como não tendo esta propriedade, este argumento é uma forma de [petição especial](#).

Afirmar que o designer não requer uma causa porque ela é necessariamente existente é também [implorando a pergunta](#). O termo necessariamente existente significa apenas "não exigir uma causa".

Também é possível que o designer tenha vindo de processos naturais (como processos alienígenas, não-divinos). designers), ou descendentes de uma divindade pré-existente. Observamos que a inteligência surge de reprodução, mas nunca o contrário.

Implicações absurdas do argumento do design

Se o argumento do design for aceito, ele sugere conclusões que seriam rejeitadas por a maioria dos teístas.

Implicações antropomórficas do argumento

O argumento analógico do design afirma a semelhança entre a capacidade dos humanos e de Deus de projetar. Isto levanta a questão de quais outras propriedades são compartilhadas entre os humanos e Deus com base na suposta semelhança.

Quando experimentamos uma inteligência humana, ela está sempre acompanhada de um corpo humano, bem como outros fenômenos que co-ocorrem com a mente. Esperaríamos, portanto, uma designer inteligente tenha atributos humanos acompanhantes. Este tipo de objeção se aplica a todas as versões do argumento do design.

Dados esses pontos, é provável que Deus tenha um corpo físico. Possivelmente o corpo de Deus é o próprio universo, semelhante ao conceito do [Panteísmo](#). Além disso, todos os designers que conhecemos têm um gênero, uma família, diferentes fases da vida, uma eventual morte, portanto Deus (ou os Deuses) também tem estes atributos.

Dificuldades analógicas

O argumento do design analógico afirma que, como o design da ordem é tão complexo, o designer deve ser proporcional à escala da obra. Deus, portanto, excede os humanos em poder. No entanto, a analogia traz consigo algumas implicações menos lisonjeiras. O universo e os fenômenos são finitos, portanto o projetista do universo é finito. Um deus infinito

nunca pode ser demonstrado a partir de fenômenos finitos. [Emanuel Kant](#) criticou tudo os [argumentos físico-teológicos](#), incluindo o argumento do design, dizendo:

“A ideia transcendental de um ser necessário e todo-suficiente é tão incomensuravelmente grande, tão elevado acima de tudo o que é empírico, que é sempre condicionado, que esperamos em vão encontrar materiais na esfera da experiência suficientemente amplo para nossa concepção, e em vão buscamos o incondicionado entre as coisas que são condicionadas, enquanto exemplos, ou melhor, até mesmo orientação nos são negados por

as leis da síntese empírica. [...] Esta prova pode, no máximo, portanto, demonstrar a existência de um arquiteto do mundo, cujos esforços são limitados pelas capacidades do material com o qual trabalha, mas não de um criador do mundo [12] "

Argumento de design ruim

Se o designer criou o universo inteiro, podemos atribuir elogios e culpa dependendo da qualidade do trabalho. Isso é chamado de [argumento do mau design](#). O universo está repleto de exemplos de design ruim e bom, sofrimento desnecessário, desastres naturais, áreas inabitáveis da Terra e do universo, ações boas e más e, portanto, o designer tem:

• atributos bons e maus (semelhante ao [maniqueísmo](#) ou [politeísmo](#)), ou

• é finito e um tanto incompetente, ou

• é amoral (ou seja, sem moral)

Afirmar que Deus é inteiramente bom e todo-poderoso enfrenta o [problema do mal](#): por que um Deus supostamente bom e poderoso não intervém e previne o mal? O mal existe e devemos atribuir uma causa; o argumento do desígnio implica que Deus criou o bem e mal.

Design como explicação

O argumento do desígnio não apoia necessariamente um projetista divino ou qualquer religião específica. O argumento do design tem sido usado [por diversas religiões](#) argumentar a favor da existência de Deus. A confirmação de um Deus monoteísta excluiria a existência de qualquer outro Deus ou Deuses. Mesmo se assumirmos que o designer é divino, não sabemos [qual Deus foi responsável pelo projeto](#).

Explicar a ordem do universo que pode não ter surgido "por acaso" postulando um Deus que é *ainda mais* improvável de ocorrer por acaso é absurdo (devido à maior complexidade de Deus em seu conhecimento infinito). [Richard dawkins](#) chamou Deus de "[747 Supremo](#)" em uma tentativa de subverter o [argumento do 747 Junkyard](#). Alguns crentes contrapõem isso afirmando a [simplicidade divina](#), embora isso pareça incompatível com um Deus conhecedor que é capaz de projeto.

Como é o designer?

A explicação de um designer tem valor explicativo limitado. O argumento dedutivo do design não estabelece propriedades do designer e não nos dá nenhuma visão sobre o design processo. A versão analógica sugere fracamente que o designer é um pouco como um ser humano designer, mas a extensão disso não pode ser verificada. Sem mais evidências e sem muitos tipos possíveis de designer, não podemos afirmar com segurança que o designer é divino.

Um candidato a designer de vida na Terra são alienígenas extraterrestres não divinos. Isto tem sido amplamente discutido e retratado na ficção, mas há poucas evidências para apoiar ou descartar isso. possibilidade.

O universo inteiro pode ser uma realidade simulada que existe num vasto computador e criada por uma entidade não-divina. Esta possibilidade foi considerada por físicos [13] e tem aparecido frequentemente na ficção, como nos romances de Douglas Adams e no filme de ficção científica série "Matrix".

Se existe um projetista, nosso universo pode ter sido um dos muitos universos que foram projetado, mas houve muitos projetos fracassados e universos fracassados antes que o projeto atual fosse encontrado. Nesse caso, o designer não merece muita admiração. Junto linhas semelhantes, o universo poderia ser:

• o produto de um Deus infantil ou subordinado que ele então abandonou, envergonhado disso,
• a obra de um Deus antigo que já morreu e o universo continuou sem intervenção adicional.

Para grandes projetos, os humanos geralmente tentam trabalhar em equipes. Portanto, é provável que um projeto vasto como o desenho do universo exija múltiplos projetistas. Isto é mais provável do que um único criador, uma vez que não temos experiência de uma única entidade que seja poderosa o suficiente para realizar todo o trabalho. Esta idéia é aceita por muitos politeístas religiões.

Argumentos Relacionados

• [Argumento de ajuste fino](#) - um argumento de design que se concentra em constantes físicas ser adequado para a vida.

• [Por que existe algo em vez de nada?](#)

• [Design inteligente](#) - um argumento do design que se concentra nas propriedades dos seres vivos que supostamente não pode ocorrer naturalmente.

• [Causa não causada](#) - em vez de perguntar por que causou a existência de tudo, o design argumento pergunta o que causou ordem em tudo.

• [Argumento Laminina](#) - argumentar que existe evidência da assinatura pessoal de um designer ou marca.

• [Argumento da inerrância bíblica](#) - argumenta que um livro sagrado tem as características de um autor divino

• [Argumento da singularidade](#) - argumenta que uma religião foi projetada por um Deus perfeito.

Referências

1. [ÿ Instituto de Pesquisa da Criação](#), o projeto de Deus é uma maravilha da engenharia [\[1\]](#) [2,0-2,1](#) Enciclopédia de Filosofia de Stanford, Argumentos Teleológicos para Deus 2. [ÿ](#) Existência, publicado em 10 de junho de 2005; revisado em 3 de outubro de 2010.
3. [Michael Shermer](#), "Paternidade: Encontrando Padrões Significativos em Coisas Sem Sentido Ruído", Scientific American, dezembro de 2008.
4. [ÿ William A. Dembski](#), "No Free Lunch: Why Specified Complexity Cannot Be Comprado Sem Inteligência", 2002, p. 111
5. [ÿ William A. Dembski](#), "No Free Lunch: Why Specified Complexity Cannot Be Comprado sem inteligência", 2002, p. 66
6. [ÿ "Por que o Design Inteligente Falha: Uma Crítica Científica do Novo Criacionismo"](#), editado por Matt Young, Taner Edis, 2004
7. [ÿ Thomas D. Schneider](#), Dissecando "Informações Complexas Especificadas" de Dembski, Atualizado em 01 de dezembro de 2008 [\[2\]](#)
8. [ÿ A Caixa Preta de Darwin: O Desafio Bioquímico à Evolução](#), Michael Behe, 1996, citado em [Irreducible Complexity e Michael Behe \(recuperado em 8 de janeiro 2006\)](#)
9. [ÿ Scott A. Minnich e Stephen C. Meyer](#), "Análise genética de flagelos coordenados e circuitos regulatórios tipo III em bactérias patogênicas", em Proceedings of the Second International Conference on Design & Nature, Rhodes Grécia (2004). [\[3\]](#)
10. [ÿ Wikipedia](#), Auto-organização [\[4\]](#)
11. [ÿ Lisa Grossman](#), Multiverso se torna real com um vislumbre das ondulações do Big Bang, Novo Cientista, 18 de março de 2014 [\[5\]](#)
12. [ÿ Emanuel Kant](#), [Crítica da Razão Pura](#) [\[6\]](#)
13. [ÿ New York Times](#), O Universo é uma Simulação?, 14 de fevereiro de 2014 [\[7\]](#)

Argumento da banana

O **argumento da banana** é uma variação do [argumento do design](#), dizendo que algumas coisas são assim são porque foram pensados especialmente para nosso prazer e conforto.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [informação básica](#)
- 2 [argumentos](#)
 - o 2.1 [Caminho da Versão Master](#)
 - o 2.2 [Versão da Lista](#)
 - o 2.3 [Silogismo](#)
- 3 [contra-argumentos](#)
 - o 3.1 [Falácia do espantinho: a lata de refrigerante](#)
 - o 3.2 [Argumento do design: A banana](#)
 - o 3.3 [Petição especial: A banana é projetada](#)
- 4 [outros contra-argumentos](#)
- 5 [notas adicionais](#)
- 6 [links](#)
 - o 6.1 [Veja também](#)
 - o 6.2 [Links externos](#)
 - o 6.3 [Referência](#)

Informações básicas

Este argumento foi apresentado por [Ray Comfort](#) como "o pior pesadelo do ateu" no [Caminho do](#) [Episódio mestre](#) intitulado "[A Beleza de um Espírito Quebrantado - Ateísmo](#)".

Argumento

Caminho da Versão Master



Ray Comfort com uma banana

[Ray Conforto](#) no [Caminho do Mestre](#):

"É minha teoria sobre a origem da lata de refrigerante. Há bilhões de anos, havia
foi um grande estrondo no espaço. Ninguém sabe o que causou o big bang, simplesmente aconteceu.
E desse estrondo saiu uma pedra enorme, no topo da rocha foi encontrado um doce e marrom
substância borbulhante. E ao longo de milhões de anos, o alumínio subiu pelas laterais, formou-se
com uma lata e uma tampa e depois uma aba. E então, milhões de anos depois, tinta vermelha, tinta azul,
tinta branca caiu do céu e formou as palavras '12 onças fluidas - Não
lixo'."

"Você está dizendo: 'O que você está fazendo, você está insultando meu intelecto' - e eu estou. Porque
sabemos que se a lata for feita, deve haver um fabricante. Se for projetado, deve haver um
desenhista. Acreditar que a lata de refrigerante aconteceu por acaso é entrar em uma atitude intelectual-
zona franca... é fazer eco quando pensa... é fazer lipoaspiração cerebral"

"Eis o pesadelo dos ateus. Agora, se você estudar uma banana bem feita, descobrirá, no
do outro lado, existem 3 cristas. No lado próximo, duas cristas. Se você preparar sua mão para
segure uma banana, você descobrirá que do outro lado há três ranhuras, do lado mais próximo, duas
sulcos. A banana e a mão ficam perfeitas, uma para a outra. Você encontrará o
o criador da banana, Deus Todo-Poderoso, fez com que ela tivesse uma superfície antiderrapante. Tem para fora
indicadores de conteúdo interno - verde, muito cedo - amarelo, certo - preto, muito tarde. Agora se
você vai até o topo da banana e verá que, como acontece com as latas de refrigerante, os fabricantes colocaram um
aba no topo, então Deus colocou uma aba no topo. Quando você puxa a aba, o conteúdo
não esguiche na sua cara. Você encontrará uma embalagem biodegradável e com perfurações.
Observe como ele fica graciosamente colocado sobre a mão humana. Observe que tem um ponto no topo para
facilidade de entrada. É o formato certo para a boca humana. É mastigável e fácil de digerir
e é ainda curvado em direção ao rosto para tornar todo o processo muito mais fácil.
Sério, Kirk, toda a criação testemunha a genialidade da criação de Deus."

Versão da lista

Observe que a banana:

- 1. É moldado para a mão humana
- 2. Possui superfície antiderrapante
- 3. Possui indicadores externos de conteúdo interno:

Verde - não maduro o suficiente

Amarelo - ideal para comer

Preto - muito maduro

- 4. Possui aba para fácil remoção da embalagem
- 5. É perfurado na embalagem para facilitar o descascamento
- 6. Possui embalagem biodegradável
- 7. É moldado para a boca humana

8. É agradável ao paladar

9. É curvado em direção ao rosto para facilitar o processo de alimentação

A conclusão: obviamente a banana foi desenhada por "Deus Todo-Poderoso" para o benefício dos seres humanos.

Silogismo

p1. Sabemos que uma lata de refrigerante é obviamente projetada

p2. As bananas parecem superficialmente semelhantes a latas de refrigerante

c1. A banana foi projetada

c2. O designer é Deus

Contra-argumentos

Falácia do espantalho: a lata de refrigerante

Ao contar ao público certas características de design de uma lata de refrigerante, Comfort cria um [homem de palha](#) em sua descrição da [evolução processo](#). [Falta](#) uma lata de refrigerante os principais mecanismos da evolução:

• Uma lata de refrigerante não possui um processo de auto-replicação e, portanto, suas características não pode ser herdado pelos seus filhos (e, por extensão, os seus filhos não podem têm variações dessas características). Desenvolvimento de características herdáveis é o processo que provoca a mudança nos organismos biológicos.

• As características herdáveis são positivas ou negativas com base no seu impacto sobre um indivíduo. capacidade do organismo de sobreviver e se propagar com sucesso. Mesmo que um refrigerante pode ter características hereditárias e um processo de autorreplicação, a ideia de que eles formariam lados de alumínio ou as palavras "12 onças fluidas - não Ninhada" não é consistente com [a seleção natural](#). Essas coisas são questões de conveniência humana, não coisas que impactam a sobrevivência de uma espécie.

As latas de refrigerante são realmente projetadas. E embora possa (sem dúvida) haver algum semelhanças superficiais entre latas de refrigerante e organismos evoluídos, como bananas, as latas de refrigerante não possuem os mecanismos que permitiriam a evolução. Eles portanto, não são análogos às bananas (ou outros organismos evoluídos) para o propósito de seu argumento contra a evolução.

O design atual das latas de refrigerante não era o design inicial. Por exemplo, as latas de bebidas nem sempre tinham uma aba para abri-las - elas exigiam um "chave da igreja" para fazer um furo no topo. As primeiras latas de abertura de aba foram abertas para fora, deixando uma aba de metal afiada para o usuário descartar. As latas não sempre foi feito de alumínio - as versões anteriores eram de aço, o que era muito mais pesado para transportar e muito mais difícil de usinar. A borda e o fundo da lata

foram projetados especificamente para funcionar em máquinas automatizadas de refrigerante.

Até mesmo os produtos projetados passaram por um extenso processo de redesenho

semelhante à evolução biológica, com o designer mantendo desejável e

eliminando características indesejáveis.

Argumento do design: A banana

Mesmo que se concorde que as bananas têm algumas características que são convenientes para

humanos e outros animais, o argumento de que as bananas devem ter um designer

é um [argumento do design](#). Assume que as características naturais que têm **uma**

semelhança superficial com características projetadas indicam que o objeto foi

projetado.

Como a teoria da evolução fornece especificamente um meio alternativo pelo qual

semelhança com o design poderia ser alcançada naturalmente, assumindo que

a semelhança com o design indica que o design torna o argumento circular. Há

nenhum argumento contra a teoria em si.

Petição especial: A banana foi projetada

É discutível se a banana tem ou não características de design:

• As bananas, juntamente com a maioria dos alimentos que as pessoas comem, foram domesticadas e criadas para terem

os recursos que gostamos. Nós apenas mantemos e reproduzimos bananeiras que produzem bananas exatamente

do tamanho e formato que desejamos, e destruímos o resto.

[Bananas naturais](#) são muito menores e estão cheios de sementes do tamanho de caroços de cereja. [musa](#)

[balbisiana](#) e [Musa acuminado](#), os ancestrais da maioria das bananas cultivadas estão longe

menos adequado às necessidades humanas.

Isso foi possível devido à *variação na domesticação*. Ironicamente, o título

do primeiro capítulo do [livro de Charles Darwin Sobre a Origem das Espécies](#) publicado 150

anos atrás. A domesticação funciona exatamente da mesma forma que a evolução natural

processo, exceto, em vez de um critério *de seleção natural*, a seleção de domesticação

critério é o que melhor se adapta aos propósitos do criador de animais ou plantas. Ele ou ela controla

os resultados hereditários da linhagem genética, controlando quais machos e fêmeas de

a espécie acasala.

As bananas cultivadas são [partenocárpicas](#), o que significa que foram criados seletivamente até o ponto em

que são estéreis e incapazes de produzir sementes viáveis. Isto significa que eles não podem mais se propagar

sem intervenção humana, como [enxerto](#).

• Apesar do seu suposto “design perfeito”, a maioria dos animais não come bananas. Macacos

podem adorar a conveniência das bananas, mas provavelmente não estão tão entusiasmados com o

A fonte de alimento mais conveniente do crocodilo.

ÿ As bananas existem em todos os formatos e tamanhos. Comfort tem o cuidado de dizer "se você estudar uma banana **bem feita ...**" Bem, sim, se você pegar apenas pedras que cabem perfeitamente na sua mão, você notará que todas as pedras que você tem cabem perfeitamente na sua mão. Se você olhar para as bananas em geral, elas não se enquadra na descrição de Comfort.

ÿ Muitas espécies de banana são perfeitamente comestíveis, mas têm um aspecto completamente diferente.

ÿ Algumas espécies de banana parecem quase idênticas, mas não são comestíveis ou quase não são comestíveis.

ÿ Muitas espécies de bananas não possuem o "indicador" de maturação descrito por Comfort.

ÿ As bananas não crescem na maioria das áreas do mundo. Exceto através da moderna cadeia de abastecimento, as bananas não seriam convenientemente obtidas pela maioria das pessoas.

ÿ Mesmo que as bananas fossem o alimento perfeito, a maioria das plantas não o é. Não há nenhum óbvio indicação (além da experiência vicária) de que os mirtilos são comestíveis, mas semente da lua são mortais.

ÿ O [fungo Death cap](#) é superficialmente semelhante ao [cogumelo comestível do campo](#) como são várias espécies chamadas coletivamente [de Anjo Destruidor](#) e erros com esses fungos causam novas fatalidades anualmente. É incompreensível por que um deus que se preocupa tanto com o desenho da banana toma tão pouco cuidado para ajudar as pessoas a distinguir os cogumelos comestíveis dos fungos venenosos mortais.

E, finalmente, mesmo que o argumento apoiasse a existência de um designer de banana, não mostra que o designer seja sobrenatural, ou que seja o deus do Conforto. Como mostrado, existem designers humanos naturais.

Outros contra-argumentos

ÿ Mesmo que o argumento mostrasse que as bananas foram concebidas por não-humanos, não seria provar que existe apenas um designer; talvez milhões de designers de bananas tenham participado, veja [politéismo](#).

ÿ Mesmo que o argumento mostre que já existiu um designer de bananas não-humano, não provaria que o designer da banana ainda existe.

ÿ O argumento não fornece boas razões para supor que uma abordagem naturalista e não-design explicação para as bananas é improvável, e muito menos impossível.

ÿ A lista de recursos acima parece uma [escolha seletiva](#) [para inventar um bom exemplo](#). Dado Dada a grande variedade de frutas e vegetais, o enorme número de combinações possíveis dos seus atributos e o facto de os alimentos que comemos serem quase por definição os "mais adequados" para o nosso consumo, seria extremamente improvável que nenhuma fruta ou vegetal pareceria "especialmente adequado" para nosso uso.

ÿ O facto de uma banana caber perfeitamente na nossa mão pode dizer mais sobre a [evolução de](#) _____ mãos do que com bananas. A mão humana é muito versátil, capaz de mudar

formato suficiente para segurar uma pequena pedra ou um grande galho de árvore. Muitas coisas que não foram projetadas para nosso prazer também cabem em nossas mãos.

ÿ O número de objetos no universo que não são comestíveis e até perigosos para os humanos

supera em muito o número de objetos saborosos. Isso é evidência de um designer malévolo ou não existe? As bagas venenosas foram "projetadas" para nos matar?

ÿ Os seres humanos evoluíram para serem capazes de comer alimentos naturais. Nessa perspectiva, o

argumento parece um pouco com [o de Douglas Adams](#) analogia de uma poça pensando que o buraco onde ela está foi projetado para caber perfeitamente nela.

ÿ Mais animais do que humanos comem bananas (especialmente bananas que ocorrem naturalmente).

Talvez as bananas tenham sido criadas para macacos e os humanos simplesmente soubessem de uma coisa boa quando a viam.

ÿ Os seres humanos comem todos os tipos de alimentos e nem todos são fáceis de obter. O [coco](#) é também

apreciada pelos humanos e, ainda assim, além de ter uma superfície antiderrapante (como quase todos os objetos naturais) e ter um sabor agradável (como a maioria dos alimentos que os humanos comem), não possui nenhuma das outras propriedades da banana. Os cocos são difíceis de coletar porque crescem no alto, são muito mais difíceis de segurar ou de abrir e contêm gordura saturada prejudicial à saúde.

Uma [vaca](#), cuja carne, alguns poderiam dizer, é muito mais deliciosa do que uma banana, é bastante difícil de segurar na mão quando está em sua forma natural. Como muitos outros alimentos, as vacas também requerem preparação especial antes de comer, caso contrário, podem ocorrer algumas doenças perigosas. A propósito, as doenças vêm de bactérias que os teístas também diriam que foram criadas por Deus.

ÿ Alguns humanos são alérgicos a bananas, lançando dúvidas sobre a premissa de que bananas ou

os humanos são projetados um para o outro.

ÿ Este não é um argumento a favor do Cristianismo. Se fosse projetada, a banana poderia ter

foi projetado por Odin, Zeus ou qualquer outra divindade.

ÿ A "Aba" que serve para retirar a casca é na verdade o que liga a Banana à

monte. Na verdade, muitos primatas nem sequer o utilizam para retirar a pele, mas sim de baixo para cima.

ÿ Algumas pessoas não *gostam* de bananas. Se eles foram projetados para seres humanos (que foram

eles mesmos foram projetados, presumivelmente), por que nem *todos* os seres humanos gostam deles?

Notas Adicionais

Ray Comfort no episódio #103 de [Hellbound Allee](#) show, admitiu que este é um argumento ruim devido à domesticação humana da banana.

Desde então, ele se retratou em uma espécie de [notpologia](#), que o argumento ainda é válido como era

Deus que nos deu a capacidade de domesticar as referidas plantas e animais e, além disso, que ele não usa mais o argumento da banana apenas porque os ateus removeram maliciosamente

o argumento do seu próprio contexto, um segmento em que Comfort compara a evolução à [formação natural espontânea de uma Coca-Cola pode](#) ao longo de milhões de anos.



Uma banana selvagem, 'como Deus criou'. Os que temos hoje são o resultado de séculos de seleção artificial por homem.

Ligações

Veja também

[Argumento do design Ray Comfort](#)

links externos

ÿ [Vídeoclipe da discussão sobre banana](#) – Conforme apresentado por Ray Comfort no youtube

ÿ [Comfort aceitou o argumento da banana](#) - Anúncio Hellbound Aleee de Comfort
admitindo o argumento

ÿ [Notpologia Raias Banana](#) – Retração de raios do Hellbound Aleee original concedendo
argumento

ÿ [O argumento da banana por escrito](#) - Apresentado completamente sem ironia intencional
(lei de Poe)

Referência

ÿ [Caminho do Mestre s1e07](#) - Episódio da série Comforts Way of the Master, *The Beauty of um Espírito Quebrantado* – Ateísmo

Argumento do ferro-velho 747



Para mais informações, consulte a [Wikipédia](#) artigo:

[Tornado de ferro-velho](#)



Ferro-velho de aeronaves



Para obter mais informações, consulte [o arquivo TalkOrigins](#) artigo:

[Tornados em ferros-velhos não constroem coisas](#)

O **argumento do ferro-velho 747**, também conhecido como **argumento do tornado**, é apresentado por [criacionistas](#) e defensores do [design inteligente](#) e afirma que atribuir o desenvolvimento da [vida](#) a forças naturais como [a evolução](#) por [seleção natural](#) é como esperar [que um tornado passando por um ferro-velho](#) resulte em um [Boeing 747](#) totalmente funcional aeronave. O

argumento foi originalmente apresentado pelo astrônomo britânico [Fred Hoyle](#). Esta analogia depende um mal-entendido fundamental sobre a ["aleatoriedade"](#) [envolvido no desenvolvimento](#) da vida, bem como uma confusão das questões separadas de como a vida surgiu da não-vida e como a vida subsequente se desenvolveu a partir de seres vivos anteriores (supõe-se claramente que o jato sugere a complexidade dos organismos vivos atuais).

[EU IA](#) os defensores às vezes apresentam cálculos que mostram as [probabilidades](#) impossivelmente [baixas](#) de um dadas [proteínas](#) que se automontam espontaneamente a partir de um lote de [aminoácidos](#). [William Dembski](#) usa essa abordagem em seu artigo [\[1\]](#). Tais cálculos são irrelevantes porque ignoram características importantes dos mecanismos evolutivos propostos – as mesmas características que contornam essas aparentes impossibilidades, na verdade.

O argumento é uma forma de [argumento do design](#) porque uma característica específica de uma classe de diz-se que os objetos implicam que o objeto foi projetado.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- 1 [argumento formal](#)
- 2 [Contra-apologéticas](#)
 - o 2.1 [Caracterizando a evolução como aleatoriedade](#)
 - o 2.2 [Assumindo que o objetivo da evolução é criar humanos](#)
 - o 2.3 [Deus como explicação](#)
 - o 2.4 [Qual Deus?](#)
 - o 2.5 [Argumento da ignorância](#)
- 3 [Veja também](#)
- 4 [referências](#)

Argumento Formal

1. Os componentes de um sistema (como partes de uma aeronave ou sistema biológico) têm muitos estados ou arranjos possíveis. A grande maioria dos estados está quebrada ou inválido.
2. De (1), a probabilidade de um estado correto ou válido ser selecionado aleatoriamente é muito baixo.
3. Existe apenas um tempo finito e, portanto, apenas um número limitado de configurações poderia na verdade ter sido montado e testado aleatoriamente.
4. De (2) e (3), a montagem aleatória do sistema quase certamente não ocorreu.
5. De (4), portanto, uma explicação diferente para a montagem do sistema é quase certamente necessário.
6. A explicação é Deus.

Contra-apologética

Caracterizando a evolução como aleatoriedade

Artigo principal: [A evolução não é uma teoria do acaso](#)

O argumento do tornado depende da falácia comum de equiparar explicações "naturais" da vida com "aleatoriedade". Apenas uma pequena parte da teoria evolucionista é [realmente baseada na aleatoriedade](#). [Mutações genéticas e a variação genética natural](#) presente nas populações é, [em grande medida](#), aleatória; e os tipos de [pressões seletivas](#) encontrados pelos indivíduos ([predação, flutuações no fornecimento de alimentos](#), etc.) são, até certo ponto, de natureza aleatória. Contudo, o benefício diferencial de uma característica em relação a outra ao lidar com estas pressões ambientais (isto é, a parte da "aptidão" da "[sobrevivência do mais apto](#)") *não* é aleatório. Algumas adaptações são claramente benéficas [para o organismo e outras](#) claramente não. Isto significa que [Darwin](#) A força motriz proposta por trás da evolução, [a seleção natural](#), é tudo *menos* aleatória.

Além disso, a evolução não funciona rapidamente por meio de forças massivas e descontroladas, como tornados sim. A teoria da evolução sugere que *pequenas* mudanças, acumuladas ao longo períodos de tempo extremamente *longos*, resultam na atual diversidade da vida.

Mais importante ainda, a analogia do tornado carece dos dois elementos principais que tornam trabalho de evolução: *reprodução* (que permite “descida com modificação”) e *seleção* (que permite aumentar a complexidade). A falta desses aspectos reforça a improbabilidade de surgir algo útil do processo.

Se reformulado para levar em conta o tempo, a seleção natural e os diferentes resultados, deveria ser Perguntei quais são as chances de conseguir algum dispositivo de transporte funcional a partir de um tornado que se move através de um ferro-velho de peças de avião por três bilhões de anos, onde quaisquer peças que se combinem com sucesso permanecem enquanto quaisquer peças que não correspondam não permanecerão. juntos e assumindo que nenhuma peça seja danificada e que sejam intercambiáveis.

Assumindo que o objetivo da evolução é criar humanos

O facto de o argumento postular a criação de uma aeronave funcional revela outro equívoco: que a evolução tem *como objectivo* a criação de organismos vivos complexos.

Este é um caso de antropocentrismo injustificado. A evolução não tem objetivo ou propósito final; é apenas uma consequência da variação entre os indivíduos, juntamente com as pressões ambientais.

O tipo de cálculos feitos por Dembski baseiam-se (ou talvez dependam intencionalmente) de um mal-entendido fundamental sobre quais [probabilidades deveriam ser](#) . realmente ser considerado. As probabilidades de um *determinado* grupo de aminoácidos se reunirem numa *determinada* proteína podem de facto ser pequenas, mas os tipos de aminoácidos e proteínas em que a vida actual se baseia não são os únicos possíveis. Na verdade, mesmo a mistura de *átomos* na qual a vida na Terra se baseia principalmente não é a única possibilidade (ver [Wikipedia: Bioquímica Alternativa](#)). E no outro extremo, a atual gama de seres vivos que vemos à nossa volta não são as únicas formas de vida possíveis que *poderiam* ter evoluído. Afirmar que um resultado aleatório é significativo porque simplesmente ocorreu é um exemplo da [falácia do atirador de elite do Texas](#).

Para ilustrar o ponto anterior com outra analogia, considere a probabilidade de os próprios pais de Dembski criarem um filho exatamente como Dembski. As probabilidades são astronômicas. Mas, é claro, eles fizeram. Por outro lado, considere a probabilidade de os pais de Dembski poderem criar *qualquer* filho. Essas são probabilidades muito melhores.

Deus como explicação

Artigo principal: [gambito Ultimate 747](#)

Explicar um sistema ordenado em um sistema complexo com um sistema ainda mais complexo e ordenado apenas introduz dificuldades adicionais ao problema original. Se um

é improvável que um sistema complexo ocorra naturalmente, é ainda mais improvável que Deus ocorrem naturalmente do que um universo ordenado. Por esta razão, Dawkins virou o 747 argumento do ferro-velho sobre si mesmo e chamou Deus de o [Último 747](#).

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Nenhum Deus específico é provado pelo argumento.

Argumento da ignorância

Geralmente é assumido, por [falsa dicotomia e argumento da ignorância](#),

que a única explicação alternativa é um designer inteligente.

Veja também

• [Deus das lacunas](#)

Referências

1. [William A. Dembski](#), *Especificação: O padrão que significa*

Inteligência [\[1\]](#) [\(383 mil PDFs\)](#)

Argumento de laminina

O **argumento laminin** é uma tentativa de provar a existência do [deus cristão](#). O [argumento promove a](#) ideia de que Deus deixou uma marca registrada na criação dos seres vivos na forma da glicoproteína laminina.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 argumentos](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Inexatidão bíblica](#)
 - o [3.2 Falácia de associação](#)
 - o [3.3 Colheita cereja](#)
 - o [3.4 Imagem esculpida](#)
 - o [3.5 Falso dilema](#)
 - o [3.6 Links externos](#)
 - o [3.7 Referência](#)

Informações básicas

O pastor Louie Giglio promove esse argumento em um de seus sermões em DVD. Desde então foram repassados em correntes de e-mails e sites de redes sociais.

Argumento

p1. A laminina é uma proteína que une as células vivas.

p2. A laminina tem o formato de uma cruz.

pág.3. A cruz é o símbolo do Cristianismo.

c1. A forma de Laminin é a assinatura ou marca registrada de um [designer inteligente](#)

c2. Esse designer é o deus cristão.

Contra-argumentos

Inexatidão bíblica

As primeiras cópias conhecidas dos evangelhos usam a palavra *stauros* para a cruz de Jesus.

Segundo historiadores da época, a crucificação do *stauros* foi feita em formato de "T".

A cruz de Jesus não tinha formato de cruz.

Falácia de associação

Pode-se dizer que um *formato ilustrativo* comumente usado da estrutura da laminina se assemelha uma cruz (entre outras coisas, como uma espada ou caduceu [sendo este último um símbolo do deus grego Hermes], ou mesmo uma cruz *invertida* [que muitas vezes é exibida zombar *do* deus cristão]). A própria proteína teria que ser manipulada da forma que assume na natureza para se assemelhar a uma cruz.

apanhar cerejas

A laminina não é a única proteína ou célula encontrada nos tecidos conjuntivos animais. Não se pode dizer que nenhum dos outros (nem suas ilustrações estruturais) tenha a forma de uma cruz.

Conforme observado acima, a laminina só é encontrada em animais. Está sendo sugerido que outra entidade tenha projetado as plantas?

Imagem esculpida

Uma crítica comum ao Cristianismo é que ele quebra o segundo mandamento (dos [Dez Mandamentos Bíblicos](#)). pelo uso da cruz ou crucifixo como símbolo de adoração. Se esta for uma crítica precisa, então o deus cristão está encorajando a quebra dos seus próprios mandamentos.

Falso dilema

Mesmo que o design inteligente tenha sido comprovado, isso não prova que o deus cristão estivesse envolvido. Extraterrestres que usam uma cruz como símbolo são um dos muitos outros possibilidades.

links externos

- [\[1\]](#) - Artigo do Snopes sobre desmascarar o argumento da laminina, inclui a estrutura ilustração frequentemente usada no argumento e foto da laminina encontrada na natureza
- [\[2\]](#) - Clipe do YouTube de Giglio apresentando o argumento da laminina
- [Um argumento esfarrapado sobre a laminina](#) Uma boa refutação
- [Muitas outras moléculas têm formas que podem ser vistas ou imaginadas como especiais para muitas religiões diferentes. A laminina não é única.](#)

Referência

- [Wikipédia:Laminina](#) - Artigo da Wikipedia sobre laminina

Argumento da experiência pessoal

(Redirecionado de [revelação pessoal](#))

O **argumento da experiência pessoal**, também conhecido como **revelação pessoal**, é a sensação de uma experiência direta de Deus ou do sobrenatural. Pode ser um sentimento de presença divina ou na forma de conversa, visão ou inspiração criativa. Este argumento é particularmente comum entre certos ramos do Cristianismo onde foram relatadas coisas como possessão e levitação. Muitos crentes não têm revelações pessoais e

têm outros fundamentos para suas crenças.

As experiências pessoais são subjetivas e, como tal, não podem ser compartilhadas diretamente, apenas compartilhadas de forma anedótica.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 O argumento](#)
- [2 Exemplo de uso](#)
- [3 Contra-apologética](#)
 - o [3.1 Experiência de Deus como efeito psicológico](#)
 - o [3.2 Epilepsia](#)
 - o [3.3 Qual Deus?](#)
 - o [3.4 Nenhum conhecimento extraordinário ou consistente](#)
- [4 referências](#)
- [5 links](#)
 - o [5.1 Veja também](#)
 - o [5.2 Links externos](#)

O argumento

1. Tive uma experiência pessoal com Deus
2. Deus existe

Exemplo de uso

"[Jesus](#) apareceu para mim em uma visão, então eu conheço a doutrina do [Cristianismo](#) é verdadeiro."

"Jesus bateu na porta do meu coração e me pediu para abri-la. E eu

tinha feito isso. Jesus viveu em meu coração e afetou cada ação que tomei. [...]

Às vezes, quando estava com medo, sozinho ou angustiado, uma voz falava comigo, confortando-me, guiando-me através do labirinto da minha própria mente. vim associar isso

voz com Deus e ele falou comigo muitas vezes em momentos de grande angústia. Como um anjo da guarda, esta voz me protegeu dos meus próprios medos. [...] Essa voz parecia diferente da minha voz interna, porque falava com um tom de autoridade. E tudo o que dizia parecia profundo, perspicaz e importante.

Sempre que ouvia uma voz como essa, eu a rotulava como Deus falando comigo. [...] senti a presença tangível de Deus na igreja. Quando estávamos todos juntos, às vezes um espírito se moveu através de nós. Eu tinha certeza de que isso era Deus. [...] Essas percepções de um relacionamento pessoal com Deus foram minha evidência mais forte de que ele existia. Para mim, a minha experiência de Deus foi tão real quanto o mundo visível ao meu redor, tão real quanto as pessoas que vi, os artigos que escrevi ou as maravilhas do universo.

Para mim, essa experiência foi realidade. [1] " —

"Eu vi um [fantasma](#) com um amigo meu - não sou um mentiroso, um buscador de atenção. Nem eu estava muito cansado quando isso aconteceu."

Contra-apologética

O testemunho não é necessariamente uma fonte confiável para afirmações que não podem ser observado de forma independente.

Experiência de Deus como efeito psicológico

Tanto crentes quanto não crentes experimentam espiritualidade, beleza e emoções moralmente elevadas [2]. Amigos imaginários são uma ocorrência comum normalmente associada à infância [3] e muitas vezes são considerados guardiões. Deus pode ser uma "hiperrealidade" conceitual, na qual a consciência não consegue distinguir entre um Deus real ou uma representação de Deus com a qual interage como se realmente fosse Deus. [1] Os humanos têm preconceitos cognitivos que nos fazem perceber padrões supostamente significativos em dados aleatórios; esse efeito é chamado de [apofenia](#). A expectativa de certos resultados torna o uso seletivo

na evidência que consideramos num efeito chamado [viés de confirmação](#). Existente ou não, os eventos mundanos seriam então interpretados como um sinal de Deus.

Esses fenômenos podem fazer com que os crentes experimentem emoções reais porque a simulação de Deus ocorre subconscientemente. Se Deus é simulado pelos crentes, mas não tem realidade, então Deus é um **simulacro**. _____

"A voz de Deus que ouvi durante toda a minha vida foi simplesmente minha própria voz? [1]" —

Os humanos tendem a presumir de forma inadequada a existência de um agente de inteligência; este efeito é denominado "detecção de agência hiperativa".

Esse preconceito pode ter tido origem evolutiva, pois as consequências de não detectar um predador poderiam ser fatais.

"O alto custo de não detectar agentes e o baixo custo de detectá-los erroneamente levou os pesquisadores a sugerir que as pessoas possuem um Dispositivo de Detecção de Agente Hiperativo, um módulo cognitivo que atribui prontamente eventos no ambiente ao comportamento dos agentes.[4]" —

A crença em Deus pode ser um subproduto de todos esses preconceitos cognitivos. O resultado é que alguns crentes experimentam um *relacionamento com Deus* e sinceramente relatar suas experiências aos outros.

Epilepsia

Recentemente, tem havido muito trabalho sobre o tema da epilepsia do lobo temporal e sua relação com visões religiosas. Neurocientista V.S. **Ramachandran** escreveu muito sobre o assunto, afirmando que a causa de muitas visões que

líderes religiosos tiveram ao longo dos anos pode ter sido causada pela função neurológica. A difusão de experiências religiosas simuladas durante crises convulsivas do lobo temporal oferece razões suficientes para ser cético em relação à afirmação de que uma visão de Jesus pode realmente ser causada pela presença de Jesus, e não por um erro incidental na fiação do cérebro.

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Outro problema com a revelação pessoal é que muitas pessoas de outras religiões também a experimentam, mas nem todas experimentam o **deus cristão**. Se quisermos acreditar na revelação pessoal no caso do Cristianismo, então devemos também acreditar na revelação **muçulmana**. quando eles dizem que tiveram problemas pessoais revelação de Allah. _____

Também é frequentemente observado que os indivíduos de uma determinada sociedade só tenho visões das divindades e dos profetas

associados às sociedades às quais foram expostos para. Uma pessoa na África Subsaariana que nunca foi exposta ao Hinduísmo não teve uma visão de Krisna ou Vishnu, e uma pessoa na Arábia Saudita que nunca foi exposta ao Cristianismo nunca teve uma visão de Jesus.

No entanto, este movimento em direção à evidência é um tanto controverso, pois os apologistas podem ser propensos a afirmar a possibilidade de exceções a esta regra. Tais exceções são plausíveis, na forma de figuras que se assemelham, por exemplo, à Virgem Maria, mas geralmente baseiam-se em descrições vagas da figura religiosa em questão.

Pessoas da mesma religião não vivenciam experiências consistentes revelações. Poderíamos esperar que um Deus consistente fosse experimentado de maneira uniforme.

Um contra-argumento a este ponto é que [todos os deuses são aspectos do mesmo Deus](#): Deus é tão vasto e difícil de compreender que cada pessoa experimenta um aspecto diferente de Deus. Se fosse esse o caso, os padrões globais se fundiriam de uma forma entidade única, mas isso não ocorreu.

Nenhum conhecimento extraordinário ou consistente

Artigo principal: [Argumento da profecia](#)

A revelação nunca inclui informações de que o destinatário não poderia ter conhecido e pode ser verificado de forma independente, como a hora e o local em que o próximo terremoto ocorreria, ou qualquer número de problemas científicos ainda não resolvidos, ou mesmo o significado de "frontlets" na [Bíblia \(Êxodo 13:16\)](#).

Referências

- [1.0-1.1-1.2](#) Chris Redford/Evid3nc3, 1. [Desconversão: Relacionamento Pessoal](#), 29 Dez 2009 [\[1\]](#)
- [2. \[y\]\(#\) Algoe, S., Haidt, J., *Testemunhando excelência em ação: as emoções de 'elogio ao outro' de elevação, gratidão e admiração*, J Posit Psychol. 2009; 4\(2\): 105–127 \[\\[2\\]\]\(#\)](#)
- [3. \[y\]\(#\) \[\\[3\\]\]\(#\)](#)

4. ÿ Gray, Kurt (fevereiro de 2010). "[Culpar a Deus por Nossa dor: o sofrimento humano e a mente divina](#)". *Revisão de Personalidade e Psicologia Social*14 (1): 9–
10.DOI :[10.1177/1088868309350299](#).

Obtido em 21 de dezembro de 2010.

Ligações

Veja também

ÿ [Argumento da maioria](#), este argumento é frequentemente combinado com o argumento acima.

ÿ [Consciência](#)

ÿ [Argumento do sentido divino](#)

ÿ [Sensus divinitatis](#)

links externos

ÿ [Por que "Eu sinto isso em meu coração" é um argumento terrível para Deus](#) por [Greta Christina](#)

Consciência



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Consciência](#)



Para mais informações, consulte [oWiccionário](#) artigo:

[consciência](#)

Consciência é um termo usado em psicologia e [filosofia](#) [lembre-se de](#) se referir a uma série de fenômenos diferentes. Pode referir-se à atenção ou autoconsciência, mas o sentido que atraiu o que mais interessa nos últimos anos é o sentido da experiência subjetiva. Esse sentido às vezes é ilustrado por meio de perguntas como "como é ser um morcego?"

O debate mais básico sobre a consciência neste sentido é se ela pode ser explicada em termos físicos. termos, ou é, em princípio, inexplicável em termos físicos. David Chalmers, um dos principais defensores da segunda visão, defende sua posição principalmente apelando para a possibilidade de uma duplicata física de um pessoa sem nenhuma das experiências subjetivas dessa pessoa (o argumento do zumbi) ou a possibilidade de um supercientista que sabe tudo sobre os aspectos físicos da percepção, mas não sabe como é ter uma experiência específica (o argumento do conhecimento, ou argumento de "Maria" para o

nome comumente dado ao hipotético supercientista). John Searle acusou os proponentes de a visão física da consciência de simplesmente ignorar nossas experiências conscientes. Em resposta, [Daniel Dennett](#) argumentou que a posição antifisicalista torna a consciência algo totalmente misterioso, que nossas investigações científicas sobre o cérebro falharam inexplicavelmente detectar. Contra a acusação de que ele está negando algo óbvio que não poderíamos estar equivocado, Dennet disse que "esta é uma doutrina misteriosa (pelo menos tão misteriosa quanto a doutrina papal infalibilidade)." Para tornar seus pontos de vista confortáveis com a ciência moderna, muitos proponentes da consciência fisicamente irreduzível endossa uma visão conhecida como [epifenomenalismo, que diz que](#) os estados de consciência são causados pelo cérebro, mas não causam nada físico. Na visão No entanto, para críticos como Dennett, isto simplesmente contribui para o mistério da visão.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação de base neurológica](#)
- [2 argumentos para Deus](#)
- [3 referências](#)
- [4 links externos](#)

Informações básicas neurológicas

O órgão pelo qual percebemos nosso mundo e lhe damos sentido é o [cérebro](#).

O centro da [cognição no cérebro humano](#) está o lobo frontal, que também é usado para funções executivas função - ou seja, reunir informações e decidir o que fazer com elas.

[Percepção sensorial](#) está localizado nos lobos parietal e temporal; distúrbios que afligem este particular área incluem [epilepsia do lobo temporal](#), um assunto notável da [neuroteologia](#) ([para](#) mais informações, leia o trabalhos dos neuroteólogos [Richard Davidson](#) e [Robert Persinger](#)).

O sistema límbico, especialmente o hipotálamo e a amígdala, se reúnem e reagem a isso informações para enviá-las aos lobos frontais. O neurocientista sueco Bjorn Merker também postulou que o tronco cerebral produz uma consciência rudimentar que inclui percepção, integração, decisão e ação sobre estímulos externos. Essa percepção e cognição e a ação de a função executiva e o hipotálamo se combinam para criar o pensamento.

Argumento para Deus

Artigo principal: [Argumento da consciência](#)

O argumento da consciência baseia-se no alegado facto de que as nossas mentes estão adaptadas a entender o universo. É uma forma de argumento do design. Também está relacionado com o antrópico princípio porque se o universo fosse ininteligível, poderíamos nem sobreviver.

Referências

• [Daniel Dennett, Consciência Explicada](#)

• David Chalmers, *A Mente Consciente*

• [John Searle, O Mistério da Consciência](#)

Links externos

• [Quining Qualia](#) por Daniel C. Dennett

• [Deus ou Natureza Cega? Filósofos debatem as evidências](#) por Paul Draper

Apelos emocionais

Uma das principais razões subjacentes e muitas vezes esquecidas para [a crença é que](#) isso faz as pessoas se sentirem bem. Independentemente de qualquer número de [argumentos apoloéticos](#) um [teísta](#) pode usar, quando pressionado em uma discussão, suas [verdadeiras razões](#) pois a crença geralmente se resumirá a uma [questão de experiência pessoal](#) e ou [revelação](#). Uma das principais experiências pessoais transmitidas pelos teístas é que a crença em um deus os faz sentir-se bem. Muitas vezes este argumento de última instância é entregue de maneira indignada, a implicação é que, desde que isso os faça feliz, que direito você tem de questionar isso? Um exemplo típico de apelo emocional é:

"Se a ressurreição de Jesus nunca aconteceu, o cristianismo está errado e não temos a vida eterna, então nossa vida não tem sentido."

Apelações emocionais também podem ser usadas para [argumentar contra a existência de Deus](#).

Conteúdo	
	[esconder]
• 1	argumento de formato
• 2	contra-argumentos
o 2.1	Sem sequência
o 2.2	Implicações morais
• 3	links
o 3.1	Veja também
o 3.2	Links externos
o 3.3	Referência

Argumento de formato

Devido às flagrantes [falhas lógicas](#) deste argumento, quase não parece valer a pena escrever como um [silogismo](#), mas [por](#) uma questão de uniformidade.

p1. Sentir-se bem é melhor do que sentir-se mal.

p2. A crença em Deus me faz sentir bem.

c1. Ipso facto, Deus é real.

Contra-argumentos

Sem sequência

O principal problema lógico com este argumento é um [non-sequitur](#) falácia.

Não há como escapar disso, *me faz sentir bem*, *deve ser verdade*.

A forma específica de non sequitur é chamada de [apelo à emoção](#). É interessante notar, porém, que este apelo é ligeiramente invertido em relação ao uso típico, já que o teísta está usando suas próprias emoções para justificar suas próprias crenças, em vez de tentar distorcer as emoções do não-crente para mudar suas crenças. .

Implicações morais

Talvez ainda maior do que a falácia lógica seja a [moral](#) implicações [deste](#) argumento.

Círculo das Estações c.1953:

"É moralmente tão ruim não se importar se uma coisa é verdadeira ou não, desde que seja faz você se sentir bem, pois é não se importar com a forma como você conseguiu seu dinheiro, desde que você o tenha. -Edwin Way Teale"

Um exemplo disso seria a [heroína](#) faz as [pessoas](#) se sentirem bem.

Isso não significa que *seja* bom. Existem muitos efeitos colaterais diretos e implicações de terceiros com o uso de heroína.

Da mesma forma, só porque acreditar em um deus faz você se sentir bem, não significa que seja bom. A verdadeira questão é: os benefícios da sensação boa superam os efeitos colaterais?

Os efeitos colaterais diretos dessa crença podem incluir:

• Compromissos temporários e monetários injustificados.

• Uma inclinação cognitiva dissonante para aceitar com credulidade outras coisas que também não são reais.

• Aceitar alguns inquilinos e dogmas da religião que faz você se sentir bem, como demonização de homossexuais, poderia ter a ação inversa direta de fazer com que outras pessoas sentissem-se mal.

Algumas implicações indiretas de terceiros ou de grupo desta crença poderia incluir

• Degradação do [ensino das ciências](#). Particularmente no domínio da biologia.

• Resistência injustificada a certos avanços médicos, como [como pesquisa com células-tronco](#).

Ligações

Veja também

• [Sem sequência](#)

• [Apelo à emoção](#)

• [Moralidade](#)

• [Apelos emocionais contra a existência de Deus](#)

• [Jesus morreu pelos seus pecados](#)

links externos

• [Ateísmo e o argumento do conforto por Greta Cristina](#)

Referência

• [Apelo à emoção](#) – Falácias lógicas listadas em nizkor.org

• [Wikipedia:Apelo à emoção](#) - Artigo emoção na wikipedia

Argumento da eficácia da oração



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[**Eficácia da oração**](#)



"Portanto eu lhe digo: tudo o que você pedir em oração, acredite que você recebeu, e será seu."

[Oração](#) é o ato de falar com um [deus](#) ou [deusa](#), mentalmente ou em voz alta, para professar lealdade, expressar gratidão ou pedir favores. Se as orações forem respondidas, isso é evidência de que Deus existe. A O argumento relacionado é que alguém pode [conhecer Deus diretamente por meio da oração](#). [Céticos reverter](#) isso argumento e concluir que [Deuses, ou certas concepções de Deus, não existem porque as orações são não respondido](#).

“Para Deus e para o homem, a resposta à oração é a parte mais importante da nossa oração. a resposta à oração, direta e inconfundível, é a evidência da existência de Deus. Isso prova que Deus vive, que existe um Deus, um ser inteligente, que se interessa pelas suas criaturas, e que os ouve quando eles se aproximam dele em oração. Não há prova tão clara e demonstrativo_ que Deus existe do que a oração e sua resposta. [\[1\]](#)”

O [Novo Testamento](#) diz que as orações são respondidas:

“Por isso eu lhes digo: tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que vocês receberam isso, e será seu.”

- [Marcos 11:24](#)

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Deus é supostamente imutável](#)
 - o [2.2 Orações contraditórias](#)
 - o [2.3 Efeito pouco claro da oração](#)
 - o [2.4 Deus não cura amputados](#)
 - o [2.5 Eventos improváveis às vezes ocorrem naturalmente](#)
 - o [2.6 Qual Deus?](#)
- [3 referências](#)
- [4 links externos](#)

Argumento

O argumento prossegue da seguinte maneira:

- ÿ As orações são respondidas de forma observável
- ÿ Somente Deus poderia responder às orações
- ÿ Portanto Deus existe

A maioria das objeções concentra-se na primeira premissa.

Contra-argumentos

Deus é supostamente imutável

[George Carlin](#) sugere que o ato de orar parece um pouco estranho para pessoas que acreditam em um deus

que deveria ser **impassível**, **onisciente** e **onibenevolente**. Claramente um onisciente

Deus já estaria ciente dos seus problemas e saberia o que você quer. Em última análise, seu

pedido pode ser considerado por Deus como **bom** ou **mal**. Se é bom, então por que Deus

ainda não realizou seus desejos? Se for mau, então por que Deus concederia ao seu

solicitar?

"Agora, venha e ore por alguma coisa. Bem, suponha que a coisa que você

O que você quer não está no Plano Divino de Deus? O que você quer que ele faça? Mude o dele

plano? Apenas para você? Não parece um pouco arrogante? É um Plano Divino. O que é

a utilidade de ser Deus se todo idiota degradado com um livro de orações de dois dólares

pode aparecer e estragar o seu plano?"

-[George Carlin \[2\]](#) —

Orações contraditórias

Bilhões de pessoas oram por diversas coisas todos os dias. Muitos dos pedidos de oração são

até mesmo contraditório. Por exemplo, num jogo de futebol, muitas vezes os jogadores e os adeptos

ambos os lados estão rezando para vencer. Se Deus responde às orações, de que lado Ele deveria

escolher? O lado que reza mais alto?

Efeito pouco claro da oração

Os cristãos costumam afirmar que Deus pode responder às orações de três maneiras; "sim",

"não" ou "espere". Isso faz com que Deus não seja diferente do acaso. Afinal, quando

você ora para que isso possa acontecer (ou seja, Deus responde "sim") ou não acontecer (Deus responde

"não), ou você tem que esperar para ver se isso vai acontecer (Deus responde "espere"). [3] Por esta

razão, [os cééticos argumentam que as orações não são respondidas](#).

Orações "bem-sucedidas" raramente têm uma forma inequívoca. Apologistas apontam para eventos

como cânceres que entram em remissão ou pessoas que acordam do coma como evidência para

o poder da oração. No entanto, o cancro entra em remissão e as pessoas acordam de

coma o tempo todo. Como podemos saber a diferença entre o câncer que curou

naturalmente (ou graças à presença de médicos qualificados) e câncer que foi curado

milagrosamente? Uma pergunta comum é: "Por que Deus não cura amputados?"

Imagens ao vivo de um membro decepado crescendo milagrosamente seria muito mais convincente

como prova do poder da oração. No entanto, tais orações aparentemente nunca são respondidas,

ou respondidas longe dos olhares indiscretos de investigadores intrometidos.

Algumas pessoas dizem que não é a vontade de Deus realizar milagres inequívocos através de

oração. Contudo, se tudo é apenas a vontade de Deus, então por que orar? Deus simplesmente fará o que ele

quer você orando sobre isso ou não.

Estudos científicos sobre a eficácia da oração não revelaram que ela seja eficaz. [4]

"Essas descobertas são ambíguas e, embora alguns dos resultados de estudos individuais sugerem um efeito positivo da oração intercessória, a maioria não o faz e as evidências não apoia uma recomendação a favor ou contra o uso de intercessão oração. [5]"

"Se você pudesse fornecer alguma evidência científica de que a oração realmente faz uma diferença orgânica, não apenas faz você se sentir melhor, que seria algo para colocar na mesa. O fato de não ser colocado a tabela mostra que orar é basicamente falar consigo mesmo."

-Dan Barker[6]

"Então, tenho orado a Joe [Pesci] há cerca de um ano. E eu notei algo. Percebi que todas as orações que usei oferecer a Deus, e todas as orações que agora ofereço a Joe Pesci, estão sendo respondidas aproximadamente na mesma taxa de 50%. Metade de vez que consigo o que quero, metade das vezes não. Igual a Deus, 50-50. Assim como o trevo de quatro folhas e a ferradura, o desejando felicidades e o pé de coelho, igual ao Mojo Man, o mesmo que a Mulher Voodoo que lhe conta sua sorte apertando os testículos da cabra, é tudo igual: 50-50. Então basta escolher sua superstição, sentar, fazer um desejo e aproveitar você mesmo."

-George Carlin [2]

Com testemunho anedótico de orações respondidas, os apologistas são efetivamente [colheita de cereja](#) orações bem-sucedidas. Eles não tendem a ter testemunho de orações que Deus responde com "não".

Deus não cura amputados

Artigo principal: [Cura de amputação de membro](#)

Não é que Deus ignore alguns amputados, é que ele ignora todos amputados.

Alguns podem dizer que Deus cura amputados por meio de ajuda divina. inspirando médicos e cientistas a curá-los, ou através do "milagre" da medicina moderna. [7] Isto, no entanto, é facilmente refutado pela [Navalha de Occam](#). A inspiração de Deus não é necessária para médicos e cientistas encontrarem maneiras de curar amputados. E por que Deus sentiu a necessidade de ignorar esse tipo de ajuda inspiração por milhares de anos e reduzir o sofrimento

apenas na era moderna? Ainda não há evidências de cura *milagrosa* que poderia ser atribuída à oração.

Eventos improváveis às vezes ocorrem naturalmente

É importante lembrar a probabilidade estatística quando considerando supostos milagres. Por exemplo, digamos existe uma doença que não tem cura e digamos 999.999.999 pessoas até agora a contraíram, mas nenhuma sobreviveu. No entanto, digamos que a bilionésima pessoa a contratar ele *sobrevive* . Isto não é um milagre; significa simplesmente que o as chances de sobrevivência são agora de 1 em 1.000.000.000.

"Não há nada menos provável do que um milagre [8] "

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Muitas religiões afirmam que as orações são respondidas. Não está claro qual(is) Deus(es) ou qual teologia é provado por este [argumento da bússola quebrada.](#)

Referências

1. [ÿ EMBounds, as possibilidades de Oração.](#)
2. [ÿ ^{2,0 2,1} \[1\]](#)
3. [ÿ A melhor ilusão de ótica do mundo!](#)
4. [ÿ \[2\]](#) [__](#)
5. [ÿ \[3\]](#) [__](#)
6. [ÿ \[4\]](#) [__](#)
7. [ÿ Diácono Jeff, Comentário nº 4 sobre Melhor resposta teológica para "por que não Deus cura amputados?". 14 de setembro de 2011](#)
8. [ÿ Rebecca Newberger Goldstein, 36 Argumentos para a Existência de Deus: Um Obra de Ficção, 2011](#)

links externos

[ÿ Por que Deus não cura os amputados?](#)

ÿ [George Carlin sobre Religião e Oração](#) (completo versão)

ÿ [Prova #44 – Pense em um cristão](#)

[dona de casa](#) de GodIsImaginary.com: "Pegue um momento para pensar sobre um cristão típico e suas "orações respondidas"."

ÿ [Oração sobre uma enciclopédia de reivindicações, Fraudes e embustes do ocultismo e Sobrenatural](#) (Por [James Randi](#))

ÿ Deus criou os números

ÿ Uma forma menos sofisticada de [TAG](#), o [Deus](#) argumento **de números criados** simplesmente afirma que certas [lógicas](#) ou ideias matemáticas foram a criação de um mundo perfeito ou [onipotente mente](#), e que sua existência é [prova](#) de sua [existência](#) (já que qualquer mente capaz de criar números merece ser chamada de Deus).

ÿ Discussão e refutação

ÿ **Implorando a questão**

ÿ Tal argumento é [uma petição de princípio](#). A principal fraqueza deste [argumento](#) é _____ que não está claro se os números precisam ser criados. Na verdade, sugerir que uma mente criou os números e outros objetos lógicos e matemáticos básicos sugere que poderia haver um estado em que eles não existissem, e que há um [inteligente](#) e criativa capaz de funcionar antes de qualquer ocorreram processos matemáticos ou lógicos. Dito de outra forma, dizer que Deus criou os números implica que ele tinha alguma escolha e poderia não ter os fez ou os fez de forma diferente. O que isso significaria, viver em um dos esses mundos alternativos? A ideia é completamente incoerente.

ÿ **Descritivo versus Prescritivo**

ÿ Uma última variação deste contra-argumento: os números existem? Claramente números são úteis para descrever certos aspectos do mundo, e podemos falar sobre suas propriedades de forma objetiva. Eles não existem como concretos, físicos entidades do mundo. Podemos falar sobre alguma [pessoa hipotética](#) ou hipotética peça de mobília, e podemos conversar sobre o que isso significa para aquela pessoa ou mobília existir; queremos dizer que ou existe um objeto no mundo que corresponde ao conceito que temos ou não.

ÿ Não está claro o que isso significa para um conceito abstrato como ["justiça"](#) ou o número "4" para existe ou não, e não está claro se alguém pode falar de forma significativa sobre se tais coisas não "existem" da mesma forma que discutimos se as coisas físicas ou não existem objetos ou características físicas do mundo. E se a própria existência de números é suspeito, a sua criação é ainda mais.

ÿ Uma maneira melhor de entender os números é que eles são basicamente rótulos que colocamos fenômeno da vida real. Os rótulos só existem no mesmo sentido que um programa de computador existe na memória de um computador. Identificamos um grupo de maçãs e rotulamos a quantidade "quatro", para facilitar a comunicação de ideias. Não há nada de especial em quatro maçãs colocadas uma ao lado da outra. É simplesmente um descrição que colocamos na realidade.

Argumento do sentido da vida



Para mais informações, consulte a [Wikipédia](#) artigo:

[Significado da vida](#)



Para obter mais informações, consulte [o arquivo TalkOrigins](#) artigo:

[Se o homem surgisse por acaso, a vida não teria propósito nem significado.](#)

O **argumento do sentido da vida** afirma que Deus deve existir porque sem Deus, o ser humano a vida não teria significado objetivo. Por outro lado, os apologistas às vezes afirmam que um sentido de vida existe e que isso implica que Deus também existe. Ninguém quer admitir que sua vida não tem sentido e propósito, que fornece a [base emocional para o argumento.](#)

Em 1843, [Soren Kierkegaard](#) escreveu: ^[1] —

"Se não houvesse consciência eterna no homem, se no fundo de tudo existisse eram apenas um fermento selvagem, um poder que, torcido em paixões sombrias, produzia tudo grande ou inconsequente; se um vazio insondável e insaciável estivesse escondido abaixo tudo, o que seria a vida senão o desespero?"

Apologistas mais recentes escreveram:

"Sem Deus a vida não tem propósito, e sem propósito a vida não tem sentido. ou seja, a vida não tem significado ou esperança. ^[2] " —

"Se todos os eventos não têm sentido, então qual pode ser o significado último de influenciar qualquer um deles? Em última análise, não faz diferença. ^[3] "—

"Se o universo não é governado por uma bondade absoluta, então todos os nossos esforços são, a longo prazo, inúteis."

-CS [Lewis, Mero Cristianismo](#)

"Por que você iria querer viver em um caos sem propósito, em que ninguém de suas ações tiveram algum significado? Em que não havia esperança da Justiça? Em que a vida de todos aqueles que você ama terminou abruptamente em morte e não teve mais significado? Por que você iria querer,

desejo, desejo ativo de viver em um universo tão nojento quanto esse?
Você teria que ter um motivo muito bom. E eu acho que [ateus]
têm um motivo muito bom e é isso que eles nunca desejam discutir.
Eles não querem justiça. Eles querem que os mortos estejam mortos. Eles
quero que o universo não tenha propósito. Eles não querem que seus
próprias ações individuais tenham qualquer outro significado além de seu
efeito imediato. Você tem que discutir com eles por que eles são tão
entusiasmado com essa proposta."

-Peter Hitchens [4] —

[Argumento da justiça](#) às vezes é combinado com este argumento porque fornece consequências para ações morais que são argumentadas ser necessário para que essas ações sejam significativas. [3] Este argumento é relacionado ao [argumento transcendental](#) porque ambos afirmam absoluto existem coisas que dependem da existência de Deus.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 O que significa o “sentido da vida”?](#)
- [2 problemas com este argumento](#)
 - o [2.1 Apelo à emoção](#)
 - o [2.2 O sentido absoluto da vida pode não existir](#)
 - o [2.3 Livre arbítrio e predestinação](#)
 - o [2.4 A ideia cristã do sentido da vida é questionável](#)
 - o [2.5 Deus e o absoluto](#)
 - o [2.6 Significado espontâneo](#)
 - o [2.7 Afirmar que a vida terrena não vale nada](#)
 - o [2.8 Não há meios confiáveis para determinar o significado absoluto](#)
 - o [2.9 Implorando a questão](#)
- [3ª variante: argumento da intolerabilidade da insignificância](#)
- [Variante 4: todos têm a necessidade de encontrar um significado](#)
- [5 referências](#)
- [6 Veja também](#)
- [7 links externos](#)

O que significa o “sentido da vida”?

O significado da vida refere-se ao significado ou propósito da vida humana existência. A filosofia antiga e medieval no Ocidente tendeu a

considerar apenas valores "intrínsecos", significando aproximadamente que um valor é "bom para seu próprio bem", [5] como potenciais candidatos ao sentido da vida. De forma similar, a maioria das religiões considera noções metafísicas como a ética ou a nossa relacionamento com Deus como o propósito da vida. Geralmente se supõe que o propósito da vida é uniforme para todos os humanos, invariante ao tempo e é bom, não importa quem o alcance. Esta é a concepção do "sentido da vida" usado no argumento.

A filosofia iluminista mudou o foco do significado para "natural direitos" dos seres humanos, que não dependem necessariamente de Deus. [Humanismo e utilitarismo são semelhantes](#) no sentido de que estão preocupados com a melhoria do "bem maior da humanidade" geral. Essas visualizações supõem implicitamente que um significado para a vida humana possa existir sem recorrer a Deus.

[Existencialismo](#) e outros ramos da filosofia moderna tendem a considerar o significado absoluto da vida como inexistente ou conceitualmente sem significado. A possibilidade de um "significado subjetivo ou específico da pessoa da vida" é aceito.

"Este - agora é o MEU caminho - onde está o seu?" Assim eu respondi aqueles que me perguntaram "o caminho". Pela maneira - não existir! [6]

Sabemos o que significa uma ação humana ter um propósito porque nós experimentamos isso todos os dias. Contudo, não está claro se o conceito de "propósito" pode ser aplicado adequadamente a uma vida inteira. [7]

Problemas com este argumento

Apelo à emoção

O argumento sugere que deveríamos acreditar em um deus, mesmo que isso não aconteça. não existe, para que possamos sentir o aumento da auto-estima de nossas vidas tendo um significado mais elevado. Se uma conclusão for [aceita apenas com base em seu aspecto emocional](#) [apelo ou ilusão](#), é uma falácia lógica. Uma pessoa ainda pode ter vida subjetivamente significativa, gratificante e memorável, mesmo que absoluto significado não existe. [O existencialismo é um ramo](#) da filosofia preocupado com a existência sem significado absoluto, ou a necessidade de criar seu próprio significado. Por outro lado, alguns argumentaram que o ser humano mortalidade seguida pela inexistência é a única maneira de a vida humana sobreviver tem significado. Acredita-se que a raridade e a singularidade o tornem especial.

"É importante não confundir a noção de "inútil" na Premissa 2 com noções como "não vale a pena viver" ou "dispensável". [...] Mas podemos muito bem sustentar que cada vida humana é precioso - vale a pena viver, não é dispensável - sem sustentar que cada vida humana tem um propósito no esquema geral das coisas. [7] "

"[Estar] consciente de nossa própria mortalidade nos torna conscientes do valor da vida. Percebemos que a vida é preciosa demais para ser desperdiçada e, portanto, sinta-se revigorado. [...] a gente se sente grato só por estar vivo, ter nascido neste mundo há pouco tempo. Nós apreciamos a beleza e maravilha da natureza, das pessoas em nossas vidas e das coisas mundanas do dia a dia, como comida, água e o clima. [...] O encontro com a morte também nos torna mais presentes-centrado. [8] "

O significado absoluto da vida pode não existir

O argumento pressupõe que há um significado absoluto para a vida. No entanto, isso não é necessariamente verdade e é difícil estabelecer com alguma certeza. Embora possamos nos sentir desconfortáveis admitindo que nossa vida não serve a um propósito eterno, nós não deve simplesmente presumir que tem um propósito. Lá não há evidência de que exista qualquer significado absoluto da vida. Enquanto crentes religiosos afirmam que sua idéia do significado da vida é absoluto, sem alguma forma de verificá-lo, é provável que seja outro, um conceito subjetivo. Simplesmente reivindicando seu conceito do significado é absoluto não o torna absoluto.

Livre arbítrio e predestinação

Artigo Principal: [Livre Arbítrio vs. Predestinação](#)

Se o significado é predestinado, então ou Deus é injusto e não dá aos ateus a mesma facilidade de significado, ou é impotente e não pode. Em segundo lugar, o livre arbítrio e o significado "projetado" não pode existir junto, pois são Mutualmente exclusivo.

A ideia cristã para o sentido da vida é questionável

É importante determinar o que o teísta acredita ser o sentido da vida realmente é. Em alguns casos, eles dizem que O sentido da vida é adorar a Deus. Adoração subserviente não será a ideia que a maioria das pessoas tem de algo significativo vida.

Alternativamente, Deus pode ter determinado o propósito de humanos é ser bem diferente do que os humanos

crença atual e, pelo que sabemos, é possivelmente inatingível. Isso dificilmente seria reconfortante conceito.

Deus e o absoluto

Se Deus existe, o que torna a visão de Deus sobre o propósito da vida humana mais privilegiado do que qualquer outra concepção? Criar algo não confere automaticamente a interpretação do criador sobre o objeto, como visto nas criações humanas. Um objeto criados para um propósito podem ser igualmente (ou mais) adequado para fins alternativos. Deus pode definir alguns critérios para o que ele considera valioso, mas que não implica automaticamente que esses valores tenham valor absoluto em si.

Significado espontâneo

Várias possibilidades são ignoradas pelo argumento, mas são tão válidas quanto a conclusão. O absoluto sentido da vida poderia ter criado espontaneamente em si, ser necessariamente existente ou criado por um não-agente divino. Poderia ser diferente para cada pessoa, mesmo se existe um Deus.

Afirme que a vida terrena não vale nada

De acordo com [a aposta de Pascal](#), o valor do terreno componente da vida é zero. A Bíblia também ensina a evitar o mundanismo ^[9] por exemplo, [1 João 2:15-17](#):

"Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor de o Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - os desejos da carne e do desejos dos olhos e orgulho das posses - não vem do Pai, mas vem do mundo. E o mundo passa junto com os seus desejos, mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre."

[Frederico Nietzsche](#) criticou fortemente esta visão, alegando que não existem valores absolutos, mas o a criação de valores subjetivos é uma espécie de meta-sentido da vida: ^[10]—

"Blasfemar contra a terra é agora o pecado mais terrível, e avaliar o coração do incognoscível, superior ao significado da terra!"

Se tivéssemos apenas vida terrena e não-
os crentes consideram que há um fator subjetivo
significado para a vida, é discutível que é
Os cristãos que desvalorizam a vida terrena são os
verdadeiros [niilistas](#).

Não há meios confiáveis para determinar o significado absoluto

Se Deus criou um sentido absoluto para a vida,
não temos meios confiáveis para determinar
se existe ou o que isso implica. Livros sagrados e
testemunho da revelação são contraditórios,
mitológico e vago.

Implorando a pergunta

O argumento baseia-se na premissa de que
a vida humana tem propósito. Já que um propósito
implica automaticamente uma entidade que
determina esse propósito,
efetivamente [assume sua conclusão em um](#)
[premissa. \[7\]](#)—

Variante: argumento da intolerabilidade da insignificância

Uma variante do argumento é executada: [\[7\]](#)

1. É intolerável ser insignificante.
2. Somente Deus pode dar significado
(porque ele é eterno).
3. Deus existe.

Tal como o argumento acima, é um [apelo à](#)
[emoção, argumento da ignorância, etc.](#)

Variante: todos têm a necessidade de encontrar um significado

Os apologistas argumentam que todos têm um
compulsão de buscar significado. Um similar
afirmação é que todos têm uma "forma de Deus
buraco" em seus corações, falando figurativamente.

"Há um vácuo em forma de Deus
no coração de cada homem, e
só Deus pode preenchê-lo."

- [Blaise Pascal](#)

Diz-se que a causa desta inclinação

ser processos naturais ou Deus.

A satisfação desta necessidade é reivindicada

têm [benefícios psicológicos, incluindo](#)
[felicidade](#)

Referências

1. [Søren Kierkegaard](#), Medo
e tremendo
2. [Rick Warren](#), *O Propósito*
Vida impulsionada: o que diabos
Estou aqui para?
3. [3.0.3.1](#) William Lane
Craig, *O Absurdo da Vida*
sem Deus [1] —
4. [\[2\]](#) —
5. [JW Gray](#), *o que faz*
"Significado da vida"
Significar? 29 de dezembro,
2009 [3] —
6. [Friedrich Nietzsche](#), *Assim*
Falou Zarathustra [4] —
7. [7.0 7.1 7.2 7.3](#) — Rebeca
Newberger Goldstein, 36 —
[Argumentos para a Existência](#)
[de Deus: uma obra de ficção](#) —
2011
8. [Steve Taylor](#), *Fora do*
Escuridão, 26 de novembro,
2011 [5] —
9. [OpenBible](#), 42 *Bíblia*
Versículos sobre o mundo
Coisas [6] —

10. [Friedrich Nietzsche, Assim](#)

Falou Zarathustra [7] —

Veja também

• [Existencialismo](#)

• [Não há ateus em](#)

[trincheiras](#) - também trata do

impacto emocional próprio

mortalidade.

• [Niilismo moral](#)

• [Deus está morto](#)

links externos

• [Se não existe Deus... - O Ateu](#)

Experiência #654

Argumento da inerrância bíblica

O argumento da *inerrância bíblica* afirma que um livro sagrado está livre de erros e, portanto, teve origem divina. O argumento é frequentemente apresentado de forma semelhante à [Surata 4:82](#),

"Eles não consideram o Alcorão cuidadosamente? Se fosse de outro que não Allah, eles certamente teriam encontrado muitas contradições."

O argumento está relacionado ao [argumento dedutivo do design porque](#) qualquer outra fonte de inerrância, exceto Deus, está excluída.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 livros sagrados específicos](#)
 - o [2.1 Alcorão](#)
 - o [2.2 Cristianismo](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Declarações científicas e históricas imprecisas](#)
 - o [3.2 Existem diferentes versões](#)
 - o [3.3 Reivindicações circulares](#)
 - o [3.4 Humanos falíveis](#)
- [4 referências](#)
- [5 Veja também](#)

Argumento formal

1. Um determinado livro sagrado é inerrante.
2. Os humanos não poderiam ter sido inteiramente responsáveis pela escrita porque isso introduziria erro.
3. De (2), não há outra maneira de alcançar a errância além de um divino fonte.
4. De (1) e (3), a escrita foi coordenada de fonte divina.
5. De (4), Deus existe.

Livros sagrados específicos

Alcorão

Islã dominante considera o Alcorão inspirado por Deus e livre de corrupção, distorção ou qualquer alteração. [1] Como afirmado na Surata 4:82 origem. _____, isso implica um divino

cristandade

Enquanto alguns cristãos Se acreditarmos que a Bíblia é inerrante, a apologética cristã tende a focar na evidência interna da Bíblia para estabelecer a existência de Deus, em vez de considerar as características gerais do livro como prova suficiente. Embora reconhecendo os muitos autores da Bíblia, Mike Culpepper argumentou que a Bíblia contém consistências entre autores que estão "certamente além das habilidades de escrita de qualquer ser humano". [2] Seu objetivo é estabelecer que a Bíblia é a palavra de Deus "não necessariamente com base no *que* ela diz [...] mas *como* foi elaborada". [3]

Outro exemplo de argumento de inerrância para autenticar a Bíblia: [4] —

XX. POR SUA INTEGRIDADE

Não existem contradições internas, nem contradições externas, na Bíblia. É claro que existem algumas "contradições aparentes", mas essas são deixadas por Deus para confundir os cétricos destituídos de fé e confirmar a fé daqueles que desejam estudar. com um coração crente.

Normalmente, uma vez que a Bíblia é estabelecida como verdadeira, o argumento passa a considerar a existência de Deus com base na evidência interna da Bíblia.

Contra-argumentos

Declarações científicas e históricas imprecisas

Os livros sagrados incluem inúmeras contradições e absurdos. Isto inclui a Bíblia e o Alcorão. [5] _____ —

Existem diferentes versões

Existem múltiplas versões de cada livro sagrado. Eles não podem estar todos certos, mas todos podem estar errado.

Diferentes variantes do [Alcorão](#) existe, as citações de fontes antigas estão em desacordo e foi escrito décadas após a morte de Maomé. [6] [7]

Reivindicações circulares

A afirmação de inerrância é frequentemente apoiada pelo próprio livro sagrado, [8] que é um argumento [circular](#).

No caso do [Alcorão](#), diz-se que é um árabe clássico impecável. Porém, clássico

Árabe é definido como aquele que se encontra no Alcorão, tornando o argumento [circular](#). [9]

Humanos falíveis

Se os humanos são incapazes de escrever um livro inerrante, também são incapazes de avaliar se um livro é inerrante.

Referências

1. [ÿ](#) Compreendendo o Alcorão - Página xii, Ahmad Hussein Sakr - 2000
2. [ÿ](#) Comunicado de imprensa: "Autor fornece nova prova de que a Bíblia é verdadeiramente a palavra de Deus", 20 de fevereiro de 2014 [1]
3. [ÿ](#) Mike Culpepper, Fitly Framed Together: A Bíblia", WestBowPress 2013, pág.2
4. [ÿ](#) Igreja de Greenville, "Por que acredito na Bíblia", recuperado em 4 de abril de 2014 [2]
5. [ÿ](#) Contradições no Alcorão [3]
6. [ÿ](#) Harold C. Felder, O Alcorão: Celestial ou Humano?
7. [ÿ](#) História do Alcorão, Wikipédia
8. [ÿ](#) Rose Ave. Igreja de Cristo, "A Bíblia é completa e perfeita", recuperada 4 de abril de 2014 [4]
9. [ÿ](#) [5]

Veja também

[ÿ](#) Literalismo bíblico

[ÿ](#) Argumento do código das escrituras

Presciência científica em textos sagrados

(Redirecionado de [presciência científica bíblica](#))



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Presciência científica em textos sagrados](#)

O argumento da **presciência científica nos textos sagrados** tenta provar a existência de Deus a partir do conhecimento científico avançado em livros sagrados que foram escritos antes da informação ser descoberto independentemente pelos humanos. A informação foi transmitida por [Deus](#) aos [autores](#) de o livro sagrado ou transmitido de geração em geração desde [Adão e Eva](#) aos [autores](#). ^[1]

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 Instâncias Específicas de Conhecimento Científico](#)
- [3 Críticas](#)
 - o [3.1 Argumento da Ignorância](#)
 - o [3.2 Erros em algumas reivindicações](#)
 - o [3.3 Conhecimento Comum](#)
 - o [3.4 Ampliando o significado das Escrituras para atender às expectativas](#)
 - o [3.5 Distinguir suposições de conhecimento justificado](#)
 - o [3.6 Múltiplas religiões afirmam presciência](#)
- [4 referências](#)
- [5 Veja também](#)
- [6 links externos](#)

Argumento Formal

ÿ Um livro sagrado contém certo conhecimento correto.

ÿ O conhecimento não poderia ter sido adivinhado ou descoberto por humanos.

ÿ Ali Deus pode ter sido a fonte desse conhecimento.

ÿ Não existe outra fonte conhecida para o conhecimento.

ÿ De (1), (3) e (4), o conhecimento deve ter vindo de Deus.

ÿ De (5), Deus existe.

Instâncias Específicas de Conhecimento Científico

Embora existam muitas reivindicações para listar aqui de forma abrangente, algumas das mais interessantes e exemplos significativos são citados.

A Bíblia



Para obter mais informações, consulte [o arquivo TalkOrigins](#) artigo:

[A exatidão da Bíblia em outros pontos científicos mostra exatidão geral](#)

- Uso de água corrente para higiene. [1][2] —
- Existência de dinossauros. [1]—
- A Terra é esférica. [1][2] —
- O universo tem idade finita [1]
- Extinções em massa causadas por asteróides [1] —
- [2] • A Terra está no vácuo. —
- A matéria é feita de partículas [2] —
- Dimensões da construção naval para estabilidade [2]
- Existência de correntes oceânicas e nascentes de água subterrânea e montanhas. [2] —

O Alcorão

Artigo principal: [Presciência científica no Alcorão](#)

- O grande estrondo. [3]
- A expansão do universo [3] —
- Pulsares [4] —
- Identificação de impressão digital [4]
- Cirurgia de revascularização do miocárdio [4]

Vedas

- O nascimento do universo [5] —
- Gravitação [5] —
- A velocidade da luz [5] —

Crítica

Argumento da Ignorância

Não temos nenhuma evidência direta da origem desse suposto conhecimento. Alegar é Deus é um [argumento da ignorância](#). Poderia muito bem ter sido uma civilização perdida ou alienígenas, pelo que sabemos.

Erros em algumas reivindicações

Enquanto a [Bíblia](#) e [Alcorão fazem](#) muitas afirmações, algumas delas podem ser verificadas como falsas. Esse indica falibilidade para uma ou mais das fontes dos livros. Se a fonte do conhecimento

fosse um Deus perfeito, esperaríamos que *todo* o conhecimento estivesse correto, o que não é o caso. O afirmações corretas são enfatizadas pela [escolha seletiva](#). O exemplo mais flagrante é que um literal interpretação da Bíblia apoia [o criacionismo científico, no entanto, essa teoria é considerada](#) ser incorreto pela ciência convencional.

Conhecimento comum

Os livros sagrados geralmente são o registro dos costumes e conhecimentos de uma tribo. As peças que são corretos provavelmente eram de conhecimento comum no momento da redação e não exigiam nenhuma inspiração. É difícil descartar a possibilidade de uma cultura ter tido um pedaço de conhecimento científico porque um registro escrito de uma teoria incorreta não exclui uma seção diferente do população que mantém a visão correta.

Ampliando o significado das Escrituras para atender às expectativas

Muitos dos exemplos são metáforas poéticas que requerem uma interpretação post-hoc significativa para torná-los adequados ao entendimento científico atual. Este é um exemplo de [viés de confirmação](#). Para exemplo, [\[2\]](#) —

"O ar tem peso (Jó 28:25). Antigamente se pensava que o ar não tinha peso. No entanto, 4.000 anos atrás, Jó declarou que Deus estabeleceu "um peso para o vento". Nos últimos anos, meteorologistas calcularam que uma tempestade média contém milhares de toneladas de chuva. Para transportar esta carga, o ar deve ter massa."

A força exercida pelo vento é separada da pressão do ar causada pelo peso do ar.

O peso do ar não depende se ele está em movimento (como acontece com o vento) ou não. Se mencionou reduzir a pressão do ar em grandes altitudes, pode ser mais confiável.

Tanto os criacionistas da terra jovem como os da velha terra afirmam que a Bíblia apoia a sua posição, mas ambas as visões não podem ser verdadeiras. A Bíblia pode ser interpretada seletivamente para apoiar muitas visões alternativas e tem muito poucos detalhes. Uma seção inteira dedicada a um único teoria seria uma base sólida. Uma referência fugaz que exige a interpretação não é confiável.

A ciência tem muitas perguntas sem resposta. Se houver conhecimento adicional em sagrado textos, é difícil usar textos sagrados para formar hipóteses para teste por causa de sua redação vaga. Se não puderem fornecer hipóteses testáveis antes da descoberta por outros significa que são tecnicamente protocientíficos (na melhor das hipóteses) e não científicos.

Distinguir suposições de conhecimento justificado

Precisamos de uma maneira de distinguir entre palpites de sorte e conhecimento justificado em assuntos sagrados.

Texto: % s. Sem isso, não podemos assumir que uma afirmação de conhecimento não foi uma sorte adivinhar. [Demócrito \(460 AC-370 AC\)](#) pensavam que tudo era feito de partículas. Enquanto esta hipótese é verdadeira, ele não tinha como verificá-la e foi, até certo ponto, uma sorte adivinhar.

Múltiplas religiões afirmam presciência

Múltiplas religiões fazem reivindicações de presciência científica e suas reivindicações são mutuamente exclusivo. Portanto, afirmações de presciência não são um teste confiável. Não podemos dizer [qual Deus](#) é válido com um teste não confiável.

Referências

1. y

[1.0](#)[1.1](#)[1.2](#)[1.3](#)[1.4](#)[1.5](#)

CreationWiki, *presciência científica da Bíblia*, recuperado em 5 de abril 2014 [\[1\]](#)

2. y

[2.0](#)[2.1](#)[2.2](#)[2.3](#)[2.4](#)[2.5](#)[2.6](#)

Produções Eternas: 101 Fatos Científicos e Presciência [\[2\]](#)

3. y

[3.0](#)[3.1](#)

Sherif Alkassimi, *O Alcorão sobre o Universo em Expansão e o Grande Teoria do Bang*, 16 de junho de 2008 [\[3\]](#)

4. y

[4.0](#)[4.1](#)[4.2](#)

Os Milagres Científicos do Alcorão [\[4\]](#)

5. y

[5.0](#)[5.1](#)[5.2](#)

Padmakar Vishnu Vartak, *Conhecimento Científico em Vedas*, 1995 [\[5\]](#)

Veja também

- y

[Conhecimento bíblico da Terra redonda antes da ciência](#)
- y

[Literalismo bíblico](#)
- y

[Inerrância bíblica](#)
- y

[Argumento da profecia](#)
- y

[Contradições bíblicas](#)

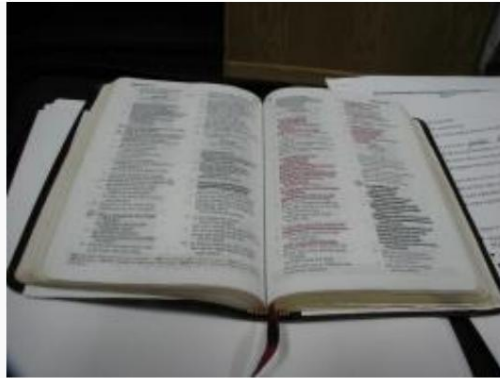
Links externos

- y

[Presciência científica bíblica, Criaçãowiki](#)
- y

[Presciência científica bíblica, Racionalwiki](#)

Argumento a partir de códigos bíblicos



A Bíblia com anotações do leitor.

Alega-se que os livros sagrados têm padrões numéricos que indicam sua origem divina. Estes incluem o código da Bíblia, o Alcorão e o código da Torá, que supostamente contêm mensagens ocultas e números especiais ocultos no texto. Os céticos questionam se esses padrões são apenas ocorrências casuais, em vez de mensagens significativas. Matemáticos convencionais e os estatísticos rejeitam o conceito de códigos bíblicos.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento](#)
 - o [1.1 Sequências de Letras Equidistantes na Torá e no Alcorão](#)
 - o [1.2 Padrões numéricos no Alcorão](#)
 - o [1.3 Padrões numéricos na Bíblia](#)
 - o [1.4 Gematria e Teomática](#)
 - o [1.5 caracteres chineses](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Coincidências e padrões significativos](#)
 - o [2.2 Vieses cognitivos](#)
 - o [2.3 Escritura não corrompida?](#)
 - o [2.4 Texto modificado para se adequar à hipótese](#)
 - o [2.5 Textos seculares também têm os mesmos padrões](#)
 - o [2.6 A codificação de palavras e letras parece arbitrária](#)
 - o [2.7 Deus Secreto](#)
 - o [2.8 Muitas conclusões possíveis](#)
 - o [2.9 Refutação e rejeição por especialistas](#)
- [3 referências](#)
- [4 Veja também](#)

Argumento

Sequências de letras equidistantes na Torá e no Alcorão

Um método popular neste campo é procurar palavras ocultas considerando o texto como uma longa sequência de caracteres e colocando os caracteres com espaçamento igual. Isso é chamado de sequência de letras equidistantes (ELS). Ao pesquisar nomes e datas conhecidos, detalhes biográficos de vários rabinos foram supostamente encontrados na Torá hebraica e publicados na revista *Statistical Science* como um "quebra-cabeça desafiador" em 1994. [1] Os padrões específicos foram encontrados usando computadores para filtrar o texto em busca de palavras e variantes específicas que foram previamente definidas pelos experimentadores. Os investigadores compararam a sua técnica com uma tradução hebraica de *Guerra e Paz* e alegadamente não encontraram padrões semelhantes. Muitas palavras e frases podem ser encontradas usando esta técnica e não é um método confiável de prever o futuro. O artigo original de 1994 foi fortemente criticado por pesquisadores posteriores que o consideraram uma farsa [2] mas isso foi negado pelos autores originais.

O método ELS também foi aplicado ao Alcorão com resultados questionáveis. [3] —

Padrões numéricos no Alcorão

Existem muitas reivindicações de padrões no Alcorão com base na frequência de ocorrências de palavras específicas, cumprimentos de frases e padrões de caracteres. [4] Uma das alegações de milagres mais populares originou-se em 1968 e é conhecida como o "milagre de 19". Alegou que o Alcorão foi estruturado em torno de 19 ou seus múltiplos. [5] Esta descoberta foi anunciada por Rashad Khalifa, um bioquímico egípcio e deu origem à seita religiosa Submitter. Ele foi proclamado herege e assassinado em 1990. Muitos padrões foram reivindicados, mas geralmente eram semelhantes aos seguintes:

• O primeiro versículo do Alcorão tem 19 letras,

• O Alcorão consiste em 114 suras, um múltiplo de 19, etc.

Os proponentes do argumento afirmam: [6]—

"Cada elemento do Alcorão é composto matematicamente, desde a frequência de letras e palavras, grafias únicas, número de palavras da mesma raiz etc.; consistentemente em conformidade com um dominador comum - o número 19. Esta codificação matemática sobre-humana do Alcorão, muito além da capacidade humana de criar ou duplicar, estabelece incontestavelmente a sua autoria Divina."

O método de Khalifa foi criticado por modificar o texto fonte para se adequar à sua hipótese. [7] A corrente principal do Islão rejeita muitas destas alegações numéricas de milagres. [8]

Padrões numéricos na Bíblia

"Um padrão matemático sétuplo permeia as Escrituras, mostrando claramente que é na verdade, o produto da "engenharia sobrenatural" e não de mera engenharia humana

pensamento. É algo tão complicado que nenhum compositor humano poderia ter conseguido e é um sinal claro da Mão de Deus. [9] " —

Gematria e Teomática

Gematria é um código bíblico baseado na atribuição de um número a cada palavra ou frase do texto. É usado para encontrar padrões místicos e ocorre na antiguidade e **na Cabala** numerologia.

Teomática é uma variante da gematria que utiliza texto bíblico baseado na atribuição de um número a cada letra do alfabeto. A teoria foi proposta **por Del Washburn** em 1976. O "valor **gematria**" de uma palavra é a soma do valor numérico de cada caractere. [10] A teomática afirma que palavras que têm significado teológico semelhante têm conexões numéricas, como a gematria da palavra sendo um múltiplo da gematria de uma palavra diferente, mas relacionada. O outro padrão de interesse é o "agrupamento", que reconhece uma conexão se a gematria de um mundo for "aproximadamente" um múltiplo de outra gematria. Por exemplo, João 3:19, e as variantes são supostamente um agrupamento em torno do número 150 (todas são múltiplos de 150 mais ou menos até 2). [11]

Gematria e teomática foram criticadas por serem infalsificáveis [10] pseudociência e baseada em nada mais do que ocorrências coincidentes. [12]

Caracteres chineses

Artigo principal: [Caracteres chineses e a Bíblia](#)

A escrita chinesa baseia-se numa série de caracteres de origem pictográfica distante. Alguns caracteres são compostos por várias palavras distintas e são considerados um grupo de palavras. Embora não seja estritamente um código bíblico, os grupos de palavras têm sido alegadamente ligados a conceitos bíblicos e justificam a sua origem bíblica. [13]

"A descoberta das raízes bíblicas dos caracteres pictóricos chineses aponta para um elo comum entre o povo chinês e o judeu. Isto poderia muito bem ser explicado pelos relatos da criação, do dilúvio e da torre de Babel delineados nos primeiros 11 capítulos do Gênesis."

Contra-argumentos

Coincidências e padrões significativos

Os padrões nas escrituras geralmente são encontrados por tentativa e erro.

Usando um computador, muitos padrões diferentes são comparados com um padrão especificado pelo pesquisador. Como um grande número de combinações é pesquisado, esperaríamos que alguns padrões aparentemente interessantes fossem encontrados.

encontrado por coincidência. Como o texto pode ser pesquisado rapidamente e milhões de padrões diferentes podem ser comparados, o problema da comparação múltipla deve ser considerado. Isso permite que padrões significativos sejam diferenciados de padrões aleatórios. Essas técnicas estatísticas são necessárias para chegar a qualquer conclusão confiável mas geralmente faltam nas análises dos apologistas. Se esta análise for omitida ou incorreto, é muito fácil cometer [o atirador do Texas falácia](#) alegando que padrões aleatórios são significativos.

Outra abordagem é mostrar que os padrões ocorrem nas escrituras, mas não nos textos seculares. Isto é aceitável desde que a análise seja realizada rigorosamente.

Vieses cognitivos

Os humanos têm tendência a [perceber padrões em dados aleatórios](#). É fácil encontrar padrões em um grande corpus de texto [10] e dada a crença prévia de que existe um código oculto, as pessoas adotam crenças supersticiosas como numerologia, gematria e teomática.

Escritura não corrompida?

A análise só tem sentido se forem utilizados documentos originais e nas suas línguas originais. Muitos textos religiosos têm origens obscuras. A Bíblia tem uma história complexa com muitas versões alternativas de livros, incluindo os pergaminhos do Mar Morto. Uma análise de padrões não tem sentido sem uma edição geralmente incorrupta.

Texto modificado para se adequar à hipótese

Versos supostamente falsos foram excluídos do Alcorão para se enquadrarem na hipótese do milagre de 19 [14]. Excluir evidências que não se enquadram na conclusão esperada é [um viés de confirmação](#).

Textos seculares também têm os mesmos padrões

Apesar das afirmações dos proponentes dos argumentos, padrões semelhantes de palavras e letras também ocorrem em livros seculares. Numa paródia da técnica ELS, Brendan McKay usou o romance *Moby Dick* como fonte de texto e encontrou muitos padrões interessantes. [15] —

A codificação de palavras e letras parece arbitrária

O sistema para converter caracteres e palavras parece ser arbitrariamente selecionado. Sem alguma base para a escolha do sistema de numeração, nem esperaria que quaisquer padrões significativos fossem encontrados.

Deus Secreto

Não há nenhuma razão clara pela qual Deus se preocuparia em codificar padrões nas Escrituras quando ele supostamente tem meios de comunicação muito mais eficazes e diretos à sua disposição.

Muitas conclusões possíveis

Talvez os códigos tenham sido escritos por humanos.

[Nenhum Deus ou Deuses específicos](#) estão implícitos nos códigos das escrituras.

Refutação e rejeição por especialistas

Os padrões nas escrituras foram considerados coincidências pelos estatísticos. ~~[16][15][17]~~ Há uma petição de matemáticos e estatísticos que rejeitam os códigos bíblicos. No momento em que este artigo foi escrito, a petição tinha 55 nomes. Eles declararam: [\[18\]](#)

"Há uma crença comum na comunidade em geral de que muitos matemáticos, estatísticos e outros cientistas consideram as afirmações como credível. Essa crença está incorreta. Pelo contrário, a opinião quase unânime daqueles que no mundo científico estudaram a questão é que a teoria é sem fundamento. Os próprios signatários desta carta examinaram o evidências e achei que era totalmente pouco convincente."

Referências

1. [Y Doron Witztum, Eliyahu Rips, Yoav Rosenberg \(1994\).](#)
"Sequências de letras equidistantes no Livro do Gênesis". *Ciência Estatística* **9** (3): 429–438. [DOI:10.1214/ss/1177010393](#).
2. [Y Kass, RE \(1999\).](#) Introdução a "Resolvendo a Bíblia Code Puzzle" por Brendan McKay, Dror Bar-Natan, Maya Bar-Hillel e Gil Kalai Statistical Science, 14.
[projecteuclid.org](#). pág. 149.
3. [Y \[1\]](#)
4. [Y \[2\]](#)
5. [Y Milagre de 19 wiki \[3\]](#)
6. [Y \[4\]](#)
7. [Y \[5\]](#)
8. [Y \[6\]](#)
9. [Y \[7\]](#)
10. [Y ^{10,0} ^{10,1} ^{10,2} \[8\]](#)

11. [ÿ A Estrutura Teomática Definida \(Versão Longa Descrição\) \[9\]](#)
12. [ÿ \[10\]](#)
13. [ÿ \[11\]](#)
14. [ÿ \[12\]](#)
15. [ÿ 15,0-15,1](#) Brendan McKay e amigos, Científico
Refutação dos Códigos da Bíblia, recuperado em 21 de abril de 2014 [\[13\]](#)
16. [ÿ Barry Simon, O caso contra os códigos, 1998 \[14\]](#) [____](#)
17. [ÿ Jay Michaelson, A Bíblia codifica uma mentira que não morrerá, maio 31, 2012](#)
18. [ÿ \[15\]](#)

Veja também

ÿ [Falácia do atirador do Texas](#)

ÿ [Apofenia](#) [____](#)

ÿ [Argumento da inerrância bíblica](#) [____](#)

Argumento cristológico



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento cristológico](#)



Há pouco acordo sobre a aparência de Jesus.

Um **argumento cristológico** é aquele que defende que [o cristianismo](#) é a "[única religião verdadeira](#)" baseado no [registro bíblico](#) de [Jesus](#) e particularmente sua suposta [ressurreição](#). Porque a [Bíblia](#) é a fonte primária (ou única) usada para apoiar o argumento, é uma forma de [argumento das escrituras](#).

"[O] apóstolo Paulo usou a ressurreição de Jesus como prova da mensagem cristã. Em Atos 17, Paulo diz que Deus "fixou um dia em que julgará o mundo com justiça, pelo homem que ele nomeou. Ele deu prova disso a todos os homens, ressuscitando [Jesus] do morto." [1]"

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 argumentos](#)
 - o [2.1 Silogismo](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 A Bíblia não é uma fonte confiável](#)
 - o [3.2 A ressurreição não implica divindade](#)
 - o [3.3 Jesus não era divinamente sábio](#)
 - o [3.4 Alegações de divindade não são evidências de divindade](#)

- [4 links](#)

- o [4.1 Veja também](#)

- o [4.2 Links Externos](#)

- o [4.3 Referências](#)

Informações básicas

Embora alguns desses argumentos tentem construir uma [base empírica caso para](#) demonstrar a precisão

do relato bíblico sobre a vida de Jesus (por exemplo, [o relato de Josh McDowell livro Evidência de que](#)

[Exige um veredicto](#), ou [Lee Strobel livro A Defesa de Cristo](#)), outros argumentos simplesmente

assumir [a historicidade de Jesus](#) e a [exatidão](#) da Bíblia, e construir um argumento baseado em as palavras e ações atribuídas a Jesus.

Argumento

Silogismo

1. Se puder ser demonstrado que a Bíblia está correta, então Jesus Cristo deve ser deus
2. Existem evidências de que a Bíblia está correta.
3. Jesus Cristo é deus

Uma variante comum do argumento é baseada na [ressurreição de Jesus](#).

1. Se Jesus ressuscitou, ele era Deus.
2. Jesus ressuscitou, segundo a Bíblia.
3. Portanto, Jesus era Deus.

Outras variantes incluem:

1. Jesus Cristo [cumpre certas profecias pessoais e do Antigo Testamento](#)
2. Jesus Cristo é sábio demais para ser um mero humano
3. Jesus Cristo nos diz que é filho de Deus
4. Jesus Cristo [realiza vários milagres](#)

Contra-argumentos

A Bíblia não é uma fonte confiável

Artigo principal: [A Bíblia não é uma fonte histórica confiável](#)

Muitos destes argumentos cristológicos assumem nas suas premissas que o livro sagrado de

a religião que eles realmente procuram provar é a priori completamente verdadeira. Até que seja realmente

estabeleceu que a Bíblia é [historicamente precisa e consistentemente](#) confiável, não há

razão para aceitar argumentos baseados no que a Bíblia diz. Ao contrário da crença popular, o

A Bíblia provavelmente [não foi escrita por testemunhas oculares](#). Mesmo que *alguns* aspectos da Bíblia possam ser

provado como historicamente preciso, isso não torna necessariamente as afirmações sobre Jesus ou afirmações atribuídas a Jesus são verdadeiras. Por exemplo, temos um grande conjunto de evidências empíricas que George Washington era uma pessoa real, mas isso não significa que a história sobre ele cortar uma cerejeira é necessariamente verdade.

Muitos aspectos da ressurreição de Jesus, como o final de [Marcos](#) são falsificações conhecidas adicionadas mais tarde. Mais uma vez faltam evidências nesta linha de argumentação [para a inexistência](#). O a melhor evidência empírica é uma tumba supostamente vazia cuja localização nem sabemos de. Mesmo que encontrássemos o túmulo supostamente vazio, tudo isto seria realmente uma prova de que há um *túmulo vazio*. Uma série de outras explicações, desde ladrões de túmulos até Jesus não estar realmente morto é quase infinitamente mais provável do que a sua ressurreição. Também, os escritores da Bíblia não podem [simplesmente ser considerados confiáveis](#).

A ressurreição não implica divindade

Uma pessoa pode ser ressuscitada por algumas forças desconhecidas e não porque elas eram Deus.

Simplesmente presumir que eles são Deus é um [argumento baseado na ignorância](#). Todas as alternativas possíveis precisa ser descartado antes de decidir por uma explicação.

Outros personagens bíblicos foram ressuscitados, por exemplo, [Lucas 8:49-56](#) mas eles não são considerados ser Deus. Alguns apologistas respondem:

"Jesus também predisse que ressuscitaria dentre os mortos como prova de suas reivindicações, e sua a previsão se tornou realidade. [H](#)"

Isto é mover os postes da baliza ao apresentar um [argumento completamente diferente do](#) [profecia](#). Este contra-argumento abandona efectivamente o argumento original.

Outra linha de raciocínio depende de Deus autenticar Jesus, ressuscitando-o do o morto:

"Portanto, a questão para nós é: 'Deus ressuscitaria um herege dentre os mortos?' Eu acho que os muçulmanos e os cristãos concordariam que ele não o faria. Assim, se as afirmações de Jesus não fossem heresia, o que eram eles? Deviam ser verdade."

No entanto, isso está [implorando a questão](#) que Deus existe e tem uma natureza como descrito na Bíblia.

Jesus não era divinamente sábio

Jesus não era particularmente sábio. A maioria dos cristãos mantém a crença de Jesus

A demonstração mais espetacular de sabedoria foi o [sermão da montanha, qual](#) continha conselhos que variavam de médios a terríveis. Discutivelmente,

o *único* conselho notável dado por Jesus foi a [regra de ouro](#), [qual](#) que foi derivado ou plagiado de fontes anteriores. Não há nada sobre seu conselho que poderia ser considerado sabedoria divina.

[Ricardo Transportador](#) argumentou que o filósofo estóico romano [Musonius](#) _____

[Rufo](#) (nascido em 20 DC-30 DC, morreu em 101 DC) era uma pessoa moral melhor professor do que Jesus. [2] Entre outras coisas, Carrier cita a crença de Rufus em igualdade para os escravos e sua crença de que "liberdade de expressão significa não suprimindo tudo o que alguém possa pensar."

Alegações de divindade não são evidências de divindade

Muitos líderes de seitas argumentaram que eles eram divinos. Isso não significa que seja verdade e é um [non sequitur para concluir](#) que sim. Como essas afirmações são frequentemente mutuamente incompatíveis, é um [argumento de bússola quebrado](#). Mesmo que a Bíblia relata com precisão Jesus fazendo a afirmação, não estabelece que Jesus não estava iludido ou não era uma divindade entre muitas.

Ligações

Veja também

Ÿ [Mentiroso, Lunático ou Senhor](#)

Ÿ [Sermão da Montanha](#)

Ÿ [Visão geral do cristianismo primitivo](#)

Ÿ [A Bíblia foi escrita por testemunhas oculares](#)

Links externos

Ÿ [Em defesa de Cristo: o resto da história – Revisão de Lee Strobels](#)

Livro cristológico em infidels.org por Jeffery J. Lowder

Ÿ [Por que não acredito na história da ressurreição.](#)

Ÿ [Evidência histórica e a história da tumba vazia](#)

Ÿ [As tentativas de William Lane Craig de exumar Jesus](#)

Referências

1. Ÿ [1.0 1.1](#) [\[1\]](#)

2. Ÿ [\[2\]](#) ____

Argumento cosmológico



Para mais informações, consulte [a Wikipédia artigo:](#)

[Argumento cosmológico](#)

O **argumento cosmológico** é um argumento a favor de Deus baseado no princípio de que tudo tem um causa. O argumento também é conhecido como **argumento da primeira causa**, **causa não causada** argumento, argumento **da existência** e **argumento causal**. Um dos mais influentes declarações do argumento foram de [Tomás de Aquino](#):

"Nada é causado por si mesmo. Todo efeito tem uma causa anterior. Isso leva a uma [regressão](#). Esse tem que ser encerrado por uma causa primeira, que chamamos [de Deus](#)".

Existem algumas variantes populares do argumento cosmológico, incluindo:

• [Kalam](#), que argumenta que as coisas que não passam a existir não requerem uma causa, e

• [Por que existe algo em vez de nada?](#), que discute a cadeia de eventos ou estado de o universo requer uma explicação extra.

• [Argumento cosmológico de Leibniz](#), usa uma cadeia de explicações em vez de uma cadeia de causas.

Depende da premissa de que "tudo o que existe requer uma explicação"; esse conceito é conhecido como [princípio da razão suficiente](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 argumento formal](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Regressão infinita](#)
 - o [2.2 Por que assumir que a causa primeira é divina?](#)
 - o [2.3 Súplica especial a respeito de Deus existir fora do tempo](#)
 - o [2.4 Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#)
 - o [2.5 Explicação pouco parcimoniosa](#)
 - o [2.6 Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato](#)
- [3 Veja também](#)

Argumento Formal

O argumento é assim:

1. Tudo o que existe deve ter uma causa.
2. Se você seguir a cadeia de eventos de trás para frente no tempo, [ela não poderá voltar infinitamente](#), então, eventualmente, você chega à primeira causa.

3. Esta causa deve, em si, ser incausada.
4. Mas nada pode existir sem causa, exceto Deus.
5. Portanto, Deus existe.

Contra-argumentos

Muitas das críticas ao [motor imóvel argumento se aplica](#) aqui.

Regressão infinita

Artigo principal: [A regressão infinita não ocorre](#)

A resposta mais concisa a este argumento é: "[Quem criou Deus?](#)", que por sua vez aumenta a pergunta "Quem criou o criador de Deus?", e assim por diante, ad infinitum. Isto conhecido como regressão infinita ou "[São tartarugas até o fundo](#)".

Não é necessariamente impossível que exista uma cadeia infinita de causas e efeitos.

Entre os cientistas, é amplamente aceito que o nosso universo começou com o Big Bang. mas nós não sabemos o que ocorreu na primeira fração de segundo após o Big Bang, nem podemos comentar em tudo o que veio antes dele, já que ainda não foram concebidos experimentos que pudessem testar quaisquer hipóteses sobre esses primeiros momentos. (Para uma discussão mais aprofundada sobre este tópico, consulte a [grande explosão](#) artigo.)

Alguns alegaram que, com um passado infinito, nunca poderíamos chegar ao agora. Inverta o infinito: uma infinidade de segundos não se estende para o futuro, eternamente? A partir de um futuro infinito, você pode ir um segundo antes disso, e um segundo antes disso, ad infinitum, e chegar agora?

Resposta possível: [A segunda lei da termodinâmica implica que o universo tem idade finita](#)

Por que assumir que a primeira causa é divina?

Artigo principal: [Qual deus?](#)

Processos naturais e múltiplos criadores não estão descartados.

Mesmo se admitirmos que existe uma causa primeira, não faz sentido assumir que seja qualquer tipo de deus, muito menos [Yahweh](#). A idéia de um deus inteligente e criador do universo "apenas existente" é **muito** mais difícil de explicar do que o próprio universo "apenas existente". [Inteligência é](#) uma das coisas mais complexas que conhecemos no universo. Assumir a existência de um ser tão inteligente que pode projetar um universo inteiro, bem como microgerenciar a vida pessoal de bilhões de pessoas na terra através da oração, exigiria uma enorme quantidade de explicações.

Súplica especial a respeito de Deus existir fora do tempo

Há uma contradição entre a primeira afirmação e a segunda afirmação. Se

"tudo que existe tem uma causa" então não pode existir nada que não exista

tem uma causa, o que significa que não há causa primeira. Ou algumas coisas podem existir sem causas, ou nada pode. Não pode ser dos dois lados. Deus é considerado isento de regressão infinita por meio de [petição especial](#).

Mudar "Tudo o que existe tem uma causa" para "Tudo o que *começa* a existir tem uma causa" produz uma variante conhecida como argumento [cosmológico](#) Kalam.

Cristãos tentam evitar [o regresso de Deus](#) dizendo: "Deus não precisa de uma causa porque Ele está fora do tempo." Esta é uma não-resposta simplista. Se tudo o que é necessário para obter em torno do argumento da primeira causa é uma entidade que existe fora do tempo, então todos nós O que precisamos fazer é postular uma única partícula que existe fora do tempo e desencadeou o Big Bang. Não precisa ter quaisquer poderes adicionais. Além disso, esta partícula pode até existe, dependendo de como você define "fora do tempo". Os fótons (partículas de luz) fazem não experimentam o tempo, pois se movem à velocidade da luz. Portanto, de acordo com segundo este argumento, a luz pode surgir sem causa.

Os teístas objetarão que esta partícula deveria ter uma causa. Mas eles já refutou este argumento ao admitir que existe uma causa não causada no primeiro lugar. Se Deus pode existir sem causa, por que não uma partícula? Por que não o universo? Isto pode ser que o universo seja o ser necessariamente existente e seja impossível que ele seja em qualquer outro estado.

Nem todos os eventos têm necessariamente causas

Artigo principal: [Nem todos os eventos têm necessariamente causas](#)

O argumento afirma que "tudo o que existe tem uma causa". No entanto, isso é sem dúvida uma afirmação falsa e uma [generalização precipitada](#). É possível que alguns eventos, particularmente na escala quântica, não têm causas (ou pelo menos não entendemos completamente a causa neste momento).

Algumas versões do argumento cosmológico baseiam-se em cadeias de explicações a partir de fenômenos observados. No entanto, tal explicação pode não existir e os fenômenos podem ser um "fato bruto". Isso é conhecido como [Glendower problema](#).

Explicação pouco parcimoniosa

Artigo principal: [gambito Ultimate 747](#)

A hipótese de Deus não é apenas desnecessária, mas também não é [parcimoniosa](#). Em para explicar algo aparentemente planejado e que não pode criar a si mesmo, um ser é conjurado à existência, o que exigiria até mesmo explicação mais improvável.

Argumentos a priori não podem estabelecer questões de fato

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

No geral, este argumento é um exemplo de [prova pela lógica, onde](#) filósofos tentam "demonstrar" Deus com um silogismo lógico sozinho, desprovido de qualquer evidência confirmatória. Isto é indiscutivelmente inadequado para estabelecer questões de fato.

Veja também

• [Motor imóvel](#)

• [Argumento da contingência](#)

Argumento de consenso comum para a existência de Deus

(Redirecionado de [Argumento da maioria](#))

O **argumento do consenso comum para a existência de Deus** afirma que se a maioria das pessoas acredita que Deus existe, então ele existe. É uma forma de [argumentum ad populum](#) (apelo à maioria).

"Como o intelecto humano, embora fraco, não é essencialmente pervertido, existe uma certa presunção da verdade de qualquer opinião sustentada por muitas mentes humanas, exigindo ser refutada atribuindo alguma outra causa real ou possível para a sua prevalência. E esta consideração tem uma relevância especial para a investigação relativa aos fundamentos do teísmo, na medida em que nenhum argumento para a verdade do teísmo é mais comumente invocado ou mais confiado, do que o consentimento geral da humanidade."

-John Stuart Mill

Às vezes é combinado com [argumentos do sentido divino](#) ou a afirmação de que [os ateus](#) [saiba que existe um Deus](#).

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 O argumento](#)
 - o [Variante 1.1: religião que mais cresce](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 Cada religião considerada separadamente não é maioria](#)
 - o [2.2 Qual Deus?](#)
 - o [2.3 Explicação naturalística](#)
 - o [2.4 Exceção de autoridade reconhecida](#)
 - o [2.5 Arrogância de discordar da opinião da maioria](#)

- 3 [Variante: argumento do consenso dos místicos](#)
- 4 [As religiões são populares porque a verdade seria aparente](#)
- 5 [referências](#)
- 6 [Veja também](#)
- 7 [links externos](#)

O argumento

O argumento é executado: [\[1\]](#)

1. A crença em Deus ocorre em todas as culturas [\[2\]](#) e ao longo da história.
2. Eles podem estar certos ou errados sobre a existência de Deus.
3. É plausível que não estejam errados.
4. Portanto Deus existe.

Variante: religião que mais cresce

"O Islão é a religião que mais se espalha no mundo ocidental e não porque

Os muçulmanos têm mais filhos do que outros. Mais de 20.000 americanos se convertem

Islão todos os anos. 4.000 se converteram ao Islã só na Alemanha este ano.

Milhares estão se convertendo ao Islã na América Latina. POR QUE? [\[3\]](#) "

Contra-argumentos

Este é um [argumento clássico ad populum](#).

Cada religião considerada separadamente não é maioria

Os ateus são membros de todos os seguintes grupos:

• Não-cristão,

• Não católico,

• Não-muçulmano,

• Não-Hindu,

• Não-Sikh,

• Não Judeu,

• etc, cada um dos quais é uma maioria.

Qual Deus?

[Nenhum Deus em particular](#) é apoiado pelo argumento.

Há um grande número de crentes em diferentes religiões. Uma vez que múltiplas

conclusões incompatíveis são apoiadas pelo argumento, este é um argumento [de bússola quebrado](#).

Explicação naturalista

Os humanos podem ter algumas crenças comuns, mas isso não as torna racionais ou verdadeiras. O fato de a religião ocorrer ao longo da história e em todas as culturas pode ser devido a processos naturais, como a [psicologia](#) humana e [cognição](#) produzir [tendências para manter certas crenças](#).

"Nossas crenças não surgem apenas de raciocínios bem avaliados, mas de desejos pensamento, autoengano, autoengrandecimento, credulidade, falsas memórias, ilusões visuais e outras falhas mentais. [4]" —

Durante muitos anos, a maioria das pessoas acreditou que [a Terra era o centro e a característica mais importante](#) Do [universo](#). Milhões de pessoas acreditam [que a astrologia](#) funciona. Nem é verdade.

Exceção de autoridade reconhecida

Um caso especial é aquele em que uma afirmação é considerada verdadeira porque a maioria dos especialistas na área acredita nela (*9 em cada 10 dentistas recomendam creme dental da Marca X!*). Por exemplo, se a maioria dos astrónomos diz que a Terra gira em torno do Sol e não o contrário, então é muito provável que isso seja verdade. Neste caso, porém, confiamos no julgamento de pessoas que estudaram cuidadosamente o assunto. Com efeito, estamos confiantes de que os especialistas chegaram às suas conclusões através de argumentos válidos baseados observação cuidadosa, portanto não há necessidade de pesquisarmos o assunto nós mesmos. Este tipo de argumento é muitas vezes confiável, mas nem sempre. Afinal, o conhecimento científico nunca é perfeito e completo. Contudo, para a maioria dos campos científicos "maduros", a probabilidade de uma completa inversão de pontos de vista – como mover a Terra do centro do universo para os arredores de uma galáxia comum entre milhões – é incrivelmente, e cada vez mais, pequena.

Dentro da falácia ad populum está a falácia de [apelar à autoridade, uma vez que este](#) argumento pressupõe que a maioria detém a autoridade em relação à verdade.

Ao contrário do exemplo dos 10 dentistas, a crença teológica não é uma habilidade desenvolvida por profissionais da área; pelo contrário, é algo acessível a todos após reflexão. Sob esta estrutura, apelar à autoridade teológica (isto é, a autoridade daqueles que afirmam que o Cristianismo é verdadeiro) é outra falácia dentro deste argumento.

Arrogância de discordar da opinião da maioria

Alguns apologistas argumentam que é arrogante discordar da visão da maioria sobre a existência de Deus. No entanto, sua religião nem sempre foi majoritária. Isso torna isso falso durante esse período?

"Não é um tanto arrogante sugerir que inúmeras igrejas e pessoas (incluindo homens como Abraham Lincoln) estão todos radicalmente errados na sua visão da Bíblia? [5]"

Além disso, a acusação de arrogância é um [ad hominem](#) argumento que nada tem a ver com a existência de Deus.

Variante: argumento do consenso dos místicos

Muitas variantes do argumento poderiam ser propostas considerando um grupo limitado de pessoas. Os místicos podem estar mais "qualificados" para comentar sobre religião, mas este é um [argumento de autoridade](#). [4] —

Contudo, esta variante sofre dos mesmos problemas que o argumento original. É como dizer "a astrologia é verdadeira porque a maioria dos astrólogos acredita nela".

Além disso, as experiências dos místicos provavelmente podem ser explicadas por processos.

As religiões são populares porque a verdade seria aparente

"omite aquelas religiões [...] que não são difundidas, porque geralmente a verdade de uma religião correta é tão aparente que muitos a seguiriam [6]" —

Que a verdade seria aparente e que as pessoas procurariam a verdade são afirmações não fundamentadas.

Referências

1. [\[1\]](#)

2. [\[2\]](#)

3. [\[3\]](#)

[4,0-4,1 Rebecca Newberger Goldstein, 36 argumentos a favor 4. \[\\[4\\]\]\(#\) a existência de Deus: uma obra de ficção, 2011](#)

5. [\[4\]](#)

6. [\[5\]](#)

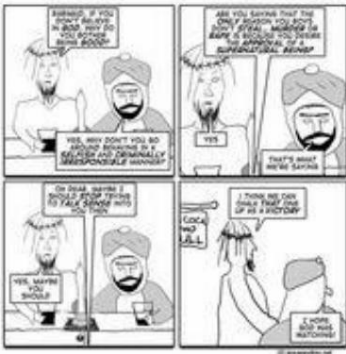
Veja também

• [Argumento baseado em experiência pessoal](#), isso geralmente é combinado com o argumento acima.

links externos

• Thomas Kelly, [Consensus Gentium: Reflexões sobre o Argumento do “consenso comum” para a existência de Deus](#)

Argumento moral



Jesus e Mo satirizam um dos problemas do argumento moral.

A forma mais simples do **argumento moral** é a seguinte:

- 1. Se [Deus](#) não existe, [moralidade](#) não existe.
- 2. A moralidade existe.
- 3. Portanto, Deus existe.

Este é um argumento dedutivamente válido, ou seja, se as suas premissas forem verdadeiras, a sua conclusão não pode ser falso. A questão chave é se as premissas são verdadeiras ou não.

A primeira premissa é de longe a premissa mais contestada no argumento. Embora muitos religiosos crentes tomam a primeira premissa como certa, as razões para pensar que é verdadeira não são claras, e há algumas objeções sérias a isso.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 Argumento para a primeira premissa](#)
 - o [1.1 Ateus famosos rejeitaram a moralidade](#)
 - o [1.2 Hitler e Stalin eram ateus](#)
 - o [1.3 Se Deus não existe, os humanos são apenas animais](#)
 - o [1.4 A lei moral requer um legislador](#)
 - o [1.5 As recompensas e punições de Deus necessárias para tornar a moralidade no interesse próprio](#)

- o [1.6 A moralidade absoluta requer um padrão absoluto](#)
- [2 argumentos contra a primeira premissa](#)
 - o [2.1 Definição circular/sem definição de "moral"](#)
 - o [2.2 O dilema de Eutífron](#)
 - o [2.3 Verdades morais como verdades necessárias](#)
 - o [2.4 Qual Deus?](#)
 - o [2.5 Panteísmo naturalista](#)
 - o [2.6 O argumento é auto-refutante](#)
 - o [2.7 Argumento da Ignorância](#)
 - o [2.8 O céu impede a caridade genuína](#)
 - [2.8.1 Instalações](#)
 - [2.8.2 Argumento](#)
 - [2.8.3 Portanto](#)
 - o [2.9 Moralidade secular](#)
- [3 Outras formulações do argumento moral](#)
 - o [3.1 Normatividade da moralidade](#)
 - o [3.2 Respostas contra-apologéticas à normatividade](#)
 - o [3.3 O Imperativo Imoral](#)
- [4 referências](#)
- [5 links externos](#)

Argumentos para a primeira premissa

Ateus famosos rejeitaram a moralidade

Embora esta linha de argumentação seja popular entre os apologistas religiosos, ela comete claramente a falácia de apelar à autoridade, e esse não é o seu único problema. Muitos não-teístas que rejeitaram visões convencionais da moralidade o fizeram com base em bases independentes de suas opiniões sobre a existência de Deus. Além disso, exige citações seletivas de autoridades, porque muitos não-teístas - na verdade, muitos teístas - rejeitaram a primeira premissa do argumento moral. Finalmente, é trivialmente fácil construir um argumento semelhante contra o teísmo, por exemplo: "João Calvino não acreditava no livre arbítrio, portanto 'Se Deus existe, o livre arbítrio não existe', mas o livre arbítrio existe, portanto Deus não existe." Mesmo que Calvino tenha bons argumentos para que sua posição sobre o livre arbítrio fosse implicada pelo teísmo, não-calvinista os teístas não serão influenciados pela mera citação da autoridade de Calvino, nem deveriam ser.

Hitler e Stalin eram ateus

Artigo principal: [atrocidades do século 20](#)

A falácia básica deste argumento é semelhante à do primeiro, embora possa ser considerada uma exemplo de culpa por associação, em vez de apelo à autoridade. Além disso, o histórico

a precisão do argumento pode ser questionada. [de Hitler](#) [proclamações](#) teístas são boas documentado.[1] [e as](#) citações anti-religiosas atribuídas a ele são aparentemente inautênticas. Ele parece manteve as doutrinas básicas do Cristianismo, apesar de mudanças pouco ortodoxas, como sua crença que Jesus era ariano e Paulo corrompeu o cristianismo com o proto-bolchevismo. Stálin foi um ateu, mas dado que esta é uma das muitas crenças que ele tinha, não está claro por que suas ações deveriam ser atribuído ao seu ateísmo. Por exemplo, embora muitos ficassem surpreendidos com isto, Estaline opôs-se principais teorias da evolução, alegando que eram demasiado capitalistas. A rejeição de Stalin a evolução poderia facilmente ser considerada a fonte de seus crimes, assim como sua rejeição a Deus e, de fato, sua rejeição da evolução sem dúvida lança mais luz sobre o dogmatismo ideológico no cerne da Regime soviético.

Se Deus não existe, os humanos são apenas animais

Uma resposta rápida a esse argumento é “Os humanos são animais, quer Deus exista ou não”, o que tem sido de fato a visão consensual entre os taxonomistas desde Aristóteles. Embora este ponto possa parecer trivial, abaixo disso está o ponto mais profundo de que é difícil ver como a existência ou não existência de Deus muda o status dos humanos. Se o teísta insiste em afirmar que os seres humanos são inúteis apenas com os seus atributos inatos, é difícil ver como Deus poderia mudar esta situação; veja [Apelo para emoção](#). Também se baseia na suposição de que os animais têm (ou não teriam) qualquer tipo de relacionamento com ou capacidade de adorar um deus. Embora este possa ser o caso, não sabemos e não podemos saber disso por certo. A verdade, porém, é que os humanos são animais, e só porque este facto pode não ser apreciado por alguns não o tornam menos verdadeiro. Além disso, pode-se perguntar “*e daí? Por que pressupor que ser um animal é uma coisa ruim?*”

A lei moral requer um legislador

Embora às vezes usemos as mesmas palavras para falar sobre princípios morais e legislação humana, uma inspeção mais detalhada põe em dúvida a afirmação de que existe uma forte analogia entre eles. Leis humanas podem ser alterados se o governo assim o desejar e seguir os procedimentos corretos, mas os princípios morais são normalmente considerado imutável. Além disso, é possível ter uma lei humana ruim, mas é impossível ter um mau princípio moral. Em resposta a este segundo argumento, poderia ser afirmado que a moralidade as leis são análogas aos atos de um corpo inferior que violam os atos de um corpo superior ao qual o corpo inferior está responsável. Contudo, isto parece intuitivamente errado: o erro de uma lei nacional que relega parte da população ao status subumano parece muito diferente e mais sério do que o erro em uma lei local que contradiz um estado. Este argumento é construído sobre [um equívoco](#), e é falacioso por esse motivo.

As recompensas e punições de Deus necessárias para tornar a moralidade no interesse próprio

Normalmente, esse argumento não é apresentado de forma tão direta. Uma afirmação mais típica é “admiramos as pessoas que sacrificar suas vidas pelos outros, mas se não existe um Deus que recompense o auto-sacrifício, então essas pessoas são sendo estúpido.” Quando a suposição subjacente é declarada explicitamente, a maioria das pessoas recua. A maioria das pessoas não acredito que a máxima máxima pela qual devemos agir é “olhar apenas para si mesmo”

interesse." Embora tal visão seja tecnicamente uma teoria ética (conhecida pelos filósofos como ética egoísta), não é o que a maioria das pessoas quer dizer quando fala sobre moralidade. Parece que se a ética o egoísmo for verdadeiro, então a segunda premissa do argumento moral é falsa, pelo menos no contexto normalmente sentido compreendido.

A moralidade absoluta requer um padrão absoluto

As declarações deste argumento são muitas vezes pouco claras, mas parece basear-se num equívoco do termo "absoluto", da mesma forma que o argumento do Legislador se baseia num equívoco do termo

"lei." Os dois sentidos relevantes aqui são "aplicáveis em todos os casos" (uma característica tipicamente aplicada a princípios morais) e "onipotente, onisciente, etc." (uma característica tipicamente atribuída a Deus).

Não há razão para pensar que o primeiro sentido implique o segundo sentido.

Argumentos contra a primeira premissa

Definição circular/sem definição de "moral"

Presume-se um entendimento comum de "moral" – por quê? A palavra "moral" deveria ser definida assim que conforme é introduzida - esta definição não pode incluir referência a um deus sem que o argumento se torne circular, e se *não* inclui referência a um deus, então em que sentido um deus é necessário para o conceito?

Por exemplo, *por que* o apologista considera o estupro algo errado (assumindo que sim)? "É contrário natureza de Deus" é uma petição de princípio; "porque a vítima sofre desnecessariamente" exigiria prova subsequente de que a vítima *não* sofreria em um universo *sem Deus*. ("Não haveria um universo absolutamente sem um deus" e o argumento se desdobra em Primeira Causa *et al.*)

O dilema de Eutífron

Esta é talvez a objeção mais famosa à segunda premissa. O [dilema de Eutífron](#) seja encontrado

no Eutífron de Platão, no qual Sócrates faz a pergunta: "O piedoso é amado pelos deuses porque é piedoso, ou é piedoso porque é amado pelos deuses?" Em termos leigos, isso seria: "Isso é qual é o bem ordenado por Deus *porque* é bom, ou é bom porque Deus o ordena?"

as opções são problemáticas para aqueles que afirmam que a moralidade depende de Deus.

Se Deus é livre para decidir o que é bom, e isso é bom em virtude de seu decreto, então Deus não tem padrão para responder. Portanto, a sua vontade pode ser vista como genuinamente arbitrária. Embora Deus uma vez decretado que assassinato e roubo são moralmente errados, ele poderia ter declarado o contrário com a mesma facilidade, então assassinato e roubo seriam corretos. Isto torna a moralidade arbitrária, e não o que a maioria dos teístas pretende dizer ao articular a segunda premissa do argumento moral.

Se o certo e o errado são inerentes à ação, independentemente do decreto de Deus, então Deus não tem nada a fazer com o processo. Deus não estabelece padrões morais; ele os segue e, portanto, é irrelevante para moralidade (exceto na medida em que ele pode nos dizer coisas que não poderíamos descobrir por nós mesmos).

Se a bondade não é algo que um deus *exibe*, mas algo de que o deus é a *fonte*, o afirmação "Deus é bom" torna-se uma tautologia sem sentido. Considere a propriedade "tem gosto de maçã". Muitas coisas que não são maçãs exibem essa qualidade, mas o que significa dizer isso uma *maçã* tem gosto de maçã? Nada; simplesmente não pode ser de outra maneira. Da mesma forma, definir Deus como a fonte da propriedade "bondade", aplicando então essa propriedade de volta a Deus, é equivalente a dizer "Deus é consistente com a sua própria natureza", o que não nos diz nada.

Um resumo eficaz do argumento foi dado por [Bertrand Russell](#): _____

"O que me preocupa é que, se você tiver certeza de que existe uma diferença entre o certo e o errado, então você está nesta situação: essa diferença é devida ao decreto de Deus ou não? Se for devido a decreto de Deus, então para o próprio Deus não há diferença entre o certo e o errado, e não é mais uma declaração significativa para dizer que Deus é bom."

- [Por que não sou cristão](#) _____

Uma maneira percebida de sair do dilema é dizer que, embora Deus tenha a liberdade de ordenar atos imorais como estupro, ele nunca faria tal coisa porque vai contra seu caráter ou natureza.

Em resposta, Michael Martin argumentou que isto não resolve nada porque o dilema pode ser reformulado em termos do caráter de Deus: "O caráter de Deus é do jeito que é porque é bom ou o caráter de Deus é bom simplesmente porque é o caráter de Deus?"[2] A estrutura deste O dilema modificado é exatamente o mesmo de antes, e parece ser algo mais difícil de resolver. escapar.

Outro contra-ataque ao ED é tirar o "bom" do escopo do comando/endosso e vinculá-lo à *natureza* de Deus, como em "é da *natureza* de Deus que o assassinato seja errado". No entanto, a natureza de X é intrínseco, aplicando-se apenas a X. "É da natureza do diamante ser duro" só tem sentido quando o risco do diamante em outros materiais está sendo considerado e, de outra forma, não tem sentido; a natureza dura do diamante não tem nada a ver com o quartzo que arranha a safira, por exemplo. A deus teísta é separado do universo, então se Dave assassina John, como pode a natureza de Deus ter alguma influência na situação?

Verdades morais como verdades necessárias

Richard Swinburne, um filósofo teísta, argumentou que as verdades morais não podem depender de Deus porque as verdades morais são verdades necessárias, existindo em todos os mundos possíveis, incluindo aqueles onde Deus não existe. Esta objeção de Swinburne foi citada por Jeffery Jay Lowder em Lowder's debate com Phil Fernandes.[3] Keith Yandell, outro filósofo teísta, levantou uma questão semelhante objeção nos seus comentários sobre o debate Craig-Flew.

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#) _____

Este argumento não especifica um Deus específico que seja a fonte de um verdadeiro padrão moral objetivo. Mesmo que alguém aceitasse o argumento, seria forçado a decidir qual religião seguir por outros meios. Se alguém puder determinar qual Deus é o “verdadeiro” Deus sem usar esse argumento, como o argumento é necessário em primeiro lugar?

Alternativamente, se não for possível encontrar racionalmente a religião correta, o argumento mina o seu próprio respeito pela moralidade objetiva, ao sugerir que a moralidade vem de uma fonte que não podemos reconhecer. Embora isto não signifique que o argumento seja falso, implica que os seres humanos nunca poderão compreender legitimamente se eles estão agindo certo ou errado.

Aliás, também podemos perguntar: Qual moralidade? [Moralidade cristã](#) mudanças com a história e varia de acordo com qual indivíduo cristão ou seita cristã está interpretar o cristianismo.

Panteísmo naturalista

Muitos ateus gostam de afirmar que são panteístas tecnicamente naturalistas, o que significa que eles acreditam que Deus é o universo, mas de uma forma que rejeita o sobrenatural ou elementos paranormais.

Com base nisso, pode-se afirmar que existe, de fato, uma moralidade divina, mas que a definição de Deus é o universo natural e, portanto, a moralidade é ao mesmo tempo objetiva e superior à moralidade humana.

O argumento é auto-refutante

Pode-se argumentar que, se Deus não existe, não existe uma existência objetivamente demonstrável de moralidade objetiva, e não existe uma necessidade objetiva de existência de moralidade objetiva. Portanto, a situação ateuista não é mais problemática.

O argumento se resume a “a moral objetiva existe, logo Deus existe”. Assim, a definição proposta de “moral” deve simultaneamente OMITIR deus (para que o argumento não seja circular, sendo deus a conclusão) e EXIGIR deus (para chegar à conclusão). Isto é logicamente impossível.

Outra maneira de ver isso é: independentemente de as premissas terem/exigirem Deus ou omitirem Deus, o argumento está fadado ao fracasso. Se as premissas têm deus no sentido de ser então o argumento é circular, se as premissas têm deus como conceito ou omitem deus então o argumento é inválido:

Se as premissas têm deus (o ser), então o argumento torna-se circular porque Deus, o ser, o que o argumento tenta provar, é assumido como uma premissa.

Se as premissas contêm apenas o conceito de deus e não o de ser deus, então o argumento torna-se um argumento inválido de falso equívoco. As premissas têm deus no sentido de um mero conceito, e a conclusão tem deus no sentido de um ser real. Os dois não são equívocos. Por exemplo, o mero conceito de dragão não é igual a um dragão real. Portanto, não importa o que as premissas provem sobre o conceito de deus, não se seguiria necessariamente dessas premissas que existe um deus real. Em outras palavras, é possível que as premissas provem algo sobre o conceito de deus e, portanto, sejam verdadeiras, mas ainda pode ser falso que deus como um ser real exista.

Se as premissas não têm nada a ver com Deus, então o argumento não tem validade porque deus não é uma inferência válida a partir das premissas.

Argumento da Ignorância

O argumento moral também é baseado na ignorância. Mesmo que valores morais objectivos e foi provado que os deveres existem 100%, isso não significa que um deus os tenha colocado lá. Pode, pelo que sabemos, foram alienígenas que os colocaram lá. Só porque não sabemos de onde veio a moralidade, não significa que devemos pressupor que foi um deus quem a fez. Esse argumento, em alguns aspectos, portanto, cai na mesma categoria que o argumento teleológico e argumentos cosmológicos.

O céu impede a caridade genuína

Se existe um Deus onipotente e perfeitamente justo e uma recompensa eterna, não há razão para agir moralmente, exceto para garantir o próprio bem-estar na vida após a morte, ou seja, amar seu irmão só pode ser um meio racional para os próprios fins, não o bem-estar de o irmão de alguém.

Instalações

1. Se todo o resto for igual, minhas ações fazem com que você renuncie a um bem que prejudiquei você.
2. O céu é um bem que supera todos os bens terrenos.
3. Num mundo perfeitamente justo, qualquer mal feito a uma pessoa que possa ser compensado será compensado.
4. Deus deseja um mundo perfeitamente justo.
5. Deus é onipotente, portanto capaz de compensar qualquer mal.

Argumento

1. Se minhas ações fizeram com que você renunciasse ao Céu (por exemplo, convencendo-o a rejeitar a Deus ou ver que você morre antes de se arrepender) você seria injustiçado.
(Premissas 1, 2)

2. Deus deseja compensar qualquer erro. (Premissas 3, 4)
3. Deus compensaria você por esse erro. (Premissa 5, Argumento 2)
4. Nenhuma ação minha pode negar-lhe um bem que torne todos os outros triviais ou que afete de outra forma o seu bem-estar final. (Argumentos 1, 3)
5. Nenhuma ação minha pode negar-lhe o Céu ou de outra forma afetar o seu bem-estar final. ser. (Permissão 2, Argumento 4)

Portanto

Minhas ações são irrelevantes para o seu bem-estar final (Argumento 5), assumindo um Deus justo e uma recompensa eterna (Premissas 1-5).

Moralidade secular

Artigo principal: [Moralidade secular](#)

Finalmente, pode-se afirmar, em geral, que existe uma teoria de moralidade específica e bem fundamentada que deixa Deus fora de cena. Este é um tópico complexo e é abordado na íntegra no artigo vinculado acima. Uma coisa é digna de nota aqui: alguns teístas parecem pensar que constitui um elo válido no argumento moral simplesmente exigir uma teoria secular da moralidade sem dar qualquer razão para pensar que as teorias teístas têm maior probabilidade de ser bem sucedidas. Isto é claramente falacioso e os debatedores não devem cair nesta armadilha. A metaética, como a maioria das áreas da filosofia, tem debates não resolvidos, mas apontar para um debate filosófico não resolvido não é argumento para a existência de Deus. Para mostrar que o argumento moral não tem sucesso, basta mostrar que não devemos aceitar a segunda premissa. O pleno desenvolvimento da teoria secular da moralidade pode ser útil aqui, mas não é necessário.

Outras formulações do argumento moral

Normatividade da moralidade

Esta formulação do argumento moral baseia-se no pressuposto da normatividade, isto é, que a consciência da moralidade é uma experiência mais ou menos universal entre os humanos. A maioria das pessoas reconhece que, por exemplo, o assassinato é errado. A partir daí, um teísta afirma que esta consciência universal deve vir de alguma fonte última, que é Deus. [\[1\]](#)

Para ser conciso:

1. Parece aos seres humanos que existe normatividade moral.
2. A melhor explicação da normatividade moral é que ela está fundamentada em Deus.
3. Portanto Deus existe.

Esta versão do argumento moral pode às vezes ser usada pelos teístas como [uma pista falsa](#) ao [responder](#) a argumentos sobre a natureza moral de Deus. Por exemplo, uma pessoa que aponta a crueldade inerente ao extermínio de 99% da população da Terra, como na história da [arca de Noé](#), ou discorda do aparente apoio bíblico à [escravidão](#) e [estupro](#), pode esperar rapidamente ser

contestado com esta afirmação:

"Você reconhece o assassinato/escravidão/estupro em massa como uma coisa **ruim** , então você deve ter algum padrão para julgar isso. Se Deus não existisse, então você não teria razão racional para dizer que essas coisas não são boas."

Respostas contra-apologéticas à normatividade

1. Embora a consciência de ALGUM tipo de certo e errado seja aparentemente universal, muitos detalhes específicos diferem entre culturas e períodos de tempo. No caso da escravidão, por exemplo, a prática já foi universalmente aceita no sul dos Estados Unidos, e muitos antiabolicionistas até citaram a Bíblia para justificar a prática. (Veja a principal [escravidão](#) artigo para [mais detalhes](#).) Isso indica que a moralidade tem uma forte influência cultural componente dela e está ligado à evolução de noções de [moralidade secular](#).

Na verdade, isso serve como um argumento contra a existência de Deus.

Argumento do Conhecimento Moral

Um argumento ateológico recentemente proposto é o Argumento do Conhecimento Moral, que pode ser expresso da seguinte forma: Se a versão teísta de Deus existe, então ele é um ser onipotente, onisciente e benevolente. Visto que esse deus é benevolente e sua ética é supostamente moralmente boa para a humanidade, ele gostaria que todos os seres humanos conhecessem sua ética perfeitamente. E como esse deus é onipotente, estaria ao seu alcance garantir que todos os seres humanos conhecessem perfeitamente sua ética. No entanto, todos os seres humanos não conhecem perfeitamente a sua ética, o que é demonstrado pela sua discordância sobre muitos valores morais.

Portanto, esta versão de Deus não existe.

1. Outras percepções humanas também parecem normativas.

Por exemplo, a maioria das pessoas concorda que o chocolate é "delicioso", enquanto a sujeira é "não é delicioso." Pelo mesmo raciocínio do argumento da moralidade normativa, poderia ser dito que deve haver algum padrão último para delícia, e esse padrão deve ser Deus, o deleite saboroso final.

Poderíamos usar um argumento semelhante para provar que Deus é a definição do amante homossexual perfeito.

2. O fato de que pode haver um padrão abstrato de bondade perfeita que um indivíduo se esforça para alcançar, não indica que esse padrão representa um objeto existente. Por exemplo, jogar golfe seria um jogo perfeito rende uma pontuação de 18. No entanto, embora ninguém na história tenha jogado golfe 18, esta é a melhor pontuação alcançável de acordo com as regras do jogo. É bem possível ter um ideal teórico, mas não ter nenhum exemplo concreto desse ideal. Portanto, poderíamos dizer: "Sim, esta coisa que vocês chamam de 'Deus' poderia ser o nosso padrão de moralidade. No entanto, *isto não nos diz nada sobre se Deus existe ou não.*"

O Imperativo Imoral

1. Os cristãos são chamados a evangelizar e compartilhar o evangelho como uma ordem de Deus. A misericórdia de Deus é partilhada com o propósito de conversão que trata as pessoas como um meio. Segundo Kant, tratar alguém como um significa, e não um fim em si mesmo, é imoral, portanto, os cristãos são imorais como é o comando.

Uma possível solução para este dilema é reavaliar a ordem de Deus. Se o evangelho do Cristianismo não é especificamente por causa do evangelho em si, nem é um meio para o fim de Deus, mas sim o meio pelo qual a vida de uma pessoa é melhorado, o indivíduo se torna o fim, tornando-o moral sob a Mentalidade kantiana. A pessoa que "recebe" o evangelismo (ou seja, o evangelho) é tratada com justiça, na medida em que o objetivo é o seu aperfeiçoamento pessoal. Esta solução pode só será mantida se a realidade da "salvação" for de facto a realidade de uma vida melhor.

Referências

1. [CS Lewis](#), *Mero Cristianismo*, 1943, Capítulo 1

Stan W. Wallace, ed. *Deus existe?: O debate Craig-Flew*. Ashgate, 2003.

Richard Swinburne. *A Existência de Deus*. Imprensa da Universidade de Oxford, 2004.

Richard C. Transportador. 'Conversa de mesa de Hitler: descobertas preocupantes.' *Estudos Alemães* Revisão 26.3 (outubro de 2003): 561-76.

link externo

[Texto completo do diálogo Eutífron por Platão](#)

[Argumentos Morais para a Existência de Deus](#)

Argumento ontológico



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento ontológico](#)

O **argumento ontológico** foi originalmente escrito por um monge beneditino chamado Anselmo, o Arcebispo de Cantuária, em seu livro *Proslogion* em 1078. **Ontologia** é o **ramo da metafísica** que lida **com a natureza** do ser e da existência. O argumento é baseado na ideia maior, Deus, deve existir porque é maior existir do que não existir.

Até os contemporâneos de Anselmo reconheceram as suas falhas; outro monge, Guanilo de Marmoutiers, é lembrado por usar o raciocínio de Anselmo para “provar” que a ilha perfeita existe em *Em Nome do Louco*.

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 O argumento](#)
- [2 contra-argumentos](#)
 - o [2.1 A existência não é um atributo ou predicado](#)
 - o [2.2 Qual Deus?](#)
 - o [2.3 Afirmando o consequente](#)
 - o [2.4 Sem sequência](#)
 - o [2.5 Um argumento para o Diabo](#)
 - o [2.6 Prova de Gasking](#)
 - o [2.7 Suposição de que a existência é maior que a inexistência](#)
 - o [2.8 Prova por lógica](#)
- [3 argumentos variantes](#)
 - o [3.1 Argumento ontológico modal](#)
 - [3.1.1 Contra-argumentos](#)
 - o [3.2 Argumento ontológico modal reverso](#)
- [4 referências](#)
- [5 links externos](#)

O argumento

O **argumento ontológico** clássico para a existência de **Deus** **funciona** da seguinte forma:

1. Tenho uma ideia de Deus como o maior ser concebível.
2. Um ser pode existir apenas como ideia ou como ideia e na realidade.
3. É maior existir também na realidade do que apenas como uma ideia.
4. Se penso neste maior ser concebível como existindo apenas como uma ideia, então posso
pense em um ser maior, ou seja, um ser que existe na realidade também.
5. Este maior ser concebível também deve existir na realidade, ou seja, Deus existe.

Contra-argumentos

Neste argumento, a existência é dada como um dos atributos de Deus como parte da definição: se X é Deus, então X tem a propriedade de existência. Isso [é logicamente equivalente](#) para "se X não existe, então X não é Deus." Não prova que existam entidades que realmente correspondam a definição.

A existência não é um atributo ou predicado

A existência dificilmente pode ser considerada um atributo, pois algo inexistente não pode ter atributos. [\[1\]](#)
Portanto, tirar conclusões sobre a existência de uma entidade com base em suas propriedades não é logicamente correto. Em suma, este argumento resume-se a "mostre-me um deus, e
Vou lhe mostrar um deus existente." É uma forma de [raciocínio circular](#) porque a existência é
construído nas suposições.

Aqui estão alguns exemplos desta prova que destacam a falácia.

Unicórnios:

1. Vamos definir um unicórnio como um ser equino mágico que possui um chifre e que
existe.
2. Por esta definição, tal ser deve necessariamente existir.
3. Portanto existem unicórnios.

Shangri-lá:

1. Shangri-La é o melhor lugar do planeta.
2. Um lugar que existe é maior do que outro que não existe.
3. Portanto, Shangri-La existe.

Hércules:

1. Hércules é o maior guerreiro da história.
2. Um guerreiro que existiu é maior do que aquele que não existiu.
3. Portanto, Hércules existiu.

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Nenhum Deus ou religião específica é apoiada pelo argumento.

O argumento apóia o panteísmo melhor que o monoteísmo.

1. Um ser que contém todas as partes de outro mais uma parte extra é o maior ser.
2. Não pode existir nenhuma parte que não faça parte do maior ser possível.
3. Portanto, o maior ser possível abrange todo o universo – daí o Panteísmo.
4. Se 1. for falso, não há razão para acreditar que o maior ser possível abrange qualquer coisa - o maior ser possível é indistinguível de nada.
5. Se 1. é falso e 4. é falso porque o maior ser possível é aquele que abrange todas as coisas intrinsecamente positivas e nenhuma coisa intrinsecamente negativa, então "um ser que existe é maior do que aquele que não existe" não é verdade a menos que a existência seja intrinsecamente boa.

Afirmando o consequente

O argumento também contém um erro inverso. A segunda premissa equivale a “Se uma coisa existe, *então* ela tem grandeza”, enquanto a conclusão assume o inverso: “Se uma coisa (o deus) tem grandeza, *então* ela existe”.

Sem sequência

Outro problema com a versão clássica do argumento é que ela é inválida. Portanto, mesmo que as premissas sejam verdadeiras, não há garantia de que a conclusão seja verdadeira. Supõe-se que a quarta premissa mostre que há uma contradição em supor que o maior ser concebível existe apenas como uma ideia. Isto, no máximo, mostraria que ao pensar neste ser teríamos que supor que este ser existe. Assim, mesmo que não haja outros problemas com o argumento, isso apenas prova que devo pensar na existência de Deus; isso não prova que exista realmente um ser por aí que se encaixe na minha ideia.

Um argumento para o Diabo

Um argumento ontológico pode ser usado para provar a existência do Diabo.

1. Tenho uma ideia do Diabo como o pior ser concebível.
2. Um ser pode existir apenas como ideia ou como ideia e na realidade.
3. É pior para o pior ser concebível existir também na realidade, em vez de apenas como uma ideia.
4. Se penso neste pior ser concebível como existindo apenas como uma ideia, então podemos pensar em um ser pior, ou seja, um ser que também existe na realidade.
5. Este pior ser concebível também deve existir na realidade, ou seja, o Diabo existe.

A prova de Gasking

Uma paródia da inexistência de Deus é a seguinte: [2] —

1. A criação do universo é a maior conquista imaginável.
2. O mérito de uma conquista consiste na sua grandeza intrínseca e na capacidade do seu criador.
3. Quanto maior for a desvantagem para o criador, maior será a conquista (seria você fica mais impressionado com Turner pintando uma bela paisagem ou um anão cego de um braço só?)
4. A maior desvantagem para um criador seria a inexistência
5. Portanto, se supormos que o universo é a criação de um existente criador, podemos conceber um ser maior – ou seja, alguém que criou tudo enquanto não existia.
6. Portanto, Deus não existe.

Suposição de que a existência é maior que a inexistência

Supondo que a existência e a inexistência possam realmente ser propriedades de algo, não há justificativa lógica para a existência ser maior que a inexistência

Prova por lógica

Artigo principal: [Prova por lógica](#)

O argumento define efetivamente a existência de Deus sem considerar evidência.

Argumentos variantes

Argumento ontológico modal

Esta é uma versão do argumento defendido por apologistas como [Alvin Plantinga](#). As premissas são as seguintes:

- ÿ P(1): É possível que Deus exista.
- ÿ P(2): Se é possível que Deus exista, então Deus existe de alguma forma possível os mundos.
- ÿ P(3): Se Deus existe em alguns mundos possíveis, então Deus existe em todos os mundos possíveis os mundos.
- ÿ P(4): Se Deus existe em todos os mundos possíveis, então Deus existe no mundo real.
- ÿ P(5): Se Deus existe no mundo real, então Deus existe.
- ÿ C(1): Portanto, Deus existe.

Contra-argumentos

O Argumento Ontológico Modal é um argumento dedutivo, o que significa que para negar a conclusão do argumento é preciso mostrar que a forma do argumento é inválida, que pelo menos uma das premissas é falsa, ou que o argumento comete algum outro falácia.

Como forma de mostrar que o argumento contém uma falácia, pode-se substituir algo como um unicórnio necessariamente existente no argumento, em vez de Deus.

ÿ P(1)': É possível que exista necessariamente um unicórnio.

ÿ P(2)': Se for possível que exista necessariamente um unicórnio, então um
o unicórnio necessariamente existente existe em alguns mundos possíveis.

ÿ P(3)': Se um unicórnio necessariamente existente existe em alguns mundos possíveis, então um
o unicórnio necessariamente existente existe em todos os mundos possíveis.

ÿ P(4)': Se um unicórnio necessariamente existente existe em todos os mundos possíveis, então um
o unicórnio necessariamente existente existe no mundo real.

ÿ P(5)': Se um unicórnio necessariamente existente existe no mundo real, então um
necessariamente existe um unicórnio.

ÿ C(1)': Portanto, existe necessariamente um unicórnio existente.

A objeção esperada é que P(1)' é uma petição de princípio; ele constrói a existência necessária no ser em questão desde o início. A contradição é que P(1) do argumento modal original faz a mesma coisa com a ideia de Deus como um ser necessário. No argumento original, a questão de princípio talvez não seja tão óbvia, mas a necessidade da existência de Deus é o que faz com que P(3) seja supostamente verdadeiro.

Outra forma de desmascarar o argumento poderia ser tentar mostrar que P(1) é falso.

Para mostrar que é impossível que Deus exista, seria necessário mostrar que as propriedades de Deus são logicamente incoerentes e, portanto, Deus não existiria em nenhum mundo possível.

Outra forma de desmascarar o argumento seria salientar que o argumento se baseia em equívocos entre diferentes definições de "possível". A lógica modal (que é usada em P(2), P(3) e P(4)) refere-se à possibilidade subjuntiva, enquanto P(1) refere-se à possibilidade epistêmica, que não é usada na lógica modal.

Argumento ontológico modal reverso

O argumento ontológico modal depende da inocência da primeira premissa. Alguém poderia estar inclinado a aceitar que é meramente possível que Deus

existe, mas fique surpreso por ter concordado demais. A lógica modal corta ambos
maneiras embora. Uma premissa igualmente inocente pode levar à conclusão oposta:

ÿ P(1) É possível que Deus não exista, ou seja, existe algum mundo possível
onde Deus não existe.

ÿ P(2) Deus é definido como um ser necessário, ou seja, existe em todos os mundos possíveis.

ÿ P(3) Se existe um mundo possível onde Deus não existe, então não existe nenhum mundo possível em
que Deus exista em todos os mundos possíveis.

ÿ P(4) Se não existe um mundo possível no qual Deus exista em todos os mundos possíveis,
então é impossível que Deus exista.

ÿ C(1) É impossível que Deus exista.

P(1) é a premissa suficientemente inocente de que Deus pode não existir. P(2) é o
definição de Deus emprestada do teísta. P(3) segue da lógica modal S5

onde todos os mundos são acessíveis uns aos outros, então se algo é possível em um

mundo, é possível em todos os mundos. A possibilidade e a necessidade lógicas são geralmente

pensado para ser capturado pela lógica modal S5. É também a lógica modal mais simples e

mais frequentemente encontrado. O argumento ontológico modal acima depende de

S5 também. P(4) é apenas uma tradução: "Nenhum mundo possível" significa "é impossível",

e "existe em todos os mundos possíveis" significa "existe", pelo menos de acordo com P(2).

Referências

1. ÿ [Enciclopédia de Filosofia de Stanford](#), Argumentos Ontológicos,
revisão substantiva em 15 de julho de 2011. [\[1\]](#)

2. ÿ [Prova de Gasking](#) [\[2\]](#) [_____](#)

links externos

ÿ [\[3\]](#) Uma refutação abrangente e mais curta

ÿ [\[4\]](#)

ÿ [\[5\]](#)

ÿ [\[6\]](#)

Argumento transcendental



Para mais informações, consulte [a Wikipédia](#) artigo:

[Argumento transcendental](#)

O **argumento transcendental** para a existência de Deus (TAG) tenta mostrar que a lógica, a ciência, a ética (e geralmente todos os fatos da experiência e do conhecimento humanos) não são significativas fora uma crença pré-condicionada na existência de Deus.

"Os conceitos existiam antes de nós. Os conceitos requerem uma mente. Essa mente é Deus. [\[4\]](#) "

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 informação básica](#)
- [2 versões de TAG](#)
 - o [2.1 Versão 1](#)
 - o [2.2 Versão 2](#)
 - o [Versão 2.3 CARM.Org](#)
- [3 contra-argumentos](#)
 - o [3.1 Falácia de equívoco: 5.1-4](#)
 - o [3.2 Falácia de divisão: 6.1](#)
 - o [3.3 Falsa dicotomia: 6.2](#)
 - o [3.4 Petição Especial: 7.1-4](#)
 - o [3.5 O Resumo do Número 4](#)
- [4 outros contra-argumentos](#)
- [5 links](#)
 - o [5.1 Referências](#)
 - o [5.2 Veja também](#)
 - o [5.3 Links Externos](#)
 - o [5.4 Referência](#)

Informações básicas

O requisito padrão para o argumento é que existem coisas transcendentais, como ciência, lógica, moralidade e matemática que não existem fisicamente, que também são parte da realidade (quando você deixa de acreditar neles, eles não vão embora). Como esses sistemas existem,

acena com os braços, Deus existe.

O argumento é popular dentro do [pressuposicionalismo e a apologética associada](#).

O pressuposicionalismo, no entanto, tende a inverter o argumento e simplesmente começar no conclusão. A lógica depende de Deus, portanto você não pode usar a lógica para argumentar contra Deus, pois isso seria contraditório.

Vale ressaltar que o TAG pressupõe a epistemologia platônica, que o conhecimento do abstrato ideias é inata e que o conhecimento dessas ideias abstratas é absoluto. Embora esta visão seja às vezes defendido com base em que o conhecimento de proposições abstratas, como as Leis de Lógica e Geometria, podem ser localizadas através de uma investigação *a priori*.

Versões do TAG

Versão 1

Isto é, o conhecimento não pode ser obtido de forma absoluta, a menos que a própria fonte desse conhecimento seja uma fonte absoluta (leia-se: ser/Deus). Portanto, ou você subconscientemente acredita em uma ser absoluto que defende e torna absolutas as [leis](#) do universo/moralidade ou você faz não – e não pode – saber nada com certeza.

ÿ Existem alguns absolutos lógicos objetivos.

ÿ Podemos ter conceitos destes absolutos lógicos.

ÿ Esses absolutos lógicos não são físicos (você não pode encontrá-los no mundo natural).

ÿ Estes absolutos lógicos são, portanto, conceituais.

ÿ Conceitos requerem mente.

ÿ Como os absolutos lógicos são verdadeiros em todos os lugares, eles devem existir dentro de uma mente infinita.

ÿ Essa mente é Deus.

ÿ Deus existe.

Versão 2

Existem outras iterações do mesmo tema geral.

ÿ A lógica é racional, mas o ateísmo pressupõe que tudo vem de fontes materiais.

ÿ A lógica não é material, portanto o ateísmo carece de qualquer fonte objetiva para a lógica.

ÿ Sem uma fonte objetiva para a lógica, o ateísmo não pode empregar a lógica.

ÿ Portanto o ateísmo é auto-refutante.

ÿ Visto que o ateísmo é refutado, o teísmo deve ser verdadeiro.

ÿ Deus existe.

Versão CARM.Org

Esta é a versão do argumento transcendental apresentado por [Matt Slick](#) do CARM: _____

1. Lei da Identidade

1. Algo é o que é e não é o que não é. Algo que existe tem uma natureza específica.
2. Por exemplo, uma nuvem é uma nuvem, não uma rocha. Um peixe é um peixe, não um carro.

2. Lei da Não Contradição

1. Algo não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo no mesmo sentido.
2. Por exemplo, dizer que a nuvem não é uma nuvem seria uma contradição, pois violaria a primeira lei. A nuvem não pode ser o que é e não o que é ao mesmo tempo.

3. Lei do Médio Excluído (LEM)

1. Uma afirmação é verdadeira ou falsa, sem meio-termo.
2. "Estou vivo" é verdadeiro ou falso. "Você está grávida" é verdade ou falso.
 1. Nota um: "Esta afirmação é falsa" não é uma afirmação válida (não é logicamente verdadeiro), uma vez que é auto-refutante e é tratado pela Lei da Não Contradição. Portanto, não cai sob a categoria LEM, uma vez que é uma contradição.
 2. Nota dois: Se ignorarmos a nota um, então há um possível paradoxo aqui. A frase "esta afirmação é falso" não se enquadra nesta Lei, pois se for verdadeiro, então é falso. Os paradoxos ocorrem apenas quando temos absolutos. No entanto, o LEM é válido, exceto pelo paradoxal declaração citada.
 3. Nota três: Se ignorarmos novamente a nota um e admitirmos uma paradoxo, então devemos reconhecer que existem paradoxos apenas dentro do reino dos absolutos.

2. Absolutos lógicos são declarações de verdade como:

1. Aquilo que existe tem atributos e uma natureza.
 1. Uma nuvem existe e tem os atributos de brancura, vapor, etc. a natureza da água e do ar.
 2. Uma rocha é dura, pesada e é composta por seu material rochoso (granito, mármore, sedimentos, etc.).
2. Algo não pode ser ele mesmo e não ser ele mesmo ao mesmo tempo.
 1. Não pode ser verdade afirmar que uma rocha não é uma rocha.
3. Algo não pode existir por si mesmo.

1. Para que algo venha a existir, ele precisa ter atributos para executar uma ação. Mas se tiver atributos, então já existe. Se algo não existe, não tem atributos e não pode executar nenhuma ação. Portanto, algo não pode trazer-se à existência.
4. A verdade não é contraditória.
 1. Não pode ser verdade que você está lendo isto e não lendo isso em ao mesmo tempo, no mesmo sentido. É verdadeiro ou falso que você estão lendo isso.
5. Portanto, os Absolutos Lógicos são absolutamente verdadeiros. Eles não são subjetivamente verdadeiro; isto é, às vezes não são verdadeiras e às vezes falsas, dependendo preferência ou situação. Caso contrário, não seriam absolutos.
3. Os Absolutos Lógicos constituem a base do discurso racional.
 1. Se os Absolutos Lógicos não são absolutos, então a verdade não pode ser conhecida.
 2. Se os Absolutos Lógicos não são absolutos, então nenhum discurso racional pode ocorrer.
 1. Por exemplo, eu poderia dizer que um quadrado é um círculo (violando a lei de identidade), ou que estou e não estou vivo no mesmo sentido no mesmo tempo (violando a lei da não contradição).
 2. Mas ninguém esperaria ter uma conversa racional com alguém que falou em declarações contraditórias.
 3. Se os Absolutos Lógicos nem sempre são verdadeiros, então pode ser verdade que algo pode contradizer-se, o que tornaria a verdade incognoscível e racional discurso impossível. Mas dizer que algo pode contradizer-se não pode seja verdadeiro.
 4. Mas como sabemos que as coisas são verdadeiras (eu existo, você está lendo isto), então podemos concluir que as afirmações lógicas são verdadeiras. Caso contrário, não conseguiríamos discutir racionalmente ou conhecer a verdade.
 5. Se eles não são a base do discurso racional, então não podemos conhecer a verdade ou erro, pois as leis que regem a racionalidade não são absolutas. Isso permitiria as pessoas falem irracionalmente, ou seja, o azul dorme mais rápido que a quarta-feira.
4. Os Absolutos Lógicos são transcendentais.
 1. Os Absolutos Lógicos não dependem do espaço.
 1. Eles não deixam de ser verdadeiros dependendo da localização. Se viajarmos um milhões de anos-luz em uma direção, os absolutos lógicos ainda são verdadeiros.
 2. Os Absolutos Lógicos não dependem do tempo.

1. Eles não deixam de ser verdadeiros dependendo do tempo. Se viajarmos um bilhão anos no futuro ou no passado, os absolutos lógicos ainda são verdadeiros.
3. Os Absolutos Lógicos não dependem de pessoas. Ou seja, eles não são os produto do pensamento humano.
 1. As mentes das pessoas são diferentes. O que uma pessoa considera ser absoluto pode não ser o que outro considera absoluto. Pessoas muitas vezes se contradizem. Portanto, Absolutos Lógicos não podem ser o produto de mentes humanas e contraditórias.
 2. Se os Absolutos Lógicos fossem o produto das mentes humanas, eles seriam deixariam de existir se as pessoas deixassem de existir, o que significaria que elas dependeria das mentes humanas. Mas isso não pode ser assim pela ponto anterior.
5. Os Absolutos Lógicos não dependem do mundo material.
 1. Os Absolutos Lógicos não são encontrados nos átomos, no movimento, no calor, sob as rochas, etc.
 2. Os Absolutos Lógicos não podem ser fotografados, congelados, pesados ou medidos.
 3. Os Absolutos Lógicos não são o produto do universo físico, uma vez que significaria que eles dependiam de átomos, movimento, calor, etc., e que sua natureza dependia da existência física.
 1. Se a sua natureza dependesse da existência física, eles deixará de existir quando o universo físico deixar de existir.
 4. Mas, se o universo não existisse, os absolutos lógicos ainda seriam verdadeiros.
 1. Por exemplo, se o universo não existisse, ainda é verdade que algo não pode existir; isto é, qualquer coisa que existisse teria uma identidade, e tudo o que pudesse existir não poderia ser ele mesmo e não ele mesmo ao mesmo tempo.
 2. Portanto, não dependem do mundo material.
6. Os Absolutos Lógicos são conceituais por natureza.
 1. A lógica é um processo da mente. Os absolutos lógicos fornecem a estrutura para processos de pensamento lógico. Portanto, os Absolutos Lógicos são conceituais por natureza.
 2. Expandido: Os absolutos lógicos são conceituais por natureza ou não.
 1. Se forem conceituais por natureza, então não dependem de o universo físico para sua existência.
 2. Se forem não-conceituais por natureza, então:
 1. Qual é a sua natureza?

2. Se for negado que os Absolutos Lógicos sejam conceituais
ou físico, então deve haver uma 3ª (ou 4ª...) opção.
Qual seria essa opção?
3. Se outra opção não puder ser oferecida logicamente, então a única
as opções disponíveis para nós são conceituais e físicas.
4. Visto que a lógica não é uma propriedade da natureza física (ver ponto 5
acima), então devemos concluir que eles são conceituais
por natureza.
5. Simplesmente "negar" que os Absolutos Lógicos sejam
a natureza conceitual ou física não é suficiente.

7. Os pensamentos refletem a mente

1. Os pensamentos de uma pessoa refletem o que ela é.
2. Pensamentos absolutamente perfeitos refletem uma mente absolutamente perfeita.
3. Visto que os Absolutos Lógicos são transcendentais, absolutos, são perfeitamente
consistentes e independentes do universo, então eles refletem uma
mente transcendente, absoluta, perfeita e independente.
4. Chamamos essa mente transcendente, absoluta, perfeita e independente de Deus.

8. Contra-argumentos

9. Falácia do equívoco: 5.1-4

10. O primeiro grande problema com o argumento ocorre em 5.1-4 (versão carm.org)
11. 5. Os Absolutos Lógicos não dependem do mundo material.
12. 1. Os Absolutos Lógicos não são encontrados nos átomos, no movimento, no calor, sob as rochas, etc.
13. 2. Os Absolutos Lógicos não podem ser fotografados, congelados, pesados ou medidos.
14. 3. Os Absolutos Lógicos não são o produto do universo físico, pois isso seria
significa que eles dependiam de átomos, movimento, calor, etc., e que sua natureza era
dependente da existência física.
15. 1. Se a sua natureza dependesse da existência física, eles deixariam de existir.
existe quando o universo físico deixa de existir.
16. 4. Mas, se o universo não existisse, os absolutos lógicos ainda seriam verdadeiros.
17. 1. Por exemplo, se o universo não existisse, ainda é verdade que algo não pode
trazer-se à existência; isto é, qualquer coisa que existisse teria uma identidade, e
tudo o que poderia existir não poderia ser ele mesmo e não ser ele mesmo ao mesmo tempo.
18. 2. Portanto, não dependem do mundo material.
19. Isto é uma falácia de equívoco. Duas coisas de valor separado são equiparadas ao
mesma coisa. A página da Wikipedia usa a palavra 'luz' como exemplo:
20. Uma pena é leve.
21. O que é claro não pode ser escuro.
22. Portanto, uma pena não pode ser escura.

23. Na verdade, existem dois aspectos distintos dos absolutos lógicos a serem considerados. O declarações conceituais como 'A = A' e a base física sobre a qual o declaração conceitual é baseada.
24. É verdade que a afirmação conceitual de que 'A=A' não pode ser fotografada, congelada pesado ou medido. É um resumo. Contudo, a afirmação semântica refere-se à natureza física das coisas que existem e são materiais e são absolutamente dependente da existência física. Átomos são [Átomos]. O movimento não é, [não é movimento]. O calor não é [calor e não calor] ao mesmo tempo.
25. 5.1-3 tenta equiparar a declaração semântica conceitual e a física sustentação dessa afirmação é a mesma coisa, e então continua em 6.1-2 para argumentar que os absolutos lógicos são apenas conceituais e, portanto, dependentes de um mente. Os absolutos lógicos não são declarações conceituais prescritivas arbitrárias sobre o que a lógica pode ou não fazer. São afirmações descritivas sobre o natureza da realidade que observamos, na qual se baseiam as leis da lógica formal.
26. Além disso, o ponto 5.4 é uma afirmação infundada. Se o universo não existisse, nem seriam os três absolutos lógicos, pois eles não teriam nada a que se aplicar. Se nada existisse, não haveria A igual a A. A base da lógica absoluta declarações dependem de algo existente. Os próprios absolutos lógicos são simplesmente uma propriedade fundamental da existência material.

27. Falácia da divisão: 6.1

28. O segundo grande problema ocorre na versão 6.1 (versão carm.org).
29. 6.1 A lógica é um processo da mente. Os absolutos lógicos fornecem a estrutura para processos de pensamento lógico. Portanto, os Absolutos Lógicos são conceituais por natureza.
30. Esta é uma falácia de divisão. Um atributo ou propriedade de um sistema completo é aplicado para uma parte individual desse sistema. O exemplo dado na Wikipedia usa um avião como analogia:
31. Um Boeing 747 pode voar sem ajuda através do oceano.
32. Um Boeing 747 possui motores a jato.
33. Portanto, um de seus motores a jato pode voar através do oceano sem ajuda.
34. Alguns outros exemplos de Falácia de Divisão seriam:
35. Eu tenho um conceito de maçã, então a maçã que estou segurando na mão é também conceitual
36. Minha luxúria é emocional, portanto o objeto da minha luxúria também é emocional.
37. Um carro pode ser dirigido. Portanto, o design de um carro também pode ser conduzido.
38. Os absolutos lógicos fornecem a base e a estrutura para a estrutura da lógica formal. Contudo, o facto de a lógica formal ser de natureza puramente conceptual não significa necessariamente que a base dessa lógica formal seja também puramente conceptual.

39. Como humanos, precisamos *de significantes* linguísticos para discutir as coisas e padrões que observamos (isto é, as coisas e padrões *significados*), portanto os absolutos lógicos têm uma existência conceitual na medida em que precisamos de palavras para significá-los. Esta abordagem implica que os absolutos lógicos sejam descobertos através de um processo de mente, em vez de construído. Assim, os absolutos lógicos não são conceituais por natureza. Em vez disso, são uma propriedade física da realidade – observada pelos humanos e apontada com a linguagem.
40. Presumivelmente, o teísta não pretende desafiar a ideia que *descobrimos* absolutos lógicos em vez de construí-los. Um sistema formal de lógica que construa, em vez de descobrir, absolutos dentro da realidade seria incoerente (que significado poderia o absoluto ter neste contexto?) e inútil. Qualquer ideia poderia necessariamente ser verdade. Sabemos que este não é o caso. Em vez disso, a intenção do teísta é mostrar que Deus constrói os absolutos lógicos. Que, sendo necessariamente conceitual, não pode ser verdadeiramente absoluto sem uma fonte estável e imutável. Visto que os conceitos residem apenas nas mentes, e a única mente estável e imutável é a de Deus, então a existência de absolutos lógicos necessita de Deus. Isto, como demonstrado acima, é a falácia da divisão.

41. Falsa dicotomia: 6,2

42. O terceiro grande problema ocorre em 6.2 (versão carm.org)
43. 6.2 Expandido: Os absolutos lógicos são conceituais por natureza ou não são.
44. 1. Se são conceituais por natureza, então não dependem do físico universo para sua existência.
45. 2. Se forem não-conceituais por natureza, então:
46. 1. Qual é a sua natureza?
47. 2. Se for negado que os Absolutos Lógicos sejam conceituais ou físicos, então deve ser uma 3ª (ou 4ª...) opção. Qual seria essa opção?
48. 3. Se outra opção não puder ser oferecida logicamente, então as únicas opções disponíveis para nós são conceituais e físicos.
49. 4. Visto que a lógica não é uma propriedade da natureza física (ver ponto 5 acima), então devemos concluir que eles são conceituais por natureza.
50. 5. Simplesmente "negar" que os Absolutos Lógicos sejam de natureza conceitual ou física não é suficiente.
51. Isto tenta estabelecer uma falsa dicotomia. É aqui que duas opções são apresentadas como opostos booleanos (A ou não A), onde esse não é necessariamente o caso (A ou B).
52. Se os absolutos lógicos não são físicos e não conceituais, deve haver um terceiro ou 4ª opção. O que eles são? O fato é que a existência conceitual e física não são uma verdadeira dicotomia. Na verdade, eles nem sequer são mutuamente exclusivos.
- 53.

54. 6.2.2 - Afirmações de que os Absolutos Lógicos são conceituais ou físicos. Como é mostrado no subartigo acima para 5.1-4 Falácia do Equívoco, os absolutos lógicos têm uma contraparte física e conceitual. Não é uma situação ou/ou, portanto, uma terceira opção não é necessária.
55. 6.2.4 - Afirma que, como a lógica é conceitual, os absolutos em que se baseia devem também ser conceitual. Como é mostrado no subartigo 6.1 acima, Falácia de Divisão, este não é o caso.
56. É também interessante notar que, pela sua própria natureza, esta secção do argumento argumenta especificamente contra a existência de qualquer coisa espiritual, o que não deixa muito espaço para a afirmação teísta de que um deus existe em algum lugar fora de seu território. mente, e também fora da realidade física que somos capazes de observar e medir.

57. Petição Especial: 7.1-4

58. A conclusão final do argumento TAG também é logicamente inválida.
59. 7. Os pensamentos refletem a mente
60. 1. Os pensamentos de uma pessoa refletem o que ela é.
61. 2. Pensamentos absolutamente perfeitos refletem uma mente absolutamente perfeita.
62. 3. Visto que os Absolutos Lógicos são transcendentais, absolutos, são perfeitamente consistentes, e são independentes do universo, então refletem uma mente transcendente, absoluta, perfeita e independente.
63. 4. Chamamos essa mente transcendente, absoluta, perfeita e independente de Deus.
64. Mesmo ignorando todas as principais falácias até este ponto, e aceitando a falsa premissa de que os absolutos lógicos são puramente conceituais, a conclusão final também constitui um caso de defesa especial. O fato de que as mentes humanas são capazes de conceber os absolutos lógicos para apresentar esse mesmo argumento é a prova de que esses conceitos não dependem de uma mente transcendente suprema, absolutamente perfeita.
65. Esta secção do argumento também está relacionada com o [argumento ontológico](#). Apenas porque você define semanticamente algo transcendente, perfeito e mágico como existente, não significa que realmente exista.

66. O Resumo do Número 4

67. Para resumir, uma simples analogia com os absolutos lógicos seria abstrata matemática. O número 4 é "transcendente" pela definição do TAG. Não é uma 'coisa' que 'existe'. Não pode ser fotografado, congelado, pesado ou medido. É sempre o número 4. Ele permanece sempre o mesmo. Sempre permanece verdadeiro.
68. No entanto, se não existissem mentes para conceber o número 4, o forma que atualmente chamamos de quadrado ainda teria o mesmo número de lados que tem agora. Não ganharia ou perderia fisicamente nenhum lado. A abstração do número 4 é conceitual, mas o conceito não depende de uma mente transcendente para o real sustentação mundial do conceito para permanecer verdadeiro.

Outros contra-argumentos

ÿ TANG ou o argumento transcendental para a inexistência de Deus tenta mostrar

que tais absolutos lógicos não podem ser absolutos se forem subjetivos por serem baseados em Deus. Deus poderia simplesmente ignorar o número 7 ou acreditar que matar crianças é bom e os absolutos lógicos mudariam. Portanto, não seriam absolutos lógicos ou objetivamente verdadeiros, mas sim sujeitos aos caprichos de Deus.

9 Deve-se sempre lembrar que os teístas estão na mesma posição que os não-teístas, uma vez que camadas suficientes são removidas. O objetivo do TAG e de outros argumentos pressuposicionalistas é permanecer na ofensiva e continuar perguntando "por que" e "como você explica" as questões até atingir o alicerce de "O universo justo existe e se comporta de forma consistente". Este é um facto bruto e não faz sentido perguntar "porquê" para além deste ponto, no entanto o proponente do TAG irá declarar vitória se não tiver uma resposta, e então afirmar abertamente que sim (Deus fez isso). Isso geralmente confunde os ateus porque eles não percebem que estão sendo questionados sobre uma pergunta impossível que se aplica igualmente a QUALQUER cosmovisão, incluindo a teísta. Seu objetivo deve ser espelhar as perguntas que eles lhe fazem e partir para a ofensiva até expor que eles também não têm respostas para a pergunta "por que" na base de sua visão de mundo. Você descobrirá que os proponentes do TAG estão tentando explicar o comportamento consistente da natureza apelando para a mente consistente de um deus que não pode ser explicado! Eles não conseguem explicar por que Deus existe em vez de não existir. Ele "simplesmente existe" sem razão e sem causa, e apenas tem as propriedades que possui sem razão e sem causa. Sua vontade é eficaz e não ineficaz, sem razão e sem causa. Em outras palavras, eles não podem explicar a existência ou as capacidades do ser ao qual apelam como fundamento da lógica!

Então, na verdade, eles não contabilizaram nada. Eles apenas empurraram a questão para um nível anterior. O argumento baseia-se no trilema de Münchhausen. Se você continuar perguntando "por que" enquanto rejeita os preceitos aceitos, terá que chegar a um argumento circular.

No entanto, como afirmado acima, o trilema pode ser usado contra o teísta.

ÿ E daí? Muitos não-teístas, quando estiverem encostados na parede, admitirão que

não sei nada com 100% de certeza. Os humanos geralmente preferirão alguma explicação em vez de nenhuma explicação. Contudo, fornecer "alguma explicação" não significa que o afirma na explicação verdadeira. A certeza absoluta é em geral sem sentido, pois definição, alguém teria que ser onisciente para adquiri-lo. Ateus não em geral reivindicar a verdade absoluta das coisas; este é geralmente o domínio do teísta.

ÿ Um exemplo do que alguns podem chamar de absolutamente certo é a ideia de que o Sol irá crescer amanhã. Para ser verdadeiramente absoluto em certeza, você precisaria de precognição; no entanto, isso geralmente é inútil. É muito mais correto afirmar que com base nas evidências

de muitos dias antes, bem como nossa compreensão da química e da composição de estrelas que o sol não deixará de nascer tão cedo.

• Mesmo, por uma questão de argumentação, aceitando todos os pontos apresentados, a única conclusão tirada é que deve haver inteligência em todos os momentos. A menos que Deus seja definido apenas como algo capaz de conceituar as regras da lógica - das quais a maioria dos mamíferos, por necessidade, é capaz de compreender num sentido rudimentar - a existência de um deus ainda é infundado.

• Redução ao absurdo

A versão do argumento transcendental a favor da existência de Deus, que afirma que as leis clássicas da lógica dependem de Deus, pode ser refutada simplesmente salientando que a sua conclusão, se levada a sério, é absurda.

Se as leis clássicas da lógica dependem de Deus para a sua existência, então as leis clássicas as leis da lógica não devem se aplicar a Deus. Se o fizessem, seria como uma mãe dando à luz a sua mãe, um teto sustentando-se no ar, ou um efeito causando a si mesmo ou a causa de sua causa parental.

• Como a lei do terceiro excluído não se aplicaria a Deus: qualquer declaração sobre

Deus, assim como sua negação, podem ser ambos verdadeiros. Portanto, "Deus existe" e "Deus não existe" podem ser ambas verdadeiras. Demonstrar que "Deus existe" não implicaria que "Deus não existe", é falso.

• Visto que a lei da não contradição não se aplicaria a Deus: declarações contraditórias

sobre Deus pode ser verdade. Portanto, "Deus existe e não existe" pode ser verdade.

• Visto que a lei da identidade não se aplicaria a Deus: Deus pode ser diferente, ou não, Deus.

Se esta variante do argumento transcendental para a existência de Deus for precisa, qualquer tentativa de pensar racionalmente sobre Deus revela-se absurda. Isto, claro, inclui todo e qualquer argumento lógico para a existência de Deus, incluindo esta variante do argumento transcendental para a existência de Deus. Também tornaria sem sentido todas as outras afirmações feitas a respeito de Deus.

P1 Deus não existe. P2 Tag propõe que se Deus não existe, então a verdade não existe. P3 Se Deus não existe então P1 é verdadeiro. Conclusão: de 2 e 3, TAG não é som.

Ligações

Referências

1. [• A Experiência Ateia](#), episódio # 680, citação do chamador às 0:14:30

Veja também

• [Equivocação](#)

- [Falácia da divisão](#)
- [Falácia da reificação](#)
- [Falsa dicotomia](#)
- [Petição especial](#)
- [Argumento ontológico](#)
- [Argumento do sentido da vida](#)

Links externos

- [Ministérios de Pesquisa em Apologética Cristã](#) – Site Matt Slicks
- [Desculpe, Denise, mas Deus não fez números](#) – Artigo de Mark Chu-Carroll PhD em Matemática boa, matemática ruim.
- [Lógica inteligente](#) - Youtube Theoretical BS atropela o argumento TAG.
- [Experiência ateia #593](#) – Debate televisivo do Youtube AE entre Matt D e Matt Liso.
- [Debate Matt/Matt](#) – Comentário teórico BS do Youtube sobre a experiência ateuísta debate.

Referência

- [Wikipedia:Argumento transcendental para a existência de Deus](#) – Artigo da Wikipédia

Argumento das escrituras



Qual escritura deve ser usada?

O **argumento das Escrituras** é o argumento de que algo é verdadeiro porque está escrito em escritura, por exemplo, que Deus existe porque a Bíblia diz que Deus existe. Supõe que o escritura e sua interpretação são confiáveis.

Este argumento é muitas vezes justificado com um argumento relacionado (e circular), de que a Escritura deve ser acreditou porque Deus o inspirou.

Um argumento semelhante pode ser feito para passagens de outros livros sagrados.

“O homem que aceita as Escrituras reconhecerá prontamente a existência de Deus. ”

“Então, como pode este problema da existência de Deus ser resolvido? [...] O Alcorão Sagrado (pronunciado em duas sílabas separadas, Alcorão) está repleto de tais evidências. [2] ”

Conteúdo

[\[esconder\]](#)

- [1 Contra-argumentos](#)
 - o [1.1 Qual Deus?](#)
- [2 Confiabilidade Bíblica](#)
- [3 referências](#)
- [4 Veja também](#)

Contra-argumentos

“Tentar provar que Deus existe com a Bíblia é como tentar provar que o Super-Homem existe com uma história em quadrinhos.”

- Robgene

Para que este argumento seja [válido](#), é [preciso](#) demonstrar que a escritura é confiável. Isto é, é preciso mostrar que se a Bíblia diz alguma coisa, então isso afirmação provavelmente será verdadeira.

• Foi demonstrado que a Bíblia está cientificamente errada. Evidência geológica não mostra nenhum [vestígio do dilúvio de Noé](#), e que a raça humana (para não falar da Terra) é muito mais antigo do que os 6.000-10.000 anos previstos pela soma das idades de pessoas nas genealogias bíblicas. Evidências astronômicas mostram que o Sol não gira em torno da Terra, e que a Terra não é plana ou que alguma vez tem sido plana, o que é contraditório com as escrituras.

• Foi demonstrado que a Bíblia está historicamente errada. Êxodo não encontra nenhum histórico apoio. Não há evidências arqueológicas de que os judeus tenham sido escravizados no Egito ou milhões de pessoas vagaram pelo deserto. Não há nenhuma evidência histórica de uma grande império de David e Salomão. A nação de Israel parece ter começado como um movimento mais político fora das populações cananéias em geral.

• A Bíblia contém contradições entre os quatro evangelhos (e outros evangelhos bíblicos livros) que lançam dúvidas sobre a confiabilidade bíblica.

• A Bíblia contém falsificações. Muitas das cartas de “Paulo” são [pseudepígrafes](#) (escrita falsa) e claramente não escrita por Paulo. Isso inclui a seguinte linha em 2 Timóteo que diz que todas as Escrituras são verdadeiras, e que é geralmente reconhecido como uma falsificação:

ÿ 2 Timóteo 3:16 *Toda a Escritura é inspirada por Deus e é proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir na justiça.*

ÿ A Bíblia contém [profecias fracassadas](#): "2.000 anos de 'qualquer dia'."

Qual Deus?

Artigo principal: [Qual Deus?](#)

Existem muitas religiões e algumas delas podem ter seus próprios textos sagrados distintos.

Não há vantagem clara de uma escritura sobre outra, então isso é [quebrado](#)

[argumento da bússola.](#)

"Devo acreditar que Jesus é meu salvador pessoal? Ou devo acreditar que Deus fez um

pacto com os judeus exigindo que todo judeu guardasse os mandamentos da Torá?

Devo acreditar que Maomé foi o último profeta de Alá e que Ali, o profeta

primo e marido de sua filha Fátima, deveria ter sido o primeiro califa, ou que

Maomé foi o último profeta de Alá e que Ali foi o quarto e último califa? Eu devo

acredito que o profeta ressuscitado Morôni ditou o Livro de Mórmon a Joseph

Smith? Ou que Ahura Mazda, o Criador benevolente, está em guerra cósmica com o

malévolo Angra Mainyu? E assim por diante. [\[3\]](#) "

"É lamentável que o criador do universo tenha escrito mais

do que um livro sagrado."

-Michael [Shermer](#)[\[4\]](#)

Confiabilidade Bíblica

Os apologistas argumentam que as escrituras são representações honestas de

os originais: que a Bíblia foi [copiada muito meticulosamente e assim](#)

podemos ter certeza de que o que temos não é substancialmente

diferente dos originais. Alguns apologistas argumentam que os Mortos

Os Manuscritos Marinhos confirmam que os manuscritos bíblicos variam muito pouco.

Outros incluem histórias de múltiplas traduções independentes que

diferiram apenas em algumas palavras. Eles geralmente argumentam que:

ÿ Os textos que temos hoje são muito semelhantes aos originais.

ÿ Eles não foram muito alterados pela edição ou tradução.

ÿ Portanto podemos aceitar o que eles dizem como verdade.

Os problemas com este argumento são muitos:

ÿ Os textos variam muito. Os Manuscritos do Mar Morto são primordiais

exemplo de como as versões eram muito diferentes.

ÿ A tradução e edição mudaram muito as obras ao longo dos

anos e os textos religiosos estão repletos de teologia

desacordo, edição e edição de edição.

ÿ A conclusão e o argumento em si são inteiramente [vermelhos](#)

[arengue](#): Mesmo uma cópia perfeita de uma obra de ficção ainda é uma obra de ficção.

Referências

1. ÿ [\[1\]](#) ____

2. ÿ [\[2\]](#) ____

3. ÿ [Rebecca Newberger Goldstein, 36 argumentos para o](#)
[Existência de Deus: uma obra de ficção, 2011](#)

4. ÿ [\[3\]](#) ____

Veja também

ÿ [Argumento de fontes históricas](#) _____

ÿ [Argumento da inerrância bíblica](#) _____

ÿ [Presciência científica bíblica](#) _____

ÿ [Argumento a partir de códigos bíblicos](#) _____

ÿ [Argumento cristológico](#) _____